

Kerrelyn Sparks

Tudo o que eu quero no natal é um vampiro

Love at Stake 05

Disp em Esp: *Leyendas Oscuras*
Envio do Arquivo e Formatação: *Δίκη*
Revisão: *Freyja e J. Gameiro*
Capa*: Elica*
Talionis

Lista de desejos da Toni Davis para este Natal:
1) *Tirar minha melhor amiga de sua particular guerra psicológica.*
2) *Viver em algum lugar onde não haja ataúdes no porão. Ataúdes "habitados"*
3) *Encontrar ao Mister Perfeito. E, por favor, que seja alto, moreno, bonito... E que esteja vivo.*
Este Natal não está a ser muito feliz para a Toni. A sua melhor amiga foi encerrada num hospital psiquiátrico desde que contara à polícia que tinha sido atacada por uns vampiros, e a única forma que tem de tirá-la dali é provar que os chupa-sangues realmente existem. Assim conseguiu um trabalho como guarda-costas dos não-mortos, mas vai obter mais do que esperava, especialmente quando conhece o Ian MacPhie, um escocês bastante vagabundo.
Embora Ian tivesse quase quinhentos anos, tem a aparência e atua como um moço de vinte e sete. Como pode um morto estar tão bom? Poderia ser o senhor errôneo seu Mister Perfeito? Um beijo proibido pode conduzi-la a uma paixão eterna — e tudo isso acontece debaixo de um visco.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Comentário da Revisora Freyja: Nascendo em séculos diferentes Ian e Toni, querem o mesmo na vida, serem amados por o que são, ele um vampiro escocês congelado durante séculos nos seus 15 anos, quando consegue envelhecer só quer o amor verdadeiro…

A Toni moça mortal, atacada por vampiros, entra como guarda costas na vida de Ian, e como conselheira na escolha de seu amor verdadeiro.

Na mesma linha dos restantes da série com, muita aventura, ação, partes hots e muito humor.

Comentário do Revisor J. Gameiro:

1) – Divertido
2) – Um pouco hot
3) – Muito rápido de ler
4) – Bem emocionante
5) – Um escocês para devorarem
6) – Não percam

Capítulo 1

O ar zumbia com o baixo e a luxúria desenfreada. Tinha vindo ao lugar correto.

Ian MacPhie cruzou o armazém remodelado, seus passos caindo no ritmo dos tambores. *O Horn Devils* era o melhor lugar que podia pensar para encontrar a uma mulher. A discoteca estava cheia delas. Todas encantadas e Vampiras.

Brilhantes luzes vermelhas e azuis de laser passavam rapidamente aqui e ali, pondo em relevo às "*damas*" ligeiramente vestidas, ricocheteando os corpos enquanto dançavam perto do cenário. Aumentaram o ritmo da música que golpeava como um selvagem alto mar que enjoava, e ele foi sugado até elas numa ressaca ambiciosa.

Uma das luzes vermelhas zumbiu por diante dele, cintilando em sua cara e o cegou por uns segundos. Um estalo de pânico o atravessou. O que acontecia se nenhuma destas damas o não achava atrativo? E tinha sofrido doze dias de dor agonizante para ver-se mais velho e... Feio?

Como vampiro não podia ver seu novo rosto num espelho. Tinha aparecido em umas quantas fotos digitais das bodas de Jean-Luc, ou isso pensou. Não reconheceu ao estranho homem nas fotos. Heather lhe garantiu que estava muito bem, mas tinha sido uma noiva tão feliz, que pensava que tudo e todos eram bonitos esse dia.

Quando a visão se reajustou, Ian apercebeu-se de que seu momento de pânico não tinha importância. Nenhuma das senhoras o estava olhando. Todas se plantaram no cenário, com seus olhares cravados no bailarino que desfilava pela pista com *warbonnet*[1] a Índia na cabeça. A pintura

[1] *Chapéus de guerra em plumas (também chamado warbonnets ou tocados)*

de guerra em seu peito imberbe representava uma flecha que apontava para o sul, onde um montão de plumas de águia, colocadas estrategicamente, ocultavam o seu *wampum*[2].

Ian respirou profundamente e avaliou a situação. É certo que as damas não o tinham notado, mas realmente ainda não tinha tentado captar as suas atenções. Estas jovenzinhas estavam certamente num estado de ânimo luxurioso, por isso suas possibilidades eram boas. Era hora de pôr a sua nova cara a prova.

Meteu-se na multidão. Agora o que lhes diria? Jean-Luc tinha cortejado com êxito a Heather utilizando seu encanto e engenho. Tinha que dar uma oportunidade. — Boa noite, senhoras.

O rugido da música era tão alto, somente duas damas Vampirescas o escutaram. Voltaram suas cabeças e com audácia o inspecionaram.

— Não está mau, — gritou uma delas à outra.

Ian lhes deu o que esperava ser um sorriso encantador, embora falhasse um pouco quando se deu conta de que a segunda garota levava lápis labial negro. Supôs que as jovenzinhas modernas o consideravam atrativo, mas lhe trouxe lembranças da peste bubônica.

— Saia escocesa, que bonito, — gritou a garota de lábios negros. — Lindos joelhos.

— Não é bailarino? — Gritou a primeira moça.

— Não. Permitam-me que me apresente. Sou Ian MAC…

— OH, pensei que sua saia era um disfarce! — riu a primeira garota. — A sério te veste assim?

A garota de lábios negros se uniu à risada.

— Temos que ver mais que seus lindos joelhos!

Ian vacilou. Necessitava uma resposta engenhosa, encantadora. — Estou seguro de que poderia arrumá-lo.

Infelizmente, seu intento de brincadeira coquete passou despercebido. Uma alta repentina do tom dos gritos distraiu às duas jovens, e se voltaram para o cenário. As plumas voavam, e da multidão uma mulher saltava, decidida a apanhar uma lembrança voadora.

— Com permissão. — Ian tentou recuperar a atenção das garotas. — Posso convidá-las para uma taça?

— Essa é minha! — A garota de lábios negros empurrou à outra garota a um lado para que pudesse apanhar uma das plumas.

Ian deu um passo atrás, consternado por ver como as mulheres se empurravam umas às outras. Jogou um olhar para o cenário e tragou saliva. Por todos os Santos, as mulheres tinham depenado ao bailarino como a uma galinha. Estas jovenzinhas modernas eram mais agressivas do que pensava. Quando se tratava de encontrar a um companheiro, tinha assumido que seria ele quem iria à caça.

Ian se moveu para trás para evitar ser empurrado pelas frenéticas mulheres que queriam agarrar uma pluma. Talvez fora uma questão de tempo. Sim, o tempo era muito importante

[2] *Wampum ou sewan é uma corda ou cinturão de miçangas*

quando se caça uma presa. Sentar-se-ia e esperaria ao momento oportuno. Cedo ou tarde, os bailarinos teriam que descansar, e talvez então as damas fossem mais facilmente impressionáveis.

E enquanto, esperaria, fortalecendo seus nervos com uma bebida forte. Dirigiu-se para o bar. Tinha descoberto tudo. Estava procurando uma garota que fora honesta, leal, e inteligente. Nessa ordem. E é obvio teria que estar loucamente apaixonada por ele.

Esta última parte era um pouco difícil. Como ia conseguir que a garota perfeita se apaixonasse por ele? Duvidava de que seus supostos lindos joelhos fossem suficientes.

A garçonete tinha um telefone numa orelha e a mão pega à outra para amortecer o volume da música. — Claro, seguirei falando. Assim é de Califórnia? As terras santas, isso está muito longe.

Duas garotas se materializaram a seu lado. Usaram o som da voz da garçonete como farol para ajudá-las a teletransportarem-se ao lugar correto.

— Bem-vindas ao *Horny Devils*. — A garçonete sorriu enquanto pendurava o telefone. — O que gostariam de beber?

— Dois Sangues Dietéticos, — ordenou uma das garotas da Califórnia. Ela fechou o seu móvel com uma carranca de pedras falsas, e logo o deixou cair em sua brilhante bolsa.

A segunda garota assinalou para o cenário. — OH, Meu deus, está quente!

As garotas se esqueceram de suas bebidas, e correram para o cenário.

Ian levantou uma mão em sinal de saudação. — Boa noite, senhoras.

Elas passaram a seu lado, seus olhares fixos no índio que dançava, reduzido a suas últimas duas plumas.

Ian suspirou. Aonde tinha chegado o mundo quando um homem com boas intenções tinha que competir com um stripper? Como ia impressionar às jovenzinhas modernas? Talvez Vanda pudesse lhe aconselhar. Com seu cabelo púrpura de ponta e a roupa ajustada, converteu-se numa mulher muito moderna. E de êxito, já que as Vampiresas se teletransportavam da costa oeste para vir a seu clube.

Ian se sentou num tamborete no bar e recebeu um brilhante sorriso da garçonete. A senhorita Cora Lee Primrose não levava aros na saia e seu cabelo loiro encaracolado em saca-rolhas, mas ainda se via como uma beleza sulina da Guerra Civil.

— Olá, — saudou-o. — Como gostaria de provar o último da *Cozinha Fusão*?

— Há algo novo? — Tinha estado fora durante muito tempo.

— Sim. Chama-se *Bleer*. Sangue sintético mesclado com…

— Cerveja?

Cora Lee pareceu decepcionada. —Já o provou?

— Não. Conjetura afortunada. Tomarei uma taça. — Ian tirou um bilhete de cinco dólares de sua bolsa de couro e o pôs sobre o balcão enquanto ela enchia um copo de líquido de cor âmbar. O aroma a sangue e levedura lhe fez água na boca. Por todos os Santos, tinham passado séculos desde que tinha provado uma cerveja.

— Aqui tem. — Cora Lee pôs o copo na sua frente.

Tomou um comprido trago, logo lambeu a espuma de cor avermelhada de seus lábios. — Excelente.

Ela sorriu. —Me alegro que goste. É novo na cidade?

Por todos os demônios. Tinha pensado que seu sorriso inicial significava que ela o tinha reconhecido, mas não foi assim. Tomou outro gole do *Bleer* para aliviar a ardência. Cora Lee tinha estado durante cinquenta anos no harém do Roman e vivia na mesma casa onde Ian trabalhava como guarda. Tinha trocado tanto?

— Sou eu, Ian.

Seus olhos azuis aumentaram. — Ian?

— Sim. Ian MacPhie.

— Não pode ser Ian. Ele era só um adolescente.

Ele franziu o cenho para seu copo de *Bleer*. Foi um milagre que não se tornou louco por ser tratado como um menino durante cinco séculos. — Vocês estavam acostumadas a me pedir que a ajudasse a apertar seus espartilhos. Deviam pensar que era muito jovem para estar vendo as curvas dos quadris ou a maneira que o espartilho empurrava seus peitos…

— Por que, eu nunca… — Cora Lee deu um passo atrás.

— Mas bem, nenhuma, comigo, isso é certo.

Ela soprou. — Nunca me deitaria com um menino.

—Tenho 300 anos, sou mais velho que você, — grunhiu.

Ela inclinou a cabeça para estudá-lo. — Realmente, seus olhos têm uma notável parecença com os do Ian.

— Isso poderia ser porque sou Ian.

— Está seguro?

— É óbvio que estou seguro. Quem mais poderia ser?

Lançou lhe um olhar suspeito. — É só que... Não o recordo sendo assim tão...

— Encantador?

— Resmungão. — Suspirou. — Ian era um moço bem educado e amável. Estava muito afeiçoada com ele, realmente.

— Maldita seja, não morri. Somente estou doze anos mais velho, agora.

— Terra Santa. Como fez isso?

Ian vacilou. Roman tinha dito que mantivera a droga em segredo. — Foi algo que… comi. No Texas.

— Algo que comeu? Queria ver-se mais velho?

— Sim.

— Mas por que faria algo tão horrível?

Apertou os dentes. Estar apanhado durante séculos com uma cara de quinze anos de idade, tinha sido um inferno. Se Cora Lee não podia dar-se conta disso, bom, ele não se sentia obrigado a explicá-lo. — Talvez só quisesse fazê-lo na cama.

Ela soprou. — Foi um menino bonito.

—Sim. — Ele tomou seu último trago da *Bleer.*

Cora Lee o estudou com o cenho franzido. — Se fez o que queria, por que está tão resmungão?

— Não sou nenhum resmungão!

Seus olhos de repente se ampliaram. — OH, entendo-o. Não conseguiste ainda ninguém. Talvez possa ajudar.

Inferno sangrento, ele poderia fazer sua própria caça. Notou que o volume da música tinha diminuído. O índio bailarino tinha deixado o cenário, e as mulheres estavam inquietas. Ele necessitava rapidamente de uma informação. — Vanda está por aqui? Preciso vê-la.

— Só um minuto. — Cora Lee se precipitou a uma mesa onde uma Vampira estava sentada, conversando com uns quantos clientes masculinos. — Pamela! A que não adivinha quem é esse menino que está ali.

Cora Lee estava tentando levantar a Lady Pamela Smythe-Worthing? Não. Inferno que não. A Regente. Foi viscondessa da Grã-Bretanha e também tinha estado no harém de Roman, e passou cinquenta anos desprezando-os bem na frente de seus narizes.

Lady Pamela se levantou e o examinou. Seu vestido de Regente se foi. Tinha abraçado por completo a idade moderna, com uma minissaia vermelha e regata de couro negro.

— Meu deus, olhe essa lamentável velha saia escocesa. — O acento presumido da Lady Pamela seguia sendo o mesmo. —Deve ser outro bárbaro da Escócia. Ninguém naquele terrível país tem uma morte natural?

Ian arqueou uma sobrancelha. Ela tinha que saber que a ouvia.

Cora Lee sorriu. — Pamela, é Ian!

Pamela abriu os olhos como pratos. — Certamente brinca. Zangar-me-ei muito se está jogando comigo.

— Trata-se do Ian, — insistiu Cora Lee. — Cresceu um montão.

— Certamente o fez. — Pamela inclinou seu olhar sobre ele. — Devo dizer que isto traz para a mente uma pergunta da maior importância.

— Quer dizer, como ocorreu? — Adivinhou Cora Lee. — Disse-me que era algo que…

— Não. — Pamela fez um gesto com a mão desdenhosa. — A pergunta é, — aproximou-se de Cora Lee, — é virgem?

— Terra Santa! — Riu Cora Lee. — Disse que queria ter sexo.

— Hmm. — Pamela tocou com um dedo sua bochecha enquanto o considerava. — Um virgem de quinhentos anos. Isto poderia ser interessante.

Merda. Deixou Lady Pamela, pois se sentia como um fenômeno de circo. Ian lhe deu as costas e se dirigiu para o escritório da Vanda.

— Espera aí! — Cora Lee andou rapidamente à velocidade de vampiro e bloqueou a porta. —Vanda se irrita se a interrompemos enquanto está ocupada.

— De verdade. — Lady Pamela disse. — Vanda é o cérebro detrás deste negócio. — Alisou de novo seu comprido cabelo loiro. — Somos a beleza.

— Certamente que o somos. — Cora Lee agitou as pestanas.

— Felicidades, — queixou-se Ian. As duas senhoras se deram conta de que tinham admitido não ter cérebro? Ele silenciosamente trocou o atributo de inteligência em sua lista de desejos do número quatro ao número três.

Cora Lee entreabriu a porta e espreitou. — Yuju, Vanda! Há alguém que quer verte.

— É melhor que seja um novo bailarino sexy, — grunhiu Vanda. — Os ganhos baixaram este mês.

— Digo, ideia capital! — Pamela deu ao Ian um sorriso ardiloso.

Ele entrou no escritório.

Vanda apartou o olhar da tela de seu computador. — O traje está bem. Vamos ver o que tem sob a saia escocesa.

— OH seguro. — Aplaudiu Cora Lee.

— Estou de acordo! —Pamela fechou a porta detrás deles.

— Não sou nenhum exibicionista. — Ian se cruzou de braços, com o cenho franzido. —E isto não é um disfarce.

— OH, as garotas adorarão esse acento. — Vanda ficou de pé quando o revisou. Levava seu habitual traje de gata púrpura com um látego negro ao redor da cintura. — Vais necessitar uma tanga a quadros para que coincida com sua saia escocesa.

— Com uma borla vermelha no extremo, — acrescentou Cora Lee.

— Fantástico, — murmurou Chapéu de palha.

— Poderia fazer girar a borla? — Vanda rodeou o dedo em círculos no ar.

Que demônios? Ian deu um passo para ela. — Vanda…

— Vamos, já estamos envergonhando ao pobre homem. — Pamela se aproximou da Vanda e lhe sussurrou, — Acredito que é virgem.

Ele as olhou. —Vanda, não me reconhece?

Ela sorriu. — Carinho, se te tivesse conhecido antes, não seria virgem.

Pamela riu. — Agora qual de nós terá a honra do jovenzinho ainda virgem?

— Poderíamos tirar à palhinha, — sugeriu Cora Lee.

— Não vou me deitar com nenhuma de vocês, — grunhiu Ian. — Vanda, sou eu, Ian.

— O que? — Vanda piscou, logo entrecerrou os olhos. — Não, não acredito.

— Por todos os demônios. — Ele percorreu a mão pelo cabelo comprido e puxou acidentalmente uma mecha que estava presa a uma cinta de couro na parte traseira. — Pensava que poderia me cortar o cabelo como estava acostumada a fazer. E eu... Preciso falar.

—Ian? — Vanda caminhou para ele, olhando-o de perto. — É você realmente? O que aconteceu?

— Sei! — Gritou Cora Lee com uma mão no ar. — Comeu algo.

— Comes-te algo? — Vanda lhe dirigiu um olhar duvidoso.

— Ele me poderia comer, — murmurou Lady Pamela, e lhe lançou um olhar sedutor por debaixo das pestanas.

Cora Lee pressionou seus dedos na boca e riu.

— Não posso dizer mais sobre o assunto. — Ian fez um gesto com a cabeça para Cora Lee e Lady Pamela. — O segredo não estaria seguro com elas.

Vanda assentiu com a cabeça, e logo olhou para as duas loiras. — Vocês vão atender aos clientes.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Hum. Aquilo que queres, é o virgem para ti mesma. — Lady Pamela saiu da sala, seguida de Cora Lee.

Vanda fechou a porta, dirigiu-se de novo ao Ian com um sorriso estendido pela cara. — Não posso acreditar nisto! Já está tudo crescido. — Ela o abraçou. Alguma vez tinham tido a mesma altura, mas agora a parte superior de sua cabeça chegava ao queixo. — Que diabos comeste que fez que passassem os anos?

— Não devia dizer isto, mas tomei *Stay Awake*, a droga do Roman. Tomei doze dias, assim envelheci doze anos.

Seus olhos se estreitaram. — Mas é muito maior e mais alto... Deve ter doído.

Fê-lo. Encolheu-se de ombros. — Meu cabelo cresceu muito, muito. Pensei que poderia ser necessário cortá-lo.

Ela tirou a correia de couro e soltou seu rabo-de-cavalo e ficou as suas costas para estudá-lo. —Não acredito que os cachos curtos lhe convenham mais. Tem uma imagem robusta agora.

Resistente? Como em terreno montanhoso? Não é de estranhar que estivesse tendo dificuldades para barbear-se. Sempre tinha tido uma pequena amolgadura no queixo, mas agora se sentia mais como uma cratera de sangue. Na realidade, tinha a cara meio ensanguentada todo o tempo. Barbear-se sem um espelho era condenadamente difícil.

— Eu gosto do cabelo comprido. — Vanda rodeou seu escritório e tirou um par de tesouras da gaveta superior. — Mas está um pouco irregular nos extremos, por isso vou dar um corte.

— Obrigado. — Ian se sentou numa cadeira de frente a sua secretária.

Vanda tirou uma escova de cabelo de sua bolsa e começou a escovar aliviando os enredos. Ian fechou os olhos, desfrutando de seu toque familiar. Tinha-lhe cortado o cabelo nos últimos cinquenta anos, e nesse tempo, confiava mais nela que em qualquer outra pessoa. Inclusive Connor e Angus.

Não podia dizer ao outro homem o frustrante que tinha sido. Connor era seu supervisor imediato, e um tipo duro que teria interpretado sua frustração como choramingação infantil. Angus MacKay era o chefe de Segurança MacKay e Investigação e o chefe do Ian. Ele também era o que o tinha salvado de uma morte certa mediante a transformação em 1542. Mas Angus tinha lutado com a culpa por apanhá-lo no corpo e na cara de um adolescente para sempre. Não, não podia deixar que Angus se inteirasse de quão infeliz tinha sido. Entretanto, Vanda tinha entendido e mantido seus segredos.

As tesouras cortaram. — Quando voltaste para a cidade? — Perguntou.

— Esta noite.

— Teletransportou-se do Texas para aqui?

— Não. Estava na Escócia.

— OH. — Continuou cortando. — A última vez tinha ouvido que estava no Texas, protegendo ao Jean-Luc.

— Estava. O verão passado.

O som do corte cessou momentaneamente. — Escutei que Phil estava ali, também.

— Sim. — Vanda estava interessada no Phil? Tinha sido guarda diurno em casa do Roman,

quando o harém vivia ali. Por isso Ian sabia, Phil se tinha mantido afastado das damas. Era uma das regras de Angus. Um guarda jamais se envolvia em suas relações.

Vanda voltou a cortar. — Então, como está Phil?

— Bem. — Perguntou-se se conhecia o segredo do Phil.

— Vai retornar a Nova Iorque?

— Com o tempo. Está treinando a alguém para ser o novo guarda durante o dia do Jean- Luc. — Enquanto isso, Connor tinha contratado a um novo guarda mortal, Tony, para viver na casa enquanto esperavam que Phil voltasse. Ian ainda não se tinha reunido com ele, mas se perguntou se Tony seria um troca formas, também.

— O que estava fazendo na Escócia? — Perguntou Vanda.

— Não muito. Depois de tudo o que fiz para ficar mais velho, Angus insistiu em que tomasse uns meses de... Recuperação.

— Então foi muito doloroso. — Ela se inclinou sobre seu ombro para olhá-lo. — Está bem agora?

— Sim. — Isso não era de tudo certo. Crescer mais de cinco polegadas em menos de duas semanas tinha tomado algum tipo de ajuste. Teve que beber grandes quantidades de sangue sintético para encher seu corpo maior. Enquanto que nas terras altas, havia algumas grandes reparações que fazer em seu pequeno castelo. Tinha ajudado com os trabalhos de construção de noite, e o resultado tinha acrescentado um pouco de músculo a seu corpo maior. Mas ainda assim, tropeçava com seus pés enormes e cortava a nova cara ao barbear-se, especialmente em torno dessa maldita cratera no queixo. — Estou bem.

Com um bufido duvidoso, voltou a cortar. — Como estava a Escócia?

— Está bem. — Estava eufórico quando chegou pela primeira vez às terras altas, já que estava em casa e lhe encheu a alma de paz. Mas depois de umas quantas noites, deu-se conta de que todos mortais que sabiam de seu passado estavam mortos. E então a solidão se estabeleceu.

Vanda suspirou. — Tenho a sensação de que há muitas coisas que não está dizendo. Pensei que queria falar.

— Estou falando.

— Não tenho toda a noite como estava acostumado a ter. Tenho um negócio que atender.

Fez uma pausa, escutando o som do clique de suas tesouras. Como podia simplesmente sair e dizer que queria encontrar ao verdadeiro amor e ser feliz num matrimônio que abrangesse séculos, e, entretanto, não estava seguro de como fazê-lo? — Como vai seu negócio?

— Bem. — Ela atirou as tesouras sobre a mesa e lhe escovou o cabelo com mais força do necessário.

— Vais falar ou tenho que tirar o látego para ti?

Ele sorriu. A Vanda gostava de atuar duro, mas eram bravatas e não mordia. — Está bem. Falarei. Com meu novo rosto, mais velho, estive pensando...

— Incrível. Fez que seu cérebro crescesse, também?

— Muito divertido. Vim aqui esta noite porque estou procurando... — Não podia dizer as palavras a uma mulher. Vanda, provavelmente riria dele. —Tenho uma cratera no queixo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela riu dele. — É uma covinha. — Ela inclinou sua cabeça, estudando-o. — Está preocupado por como se vê?

— Não, é óbvio que não. — Ele mexeu-se em sua cadeira.

Ela sentou na borda da sua secretária. — Ninguém te disse como estás?

— Os homens nunca falam de assuntos tão corriqueiros. A nova esposa do Jean-Luc... Disse-me que estava muito bem.

Vanda soprou.

Merda. Ele sabia que Heather estava mentindo.

Vanda negou com a cabeça. — Bem é uma grande subestimação. É absolutamente precioso.

Uma semente de esperança estalou no coração do Ian. Talvez a mulher adequada pudesse apaixonar-se por ele. — Você… você, não está só sendo amável?

— Alguma vez me conheceste sendo especialmente amável?

— Foste-o para mim.

— Bem. — Ela ajustou o látego ao redor de sua cintura com um olhar de chateio. — Recordava a meu irmão menor. Mas suponho que não posso seguir te tratando como um menino agora.

— Sinto danificar sua diversão, — grunhiu.

Ela sorriu. — Estou muito feliz por ti, Ian. Deve estar emocionado por ter crescido.

— Sim. —Tamborilou com os dedos sobre o braço de sua cadeira.

Seu sorriso se desvaneceu. — Não te vê muito emocionado. O que se passa?

— Agora que sou mais velho... Estou procurando...

— Sim?

— Uma mulher.

Sua boca se torceu. — Bom isso é um começo. — Seus olhos de repente se ampliaram. — OH, Meu deus, é realmente virgem?

— Não! Tenho quase 500 anos de idade. Que diabos vou esperar?

— Lady Pamela pensa que o é. Não o negou.

— Não é algo que um homem deve falar em público. É muito privado.

Vanda riu entre dentes. — É tão passado de moda. O sexo não é algo de que deva se envergonhar.

— Não estou… — Não o podia negar. Por todos os Santos, que estava envergonhado. — Não é o sexo, já sabe. É como que tive que fazê-lo. É… é que nunca me senti bem.

Vanda ficou séria. — Todos temos feito coisas que lamentamos com o fim de sobreviver.

— Isto foi mais que lamentável. Não me comportei com honra. — Nunca o tinha confessado a ninguém antes.

— O que fez?

Ele juntou seu cabelo que chegava até os ombros nas costas e atou a correia de couro ao redor. — Depois de que Angus me converteu, disse-me que fazer para comer. Em troca de sangue, devia dar prazer às damas e de me assegurar de que estavam satisfeitas.

Vanda respirou profundamente. — Parece-me bem.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ian olhou para outro lado, envergonhado. — Não estou seguro agora. Só tinha quinze anos, já sabe, por isso, ao princípio, frequentava alguns bordéis para que pudesse aprender. Eu… eu era um estudante rápido.

— Isso não é tão terrível.

— Foi horrível, uma vez que deixei de ir aos bordéis. Tive problemas para seduzir às damas, pois pensavam que era um menino. Tinha muita fome, assim recorri ao uso de controle da mente para que me vissem mais velho. Deixou-me satisfeito, mas...

— Sente-se culpado?

Ian juntou as mãos. — Sim. Tinha-as enganado. Todas as relações que tive estavam apoiadas em artimanhas e engano. Já não tenho estômago para fazer isso de novo.

— Já vejo.

Ele se incorporou. — Agora, pela primeira vez em minha vida, posso ser honesto. Finalmente posso encontrar à mulher ideal para mim.

Vanda sorriu. — Então, vieste ao lugar correto. Com seu formoso rosto, não terá nenhum problema com a sorte e conseguir alguém esta noite.

— Não estou em busca de uma noite. Tive séculos de uma só noite. Quero encontrar a meu verdadeiro amor. Quero o mesmo tipo de felicidade que Roman, Angus, e Jean-Luc.

O sorriso da Vanda se converteu numa careta. — Então vieste ao lugar equivocado. As mulheres que vêm aqui não estão interessadas num compromisso.

Ian se recostou contra o respaldo da cadeira. — Então, como posso encontrá-la?

— Talvez te possa ajudar. — Vanda se afastou da mesa. — Estava pensando em encontrar um bom homem para mim, por isso me registrei num *site online.* — Sentou-se detrás da sua secretária, agarrou o rato e fez clique. — Este é o novo lugar mais quente para solteiros.

Ian se inclinou sobre o escritório para que pudesse ver a tela do computador. Jogou uma olhada ao lugar chamado *Singre in the City*. Contava com mais de meio milhão de clientes, todos nas proximidades de Nova Iorque. — Isso não me ajuda. Eu não quero sair com uma mortal.

— Por que não?

— Disse-lhe isso. Nego-me a enganar a mulher que estou cortejando. Teria que mentir a uma mortal até que soubesse que fosse de confiança. E logo, quando lhe confessar minha verdadeira natureza, que não destrua sua confiança em mim. Não funcionará.

— Não estou de acordo. Funcionou com o Roman e Shanna.

— Não a estava cortejando ao princípio. Ele só queria um dentista. Seu romance ocorreu acidentalmente. E me acredite, ela estava muito molesta quando se inteirou da verdade.

Vanda encolheu os ombros. — Ela o superou.

— Não quero mentir à mulher a quem estou cortejando. Então é melhor que seja uma Vampira. Entenderia tudo. O que fui. Uma mulher mortal não olharia *"com bons olhos"* a forma em que utilizei às mulheres no passado. E não a culparia.

— Se ela te amasse, entendê-lo-ia.

— Minha decisão está tomada. Tudo o que quero é uma Vampira.

Vanda suspirou. — Está bem, mas acredito que te estás a limitar.

— E deve ser uma Vampira que seja honesta, inteligente, leal, e bonita.

— Agora estás severamente te limitando. — Vanda franziu o cenho ante a tela do computador. — Por sorte para ti, há uma maneira de dizer quem é uma Vampira. — Clicou no seu perfil. — Vê isto?

Ian leu a linha que tinha indicado.

Desfruto da plenitude da vida. (V)

— Todas as Vampiras colocam estes *Vs* em seus perfis, — explicou Vanda. — É nosso código secreto para que outro vampiro saiba o que somos. Se alguém pedir uma entrevista, e não tem o *V* em seu perfil, simplesmente nega.

O coração de Ian começou a pulsar mais rápido. Não era assim como tinha imaginado a caça de seu verdadeiro amor, mas era muito melhor que nada. — Na realidade, poderia funcionar.

— É óbvio que funcionará. Tenho uma câmera digital aqui. — Vanda abriu uma gaveta. — Façamos a foto e completemos seu perfil. Levará um par de horas.

— Horas?

— O perfil é muito amplo. Vais ter que escrever um texto explicativo. — Seu rosto se iluminou. — Já sei! Eu o farei.

— Você? Por quê?

— Porque sou mulher, e sei o que as mulheres querem ouvir. Isto é genial! — Ela tomou uma pluma e o bloco de papel de notas.

Sua oferta era muito atrativa já que Ian não tinha nem ideia do que devia escrever num texto. — Recorda, é importante para mim que seja honesta.

— É óbvio. Mas sejamos realistas, Ian. Não podemos dizer que tem 500 anos de idade em seu perfil.

—Tenho quatrocentos e oitenta.

Ela bateu com a caneta no papel, esperando.

— Bem, — gemeu. — Posso dizer que tenho vinte e sete anos.

— Fantástico. — Escreveu o número. — E quanto mede agora?

— Seis pés com duas polegadas[3]. — Franziu o cenho. — Te assegure de dizer que quero uma mulher honesta e leal. Inteligente e muito bonita.

— Não há problema. Agora sorri e me mostre às covinhas. — Levantou a câmera. — E não se preocupe com nada. Far-te-ei irresistível.

Capítulo 2

Estava perto o amanhecer, quando Ian se teletransportou ao alpendre traseiro da casa de Roman no Upper East Side. Apertou o botão de sua chave sem fio para desativar o alarme antes

[3] *Altura Americana que corresponde a 1 metro e 88.*

de abrir a porta. A cozinha estava às escuras, exceto o teclado digital que Luzia juntamente à porta. Pressionou o código para reativar o alarme.

— Alto aí, — advertiu-lhe uma voz rouca. — Dá a volta lentamente.

Ian se voltou e viu o brilho da adaga *Highlander*, em mãos de um grande escocês na porta da cozinha. — Dougal?

— Sim. —Dougal Kincaid acendeu o interruptor da luz. A falta de reconhecimento se instalou em seus olhos até que seu olhar baixou à saia escocesa do Ian. — É Ian?

— Sim, sou eu quer ver meu cartão de identificação?

— Não, — Dougal sorriu embainhando sua arma debaixo de uma meia até os joelhos. — Reconheço seus quadrados mais que sua cara. Não o esperávamos até a próxima semana.

— Estava aborrecido. — Só era mais exato, embora Ian não quisesse admiti-lo. — Como vai tudo?

— Bastante tranquilo. — Dougal pegou numa garrafa de sangue sintético do frigorífico e logo a meteu no micro-ondas. — Voltará a trabalhar então?

— Não. Ainda tenho uma semana de férias. Uma semana em que poderei me concentrar na busca da mulher perfeita.

Dougal inclinou a cabeça enquanto estudava ao Ian. — Tinha escutado que tinha crescido, mas é incrível verte tão diferente.

— Sim mal posso me reconhecer a mim mesmo. — Ian tinha contemplado durante cinco minutos as fotos que Vanda lhe tirou. Não era seu rosto, era diferente. Seu corpo tinha crescido tão rapidamente, mal tinha tido tempo para adaptar-se. De vez em quando golpeava sua mão contra as coisas quando se extralimitava com os braços mais largos, e às vezes tropeçava com seus pés maiores da talha treze[4].

O micro-ondas soou, e Dougal tirou seu lanche de antes de deitar-se. — Acabamos de praticar artes marciais lá em baixo. — Ele tomou parte do sangue sem parar. — Deveria tê-lo visto. O nosso novo guarda chutou o Phineas no traseiro.

— Sério? — Ian estava muito impressionado. Não era frequente que um mortal derrotasse um vampiro num mão a mão.

Dougal se dirigiu à porta. — Será melhor que pegue uma ducha antes que saia o sol.

O sol se aproximava do horizonte. Ian já podia sentir a queda de seu metabolismo. Seguiu Dougal pelas escadas que levavam à sala de guarda no porão. A mesa de bilhar foi empurrada para a parede do fundo com o sofá, para criar um grande espaço para as sessões de prática.

Ian levantou uma cadeira que tinha sido derrubada e se deu conta de que uma das patas estava partida. — Deve ter sido uma grande briga.

— Sim. Entretanto um pouco vergonhoso para o Phineas. — Dougal terminou sua garrafa enquanto ia para o dormitório do lado. A porta do banho se fechou de repente.

Ian entrou no dormitório, esperando ver o Phineas McKinney, mas o jovem vampiro negro não estava ali. Só o som da água correndo emanava dos quartos de banho, assim provavelmente

[4] *Talha americana que corresponde ao 46.*

estava tomando uma ducha como Dougal. Uma grande quantidade de Vampiros gostavam de estar limpos antes de sucumbir ao sono de mortal. Ajudava-os a sentir-se menos como mortos, um corpo podre.

O dormitório estava quase vazio. Ian se recordou de uma altura no qual havia até dez ataúdes na sala, um para cada guarda vampiro dormir lá dentro. A maioria dos vampiros tinham desaparecido, pois se transladaram para o leste da Europa à caça de Casimir.

Os pisos de cima se encontravam vazios. Pouco tempo atrás com o Roman, havia dez damas que eram parte de seu harém e muitos Vampiros de visita. Havia sido um lugar interessante. Mas agora todos se foram.

Agora Roman vivia com sua esposa mortal e seu filho no *White Plains*, com o Connor como seu guarda-costas. Os guardas Vampiros que viviam aqui na casa do Roman, eram os encarregados da segurança nas indústrias Romatech, que fabricavam o sangue sintético e a cozinha de fusão. Connor era ali, o chefe de segurança, mas planejava passar o título a Ian, para concentrar-se unicamente na segurança de Roman e sua família.

Ian estava encantado com sua próxima promoção, mas lhe incomodava que chegasse agora, quando parecia mais velho. Tinha começado a trabalhar para MacKay Segurança e Investigação em 1955, e nunca tinha passado de segundo no comando. Os seus melhores amigos tinham dificuldades em tratá-lo como um adulto quando o viam como alguém de só quinze anos.

Tirou o pulôver de ponto pela cabeça e o atirou no cesto da roupa suja. Passeou até ao ataúde onde tinha dormido durante mais de 50 anos. O travesseiro e a manta ostentavam o tartan vermelho e verde MacPhie, igual a seu Kilt. Tirou a bolsa de pele da saia e a faca da meia, depositando-os no pequeno aparador de seu ataúde. Tirou os sapatos e logo se deteve com uma repentina ideia. Ele tinha crescido cinco polegadas.

Merda. Era maior que seu ataúde.

Subiu para o seu interior e, é obvio, seus pés ficavam de fora. Só havia outro ataúde no dormitório e pertencia a Dougal. A cama de casal era do Phineas. As outras camas estavam lá em cima.

Bom, porque não? Em poucas semanas estaria no comando tanto aqui como na Romatech. Podia dormir em qualquer lugar que quisesse. Saiu do dormitório e subiu as escadas.

Em geral, tomava um lanche antes de deitar-se, mas esta noite estava cheio do *Bleer*. Vanda se uniu a ele no bar ao redor das quatro *A.M*. para anunciar que seu perfil estava preparado e publicado oficialmente no serviço de entrevistas de *Single in the City.*

Um terceiro copo de *Bleer* impulsionou a sua confiança. Tinha falado com umas quantas mulheres e tinham concordado reunirem-se no clube amanhã de noite.

Quando chegou à planta baixa, o alarme se ativou. Ficou imóvel um momento, logo se deu conta do que tinha acontecido. Um intruso! E maldito seja, sua reação foi muito lenta. Não deveria ter bebido um quarto copo *de Bleer*.

Correu para a sala. Vazia. Girou, tropeçou com seus pés e com o teclado da porta principal. Apagou o alarme, por isso pôde ouvir. Apanhou um ligeiro ruído que vinha da biblioteca. Entrou facilmente.

Uma rajada de ar frio na janela agitava as cortinas. A pessoa que tinha aberto essa janela tinha ativado o alarme, e essa pessoa ainda estava na habitação.

Fêmea. Mortal. O aroma de seu sangue formou redemoinhos em torno dele, acariciando sua pele como o toque de uma amante. Ela tinha seu sabor favorito—*AB positivo*.

Graças a Deus Roman tinha inventado o sangue sintético em 1987, por isso Ian e outros vampiros já não eram escravos de sua sede de sangue. Mesmo assim, seu corpo reagiu com o mesmo instinto primitivo que o tinha governado desde sua transformação em 1542. Suas gengivas se estremeceram. Tinha muitos anos de experiência para saber como controlar-se a si mesmo, mas estava tomando um esforço extra esta noite. O copo de *Bleer* havia sido uma má ideia.

Estava de costas para ele enquanto estudava as prateleiras da parede do fundo. Não havia dúvida de que estava planejando roubar os livros mais estranhos da coleção de Roman. A biblioteca continha desde livros escritos à mão pelos monges medievais até às edições da primeira impressão do século XIX.

Não o tinha ouvido chegar, estava de meias. E não tinha ouvido o alarme, já que estava fixa numa frequência única em que só a escutavam os Vampiros e os cães. E certamente não havia sentido a reação que ela lhe provocava.

Sentiu a temperatura dez graus mais acima, apesar do ar frio de dezembro, que entrava através da janela aberta e sobre sua camiseta branca. O abajur entre as duas poltronas de orelhas imitia um fraco brilho dourado através da sala, definindo sua forma numa aura resplandecente.

Ela era um ladrão de luva branca impressionante, totalmente vestida de negro ajustado que moldava sua cintura e seus quadris. Seus cabelos dourados pendurado num rabo-de-cavalo pelas costas. As pontas se agitavam brandamente por seus ombros, enquanto movia a cabeça de lado a lado, explorando a estante.

Ela deu um passo ao lado, em silêncio em suas meias negras. Devia ter deixado seus sapatos fora da janela, pensando que iria mais tranquilamente sem eles. Fixou-se em seus tornozelos magros e logo deixou que seu olhar vagasse através do cabelo dourado. Tinha que tomar cuidado na sua captura. Como qualquer Vampiro, resistiria, e se via um pouco frágil.

Ele se moveu silenciosamente além das poltronas de orelhas, para a janela. Esta fez um som sibilante quando a fechou.

Com um suspiro se voltou para ele. Seus olhos se abriram. Olhos verdes como as colinas que rodeavam sua casa na Escócia.

Uma quebra de onda de desejo o deixou sem fala por um momento. Parecia um mudo. Não havia dúvida que ela estava muito ocupada pensando numa rota de escapamento.

Ele se moveu lentamente para ela. — Não pode escapar pela janela. E não pode chegar à porta antes de mim.

Deu um passo atrás. — Quem é você? Vive aqui?

— Sou eu quem vai fazer as perguntas, uma vez que te detenha. — Podia escutar seu coração pulsar mais rápido. Seu rosto permaneceu inexpressivo, com exceção de seus olhos. Que brilharam com desafio. Eram formosos.

Ela tirou um pesado livro de uma prateleira próxima. — Veio aqui para pôr a prova minhas

habilidades?

Uma pergunta estranha. Estava interpretando mal a situação. Quem? Esquivou a um lado quando de repente lhe lançou o livro à cara. Merda tinha sofrido muito para ser maior, para ver-se mais varonil e ela estava muito perto, podia cheirá-la.

O livro passou perto dele e derrubou a lâmpada. A luz piscou e se apagou, com sua visão superior, podia ver sua silhueta escura que se dirigia para a porta.

Aproximou-se de trás dela. Antes de apanhá-la, ela girou e lhe deu uma patada no peito. Cambaleou para trás. Maldita seja, era mais forte do que imaginava. E tinha sofrido muito para conseguir um peito mais amplo, mais varonil.

Ela avançou com uma série de murros, patadas, e ele bloqueou todos eles. Com um movimento desesperado, dirigiu-lhe uma patada a virilha. Maldita seja, tinha sofrido muito para ter suas bolas maiores e varonis. Ele saltou para trás, mas os seus pés ficaram presos na prega de seu Kilt. Sem sua bolsa de pele, o Kilt revelou para além da sua cintura.

Seu olhar revoou para baixo e ficou pegada. Sua boca se abriu. Sim, esses doze anos de crescimento tinham sido amáveis. Equilibrou-se para frente e a golpeou sobre o tapete. Ela o golpeou, assim segurou os seus pulsos e a sujeitou contra o chão.

Retorceu-se tratando empurrá-lo com seus quadris. Com um grunhido, bloqueou-a com seus quadris. Logo, lentamente, sentou-se em cima dela para tê-la quieta. Seu corpo estava gloriosamente quente, avermelhado por seu sangue que pulsava com uma força de vida que fez tremer seu corpo de desejo.

— Deixa de te mover moça. — Sua virilha maior, mais varonil, estava reagindo de uma maneira ainda maior. — Tenha piedade de mim.

— Piedade? — Ela seguiu retorcendo-se debaixo dele. — Sou eu quem foi capturada.

— Detenha-se. — Ele se pressionou mais forte sobre ela.

Seus olhos se abriram. Não tinha nenhuma dúvida do que ela estava sentindo.

Piscou, levou seu olhar para baixo e de volta a sua cara. — Levanta-te. Agora.

— Já estou à metade do caminho, — murmurou.

— Deixe ir! — esforçou-se em soltar seus pulsos.

— Se a solto, seu joelho me golpeará. E sou algo como aficionado a minhas bolas.

— O sentimento não é mútuo.

Ele sorriu lentamente. — Olhou durante bastante tempo. Deve ter gostado do que viu.

— Ha! Fez uma impressão tão pequena em mim, que apenas o posso recordar.

Riu entre os dentes. Ela era rápida, tão mental como fisicamente.

Olhou-o com curiosidade. — Cheira a cerveja.

— Tomei algumas. — Observou seu olhar duvidoso. — Esta bem, talvez mais que umas quantas, mas ainda assim fui capaz de te vencer.

— Se bebe cerveja, então isso quer dizer que não é…

— Não o que?

Ela o olhou com os olhos abertos. Ele teve uma sensação de afundamento, ela pensava que era mortal. Ela queria que fora isso mortal. E significava que sabia sobre os Vampiros.

Estudou sua formosa cara; as maçãs do rosto altas, a mandíbula delicada e sedutores olhos verdes. Alguns Vampiros afirmavam que os vampiros não tinham poder nada. Estavam equivocados.

Seus olhares se cruzaram e se esqueceu de respirar. Havia algo oculto nas profundidades da cor verde. Saudade. Uma ferida que parecia muito grande para sua curta idade. Por um momento sentiu como se estivesse vendo o reflexo de sua própria alma.

— Não é uma ladra? — Sussurrou.

Ela negou com a cabeça ligeiramente, seguiam apanhados pelo olhar. Talvez fosse ele quem estava preso por ela.

— Ian? — Uns passos se aproximaram. — Ian Que diabos está fazendo?

Arrastou o seu olhar dela e viu Phineas de pé junto deles. — O que?

Phineas lhe deu um olhar confuso. — Por que estas golpeando a Toni?

Piscou e olhou à mulher que tinha cravada no chão. — É… Toni? — O novo guarda era uma mulher?

— É Ian? — A decepção piscou em seus olhos antes que olhasse para outro lado. — É um deles.

Isso doeu. Durante séculos tinha sido julgado muito jovem, e agora depois de toda a dor que tinha sofrido, ainda era deficiente. Sua mandíbula se moveu e apertou os dentes. —Tem algo contra os Vampiros?

Seus olhos cintilaram de ira. —Sim. Tendo a me pôr realmente molesta quando me atacam.

— Tem razão irmano, — murmurou Phineas ajustando o laço ao redor de sua bata de cetim arroxeado. — Não deve atacá-la. É nossa amiga.

Ian moveu seu peso de cima. — A amizade ganha.

Ela se afastou dele e se sentou. — Não estou aqui para ser sua amiga. Sou sua protetora, isso é tudo.

Ele a olhou fixamente. Connor tinha contratado a uma mulher como guarda? Isto era inaudito no mundo vampiro. Uma mulher mortal não teria a força necessária… a menos que fora uma troca formas como Phil Howard. — É… — Como ia fazer a pergunta sobre troca formas se era um segredo? — Troca um pouco em certa época do mês?

Dirigiu-lhe um olhar de incredulidade. — Está me perguntando se me dá *SPM*[5]? Sério?

— Não! Não queria dizer… — Ian se deteve, interrompido pela risada do Phineas.

— Sei o que estás pensando, homem, mas é normal.

— Normal? — Ela olhou ao Phineas. — Chutei-te o traseiro esta tarde.

Phineas levantou suas mãos em sinal de rendição. — Não me faça mal, doçura. És um pedaço de mulher formoso e forte.

Ela inclinou a cabeça. — Obrigada.

— Connor me disse que tinha contratado a um Toni, — murmurou Ian. — Acreditei que seria um homem.

[5] *Síndrome Pre – Menstrual.*

Seus olhos se estreitaram. — Acreditei que seria um pouco inteligente.

— Toma! — Phineas sorriu. — Ela tem um ponto irmano.

Ian franziu o cenho. — Era perfeitamente lógico supor que Toni era um homem.

Ela levantou o queixo. —É lógico atacar às pessoas sem falar com eles primeiro?

— Neste caso sim, era-o. A janela estava aberta.

— Abri-a, — interrompeu-o. — Estava muito fechado, como uma tumba aqui e tinha calor.

— Doçura, está tão quente, que arde. —Phineas fez alguns assobios.

Ian lhe lançou um olhar de aborrecimento, logo continuou sua explicação. — O sensor da janela ativou o alarme e quando vim investigar, vi-te olhando os caros livros vestida como uma gata ladra.

— Sim, parecia Mulher Gato, quente e sexy. — Phineas fez garras no ar. — Miau! Bufido!

Agora deu a Phineas um olhar molesto. — Esta é minha roupa de treinamento. — O resplendor de seus olhos verdes trocou ao Ian. — Nunca ouvi nenhum alarme.

— Só os vampiros e os cães a podem ouvir.

— OH! E qual é você?

— Toma! — Phineas lhe golpeou a perna. —Está-te matando, homem.

— Phineas, — grunhiu Ian. — Estou tratando de ter uma conversação aqui. — Voltou-se para a Toni. — Sinto-o moça, mas isto não vai funcionar, não pode ser um guarda numa casa cheia de homens. Olhe como Phineas reage a ti.

— Ele é muito melhor que você! — Seus olhos brilhavam com fúria. — E não é problema meu que seja um porco sexista. Posso fazer este trabalho, com ou sem o SPM. Ganhei ao Phineas antes, e o teria batido também, com mais tempo.

— Moça nunca me cravaria. — Inclinou-se para ela. — Eu gosto de estar em cima.

Seus olhos brilharam com fúria verde.

— Bom! —Phineas sacudiu um punho no ar. — Está de volta irmano. Maldito!

— É um porco, — queixou-se Toni.

— Oink, oink, — chiou Phineas.

— Basta Phineas! — Ian o fulminou com o olhar. —Posso ver por que o assassinaram jovem.

Uma risada escapou da Toni, mas rapidamente foi substituída pelo cenho franzido.

Tinha senso de humor? Isso não era tão importante no grande esquema das coisas, mas de repente Ian queria fazê-la rir de novo, ou ao menos obter um sorriso. Por desgraça não pôde pensar em nada engraçado a dizer.

Ficou de pé e executou uma galante reverencia. — Desculpo-me por te atacar. Espero não te ter feito mal.

Seu cenho se relaxou um pouco. — Estou bem.

Ofereceu-lhe uma mão para ajudá-la a levantar-se.

Ela o olhou com receio. — Não vais dizer ao Connor que me despeça, verdade? Realmente posso fazer este trabalho.

Uma sensação de intranquilidade se assentou em suas vísceras. Por que uma mulher mortal e formosa queria trabalhar cuidando vampiros? — Deixar-te-ei permanecer se responder algumas

perguntas com honestidade.

Um olhar vigilante revoou sobre sua cara, então ela sorriu e lhe agarrou a mão. — É óbvio. O que quer saber? — Ela se levantou com graça sobre seus pés.

Sua mão se apertou ao redor. A incerteza fez que seu intestino desse um salto. Ele sabia que não ia ser totalmente sincera. Seu sorriso era forçado e os batimentos de seu coração acabavam de se acelerar.

— Por que desejas este trabalho? — Perguntou em voz baixa.

Apartou a mão de sua mão. — O pagamento é bom e temos alojamento e comida grátis, o que custa uma fortuna em Manhattan.

— E te meterá numa casa todo o dia cheia de alguns mortos.

— Nenhum trabalho é perfeito. — Ela cruzou os braços sobre seu peito. — Nenhum de vós despertará chorando ou necessitará uma mudança de fralda, por isso é mais fácil que qualquer outro trabalho de babá.

Trabalho de babá? Agora se estava sangrentamente molesto.

Enquanto isso Phineas estava rindo-se. — Sim, me cuide, mamãe quente. Necessito um banho de esponja. E que me esfregue azeite de bebê por todas as partes. Sinto-me um pouco irritado, se souber o que quero dizer.

Sua boca se torceu.

Considerava Phineas divertido? Isso o irritava ainda mais. Ian se aproximou dela, apertando os dentes. — Não somos bebês. Somos guerreiros experientes.

Ela fingiu um grande estremecimento. — Uuuh, estou assustada.

Acaso duvidava de seu valor? Ian se aproximou. — Moça, não tem nem ideia de quão fortes podemos ser.

Seu sorriso murchou e um olhar de dor cruzou seu rosto. — Sei muito bem. Não é necessário que me recorde isso.

— Atacaram-lhe? — Ian olhou seu pescoço, mas não podia ver nenhum sinal de dentada por cima do pescoço alto de seu traje negro. — É assim como se inteirou de nós?

A elevação persistente de seu queixo indicou sua negativa a divulgar mais informação. Mas, ela tinha mencionado antes que tendia a incomodar-se cada vez que os vampiros a atacavam. O sol se elevaria breve e Ian e os outros Vampiros cairiam em seu sono mortal. Todo o dia estariam indefesos e vulneráveis. E o guarda parecia guardar lhes rancor.

— Moça, porque deveria confiar em ti para que cuide de nós?

Suas sobrancelhas se levantaram. — Está preocupado pelo que poderia fazer quando estiver totalmente indefeso e em minhas mãos?

Ele a agarrou pelos ombros. — É uma ameaça para nós? Poderia apagar sua memória e te empurrar pela porta agora mesmo.

— Não! — Seu olhar agora era de pânico. — Por favor. Eu… realmente necessito este trabalho. Prometi ao Connor que nunca lhes faria mal a nenhum de vós. Pergunte-lhe. Ele teve confiança.

Ian a soltou e deu um passo atrás. — Falarei com ele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Deu-lhe um olhar nervoso. — Preciso trocar o uniforme antes que meu turno comece.

Phineas bocejou. — Sim. Estou ficando sonolento. Boas noites, doce. — Estendeu o punho fechado para a Toni.

Ela respondeu com um sorriso e um choque de nódulos. — Vemo-nos amanhã, Dr. Phang.

Phineas sorriu e logo passou para as escadas. — Sim, esse sou eu. Dr. Phang. Largo no dente e comprido no pênis. — Desceu as escadas até o porão, sua voz seguia à deriva para eles. —OH neném, eu tenho a padre.

Ian também podia sentir o puxão do sono mortal, mas como Vampiro mais antigo, era capaz de resistir melhor que Phineas.

— Talvez devêssemos começar de novo. — Tendeu-lhe a mão. — Sou Ian MacPhie.

Deu-lhe um olhar cauteloso. — Toni Davis. — Apoderou-se de sua mão, e rapidamente a soltou, e logo se dirigiu às escadas.

Ele a seguiu. — Realmente pensava que era um ladrão. Normalmente não ataco a mulheres.

— A menos que tenha fome. — Ela começou a subir as escadas.

— Não ataco por comida. Temos evoluído, além disso.

— Sim, claro. — Continuou subindo as escadas sem olhar atrás.

Subiu as escadas detrás dela. — Não me acredita?

Ela encolheu de ombros. — Vi que bebem de garrafas.

— Então, sabe que somos diferentes de os Malcontents.

Seus nódulos ficaram brancos quando de repente agarrou o corrimão. Logo o liberou e subiu as escadas. — Percebi que a sua nobre natureza é nova. Antes do sangue sintético, deve ter atacado as pessoas para obter comida.

Apertou os dentes. — Nunca usei a violência.

Ela chegou ao patamar e deu a volta para olhá-lo. — Usou o controle mental?

Ele estremeceu. — Não o entende.

— OH, acredito que sim. O controle da mente faz que seja fácil para ti manipular as pessoas. —Seus olhos se estreitaram. — Mas eles seguiam sendo vítimas, e você as estava violando.

— Nunca gostamos dos Malcontents. Esses filhos de puta são assassinos. Nós nunca matamos por comida.

— Está bem. Não são assassinos. Sois parasitas. — Ela se voltou para seguir subindo as escadas.

Ele a agarrou por o braço para detê-la. — Se nos odeia, por que aceitaste um trabalho para nos proteger?

Ela se apartou e começou a subir as escadas. — Não vos odeio. E tenho minhas razões.

— Que razões? —Tropeçou num degrau com seus novos pés de tamanho treze.

Ela olhou para trás. — Por que me segue? Não tem que ir ao porão e… morrer?

— Não vou dormir ali.

— Mas vi um ataúde ali. — Lhe lançou um olhar irônico. — Vê-se muito acolhedor.

— Então dorme você nele.

— Sobre meu cadáver. Oh, espera um minuto. É seu cadáver. Em uns cinco minutos. Assim

melhor que se apresse. — Ela correu o resto das escadas.

Traseiro inteligente. Seu olhar se deslizou ao redor, um traseiro firme, tão deliciosamente definido no negro ajustado. Era suficiente para voltar a ser um mordedor. Seguiu observando seus quadris enquanto ela se dirigia pelo patamar, quando parou numa porta à direita.

Deteve-se junto a ela. — Superei-o.

— O que? Seu ego?

— Moça, não necessita uma arma. Tua língua pode reduzir a um homem a pedaços.

Ela sorriu. — Tomarei como um elogio.

— Superei meu ataúde. Sou cinco polegadas mais alto que quando estive aqui.

Seus olhos se abriram. — Connor disse que tinha crescido, mas não acreditei. Pensei que os vampiros estavam apanhados na idade em que morreram para sempre.

— Isso é normalmente certo. Mas cresci doze anos durante o verão.

— OH. — Sua boca se torceu. — Bem-vindo à puberdade.

Plantou uma mão na parede a seu lado e se inclinou. — Viu debaixo de meu Kilt. Sabe que sou um homem adulto.

Ela levantou o queixo em sinal de desafio, mas suas bochechas se tingiram de um rosa pálido. — Estou tentando duramente apagar esse desafortunado incidente de minha memória.

Ele sorriu lentamente. — Me faça saber se tiver êxito.

Seu rubor se intensificou. — Sr. MacPhie, devo lhe recordar…

— Me chame Ian. Toni é seu nome completo?

— Não. Olha, estou tratando de falar contigo já que estimo que em uns três minutos, cairá morto.

— Se o fizer, meter-me-á na cama?

— Essa classe de discurso não é apropriado…

— Seu nome é Antonia?

Seus olhos se obscureceram. —Não.

— Tonatella? Tonisha?

— Não.

—Toni Baloney?

Sua boca se torceu. — Estou tentando ser séria.

— Eu também. — Deixou que seu olhar vagasse sobre ela. — Sou mortalmente sério.

Ela soltou um bufido. —Senhor MacPhie, assinei um contrato faz duas noites e claramente não me vou envolver com qualquer pessoa a que esteja cuidando.

Seu coração gaguejou e não foi à causa do sol nascente. — Não me dava conta de que estávamos envolvidos.

— Não o estamos. — Soprou. —Mas está paquerando comigo e tem que parar.

Ele piscou. Estava paquerando? Tinha estado tentado a lhe torcer o pescoço e então seduzi-la. — Pensa que estava paquerando?

— Bom, sim.

Inclinou-se mais perto. — Gostou?

— Ainda o está fazendo.

Ele sorriu prazerosamente. — Carinho, poderia fazê-lo toda a noite.

— A noite terminou. — Girou-se e agarrou o trinco. — Boa noite, Sr. MacPhie.

Deu um passo atrás. Não deixaria que seu rechaço o incomodasse. Por que ia incomodar lhe?—Não estava iniciando nada serio. Não precisa preocupar-se se por acaso a molesto. Estou procurando o verdadeiro amor, mas só com uma mulher Vampiro.

Ela soltou o pomo da porta e se voltou para ele. — Então crê que as mulheres mortas são melhores que as vivas?

— Não sei que dizer. Mas sou mais adequado para uma vampiro.

— Sério? São as vivas muito quentes para que as dirija?

Ela o estava desafiando? — Não conheci a uma mulher que não possa dirigir.

— De acordo. — Ela o olhou com receio. — É provável que utilize o controle mental vampiro sobre elas.

Maldita seja, sabia exatamente onde cravar a faca. — Sim, usei o controle mental. E os encantos. Fiz seus orgasmos mais fortes. — Arqueou uma sobrancelha. — Você gostaria de uma demonstração?

Seus olhos ferviam de ira. — Eu gostaria que se fosse, e que se morra. — Ela abriu a porta de seu dormitório.

Ele caminhou mais perto. — Por que faz guarda para nós? Por que passas o dia apanhada numa casa cheia de não mortos?

— Boa noite, Sr. MacPhie. — Fechou-lhe a porta no nariz.

— Vou averiguá-la, Toni, — gritou, aproximando-se de novo das escadas.

O sol estava tocando o horizonte. Podia sentir o sono mortal atirando-o para o esquecimento. Olhou a escada até o quinto piso, concentrou-se fortemente. Num instante estava ali.

Tropeçou no escritório do Roman e fechou as portas detrás dele. As janelas cobertas de alumínio tinham a habitação às escuras, mas não havia nenhum problema com sua vista superior. Cruzou o escritório até o dormitório e se desabou na cama tamanho King. Por todos os Santos isto era melhor que o estreito ataúde. Estirou-se desfrutando da comodidade. Sua respiração lenta, como a morte, o sono se apoderou dele.

Um momento. Ele negou com a cabeça. Necessitava saber da Toni. Deu-se a volta para a mesa de noite e agarrou o telefone sem fio. Sua visão estava imprecisa quando marcou o número do móvel do Connor. Só uns minutos mais, era tudo o que necessitava.

— Olá? — Connor soava sonolento.

Ian estava tendido sobre suas costas sustentando o telefone em sua orelha. — Me fale da Toni.

— É você, Ian? — Bocejou Connor. – Me chame mais tarde.

— Me fale da Toni. Como a encontraste?

— Encontrei-me com ela no Central Park. — Connor se afastava de novo. — Na segunda-feira de noite.

E hoje era somente quarta-feira pela manhã. Ian abriu a boca, mas as palavras não saíram. Seus olhos piscaram fechando-se.

— Três Malcontents, — a voz do Connor se fazia lenta. — Atacaram-na… Eram realmente viciosos.

Não era de estranhar que odiasse os vampiros. Ian perdeu o controle do telefone. Estava pensando estacá-los a todos enquanto dormiam?

Quando o sono mortal o arrastou, perguntou-se se alguma vez voltaria a despertar de novo.

Capítulo 3

Mereço ser feliz.
Conseguirei minhas metas.
Obterei algo significativo com minha vida.
Mereço ser amada.

Toni repetiu suas afirmações da manhã quando a água quente lavou seu corpo e empanou de bafo seu redor. Ela só precisava acreditar. Sim, certo. Nos últimos dias, sua vida tinha começado a ir-se pelos ares.

Mereço ser feliz. Suspirou ela. Sua família não acreditava nela, assim por que deveria ela? Fechou a água. Precisava endurecer-se emocionalmente e não deixar que outra pessoa a arrastasse — *gente como Ian MacPhie*.

Como podia um tipo morto ser tão arrumado? Apartou a cortina da ducha. Por que não podia ter sido mortal? Por um breve e maravilhoso momento, ela tinha pensado que ele era humano. Mas não. Fervendo o banho. Ele era um deles.

Saiu da ducha, arreganhando-se a si mesma. Não pense nele. Não tem poder sobre ti. A menos...

A menos que usasse o controle mental vampiro. A pele nua da Toni ficou com a pele de galinha, e estremeceu a pesar do vapor quente a seu redor. Olhou às marcas de dentada que cobriam seu peito e torso.

Tinha lutado com esses três vampiros. Tinha pensado que poderia sobreviver até que tomaram sua mente. Sentou-se ali na suja neve, tremendo e indefesa enquanto seus cruéis pensamentos invadiam sua cabeça e a forçavam a remover sua camisa. Seu sutiã. Um profundo calafrio percorreu seu corpo. Se Connor não tivesse chegado quando o tinha feito...

Piscou para afastar as lágrimas e agarrou uma toalha para secar-se. Permanecia no controle e estava enfocada.

Conseguirei minhas metas. Tinha que consegui-lo. Sabrina contava com ela. Já Toni tinha confirmado a existência dos vampiros e invadido o campo dos meninos bons.

Vampiros meninos bons? Quem acreditaria isso? Mas Connor a tinha salvado, e jurou que todos os bons Vampiros tinham deixado de morder. Tinha-os visto beber de garrafas, mas ainda

assim, era difícil confiar completamente neles. Sem importar quão bem esses Vampiros bons se comportassem, ela ainda podia sentir às bestas espreitando justo debaixo da superfície. Havia-o sentido incluso mais forte com o Ian, mas em lugar de repeli-la, isso a tinha excitado.

Quão idiota podia ser? Só um completo estúpido desafiaria a uma besta que podia morder. Ignorá-lo-ia.

Obterei algo significativo com minha vida. Isso ocorreria. Ela e Sabrina o tinham tudo planejado.

Toni passeou no dormitório enquanto secava o cabelo com a toalha. Seu olhar perambulou sobre as suaves e douradas paredes e o grande dossel da cama pendurado com tecido brocado azul e dourado que fazia jogo com as cortinas e sofás. As duas penteadeiras que flanqueavam a cama pareciam como antiguidades do Luís XVI.

Uma coisa que se negou a admitir: os Vampiros tinham um excelente gosto. Dougal afirmava que esta habitação pertenceu uma vez a uma princesa Vampiro que foi membro do harém do Roman Draganesti. Aparentemente Roman havia dissolvido seu harém quando se casou. Toni bufou. Que tipo tão genial. Tanto como ela podia dizer, todos os homens Vampiros estavam a uns poucos séculos detrás de suas opções de mulheres. Ian MacPhie certamente o estava.

Mereço ser amada. A última afirmação era a mais dura de acreditar. Atirou a toalha no cesto da lavanderia. Maldição foi amada. A avó a tinha amado.

E recorda o que a ocorreu? *Falhou.* Toni rapidamente esmagou a suja voz interior que seguia saboreando suas afirmações, dizendo que não se merecia ser feliz, e que não merecia ser amada. O merecia, maldição. E não falharia a Sabrina. Inclusive se isso significava viver numa casa cheia de criaturas bebedoras de sangue.

A tiraria dos seus contatos e vestiria o seu uniforme de guarda calças cáqui e camisa azul marinho. Connor tinha lhe dado os tamanhos menores, mas ainda assim, as roupas dos homens penduravam em seu corpo como sacos sem forma. Obviamente Segurança Mackay e Investigações não estava acostumado a contratar guardas mulheres. Dougal e Phineas tinham estado surpreendidos, mas a tinham aceito bastante fácil uma vez que a viram lutar.

Ian era mais suspeito, mas não o deixaria assustá-la. Ela permaneceria tranquila e fria, no controle. Nada ia perturbá-la.

Saltou quando seu móvel soou condenando uma e outra vez a música. *Maldito*. Carlos lhe tinha dado um novo tom fazia uma semana, mas a repentina explosão do "*Cum on Feel the Noize*[6]" pelo Quiet Riot sempre a assustava.

O vocalista masculino gritava enquanto ela procurava através de sua bolsa de mão. Com otimismo, era Sabrina chamando. Toni tinha ido ao hospital a noite passada para vê-la, mas Sabrina estava dormindo tão pacificamente, que Toni não tinha querido despertá-la.

Ela abriu de um golpe o telefone. — Olá?

— Toni? — A voz brusca soava urgente. — O que está acontecendo aí?

— Howard? — Seu supervisor? Howard Barr estava a cargo da segurança diurna, e

[6] *"Cum on Feel the Noize" é uma canção de rock originalmente lançada pelo Slade em 1973.*

monitorava Toni desde a sua localização na casa de Roman Draganesti. Supunha-se que Howard chamava para um relatório da manhã às 8 A.M., mas ontem pela manhã ele tinha usado o telefone da casa, não seu móvel.

Seu olhar oscilou à mesinha de noite onde o relógio digital brilhava 7:26. — Algo está mau?

— Isso é o que te estou perguntando, — continuou Howard num apuro. — Fiz minhas rondas da manhã aqui, e Connor tinha seu móvel aberto em seu ouvido. Falaste com ele?

— Não. Tudo está bem aqui...

— Não acredito. O telefone de Connor estava conectado ao telefone da sua casa. Desliguei e tentei chamar, mas sua linha também estava ocupada.

Toni olhou o telefone de sua mesinha. Uma luz indicava que ainda estava a ser usada. É óbvio. Ian havia dito que ele a comprovaria. — Deve ser Ian MacPhie.

— Ian? — Houve uma pausa durante a qual Toni pôde ouvir revolver papéis. — Está segura? Ele não deve voltar durante outra semana. E seu ataúde está vazio.

— Superou-o.

— Isso é certo? O menino não aparenta mais de quinze?

Ela enrugou seu nariz. — Parece mais velho que isso, mas seu comportamento não é o que chamaria amadurecido.

Howard riu. —Deu-te uma boa impressão, verdade? Olhe, não se mostrou em nenhum de meus monitores, assim terá que encontrá-lo e te assegurar de que está bem.

— Estou segura de que está bem. Aonde iria? Está morto. Isso corta sua mobilidade.

— Sim, mas somos responsáveis por estes meninos durante o dia. Não pode proteger a um cadáver se não sabe onde está. Assim encontre-o.

Toni grunhiu em silêncio. Havia cinco pisos nesta casa, seis contando o porão, mais de oito dormitórios, e um montão de quartos de banho e armários. Levaria toda a manhã procurar em todo o lugar.

— Chamarei em dez minutos. — Howard desligou.

Dez minutos? Toni colocou o telefone no bolso das calças de homem que levava postos, e ainda descalça, correu para o vestíbulo. Ele não estava convenientemente convexo morto no corredor, assim teria que caçar.

Correu baixando as escadas para o primeiro piso. Não esperava vê-lo ali, mas havia câmeras de vigilância no vestíbulo e a cozinha, e sabia que Howard esperava vê-la passar em sua busca.

Tinha sido contratada num estado de prova durante duas semanas, e Connor a tinha avisado de que as câmeras na casa estavam unidas aos monitores no *White Plains*. Em outras palavras, era vigiada constantemente para assegurar-se que podia ser de confiança. Como se alguma vez tivesse feito mal a um dos Vampiros.

Connor tinha enfatizado o fato de que uma vez que tomasse o voto para proteger aos Vampiros, esse voto seria sagrado. O custo da traição era severo e final. Se provocasse a sua ira, não haveria lugar para esconder-se onde não pudessem encontrá-la. Seu corpo nunca seria encontrado. Logo ele tinha procedido a lhe falar sobre o grande plano médico-dental, a alta produção nas contas do mercado de dinheiro, e as oportunidades de férias que Segurança MacKay

e Investigações oferecia a seus empregados.

Sob circunstâncias normais, ela teria escolhido a opção número um: Ter sua lembrança apagada para poder voltar para sua vida normal. Mas as circunstâncias não eram normais, assim chiou os dentes e tomou o voto.

Ian não foi encontrado no primeiro piso, assim que ela se dirigiu à sala de vigilância no porão. Seu olhar oscilou para o sofá na parede. Não, ali tampouco. Olhou à câmera de vigilância e sacudiu sua cabeça.

Parou na porta do dormitório. Era necessário comprovar essa habitação quatro vezes ao dia, mas ainda assim lhe deu um calafrio. Bom, não a habitação, a não serem os corpos mortos dentro. Deu uma profunda respiração e entrou.

Dougal estava sobre suas costas em seu ataúde, levando uma camisa para dormir passada de moda que chegava a seus joelhos e se parecia um pouco à camisola que ela estava acostumada a levar.

Phineas estava estirado através da cama de casal, sem levar nada exceto as curtas cuecas vermelhas. Toni olhou às fotos emolduradas ao lado de sua mesinha. Uma mulher anciã e uma menina e um menino, muito provavelmente a tia e os jovens irmãos dos quais ele tinha falado. Perguntou-se se sabiam que se transformara em vampiro fazia dois anos.

Olhou fixamente dentro do quarto de banho e se estremeceu para as toalhas e as roupas atiradas no chão. Graças a Deus não tinha que limpar detrás deles. Havia uma faxineira que pertencia a um Vampiro que entrava de noite. Seu olhar aterrissou num montão de revistas de garotas numa cesta. *Puaj*! Que porcos.

Correu de volta às escadas para o primeiro piso, logo foi por outra corrida na grande escada. Não havia câmeras de vigilância nos quatro pisos, assim ao menos não tinha o incômodo sentimento de ser vigiada. Correu passando seu dormitório para comprovar os outros cinco dormitórios no segundo piso. Logo correu através de todos os dormitórios no terceiro piso. Com o tempo acabando-se, amaldiçoou através dos dormitórios no quarto piso.

Maldição, não estava em nenhum deles! Comprovou o último dormitório com um sentimento de fatalidade crescendo. Inclusive olhou no armário. Tinha cometido um engano por não comprovar todos os armários de lá de baixo?

Cum on feel the noize soou! Saltou e tirou o telefone de seu bolso. — Howard?

— Toni, encontraste-o?

— Não. — Ela estava respirando pesadamente por toda a corrida. — Procurei em cada piso. Exceto no quinto.

— Comprova-o.

Ela piscou. Connor a tinha avisado de que não entrasse no escritório privado do Roman Draganesti e em seu dormitório. Aparentemente o grande chefão tinha algumas coisas ali. Provavelmente um esqueleto no armário. — Pensava que esse piso estava fora dos limites.

— Normalmente sim, mas não podemos passar todo o dia sem saber onde está Ian. Assim vá olhar. — Howard desligou.

Ela colocou o telefone no seu bolso e subiu as escadas. No patamar superior, descobriu duas

portas que flanqueavam um quadro ao óleo de algumas ruínas. Tentou a porta da direita. Abriu-se.

A habitação estava totalmente às escuras. Procurou provas ao longo da parede pelo gonzo até que localizou um interruptor. Uma solitária lâmpada se acendeu, situada sobre o comprido escritório. As prateleiras se situavam detrás deste e uma cadeira de veludo vermelho diante. Seu coração cambaleou ao ver o computador no escritório. Podia ser a resposta a suas preces.

A grande sala se estendia de volta às sombras. Toni podia distinguir as demais, uma mesa, e um bar. No bordo mais afastado da sala, viu o painel de madeira escura de um conjunto de portas duplas.

Cruzou a habitação, seus pés nus em silêncio se amorteciam no espesso tapete, seu olhar se deslizou através das caras antiguidades. Assim que este era a guarida privada de um poderoso professor vampiro? Possivelmente deveria tomar fotos com seu móvel. Não, isso não ajudaria a Sabrina. A decoração suntuosa só provava que o proprietário era rico, não um *Não morto*.

Quando se aproximou das portas duplas, ouviu um assobio como um telefone desprendido. Ela empurrou as portas abertas. A sombra de uma enorme cama surgiu ante ela com uma sombra escura em cima. Contornou a cama pela direita e procurou o abajur da mesinha. Uma débil luz, não mais brilhante que uma luz de noite, se acendeu.

Aí estava no lado mais afastado da cama tamanho King, convexo em cima de uma cômoda camurça bronzeada. Sua cara estava afastada dela, assim que tudo o que podia ver era seu espesso cabelo negro e o rabo-de-cavalo que se esparramava em cima do travesseiro.

Alguns homens podiam parecer afemininados com o cabelo até aos ombros e uma camisa, mas no Ian, o efeito era bastante oposto. Havia algo selvagem e tosco nele, como um guerreiro escocês que se negava a ser civilizado. Só sua visão fazia que seu batimento do coração se acelerasse e os pensamentos de rebelião aparecessem em sua cabeça.

Toni contornou a cama, passando por seus enormes pés com meias negras. Os velhos contos sobre os homens com grandes pés deviam ser certos. Seu olhar voltou para sua saia escocesa. Suas pernas estavam estendidas com o tecido da saia caindo ligeiramente sobre elas. O que tinha sido uma surpresa dar-se conta de que o tipo não levava nada de roupa interior. Sua cara se esquentou, recordando a divertida inclinação de sua boca e o brilho em seus olhos. Não te envergonhe absolutamente. Não, ele não tinha parecido... Audaz, como se tivesse desfrutado da sua surpresa inspeção.

Ela inclinou sua cabeça, enfocada na área escura e escurecida entre suas coxas. Lentamente, inclinou-se para um lado.

Cum on feel the noize!

Com um ofego, ela se endireitou. O que lhe acontecia? O homem estava morto, e estava tentando levantar sua saia? Graças a Deus não havia câmeras ali.

Abriu seu telefone. — Está bem, Howard. Tenho ao Ian aqui. Está na cama.

Houve uma pausa.

— Garota, tem um homem em sua cama?

Toni piscou. — Carlos! Eu... Eu não te esperava.

Ele riu. — Dava-me conta disso, *menina*. [7]Assim, quem é esse tipo em sua cama?

— Ele não está em minha cama, e não é...

— OH, está em sua casa?

— Bom, sim, algo assim. — Toni empurrou seu cabelo molhado detrás de suas orelhas. — Olhe, Carlos, não posso falar agora mesmo. — Ao som de sua sugestiva risada, ela se zangou. — Não é o que está pensando. O tipo está realmente... Morto agora mesmo.

— Esgotaste-o? Vamos, garota.

Toni grunhiu. Possivelmente era sua herança brasileira, mas seu vizinho da porta do lado, Carlos Panterra, só tinha um caminho na mente. — Carlos, tudo está bem no apartamento?

— Sim, é óbvio. Estava alimentando seu gato. Diz que sente falta da ti e a Sabrina. Eu também.

— Sei. Voltaremos logo, espero. Agora tenho que ir antes que Howard me chame.

Carlos ofegou. — Tem a dois homens? Garota, está quente!

— Não é... Não importa. Explicá-lo-ei depois. — Moveu-se para o lado da cama.

— Esse novo tom que pus em seu telefone, — continuou Carlos. — Agora te está balançando de uma vez aos meninos grandes.

— Sim, certo. Adeus, Carlos. — Toni fechou seu telefone e o meteu em seu bolso. Era uma asquerosa vergonha que fora tão inepta para a tecnologia moderna. Não tinha nem ideia de como tirar o som que Carlos tinha posto.

Falando de telefones, havia um assobio ainda na cama com junto a Ian. Ele obviamente o tinha sujeitado perto de seu ouvido, mas agora seus dedos estavam relaxados, curvados ligeiramente onde descansavam no travesseiro. O receptor devia ter-se deslizado debaixo do travesseiro, mas isso agora estava acurralado na curva de seu pescoço e ombro. Sua cabeça estava girada para ela, seus olhos fechados.

Ela teve o asqueroso sentimento de que seus olhos de repente poderiam abrir-se e olhá-la com o olhar em branco de um zumbi. Com um estremecimento, apartou esse pensamento. Alcançou o receptor, mas acidentalmente roçou sua mão sobre seus dedos. Ela apartou seu braço. Disparada, nunca tinha tocado a uma pessoa morta antes. Mas não se havia sentido frio e duro como tinha esperado.

Deslizou sua mão entre seus dedos e seu pescoço e lentamente tirou o telefone. Seus nódulos roçaram a parte superior de seu queixo. Estava áspera com o cabelo. Ela estremeceu, dando-se conta de quão perto estava de tocar sua boca. Seus lábios estavam ligeiramente separados, perfeitamente formados.

Retrocedeu, levando o telefone a seu peito. Sua expressão era pacífica, tão diferente das intensas emoções que tinha visto antes. A espessa franja negra de suas pestanas lançavam uma sombra em suas pálidas bochechas. Maravilhoso. Um homem não deveria parecer tão doce e tosco ao mesmo tempo.

Seu olhar caiu na covinha do seu queixo. Tinha sido o que primeiro reparara nele. Todo o

[7] *Em Português no original.*

tempo ele tinha estado na defensiva com ela, ela tinha querido cravá-lo com seu dedo. Levantou sua mão, logo a voltou a baixar. No que estava pensando? Ele era um deles.

Deixou o receptor de volta na forquilha na mesinha. Este imediatamente soou.

Ela saltou. Por Deus, precisava conseguir um agarre. Levantou o receptor. — Está bem, Howard. Encontrei-o.

Houve uma risada feminina. Definitivamente não era Howard, a menos que tivesse um segredo que ela não conhecia. — Olá?

— Olá! — Outra risada. —Está Ian aí?

Toni duvidou. Se esta garota conhecia o Ian, não deveria saber que ele estava morto neste momento? — Não pode vir ao telefone agora mesmo. Posso lhe dar uma mensagem?

— Bom, isso acredito. — A pessoa que chamava riu outra vez.

Toni encontrou uma caneta e uma caderneta de papel na gaveta da mesinha. Esperou, mas houve silêncio. — Olá? Necessitarei que me deixe à mensagem.

— OH, certo. Vale. Deixe-me pensar. — Outra risada.

Toni esperou enquanto a pessoa que chamava seguia em silêncio, aparentemente tentando pensar. Ian atualmente conhecia esta garota? Não havia dito que estava procurando uma mulher Vampiro? Esta garota tinha que ser mortal porque era de dia, e estava consciente. — Pode me dizer seu nome?

— OH. — Mais risos. — Sou Mitzi.

Toni escreveu na caderneta de papel. — E sua mensagem?

— Pode dizer ao Ian que acredito que é realmente quente?

— Seguro. —Toni olhou ao Ian. Parecia-lhe frio como pedra. — Como o conheceu?

— Ainda não o tenho feito. Só que o encontrei em *Single in the City*. É um serviço de entrevistas, sabe?

— Já vejo. — Assim era como Ian planejava encontrar a seu verdadeiro amor? Não tinha dito que ele estava procurando só mulheres Vampiro.

— Sim, só vi seu perfil, — continuou Mitzi. — E sua foto. E tive que chamar porque está muito quente!

— Certo. Quer deixar um número?

Mitzi recitou seu número. — Pode lhe dizer que quero sair com ele? E ele provavelmente terá sorte, porque está muito quente! — Ela riu, logo, menos mal que desligou.

No segundo que Toni deixou o receptor, o telefone soou outra vez. Este tinha que ser Howard. — Olá?

— Está Ian MacPhie aí? — Perguntou a voz de uma mulher gutural.

Outra mulher? Ao menos não era Mitzi. — Ian não está disponível neste momento. Poderia deixar uma mensagem?

— Meu nome é Lola. Acabo de ler o perfil do Ian em *Single in the City,* e devo dizer, que foi fascinante.

— Imagino que sim. — Toni olhou o computador na porta do escritório do lado. Poderia precisar jogar uma olhada em seu perfil.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sim, — continuou Lola. — Especialmente eu gostei da parte do castelo na Escócia de Ian, e como tinha gasto algo de sua vasta fortuna em renová-lo.

Vasta fortuna? Toni bufou, logo o cobriu com uma delicada tosse. A sério duvidava de que Ian tivesse uma vasta fortuna quando estava trabalhando como guarda de segurança para Indústrias Romatech. Realmente se rebaixaria a dizer mentiras pela Internet para conseguir entrevistas? Era um homem divino. Por que teria que mentir sobre algo, a parte do pequeno problema de estar morto à metade do tempo?

— Já vê, — Lola desceu sua voz dramaticamente, — Era uma princesa real em minha vida anterior. Pertenço a um castelo.

— Latido.

— Também sou vegetariana, — anunciou Lola. — Espero que Ian também o seja. É tão quente.

— Certo. Bom, posso dizer com segurança que não come carne.

— Esplêndido. — Lola recitou seu número de telefone. — Já está.

Toni escreveu o número debaixo, logo olhou para o Ian. — Mentiroso. Disse que não queria entrevistas com mortais.

Cum on feel the noize! Ela saltou. Agora este tinha que ser Howard. Ou Sabrina. Tirou seu móvel. — Olá?

— Toni? — Ressonou a voz do Howard. — O que se está passando?

—Tudo está bem. Ian está no dormitório do quinto piso. O telefone estava desprendido, mas o coloquei.

— O que era tão urgente para que chamasse a Connor?

Toni piscou. — Provavelmente chamou por mim. O conceito de um guarda-costas feminino era muito estranho para ele.

Howard riu. — Acostumara-se a ti. Viu-te brigar já?

— Sim, um pouco.

— Então sabe quão dura é. Aprenderá a confiar em ti com o tempo.

Ela fez uma careta. Ian atualmente tinha razão para suspeitar dela. Tinha que esconder a agenda, embora certamente não quisesse nenhum dano para os Vampiros.

— Necessita algo hoje? — Perguntou Howard. Assegurava-se de que as provisões fossem entregues Em casa, assim Toni não teria que deixar seus cargos desprotegidos.

— Estou bem por agora, mas tenho um exame final na sexta-feira em NYU[8]. Precisarei ir ao meio dia.

— Recordo-o. Farei para que vá a casa para que possa ir.

— Mas pensava que tinha que proteger ao Roman e ao Connor.

— Ficam no Romatech, assim que os guardas podem manter um olho neles. Não se preocupe. Deixamo-lo coberto.

— Obrigada. — Toni se sentiu aliviada, mas um pouco surpreendida de que os Vampiros

[8] *Universidade de Nova York.*

estivessem de acordo em trocar sua rotina só para ajudá-la. — Só para um exame, e oficialmente acabarei como meu máster.

— Genial. — Howard parou. — Já sabe, provavelmente pode conseguir um trabalho melhor que isto. Isto não é muito... Intelectual.

— Está bem. O pagamento é mais do que esperava.

— Sim, bom, os Vampiros sabem o quanto importante é ter mortais nos quais possam confiar.

— Compreendo-o. — O telefone na mesinha soou. — OH Deus, espero que não seja nem Mitzi nem Lola.

— Quem? — Perguntou Howard.

— Essas garotas que seguem chamando o Ian. Aparentemente se inscreveu num serviço de entrevistas online.

— Está de brincadeira.

— Isso queria eu. Chamar-te-ei para o relatório das dez em ponto. — Toni fechou o seu móvel e respondeu ao telefone da casa. — Olá?

— Olá, — respondeu uma suave voz feminina. — Está Ian?

Toni grunhiu. — Ele está... Meditando agora mesmo.

— Genial. Sou Destiny. — Deu seu número de telefone. — Ian é tão quente. Já sabe, estou totalmente sintetizada com as vibrações gaitas do cosmos, assim posso dizer que Ian e eu nos pertencemos mutuamente.

— Já vejo. — E sua vasta fortuna não tinha nada que ver com isso. — Alguma mensagem para o Ian?

— Sim. Adoro dar passeios na chuva e me sentar na praia para ver o amanhecer.

— Genial. — Toni escreveu "*Planos para te matar por combustão espontânea*" debaixo de seu nome. — Obrigada por chamar.

Ela Desligou e olhou ao Ian. — Dá-te conta de que a minha melhor amiga está no hospital, e em lugar de ser capaz de chamá-la, estou pega falando com suas ridículas noivas? — Sua voz se levantou até um grito, mas Ian só ficou convexo ali, inconsciente.

— Por que está procurando uma mulher? Por que acreditaria um vampiro no amor verdadeiro? Realmente crê que pode ser fiel durante séculos? Uns poucos anos é muito pedir nestes dias!

Ele não respondeu.

— Bem, ao menos não discute. Eu sou o chefe aqui durante o dia, e não o esqueça.

Ele não discutiu.

Ela caminhou ao escritório adjacente. Não ia à universidade só para terminar como uma secretária social para um brincalhão e quente vampiro. É muito para sua terceira afirmação, *Obterei algo significativo com minha vida*.

Precisava falar com a Sabrina. Isso a calmaria. Abriu seu móvel e marcou o número do hospital. — O quarto da Sabrina Vanderwerth, por favor?

— Um momento, — replicou o operador. — Por favor, espere.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toni se sentou na cadeira de couro negro atrás do escritório e golpeou o computador. Possivelmente podia encontrar algo útil nos expedientes do computador. Sua busca na biblioteca não tinha revelado nada. O telefone no escritório soou. Genial, outra mulher. Toni rapidamente tomou seu nome e número, logo desligou de que Britney expusera dez razões pelas que Ian era quente.

Enquanto isso, o operador do hospital voltou em seu móvel. —Foi dada alta a Sabrina Vanderwerth.

Uma lasca de alarme se arrastou pela coluna do Toni. — Mas a vi a noite passada. Quando foi dada a alta?

— Não estou capacitado para dar nenhuma informação pessoal.

— Espere, — começou Toni, mas o tom de marcação assinalou que tinha sido cortada.

O telefone no escritório soou. — Arhg! —Toni rapidamente tomou o nome e o número de outra garota que pensava que Ian era quente. Logo marcou o móvel da Sabrina.

Depois de sete tons, foi transferida para o atendedor de chamadas. — Bri, sou Toni. Acabo de ouvir que lhe deram a alta do hospital. Chame-me. — Comprovou as mensagens de seu telefone. Nada de nada. Onde estava Sabrina?

O telefone do escritório soou outra vez. Esta vez era a Toya quem pensava que Ian era quente. Logo Michelle, e logo Lauren. Aparentemente o tio bom do Ian se estava convertendo em legendário.

— Isto é muito, — grunhiu Toni. Usou o telefone da casa para chamar a seu apartamento. Possivelmente Sabrina havia tornado simplesmente a casa, e estava preocupada com nada.

O telefone soou até que respondeu a secretária eletrônica. — Bri, está aí? Chame-me, estou preocupada com ti.

Chamou o Carlos ao da porta do lado. — Ouviste o da Sabrina?

— Não, o que acontece?

— Deram-lhe a alta do hospital, mas não sei onde está.

Houve uma pausa, logo Carlos falou, sua voz mais profunda do habitual. — Toni, precisa me dizer o que está passando.

— Fá-lo-ei, esta noite, quando sair do trabalho. — Toni desligou, logo o telefone instantaneamente soou.

— Maldição! — Agarrou o receptor. — O que?

— Bom dia. Sou Travis Buckley.

Uma voz de homem. — Sim? O que acontece?

— Está Ian MacPhie aí?

Toni piscou. — Você... Quer falar com o Ian?

— OH sim, carinho. Vi sua foto em *Single in the City,* e pensei que era tão...

— Quente?

— Exatamente. — Riu Travis.

Toni escreveu seu nome. — Eu adorarei lhe dizer que chamou.

— Super. —Travis lhe deu seu número. — Acredito que ele é superquente.

— OH, totalmente. — Toni pendurou, logo esfregou as têmporas. — Isto não pode me estar passando. Estou pega à Zona do Crepúsculo. — Girou-se para o computador e teclou em *Meus Documentos*. Uma caixa de segurança surgiu na tela, perguntando pela contrassenha.

— Maldição. — Se não fosse tão idiota com a tecnologia, poderia passar isto, mas não tinha uma chave. OH bom, inclusive se encontrasse um documento onde um montão de Vampiros confessaria ser reais, atualmente provaria algo? Ninguém podia escrever semelhante tolice e reclamar ser certo.

Falando de falsas reclamações, precisava comprovar o expediente do Ian em *Single in the City.* Foi fácil encontrá-lo. Estava na página principal numa lista dos dez mais populares. Sua foto era genial, mas seu expediente soava como um Dom Juan com o Viagra. Quanto mais lia, mais sentia que o vapor saía por suas orelhas.

O telefone soou outra vez. E outra vez. E outra vez. A lista de nomes era agora de trinta e quatro garotas e dois meninos que pensavam que Ian era mais quente que o magma líquido. Como localizaria a Sabrina? Ou estudaria para o seu exame final?

O telefone soou outra vez. Ela o levantou bruscamente. — Sim, Ian está quente! Mas terá que esperar seu turno.

— Genial. — A garota explorou um chiclete. — Não me importa compartilhar. Está num grupo de sexo?

Toni fez uma careta. — Terá que lhe perguntar isso.

— Vale. — Ela explorou seu chiclete. — Assim que quem é?

— Sou... Seu oficial de liberdade condicional.

— Genial. Tenho um desses, também. Consegue danificar a solicitude.

— Odeio quando isso ocorre.

— Sim. Este Ian, realmente é tão rico como diz seu expediente?

Toni chiou seus dentes. — Só me dê seu nome e seu número. — Escreveu a informação e golpeou o receptor. — Não o atenderei mais!

Ela olhou na gaveta do escritório e encontrou um grande permanente negro para marcar. Entrou no dormitório e olhou ao Ian. — Se eu falhar minhas metas, será tua culpa! — Estirou sua camiseta branca através de seu peito duro como uma rocha e musculoso, logo escreveu em letras maiúsculas QUENTE, QUENTE DELICIOSO E VIRIL. Debaixo escreveu, *Para um bom tempo, chama o Travis.*

Logo baixou as escadas para o primeiro piso, e se girou para a secretária eletrônica. Aos vampiros não gostaria, mas ela não atiraria à merda seu último exame pela vida amorosa de Ian. Quando desceu ao porão, ouviu o telefone soar outra vez. Os meninos no porão estavam bem, assim chamaria o Howard para o relatório das dez em ponto. Explicaria pela secretária eletrônica, e ele estaria de acordo.

Enquanto comia seu almoço na cozinha, o telefone soou doze vezes mais. Ainda estava soando quando subiu as escadas a seu dormitório. Desconectou o telefone ali para poder estudar em paz. Comprovou os meninos outra vez a uma e as quatro P.M. depois de seu informe da tarde.

Também chamou o hospital e falou com uma enfermeira da planta onde Sabrina tinha

estado. A enfermeira admitiu que Sabrina fora com sua família, mas não disse mais que isso. Tinha que ser a tia e o tio da Sabrina, desde que eram a única família que Sabrina tinha. Toni não podia recordar seu sobrenome. A informação estaria no apartamento. Enquanto isso, Sabrina não devolveu a chamada, assim Toni continuou preocupada com ela.

As quatro e quinze, Toni trocou o uniforme e desceu à cozinha para tomar um aperitivo. Seria capaz de ir-se depois de que os meninos despertassem, o qual seria em qualquer minuto agora. Felizmente, o sol se ocultava cedo em Dezembro.

— Boa tarde. — Dougal entrou na cozinha, seguido por Phineas. Dirigiram-se diretos à geladeira buscar algumas garrafas de sangue.

— Hey, meninos. — Ela terminou sua salada. — Dormiram bem?

A porta de abriu de repente, e Ian entrou. Franziu o cenho a Toni e golpeou uma mão contra sua camiseta marcada a negro. —Que demônios é isto?

Capítulo 4

Ian tinha esquecido o quanto bonita era Toni — o bastante bonita para codificar seus pensamentos por um segundo. Mas não importava o brilhante e dourado que fora seu cabelo, nem como de rosa e doce se curvasse sua boca. Ou como seu pulôver verde fazia jogo com o verde de seus olhos. Qualquer guarda, que escrevesse um grafite num Vampiro que estivesse dormindo não era um guarda no que se podia confiar.

Phineas jogou uma olhada e arrojou seu café da manhã por todo o balcão da cozinha. Logo começou a rir. Dougal, ao menos, estava tratando de afogar sua risada.

— Puaj. — Toni fez uma careta no caos sangrento.

— Não se preocupe, doçura. Limpá-lo-ei. — Phineas agarrou uma esponja da pia da cozinha. —Conseguiu o melhor.

— Eu não chamaria a isto o melhor. — Ian franziu o cenho a Toni. Ela não tinha respondido a sua pergunta. Sentou-se na mesa, jogando com um guardanapo de papel, enquanto que um rubor rosa arrasava suas bochechas. O aroma de sangue apressado acendeu sua fome. Suas gengivas se estremeceram. Seu estômago deu ferroadas. Foi para a geladeira, tomou uma garrafa de sangue sintético, e a engoliu fria.

Ela enrugou seu pequeno nariz bonito. — Está-a bebendo fria?

— Está-me oferecendo algum quente? — Grunhiu.

Suas bochechas cresceram a um vermelho brilhante. — Não, é óbvio que não.

— Por que estás tão zangado, irmão? — Phineas limpou o balcão. — Eu seria feliz se Toni escrevesse em minha camisa. Merda, poderia escrever sobre mim todo o dia.

— Não usa camisa dormindo, — murmurou Toni.

— Aha! — Phineas lhe sorriu. — Estiveste admirando meu impressionante corpo enquanto dormia. Sabia. As mulheres não podem resistir ao Dr. Phang. — Enxaguou a esponja, e logo voltou

para seu trabalho. — Deveria me escrever notas de amor.

— Não são notas de amor, — protestou Toni.

— Isso é seguro, — queixou-se Ian. — Estou definitivamente… não" *interessado no Travis*".

Phineas bufou, logo apontou e atirou a esponja para a pia. — Dois pontos! Olhe, estive lhes dizendo que deixem de usar essas saias. Dá sinais mistos, se souber o que quero dizer.

Dougal franziu o cenho. — O Kilt é uma excelente tradição varonil, entre os escoceses.

— Eu mais ou menos opino como eles, — reconheceu Toni.

Gostava de seu Kilt? Ian sempre tinha considerado que o tartan MacPhie era um dos melhores. Ou talvez tivesse gostado do que havia por baixo. Ele se golpeou mentalmente. Esta garota o distraía com muita facilidade. — Não respondeste a minha pergunta. — Golpeou-se o peito. — Por que diabos fez isto?

Ela levantou o queixo. — Admitirei agora que foi um engano, mas nesse momento, estava muito zangada contigo.

— Zangada? — Ian lhe deu um olhar de incredulidade. — O que poderia ter feito para que te zangasse? Estive morto todo o dia.

— Estava vivo na Internet. A gente estava olhando o *Single in the City*, e o telefone não parava de sonar. Tenho meus próprios problemas para confrontar, assim...

— Mulheres estão-me chamando? — Ian a interrompeu. Não podia acreditar. O plano da Vanda estava funcionando.

Toni lhe lançou um olhar de chateio. — Não viu as mensagens que te deixei escada acima? Na mesinha de noite?

— Não, estava distraído com isto. — Apertou uma mão contra seu peito. Queria seguir zangado, mas o pensamento de mulheres que o perseguiam em realidade era incrível.

— Estão mulheres me chamando?

Toni se queixou, e logo levou seu prato a pia. — Sim, senhor Super Ego. Quarenta e três mulheres e dois homens, para ser precisa. E isso foi antes das 10 A.M.

— Dois homens? — Phineas soltou uma risada.

Ian murmurou algumas palavras em gaélico que fez rir ao Dougal. Seu entusiasmo inicial foi desaparecendo, agora se dava conta de que todas as mulheres que tinham chamado durante o dia eram mortais. Nenhuma delas o poderia fazer.

O telefone soou, e Phineas o alcançou.

— Não te incomode. — Toni voltou para a mesa onde tinha deixado um pouco de roupa na parte traseira de uma cadeira. Enrolou o lenço verde ao pescoço. — É provável que seja outra mulher desesperada. A secretária eletrônica os recolhe desde esta manhã.

— Mas poderia estar quente! — Phineas levantou o receptor. — Olá, — disse numa voz profunda e sexy. — Você chegou à morada de luxo do Dr. Phang, o doutor amor. Diga-me onde te dói, carinho.

— Toni, — Dougal falou em voz baixa. — Supõe-se que temos que responder o telefone durante o dia. Não queremos que a gente pense que a casa está vazia.

— Sei. — Ela colocou seus braços na jaqueta. — Mas...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não, Travis, não me interessa! — Phineas estrelou o telefone. — Merda.

Toni soprou. — Olhe vê o que me refiro? É por isso que Howard acessou a me deixar usar a secretária eletrônica.

Enganchou a bolsa sobre seu ombro. — Meninos nos vemos mais tarde.

— Aonde vai? — Perguntou Ian.

Não lhe fez caso e saiu da cozinha, deixando a porta giratória movendo-se a seu passo.

— Maldita seja, — grunhiu Ian. Tomou o resto de seu café da manhã frio, e logo pôs a garrafa na pia e se dirigiu à porta da cozinha.

— Ian. — Dougal o deteve. — Não a perseguirá lá fora. Necessitamos desesperadamente guardas mortais nos quais possamos confiar.

Assinalou a sua camiseta. — Que te faz pensar que possamos confiar nela?

— É uma boa boxeadora, e tem boas razões para odiar aos Malcontents, — respondeu Dougal.

— E não nos matou no sono, — adicionou Phineas. — Ainda.

— Isso é alentador. — Ian se dirigiu para o vestíbulo e encontrou Toni na porta, golpeando os botões do painel de segurança. —Não pode sair.

— Não vejo por que não. Estou fora de serviço. — Terminou o código para liberar o alarme, logo agarrou o pomo da porta.

— Preciso falar contigo.

— Eu não quero fazê-lo. — Ela fez um gesto para a secretária eletrônica. —Mas há centenas de mulheres que o querem fazer.

— Está exagerando.

Partiu através do vestíbulo para o aparador, onde se encontravam o telefone e a secretária eletrônica. Apertou um botão e uma voz masculina robótica falou:

— Há trezentos e quatorze mensagens.

A boca de Ian ficou aberta.

Toni lhe deu um sorriso sabichão, então se aproximou de novo à porta principal. — É melhor que se ponha a trabalhar. Vai-te levar horas devolver todas essas chamadas.

— Eliminá-las-ei.

Voltou-se lentamente para ele. — Não vais responder?

— Chamam durante o dia, por isso devem ser mortais.

— Por Deus, é um esnobe arrogante!

Ficou rígido. — Não é uma questão de arrogância. É a realidade.

— Sua realidade! Crê que é muito bom para os simples mortais?

— Não presuma saber o que estou pensando.

Seus olhos se estreitaram. — Está bem. Vamos e atendermos aos fatos. Estas são pessoas reais que chamam com sentimentos reais. Só um caipira pomposo lhes negaria a cortesia de uma resposta.

Aproximou-se dela. — Não me dê sermões sobre a cortesia, não o faça quando escreveu este lixo sobre mim enquanto eu dormia.

— Estava zangada! — Ela deu um passo na sua direção, e suas bochechas cada vez ficavam mais ruborizadas. —Tive que suportar horas de pessoas gemendo, *OH, Ian é tão quente*! Tem sorte de que só escrevesse em sua camiseta. Quase vomitei nela!

Tinha problemas para concentrar-se em suas palavras, porque seu sangue rápido chegava totalmente a seu nariz, e suas palpitações rápidas golpeavam sua cabeça. Só ao olhar se perdia nas profundidades ardentes verdes de seus olhos fazendo que sua audição se embotasse. O aroma de seu sangue em combinação com a fragrância de seu cabelo e pele, nunca tinha respirado um ar tão doce.

Ela deu um passo atrás. — O que acontece? Seus olhos parecem um pouco estranhos.

Esforçou-se por pensar. Por que ter todas essas chamadas à fez zangar-se? Então, um repentino pensamento o golpeou. — Estava ciumenta.

— O que? — burlou-se ela. — Não seja ridículo.

Referiu-se às palavras no peito. — Não queria a outras mulheres dizendo que era atrativo.

— Nunca lhe chamaram atr... — Ela deu um coice. —Tenho-me que ir. — Moveu-se para a porta.

Ele a seguiu. — A parte de atrativo foi tua ideia?

— Não era como um elogio, — murmurou.

Ele sorriu. — Mas em sua honesta opinião o sou, não?

Agarrou o pomo da porta. — Tenho coisas que fazer, lugares aonde ir.

Plantou uma mão na porta. — Por exemplo?

— Não é teu assunto.

Seu sorriso se desvaneceu. — Nunca me disse seu nome completo. Ou por que aceitou ser guarda?

— Disse-lhe isso, um bom salário e alojamento e comida grátis.

— E eu te disse que não confiava. Está ocultando algo.

Seus olhos brilhavam de fúria. — Fiz um juramento para proteger sua pele egoísta.

— Por que nos protege quando você não gosta?

Ela arqueou uma sobrancelha. — Talvez seja só você o que eu não gosto.

Seu olhar se desviou por cima de sua cara, e logo para baixo sobre sua jaqueta até os quadris e seu jeans ajustados. — Posso dizer quando está mentindo, moça. Posso ouvir seu coração acelerado e o aroma do sangue movendo-se a sua cara.

Suas bochechas se voltaram de cor rosa. — Não tenho que me explicar ante ti.

— Está bem. Então não tenho mais remédio que investigar. — Soou o telefone, distraindo-o. — Não vá, — advertiu-lhe, e logo se dirigiu para o telefone.

Toni fez um ruído frustrado detrás dele, e ele olhou para trás. Com um gesto de impaciência, liberou o cabelo do cachecol que o tinha imobilizado. Os fios dourados se desabaram ao redor de seus ombros. De algum jeito, os arrumou para fazer que um movimento simples a fizesse elegante e formosa.

A secretária eletrônica, e a voz de uma mulher encheu o vestíbulo. — Ian, acabo de ler seu perfil, e eu adoraria te conhecer. Está aí? Agarra-o!

Alargou a mão para o receptor, logo vacilou.

— O que acontece? — Perguntou Toni.

— Não sei o que dizer.

Ela soltou um bufido. — Que tal olá?

A pessoa que chamou lhe deu seu nome e número de telefone.

— Não é tão simples. — Ian não podia dizer se esta mulher era uma vampira, e não era algo que podia perguntar. Merda. Teria que ficar efetivamente com todas as mulheres que chamassem de noite. No momento em que ele as visse, saberia se estavam vivas ou mortas. Mas e se havia centenas delas?

A mulher pendurou o telefone, o telefone voltou a soar.

Passou uma mão pelo cabelo. — Isto é muito. Terei que deixar a Vanda fazer isto.

— Vanda? — Perguntou Toni. — Ela é outra noiva?

— Uma amiga. Ela escreveu meu perfil e me pôs no lugar das entrevistas. Só tinha a intenção de ajudar, mas...

— O que? — Toni caminhou para ele. — Não escreveu seu próprio perfil?

A voz de outra mulher entrou na secretária eletrônica.

Ian baixou o volume para poder falar com a Toni. — Deixei que Vanda o escrevesse. Disse que sabia o que as mulheres queriam ouvir. Suponho que o faz, já que muitas estão chamando.

Toni enrugou o nariz. — Não é o que eu quereria ouvir. Nunca tenho lido tolice como essa em toda minha vida.

— Leu meu perfil?

Colocou seu cabelo detrás da orelha. — Tinha curiosidade. Quer dizer, centenas de mulheres chamaram. Queria saber o que as tinha excitado tanto.

— E pensava que era uma tolice?

— É óbvio. *"Meu verdadeiro amor será como uma princesa resplandecente, iluminada pelas estrelas em meu castelo encantado das Highlands*". E vou ser seu escravo devoto de amor, atendendo a cada um de seus desejos de vigília até que esteja alagada de ondas de prazer sensual. OH, o êxtase! O êxtase! As náuseas! — Toni assinalou sua boca como se queria induzir o vômito.

Ian fez uma careta. A prosa da Vanda soava muito dramática, mas então a reação da Toni parecia um pouco exagerada, também. — É interessante que recorde as linhas de cor. Sinto-me adulado de que o tenha estudado com tanto cuidado.

Sua boca se abriu, e logo se fechou de repente. — Deve pôr a Vanda a fazer algumas edições sérias. A forma em que está redigida agora, não soa muito varonil...

Ele arqueou uma sobrancelha. Estava-o desafiando de novo? — Jogar-lhe-ei uma olhada esta noite.

— Ainda não o leu?

— Não. — Encolheu os ombros. — Estou seguro de que Vanda fez um trabalho melhor do que eu jamais poderia.

Toni lhe deu um olhar suspeito. — Não é como se fosse modesto. — Seus olhos de repente se ampliaram. — OH meu Deus! Está nervoso por ter entrevistas?

Tragou saliva. Ela tinha dado no prego. — É… difícil de explicar.

— Como pode estar nervoso? Não estiveste seduzindo às mulheres durante anos, assim poderia obter seu... Sangue?

— Isso foi diferente. Estou procurando a meu verdadeiro amor agora, a mulher com a que vou casar-me e passar o resto de minha vida com ela. Não estou realmente seguro de como encontrar a mais adequada. Há muitas para escolher.

— Sim, é uma árdua tarefa. — Seu olhar cresceu em simpatia. — Mas não deve se preocupar. O irás fazê-lo muito bem. Só necessita um pouco de prática. Fê-lo muito bem ontem à noite, quando paquerou comigo.

— Você gostou?

Seus olhos se endureceram. — Eu não diria isso.

Ele inclinou a cabeça. — Você é uma mulher.

— Brilhante, Sherlock. Deve ser um investigador profissional.

Sorriu. — Sou-o, na realidade. Essa é minha área de especialização. — Deu-se conta do olhar cauteloso que de repente apareceu em seus olhos. Estava preocupada com o que poderia descobrir sobre ela? — Disse-me que necessitava mais prática. Vais deixar que pratique contigo?

Olhou para a porta. — Tenho que ir.

— Só levará alguns minutos. — Ele fez um gesto para a sala. — Agradecê-lo-ia muitíssimo.

Podia ver as rodas girando detrás de seus olhos verdes encantados. Talvez estivesse bem e de bom humor, esquecer-se-ia de investigá-la? Possibilidade remota. Ela era muito intrigante.

— Poderia lhe dedicar uns minutos, suponho. — Caminhou lentamente para a sala.

— Obrigado. — Ele esperou que ela deixasse cair sua bolsa no sofá, e logo tirou a jaqueta.

Quando se sentou no bordo da almofada do sofá, sentou-se a seu lado.

Olhou com receio para ele. — Não estou segura de que realmente o necessite. Ontem paquerou muito bem.

— Não me tinha dado conta do que estava fazendo até que me falou disso. Devo ter estado distraído por todas as outras emoções que estava sentindo. — Como suspeita. E luxúria.

— Então provavelmente o fará muito bem, sempre e quando não for automaticamente-consciente.

— Talvez. Ou poderia ser mais fácil contigo, já que não importa.

Ela ficou rígida. — Porque sou um mortal e inferior a ti?

— Não! — O que a fez tão delicada acerca disso? Houve alguém reduzindo seu ego no passado? — Toni, apenas te conheço, mas não posso ver algo remotamente indigno em ti. Algum homem será bento e honrado de receber seu amor.

Seus olhos se abriram.

— Só quis dizer que não temos que nos preocupar de como nos sentimos um com o outro. Que não importa porque não podemos ter uma relação. Vai contra as regras.

— De acordo. — Ela se inclinou para trás e cruzou os braços. — Está bem. Já que não pode ser afetado de maneira nenhuma, vamos ver o que pode fazer. Tenta usar seu melhor sex appeal, comigo.

— Sex appeal? Que demônios é isso?

Ela se moveu para ele. — Vê-me num bar. Sou uma sexy, dama Vampira com um magnífico conjunto de presas... Assim faz seu movimento... — Ela o olhou, esperando.

Suave e encantador. Isso tinha funcionado para o Jean-Luc. — Boa noite, senhorita. Tem um aspecto muito atraente esta noite.

— Obrigada. — Entrecerrou os olhos. — Que bom tempo que estamos tendo.

— Muito certo. Um pouco de frio, talvez.

— De fato, Sra. Darcy. Temo que as ovelhas tremam na charneca. — Ela fez uma careta.

— De que século vem?

— Do décimo sexto, mas me ajustei ao longo dos séculos.

Ela se burlou. — Não o suficiente. Ainda está por detrás uns duzentos anos.

— Estava tratando de ser encantador.

— O Príncipe Azul já não é um herói. Não viu Shrek?

Não sabia do que estava falando. — Acredito que o encanto nunca passa de moda. Funcionou para o Jean-Luc.

— Não o conheço. Olhe, tem que soar mais moderno. Mais cool. Tenta-o de novo.

Procurou em sua mente as palavras adequadas. — Yo, mamãe quente, vamos a baixo?

Ela pôs-se a rir. — Agora fala como Phineas, exceto que acaba de dizer, 'Vamos às dunas'. OH Deus, o acento é tão divertido.

— Obrigado. — Lhe dirigiu um olhar irônico. — Talvez possa pronunciar mal para ter os afetos de uma dama.

Toni sorriu. — Ainda soas passado de moda.

— É isso tão mau?

Ela inclinou a cabeça, tendo-o em conta. — Suponho que depende da garota. A algumas garotas gostam de ter a um homem abrindo as portas para elas. Entretanto, muitas mulheres modernas interpretam o comportamento cavalheiresco como grosseiro. Podemos abrir a maldita porta por nós mesmas. Consideram-nos o sexo débil.

— Então interpretaste mal meus motivos. Abriria as portas para mostrar respeito, sem lhes faltar o respeito.

— Mas, realmente respeita às mulheres? Não fomos só o jantar durante séculos?

— Foram minha salvação. Nunca poderia ter sobrevivido sem vocês.

Seus olhos se abriram. — Vemos as coisas de maneira muito diferente um do outro.

— Isso só o faz mais fascinante para mim. — Ele olhou a seus olhos e viu uma mescla de emoções lutando uma contra a outra. Era tão formosa. Assim que se decidiu a ser duro e ocultar suas feridas.

Assustar-se-ia ela se soubesse quão atraído se sentia para ela? —Nunca te faria mal, moça. Só espero que saiba.

Ela se apartou de repente e olhou para outro lado. — Estava usando o controle mental sobre mim?

— Não.

— Então, por que estou...? — Deu-lhe um olhar cauteloso. — Não importa.

Sentiu ela essa sensação, também? Este puxão estranho entre eles. Estirou um braço ao longo da parte posterior do sofá. — Me diga, Toni, quando se trata de sair com uma garota moderna, seria correto que a beijasse na primeira entrevista?

Ela pôs sua bolsa em seu regaço. — Um beijo na bochecha estaria bem. Ou um beijo rápido quando for dizer adeus.

— E se quiser mais?

Tinha as bochechas avermelhadas. — Se quer saltar logo para a cama, é sua escolha.

— Só me estava referindo a um mais profundo, e satisfatório beijo. Mas desde que você tem pressa em te colocar em minha cama...

— Acredito que tiveste suficiente prática. — Ela saltou sobre seus pés e vestiu seu casaco.

— Obrigado. Isto foi muito educativo.

— De acordo. — Ela pendurou sua bolsa sobre seu ombro. — Acredite-me, irá bem com a entrevista. — Ela se dirigiu à porta principal.

— Isso é bom. Tenho duas entrevistas esta noite.

Olhou para trás. —Duas?

Estava ciumenta? — As noites são compridas. Ver-te-ei pela manhã antes do amanhecer. Ainda temos que falar.

Ela sacudiu a cabeça enquanto agarrava o pomo da porta. — Não há nada do que falar.

— Tenho perguntas que necessitam resposta.

— É muito intrometido.

— Se te negar a falar comigo, terei que investigar.

Seus olhos brilhavam de fúria. — Por que não me deixa em paz?— Foi, fechando a porta detrás dela.

Essa era uma boa pergunta. Ele tinha duas entrevistas esta noite e um montão de chamadas telefônicas que devolver. Mas por alguma razão, não podia só deixar Toni sair. Enchia seus pensamentos. Desejava-a, mas era mais que luxúria. Ela era um mistério. Um mistério formoso e inteligente. E era condenadamente divertido paquerar com ela.

Tteletransportou-se ao quinto andar para tomar banho e trocar-se. Primeiro iria ver o Connor no Romatech e começaria sua investigação. Havia um par de horas para matar antes de reunir-se com suas entrevistas *no Horny Devils*.

No quarto de banho, tirou a camiseta, e logo olhou as palavras que Toni tinha escrito. Poderia realmente estar ciumenta de que muitas mulheres o desejassem? Ou simplesmente queria que estivesse ciumenta? Uma coisa era segura. Estava totalmente intrigado por essa formosa mulher guarda.

A Regra de ouro do Angus MacKay se repetia no fundo de sua mente. Um guarda nunca deve envolver-se romanticamente com suas cargas. Ela estava proibida. Ela era mortal.

— Por todos os demônios. — Ele atirou a camiseta ao lixo.

Capítulo 5

Jedrek Janow se movia lentamente através de seu novo escritório na Casa de Reunião Russo—Americano do Brooklyn. Até o momento, tudo bem. Seu dispositivo eletrônico de detecção não recolhia nenhum engano. Quando tinha chegado à noite da terça-feira, tinha encontrado uns poucos. Suspeitava-se que havia uma toupeira em seu Aquelarre, mas até que encontrasse ao filho de puta, manter-se-ia comprovando o escritório cada noite.

A deslealdade e a incompetência não seriam toleradas. Como o novo amo, tinha-o deixado claro a última noite pelo que esperava mais deste Aquelarre. Qualquer membro que não estivesse disposto a morrer para conseguir seus objetivos bem poderia morrer agora. Tinha interrompido seu discurso estacando a um membro do Aquelarre que não tinha parecido corretamente impressionado.

Esse simples ato tinha feito maravilha para a motivação de todo o mundo. Os homens se ofereceram para caçar por ele. As mulheres se ofereceram a enrolar-se com ele. Todas exceto uma. A morena, Nádia, tinha-o olhado aterrada.

Assim, é óbvio, tinha-a selecionado. Ele sorriu, recordando a hora brutal que tinha passado com ela. Quando finalmente tinha deixado de escapulir-se entre lágrimas, tinha desfrutado da certeza que seu medo para ele tinha crescido. Ela ainda tinha algum espírito, entretanto. Ele o romperia muito em breve. Era uma partida que tinha desfrutado muitas vezes ao longo dos séculos.

Terminou de examinar a habitação. Estava limpo, e ficaria dessa maneira agora que estava no comando. Os Mestres do Aquelarre anterior tinham sido idiotas. Ivan Petrovsky tinha terminado traído e assassinado por seu próprio Aquelarre. Katya Miniskaya fazia um montão de dinheiro, só para esbanjar tudo num patético intento de matar a um ex-amante que lhe tinha dado cabaças.

Nem Ivan nem Katya tinham reconhecido o que era verdadeiramente importante. Quando Roman Draganesti invadiu este edifício durante o dia para resgatar a um de seus guardas, Ivan tinha aumentado simplesmente o número de guardas de dia. Que idiota! Draganesti tinha estado acordado durante o dia. O importante tinha evadido completamente Ivan. E a Katya.

Um vampiro que podia manter-se acordado durante o dia poderia dominar o mundo. Todos os vampiros têm que inclinar-se ante ele por temor a ser assassinados durante seu descanso diário.

— Mestre? — Yuri bateu na porta. A porta estava aberta, mas tinha medo de entrar sem que Jedrek lhe desse a permissão.

Bem. Estavam aprendendo rápido. Jedrek se sentou detrás de seu escritório e deixou cair o detector de micros numa gaveta. —Entra.

— Tenho o relatório e as fotos que solicitou.

— Me mostre.

Yuri dispôs algumas fotos digitais no escritório. — Isto é Romatech e alguns dos vampiros que ali trabalham.

Jedrek reconheceu as fotografias do Draganesti e seu guarda-costas, Connor Buchanan.

— Quem é este?

— Gregori Holstein. Um vice-presidente do Romatech.

— Onde está a informação sobre a casa Draganesti?

Yuri tragou saliva. — Não fomos capazes de encontrá-la. Ainda, — adicionou rapidamente em resposta aos reflexos do Jedrek. — Aqui estão algumas fotos de sua casa no Upper East Side.

Jedrek olhou através deles. Havia um escocês com saias e um jovem negro com o uniforme MacKay.

Yuri assinalou a foto de um terceiro homem. — Este homem chegou ontem de noite. Não estamos seguros de quem é. Não coincide com nenhuma de nossas fotos anteriores.

Jedrek estudou a imagem de um jovem numa saia vermelha e verde. — Outro maldito Highlander. Juro que MacKay tem um fornecimento infinito deles. — Tomou a última foto de uma moça e loira. — Quem é esta? Sua puta?

— Talvez. — Yuri trocou seu peso. — É mortal.

— Como pode dizê-lo?

— Eu... Reconheço-a. Alimentou-me na noite da segunda-feira.

Jedrek pôs sua imagem para baixo. — Não foi à noite em que deixou que Sashenka se sacrificasse?

— Connor Buchanan o matou, — disse Yuri rapidamente. — Tínhamos tudo sob controle até que se levantou.

Jedrek franziu os punhos. — Eram três contra um. Deveriam matar ao condenado escocês. Que pingente a respeito da incompetência?

Yuri empalideceu. — Não será tolerada.

Jedrek olhou para o homem, permitindo que o medo do Yuri crescesse à medida que os segundos passavam. Respirou fundo. Adorava o aroma do medo. — Tem sorte de que o evento acontecesse antes de me converter em Mestre. Tenho fome agora. Traga-me um mortal.

— Sim, Senhor. — Yuri fez uma reverência. — Agora mesmo.

Jedrek passou um dedo sobre a cara da garota na foto. — Traga-me uma loira. Hão-me dito que é mais divertido.

Depois de uma viagem em metro e um curto passeio por Washington Square, Toni chegou ao apartamento do segundo piso que compartilhava com a Sabrina. Deixou cair sua bolsa e as chaves na mesa de café, logo tirou a jaqueta e a atirou e seu cachecol no assento para dois. O gato da Sabrina, Vanderkitty, saltou da poltrona e se enredou ao redor das pernas da Toni.

— Oi, Van. — Toni esfregou detrás das orelhas do gato listrado de cor laranja. — Viu a sua mamãe?

Van deu um olhar de chateio, e logo partiu à cozinha para assumir uma pose majestosa por sua tigela de mantimentos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não me venha com isso. Sei que Carlos esteve te alimentando. — Toni apareceu dentro do dormitório da Sabrina.

Parecia o mesmo que no domingo passado — os jeans no chão, os livros de texto que estavam abertos através da colcha de chenilla de cor púrpura. Antes de sair à noite do domingo, Sabrina tinha passado a maior parte do dia estudando para os finais dessa semana — finais que perdeu. Toni tinha visitado todos os professores da Bri na segunda-feira para explicar por que Bri estaria ausente. Que ia ausentar se de suas cinco classes.

Era como se a vida da Sabrina se congelara repentinamente no tempo, e sua habitação, junto com ela. Toni se perguntou se sua vida nunca seria a mesma.

Acendeu o abajur de noite, então escavou na primeira gaveta da mesinha de noite da Bri. Seu coração se apertou quando viu um cartão de aniversário que Bri tinha mantido. Toni lhe tinha dado fazia anos. Foi a primeira vez que tinha comprado um cartão que estava dirigida a "*Irmã".*

Quanto a Toni se referia, Bri era sua irmã. Tinham sido melhores amigas durante dez anos. Passavam seus dias livres e as férias juntas. Deus sabia que suas famílias reais não as queriam.

Pelo qual era tão estranho para a Bri saísse do hospital com sua tia e seu tio. Toni tinha ouvido tão pouco a respeito deste casal nos últimos anos, que nem sequer podia recordar seus nomes completos. Joe e isto Gwen ou o outro, que de vez em quando se lembravam de enviar a Bri um cartão de Natal. Por que haviam de repente desenvolvido um interesse por sua sobrinha?

Toni encontrou um livro de direções de cor rosa difuso e folheou as páginas. Era triste ver como alguns nomes estavam no livro. Ainda mais triste quantos nomes tinham sido traçados nos últimos anos. Pobre Bri. Era muito difícil para ela encontrar a gente em que pudesse confiar.

Toni levou a caderneta de direções de novo à sala de estar e se deixou cair no assento para dois. Vanderkitty saltou à parte de atrás de seu assento para encarapitar-se perto da Toni.

— Sente falta da sua mamãe? — Toni interpretou o ronrono forte como um sim. — Sim, eu também.

Passou através das páginas da caderneta de direções. — Aha! — Sob a PS, encontrou-se com o Dr. Joe Proctor e Gwen, que vivia no Westchester. Esses tinham que ser, embora Toni não soubesse que o tio Joe era médico.

Tornou-se sobre o braço do sofá perto do telefone sem fio sobre a mesa e se deu conta da piscada da luz de mensagens. Quatro mensagens. Três eram dela, já que tinha chamado três vezes. Talvez a quarta fosse da Bri.

Toni apertou o botão de reproduzir e escutou sua voz crescer cada vez mais preocupada com cada mensagem. Finalmente a última mensagem.

— Bri, sou Justin. Tem que me perdoar, neném...

De acordo. Toni deixou as mensagens. Logo marcou o número dos Proctors. Que tipo de médico era ele? Um proctologista? Seu ronco se viu interrompido por uma voz feminina com acento hispano.

— Residência do Dr. Proctor.

— Olá. Sabrina está aí? — Toni ouviu vozes apagadas no fundo.

Uma voz diferente ficou ao telefone. — Boa noite. Sou Proctor Gwen.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sou Toni, companheira de quarto da Bri. Eu gostaria de falar com ela.

— Temo que não seja possível neste momento. Está dormindo, e nós não gostaríamos que despertasse, pobre querida. Passou por uma experiência terrível.

Diga-me isso. Toni tinha sobrevivido a um ataque de vampiros, também. — Está bem?

— Sim, é óbvio. — Um calafrio definitivamente se deslizou na voz da Gwen. — Obrigado por chamar.

— Pode lhe dizer que me chame quando despertar?

— Não queremos incomodá-la em seu delicado estado de saúde.

Isso era um não? — Bri quererá falar comigo.

— Talvez, mas você não está qualificada para falar com ela corretamente. Meu marido é um excelente psiquiatra, um perito no tipo de psicose severo que Sabrina está sofrendo neste momento.

O estômago do Toni caiu como se se tragasse um tijolo de cimento. — Bri não é uma psicótica.

Houve uma pausa, onde Toni pôde ouvir um sussurro.

— Sra. Davis? — Uma voz masculina brusca ficou ao telefone. — Sou o doutor Proctor, o tio da Sabrina. Posso assegurar que está recebendo a melhor atenção disponível.

— Só quero falar com ela.

— Dadas as circunstâncias, não posso permitir isso.

O punho da Toni se apertou ao redor do receptor. — Olhe, ela tem vinte e três anos. Não pode decidir a quem fala.

— Não seria uma influência positiva sobre ela neste momento, — respondeu com calma. — A pobre menina acredita que foi atacada por vampiros.

Toni apertou os dentes. — Sim, sei...

— E teme que voltem a lhe fazer mal outra vez. Estamos lhe dando um ambiente seguro para sua recuperação.

— Isso está muito bem, mas ainda quero falar com ela.

— A última vez que falou com você, pediu-lhe que demonstrasse que seus atacantes eram vampiros reais, — continuou o Dr. Proctor. — E você esteve de acordo.

— Ela estava ferida numa habitação de hospital. Como podia dizer que não?

— Não posso permitir que fale com qualquer um que a escute nesses delírios paranoides. Você põe gravemente em perigo o progresso que temos feito.

Toni tragou saliva. — O que lhe está fazendo?

— Lhe dando o cuidado de peritos. Boa noite. — Pendurou.

— Espere! — Toni olhou no receptor. — Idiota!

— Espero que não te refira a mim.

Surpreendida, Toni saltou em seu assento, logo se voltou para o homem que subia através da janela da cozinha.

— Carlos! — Arreganhou a seu vizinho do lado. — Quanto tempo estiveste aí, escutando?

— Suficiente.

— Nesse caso, referia a ti. — Pendurou o telefone. Agora que o pensava, alegrava-se de ter sido espiada. Necessitava um amigo em quem poder confiar, e com a Sabrina fora, Carlos era tudo o que ficava.

Não era a primeira vez que lhe aparecia assim de repente. O homem se movia com uma graça tranquila, como com cautela. Ela assumiu que tinha adquirido a habilidade de suas viagens à selva amazônica, onde uma pessoa melhor não anunciava sua presença. Com seu cabelo negro até os ombros, suéter negro e calças de couro negro, Carlos era apenas visível no patamar da escada de incêndios a seus dois pisos compartilhados.

Sentou-se escarranchado na janela, seus dentes brancos e piscando enquanto sorria. — Vamos, menina, deve ser agradável comigo. Parece que pode necessitar a alguém com meu talento.

Ela soltou um bufido. — Que talento poderia ser? Aquele no que dança SAMBA, com uma tanga de lentejoulas?

Parecia ofendido. — Uso muito mais que uma tanga. Tenho uma capa quente de cetim rosa e com plumas de avestruz. É enorme. — Piscou os olhos um olho. — Igual ao resto de meu corpo.

Toni pôs-se a rir. Carlos sempre voltava para o Brasil por uns dias na época de carnaval. Desde que estava trabalhando no seu Mestrado em antropologia na Universidade de Nova Iorque, afirmava que a viagem era educativa. Toni e Bri tinham aprendido sem dúvida algumas coisas novas dos vídeos que trouxe de volta.

Baixou outra perna sobre o batente e logo endireitou seu corpo comprido e esbelto. Ele era uma preciosidade, mas mais provável para vestir a Toni e a Sabrina que para deitar-se com elas. Vanderkitty saltou do assento para dois, ricocheteou através do piso da cozinha, e caiu em seus braços.

— Ela nunca me saúda assim, — murmurou Toni.

— Ela sabe quem é o que manda aqui. Olá, amor. — Esfregou a cabeça do gato contra sua suave bochecha bronzeada, e logo a pôs no linóleo. — Vinha lhe dar de comer quando te ouvi tendo toda essa conversação suscetível no telefone.

— Essa era a tia da Sabrina e seu tio. Têm-na em sua casa, e não me deixam falar com ela.

— Hum. Algumas pessoas são muito grosseiras. — Carlos abriu o armário debaixo da pia e tirou a bolsa de croquetes de Van. — *Menina*, disse-me que me diria o que estava passando.

— Sim, sei. — Mas, como podia explicar-se sem que soasse louco? — Não sei por onde começar.

— Começa pelos bastardos que atacaram a Sabrina. — Carlos derramou croquetes num recipiente de Van. — Foi no domingo à noite, não?

— Sim. Ela foi à patinagem sobre gelo com o Justin em Central Park. Tiveram uma discussão, e se foi sozinha.

Carlos devolveu os croquetes ao lavabo e fechou a porta do armário. — Merda. Deveria ter-me chamado.

— Ou a mim, — coincidiu Toni. — Infelizmente, Justin a incomodou tanto, que não estava pensando corretamente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Os olhos de cor âmbar do Carlos se estreitaram. — Fez-lhe mal?

— Emocionalmente, sim. Fez um comentário a respeito de como iria gastar o dinheiro que ela vai herdar.

Carlos deu um coice. — Não pensava que ele soubesse isso.

— Eu tampouco. De todos os modos, Bri se sentia totalmente traída, e se foi por sua conta. Então os meninos maus a atacaram.

— Pobre *menina*. — Carlos entrou na sala de estar e se sentou no braço da poltrona.

— Havia três valentões... — explicou Toni. — Bri terminou com arranhões e costelas rotas. Algumas pessoas a encontraram, jazia inconsciente na neve, e chamaram o 911. A polícia a entrevistou no hospital, mas pensaram que estava delirante, já sabe, por toda a hipotermia e a perda de sangue. Não acreditam sua história.

Carlos fez um som de desgosto. — Foi atacada é óbvio. Pensavam que ela mesma se feriu?

— Não, mas pensaram que estava imaginando os valentões pior do que realmente eram.

— Golpearam-na e a deixaram por morta. O que poderia ser pior que isso?

Vampiros. Mas ninguém tinha acreditado na Bri. Inclusive Toni tinha pensado que sua amiga tinha confundido alguns monstros imaginários como resposta ao trauma que tinha sofrido. — Bri estava molesta quando ninguém acreditava, assim que me pediu que fosse ao parque e encontrasse os meninos que a atacaram.

Carlos se tornou para trás. — Está louca, garota? Devia me pedir para ir contigo.

Estava no certo. Carlos era um perito em artes marciais. Quando ele conheceu a Toni e a Bri fazia dois anos, tinha insistido em que fossem as classes com ele. — Teria gostado. Mas não acreditava que me iria acontecer algo.

Carlos franziu o cenho. — Não a acreditava, tampouco?

— Acredito-a agora. Na segunda-feira de noite, estava sozinha no parque, e os três meninos... Apresentaram-se. Tratei de lutar contra eles, mas... — Toni tinha estado bem até que começaram a mover-se com super-velocidade. Tinha sido seu primeiro indício de que os atacantes não eram normais. Logo uma rajada de ar frio se estrelou contra sua cabeça, e tinha invadido sua mente. A memória mandou um estremecimento a correr por seu espinho dorsal.

— *Menina.* — Carlos se sentou junto a ela no assento para dois. — O que é o que não me está dizendo?

— Eu... Não lhe posso explicar isso. É muito estranho.

Deu-lhe um olhar molesto. — Passei parte de minha infância na selva amazônica. Passei o último verão nas selvas da Malásia. Vi coisas mais estranhas das que possa imaginar.

Toni respirou fundo. Não ia falar com ninguém a respeito dos vampiros, mas como podia explicar o dilema da Sabrina sem revelar sua existência? — Tenho sua palavra de que não vais repetir isto a ninguém. Digo-o a sério. Estarei em grandes problemas se a verdade sair por minha culpa.

— Posso guardar um segredo. Conte-me.

— Os meninos maus morderam a Sabrina. A mim também.

Carlos ficou rígido. — Eram como animais? Queriam você... Carne?

— Não. Queriam sangue. Eram... Vampiros. — Viu a cara do Carlos, meio assustada, ele riria dela.

Ficou olhando fixamente durante uns segundos, e logo levantou suas escuras sobrancelhas.

— Sério?

— Poderia te mostrar as marcas das dentadas.

— Vampiros?

— Sim. Têm presas desagradáveis, largas presas. Podem-se mover muito rápido, e o pior, podem assumir o controle de sua mente.

Carlos passou a mão pelo cabelo negro, apartando o de sua cara e revelando um pequeno brinco de ouro em cada orelha. — Meu deus, *menina*, como escapou?

— Então me crê?

— Sim. Sei que não inventaria algo assim. — Tomou a mão na sua. — Me conte tudo.

Fechou os olhos brevemente. — Foi aterrador. Estavam dentro de minha cabeça, ordenavam-me fazer coisas contra minha vontade. Minha mente estava gritando que não, mas não podia parar.

Carlos lhe estreitou a mão. — Está bem amor.

— Então de um nada, esse grande homem com uma saia escocesa apareceu, brandindo uma espada, e gritando aos vampiros que me deixassem em paz.

Os olhos de cor âmbar do Carlos se iluminaram. — OH, meu herói macho.

— Isso é o que eu pensava. Apunhalou a um dos vampiros com sua espada, e se converteu em pó. Outros me deixaram em liberdade, por isso podia lutar contra eles. E foi então quando me dei conta de que minha mente estava livre. Assim que me uni na luta.

— OH, bem por ti, garota.

— Então os dois meninos maus se desvaneceram, e...

— Desvanecidos?

— Sim. Outra coisa vampiro. Continuando, o escocês me agarrou, e desaparecemos, nós também.

Carlos abriu a boca. — Merda! Aonde foi? — Seus olhos se estreitaram. — Está dizendo que o escocês é um vampiro, também?

— Sim, mas é um bom. Seu nome é Connor, e me levou a Indústrias Romatech.

Carlos assentiu com a cabeça. — Ouvi falar desse lugar. Está dirigido pelo famoso cientista que inventou o sangue sintético.

— Roman Draganesti. Encontrei-me com ele. É o líder dos Vampiros bons.

— Vampiros bons?

— Sim. Roman me fez uma transfusão de sangue. Então Camilo se ofereceu a apagar a memória de tudo. Realmente não querem que a gente saiba que existem.

Carlos lhe dirigiu um olhar irônico. — Posso-o acreditar.

— Mas não podia permitir que me apagassem a memória, porque precisava lhe dizer a Sabrina que ela tinha razão.

— Claro.

— Por sorte, havia outra opção. Connor sabia que podia lutar, assim que me ofereceu um posto de trabalho, cuidando dos vampiros durante o dia. Vê, estão totalmente indefesos então. E estão em necessidade se empregar mortais nos que possam confiar.

— Assim aí é onde estiveste durante o dia? — Perguntou Carlos. — Está protegendo aos vampiros?

— Sim. Hoje foi meu segundo dia. É um trabalho bastante fácil. Basicamente estão mortos durante o dia, por isso não há muito que fazer. Mas tenho que estar ali. Estaria em sérios problemas se os deixo sem vigilância.

Carlos soltou um bufido. — Se estiverem mortos, como podiam saber se os deixa?

— Tenho que chamar e informar a meu supervisor mortal, Howard. E ele me está olhando nos monitores. Foi muito pormenorizado. Recolheram-me na sexta-feira. E me deixaram utilizar a secretária eletrônica hoje, quando cada mulher boba na cidade estava chamando-o... A ele.

— Ele?

— Não quero falar dele. Tenho suficientes problemas sem... Ele.

— Ah. — As comissuras da boca do Carlos se inclinaram para cima. — Assim que ele é um deles?

— É um vampiro, sim. Um muito molesto. — De todos os vampiros, Ian era o único que suspeitava que tivesse uma intenção oculta. O fato de que tinha razão só o fazia mais agravante.

O homem a estava voltando louca. Desde seu ataque, tinha todas as razões para odiar aos vampiros. Os condenados monstros mereciam ser odiados. Era como se a tivessem despojado de sua humanidade mediante sua redução nada mais que a uma fonte de alimento. E quando se apoderaram de sua mente, havia sentido que sua alma estava sendo esmagada. Então, como diabos podia encontrar ao Ian tão atrativo?

Por um segundo, pensou que devia ser o controle de sua mente. Mas nunca havia sentido o golpe de ar frio em sua frente. Tampouco tinha ouvido sua voz em sua cabeça. Não, sua atração era real. Louca, mas real.

Qualquer homem seria bento e honrado de receber seu amor. Seu coração se deteve quase quando havia dito isso. Foi à coisa mais encantada que alguém jamais lhe dissera. A fazia sentir-se atrativa e digna... Digna de ser amada.

A forma em que a tinha cuidado, como se estivesse chegando profundamente dentro dela, tinha-lhe feito dolorosamente consciente de um vazio em sua alma. Que era perigoso. E formoso.

— *Menina*, parece-me que tem um conflito de interesses.

— Não vou deixar que chegue perto de mim.

Carlos sorriu. — Não referia a ele. Embora suponha que explica esse olhar brando em sua cara.

— Perdoa?

Carlos pôs-se a rir. — Referia a esse novo trabalho. Pagam-lhe para proteger aos vampiros, não?

— Sim. Tomei a promessa de protegê-los.

— Mas ao mesmo tempo, quer demonstrar que Sabrina está dizendo a verdade a respeito

dos vampiros. Parece-me que se se expuser o segredo dos vampiros, isso será romper sua promessa de protegê-los.

— Pensei nisso. Olhe, se deixarmos que um advogado ou um psiquiatra conheça a verdade, então estão obrigados pela confidencialidade do cliente. Assim saberão que Bri não está louca, mas ao mesmo tempo, não será capaz de expor os vampiros e lhes fazer dano.

— Ah. — Assentiu com a cabeça Carlos. — Um plano complicado, mas bom.

— O problema é encontrar a prova real de sua existência. Pensei em tomar fotos deles em sua morte, durante o sono, mas têm um aspecto totalmente normal.

— Como se estivessem dormindo? — Perguntou Carlos.

— Exatamente. Bom, Dougal se vê um pouco morto, porque dorme num ataúde, mas ainda assim, só seria como uma foto de um homem morto. E a gente morre todo o tempo. É apenas revolucionário. Olhei em sua biblioteca...

— Têm uma biblioteca? Não estão numa cripta escura e sombria em algum lugar de um cemitério?

— Não, têm uma casa de luxo. Cinco pisos de antiguidades e obras de arte. Não podes acreditar na cama com dossel em que dormem.

— OH Deus. — Carlos pressionou uma mão contra seu peito amplo. — Soa fabuloso. Quando posso vê-lo?

— Não posso penetrar com as câmeras de vigilância.

Ele se burlou. — Não apostaria por isso, amiga. Então, qual é a história da Sabrina?

— Sua tia e seu tio a tiraram do hospital e a levaram a sua casa do Westchester. Ele tio Joe é psiquiatra, e diz que está sofrendo uma psicose grave. Não me deixa falar com ela.

Carlos franziu o cenho. — O que sabe a respeito de sua tia e seu tio?

— Não muito. Nunca mostraram muito interesse na Bri até agora.

— Sim, mas poderia herdar uma grande quantidade de dinheiro uma vez que se gradue, não?

— Sim. Oitenta e cinco milhões de dólares.

Os olhos do Carlos se abriram como pratos. — Não tinha nem ideia de que era tanto!

— Bom, ela não vai anunciando, por razões óbvias. Seus pais não queriam convertê-la num bebê inútil com fundo fiduciário, por isso se estipulou em seu testamento que tinha que graduar-se na universidade antes que pudesse herdar a totalidade da importância. Ela esteve recebendo uma atribuição anual desde que tinha quatorze anos.

— E quando ela se gradua?

— Na próxima primavera. Bem, na realidade, vai ser mais que isso porque está ficando atrasada neste semestre.

Carlos se levantou e caminhou pelo chão. — Ela poderia estar com sérios problemas.

Toni tragou saliva. — Tinha medo disso.

— Necessito toda a informação que tenha sobre sua tia e seu tio.

— Isto é tudo. — Toni lhe deu o livro de direções de cor rosa difuso. — Seu sobrenome é Proctor.

Ele arrancou a página, logo a dobrou. — Vou comprovar, sobre tudo seus registros financeiros.

— Como vais fazer isso?

Colocou o papel num bolso de suas calças de couro ajustados. —Tenho um computador.

— Eu também, mas não saberia como controlar a alguém.

— Sem ânimo de ofender, amor, mas tomou meses para aprender a descarregar o correio eletrônico.

Toni suspirou. Era certo. Era totalmente inepta na hora da tecnologia moderna. Tinha vivido seus primeiros treze anos na casa de sua avó na Alabama rural, onde seu único telefone tinha um dial giratório e sua única televisão quatro canais e diversificado remoto.

— Isso me recorda. — Olhou através de sua bolsa e lhe entregou seu móvel. — Necessito um tom de chamada diferente.

Ele sorriu. — Não quer afundar aos meninos?

— Não, isso lhe deixo isso a ti. Necessito algo menos forte... Por favor.

— Não há problema. — Meteu o telefone no bolso. — Quanto tempo pensa ficar aqui?

— Por volta de meia hora. Tenho que levar mais roupa comigo.

— Está bem. Já volto. — Carlos saiu pela janela da cozinha.

Toni olhou na geladeira por algo de beber, mas tudo o que havia tinha cafeína. Não era bom quando tinha que estar dormindo às dez da noite para que pudesse levantar-se cedo pela manhã. Serviu-se um copo de água gelada, e logo se dirigiu a sua habitação para fazer a mala.

Na segunda-feira de noite, depois de ter sobrevivido ao ataque e aceito o emprego, tinha estado metida no assento traseiro de um sedan, e Dougal a tinha levado aqui a recolher um pouco de roupa. Tinha estado em estado de choque, só tinha agarrado um par de coisas de sua habitação, enquanto que Dougal tinha esperado na sala de estar. Então a tinha levado direito a casa, e ela tinha estado ali após.

Deu-se conta agora de que os vampiros não tinham querido que estivesse sozinha com o conhecimento que possuía. O fato de que tinha podido sair esta noite devia significar que tinham decidido confiar nela. Quanto tempo teria que viver com eles? Era difícil de dizer. Como poderia ajudar a Sabrina se nem sequer podia lhe falar?

— O telefone está preparado. — Carlos entrou em seu dormitório.

Ela deu um salto. Por Deus, era muito bom para aproximar-se sigilosamente das pessoas. Deixou cair o telefone móvel em sua mala, junto a sua caixa de contatos diários.

Carlos se aproximou e começou a inspecionar o seu armário de roupa. — Hmm, isto é muito antiquado. OH, Meu deus, eu adoro este colete de couro negro. Que lástima que seja muito pequeno para mim! — Tomou o colete para admirá-lo.

Toni sorriu e esvaziou sua gaveta de roupa interior na mala. Tinha sentido falta do Carlos.

— Por certo, fiz uma rápida busca nos registros financeiros do Dr. Proctor. Está em dívida até seus ambiciosos globos oculares. Esteve vivendo por cima de suas possibilidades.

Toni ficou boquiaberta. — Foi vinte minutos, e averiguou todo isso?

Carlos se encolheu de ombros e deixou a jaqueta no armário. Logo ficou sem fôlego. —

Amiga, não tem ninguém que te dissesse que jamais use riscas horizontais? — Tirou a ofensiva camiseta. — Isto deveria ser queimado.

— Obrigada. Estava-a procurando. — Toni sacudiu a camiseta de sua mão e a atirou em sua mala.

— Hum. — Carlos foi a sua cômoda para ver o resto de sua roupa. — Agora bem, isto está muito bem. Deve tomar este. — Ele tirou um picardia curta de cetim vermelho.

— É dezembro. Estou levando um pijama de flanela.

— Mas *menina,* não quer verte sexy para ele?

Toni estrelou sua mala fechando-a. — Tem definitivamente uma ideia equivocada dele.

Os olhos cor âmbar do Carlos brilharam. — Está segura? Só tenho que falar dele, e suas bochechas florescem como uma rosa vermelha.

— Isso é irritação, não atração. — Toni tirou sua mala da cama e a fez rodar pela habitação. — Tenho que ir, Carlos. Cuida do Vanderkitty.

— Fá-lo-ei. E verei que mais posso encontrar de informação sobre o tio da Sabrina.

— Obrigada. — Toni se deteve para lhe dar um abraço. — Não sei o que faria sem ti.

Ele sorriu. — Agora corre para voltar com ele.

— Deixa-o, Carlos. — Ela deixou o apartamento com o som de sua risada. Com sorte, Ian estaria ocupado toda a noite perseguindo mulheres Vampiros. Se tiver sorte, voltaria de novo para a casa e a sua habitação sem ter que o ver.

Capítulo 6

Ian se aproximou da cama onde dormia Toni. O batimento do coração de seu coração se manteve estável, e seu rosto tranquilo e pacífico. Esperava que estivesse sonhando. Connor lhe havia descrito o ataque sofrido, teria sorte se não lhe dava pesadelos.

Recordou a última vez em que tinha tido um sonho. Foi na véspera da batalha de Solway Moss em 1542. Tinha dormido momentos a noite anterior a seu primeiro combate, e sonhou como se tingia de vermelho a superfície de um arroio. Caiu nele, e este o sugava para o fundo, afogando-o no sangue. A noite seguinte uniu-se às filas dos não mortos, quando Angus o encontrou moribundo no campo de batalha.

Ian soprou. Pelo menos nos últimos 460 anos, tinha melhorado grandemente suas habilidades de combate. Nunca tinha sido gravemente ferido desde aquela fatídica noite. E já não tinha pesadelos antes da batalha. Já não sonhava com nada.

Começou sua investigação no Romatech depois de que Connor lhe falasse sobre o ataque da segunda-feira. Connor tinha ouvido as vozes dos Malcontents que controlavam mentalmente a Toni e as tinha usado como farol para teletransportar-se para o lugar do crime.

Quando Ian examinou seu expediente pessoal ficou surpreso ao saber que tinha um apartamento em Greenwich Village. Também pelo grau de Bacharel em administração de

empresas e quase um máster completo em sociologia porque alguém tão inteligente tinha como fim cuidar dos não mortos? Estava levando a cabo um estudo?

Connor não acreditava que os utilizasse para a investigação. Depois de tudo ela não podia saber de sua existência antes do ataque dos Malcontents. Tinha pedido uma verificação de antecedentes e seu único delito foi uma multa de tráfico por excesso de velocidade. Como Dougal, Connor pedira a Ian não afugentá-la. Até que Phil voltasse do Texas, eles estavam necessitados de guardas durante o dia.

O que Ian não havia dito era que estava em maior perigo aproximando-a que afastando-a.

— Não a incomode, — tinha ordenado Connor. — A moça necessita tempo para recuperar-se.

Assim Ian tinha ido ao *Horny Devils* para suas duas entrevistas. As mulheres tinham sido suficientemente agradáveis, mas sua mente sempre voltava para a Toni e inconscientemente assua ficha pessoal e o que lhe disse.

Olhou o relógio digital ao lado de sua cama. Às seis e meia. Quinta-feira pela manhã. Não deveria despertar logo? Passeou pela habitação. Seu olhar vagou de volta a ela, toda cômoda e acolhedora em sua cama. Com sua visão superior, ainda podia ver bem no quarto escuro. Era preciosa, a forma em que seus cabelos dourados se derramavam sobre o travesseiro, a forma de suas delicadas mãos perto de seu rosto.

Por todos os demônios. Afastou-se. Tinha que deixar de pensar nela dessa maneira. Já tinha decidido que queria uma mulher Vampiro que fora honesta, inteligente, leal, e bonita. Toni não era Vampiro. E havia sérias dúvidas sobre sua honestidade e lealdade.

Mas era muito inteligente e bonita. Por não falar de intrigante. Parecia acender todos seus sentidos de uma vez, e era uma sensação tão embriagadora, que se encontrou procurando qualquer desculpa para estar com ela. Deteve-se. Era por isso que sentia essa compulsão à investigação? Mentalmente repassou suas suspeitas. Não, suas perguntas eram de confiar. Era sua atração por ela que estava fora de linha. Ela era um guarda. Estava proibida.

Quando o alarme soou, pressionou-o sobre a mesinha de noite e a apagou.

Com um pequeno gemido, estirou-se. Seus olhos se abriram.

— Bom dia, moça.

Ela ofegou e se cobriu com as mantas até o queixo. Rapidamente olhou a seu redor e se centrou nele. — O que está fazendo aqui?

— Temos que falar.

— Agora? — Ela olhou a sua porta, ainda fechada e bloqueada. — Como chegou aqui?

— Me teletransportei para não danificar sua porta

— Esse não é o ponto. Invadiu minha privacidade.

Encolheu-se de ombros. — Você me olha quando estou em meu sono mortal.

— Esse é meu trabalho.

— E a investigação o meu. Tenho algumas perguntas a respeito de sua solicitude de emprego. Em primeiro lugar, dava-me conta de que não deu seu sobrenome completo.

Dirigiu-lhe um olhar de chateio. — Tenho que ir ao banho. E você tem que desaparecer. —

Ela saiu da cama e moveu uma mão para ele. — Hocus Pocus, desaparece.

Deu um passo atrás quando ela se dirigiu ao quarto de banho, e não pôde deixar de notar como seus peitos se sacudiam ligeiramente por debaixo de sua camiseta vermelha. Sem sustento.

Com sua visão superior, pôde detectar a localização exata e a forma de seus mamilos. Quando passou, voltou a olhá-la por detrás. Suas calças de pijama de cor vermelha com pequenos pinguins em branco e negro, ajustavam-se perfeitamente ao redor de seus quadris e a parte inferior arredondada. Quando se deteve na porta do banho, rapidamente levantou seu olhar para que não o pilhasse comendo-a com os olhos.

Ela o olhou. — Por que segue aqui?

— Não falamos ainda.

Com um gemido, ela entrou no quarto de banho, e logo lhe fechou a porta no nariz. Passeou pela habitação. Não queria perguntar através da porta. Tinha que ver-lhe a cara para saber se dizia a verdade. Olhou o relógio. Não tinha muito tempo antes que o sol alcançasse o horizonte.

Elevou a voz para que pudesse ouvi-lo. — Queria te agradecer a sessão de prática de ontem à noite. Senti-me mais cômodo falando com minhas entrevistas.

Não houve resposta.

Aproximou-se da porta e escutou abrir a água. — As garotas com quem falei eram muito agradáveis. Desfrutava de sua companhia, mas... Não estava bem. Faltava algo, algo... *Je ne sais quoi.* [9]

— Química, — disse, e murmurou uma maldição. — Idiota. Não fale com ele, — sussurrou-se.

Ele sorriu. — depois de minhas entrevistas, tornei aqui para escutar as mensagens telefônicas. Encontrei-me com três gravações onde as damas, diziam que eram Vampiros. Assim que as chamei de volta disposto a cumprir esta noite.

Não houve resposta.

Houve um som de escovado, seguido por alguns cuspimentos. Pensou que estava escovando os dentes. — Alegrara-te saber que chamei por telefone a todos mortais que chamaram durante o dia. Disse-lhes que seriamente o sentia, mas que já estava pego.

A porta se abriu, e ela o olhou, seus formosos olhos verdes exagerados pela surpresa. — Chamou-os a todos?

— Bom. Alguns deles não estavam em casa, assim que lhes deixei uma mensagem.

— Havia centenas.

— Sei. Levou-me várias horas. — Esfregou-se o queixo. — Hão-me dito que sou um pouco grosseiro, arrogante, esnobe, assim estou tratando de emendar minha má conduta.

Ela soprou. — Muito tarde. — Encaminhou-se à cômoda e tirou roupa interior da gaveta.

Azul e renda, fixou-se. — Deixei uma nova gravação na secretária eletrônica, assim que qualquer pessoa que chame hoje de dia escutará que já não estou disponível.

— OH, isso foi uma boa ideia.

[9] *Não sei o quê.*

— Sim. — Ele sentiu um súbito puxão, como se uma aspiradora sugasse sua energia. O sol devia estar aproximando-se do horizonte. — Eu gostaria de discutir a solicitude de emprego.

— Preenchi-o sinceramente. — Ela plantou uma mão sobre seu quadril. — E me sinto insultada de que o esteja questionando.

— Não estou dizendo que mentiu. — Bocejou enquanto se movia para ela.

Ela olhou o relógio. — Está fora de tempo, né? E tenho que tomar minha ducha, assim vai-te.

Sentiu outro puxão de seu sono mortal e se agarrou a uma pata da cama para não cair.

— OH, sentindo um pouco de sono, verdade? É hora das boas noites?

Armou-se de valor contra a debilidade. — Ainda tenho um pouco de tempo. Responde a minhas perguntas, e irei.

Abriu o armário e tirou um polo de um cabide. — A meu modo de ver, o único que tenho que fazer é te evitar um par de minutos mais. — Ela tomou um par de calças e se voltou para voltar ao quarto de banho.

Ele zumbiu para diante e a tomou em seus braços. Ficou sem fôlego. Inclinou a cabeça mais perto dela. — Pode me evitar agora?

Agarrou a roupa contra seu peito com uma mão e empurrou-o com a outra. — Não estou falando contigo.

Tomou nota com grande satisfação de que seu impulso tinha sido débil. Ela não se opôs tanto como pretendia. Seu corpo estava quente e suave. Abriu suas mãos através de suas costas e a atraiu para si. — Poderíamos encontrar outras maneiras de passar o tempo.

Seus olhos brilhavam de fúria. — Você... É um mentiroso! — Ela empurrou mais forte, e ele a soltou.

— Nunca te menti, moça.

— Disse que só queria mulheres Vampiro. — Deu um passo atrás e abraçou a roupa contra seu peito. — Por que deveria te dizer algo se não ser de confiança?

Não podia acreditar. Estava-se convertendo num empate. — É você em quem não confio totalmente.

— Você é o que trata de romper a regra de neutralidade.

— Maldita seja, sou um homem! Esperas que não me dê conta de quão formosa é?— Cambaleou-se sobre seus pés.

Estendeu-lhe uma mão para sustentá-lo, logo apartou o braço antes de fazer contato. — Não te atreva a cair morto em meu dormitório. Como o explicaria?

— Ninguém sabe que estou aqui. Confia em mim.

Dirigiu-lhe um olhar triste. — Como poderia confiar num vampiro?

— Ainda sou um homem, — sussurrou. — E nunca te faria mal. — Com sua última gota de energia, teletransportou-se até o quinto piso, tirou o pulôver, e se derrubou sobre a cama. Suas respostas adiadas por esta noite.

O sono mortal se apoderou dele, gostaria de poder sonhar com formosas mulheres de cabelos dourados e olhos verdes como um prado da montanha na primavera.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Mereço ser feliz.

Obterei minhas metas.

Toni começou suas afirmações pela manhã na ducha. Enquanto ensaboava seus braços, recordou que Ian a tinha agarrado e a atraiu para si. Tinha estado muito aturdida para lutar contra ele*. Sim, segue te dizendo isso.*

Conseguirei algo importante com minha vida.

Sou digna de ser amada.

Maldita seja, tinha gostado de estar em seus braços. Estava fora de sua mente. Não pensaria nele mais. Enxaguou-se e começou suas afirmações de novo.

Mereço ser feliz.

Esperas que não me de conta do quão formosa é?

Por Deus, agora suas palavras se repetiam em sua cabeça. Mas, que palavras tão bonitas. E o que lhe havia dito antes? Que se sentiria bento e honrado de receber seu amor. Com um suspiro, girou-se para a água. Tinha esperado toda sua vida para escutar a alguém lhe dizer as palavras adequadas. Que má sorte que viessem de um vampiro.

Vestiu-se, colocou suas lentes de contato, e atou o cabelo úmido num acréscimo. O secaria depois. Por agora, precisava fazer suas rondas e chamar para seu primeiro relatório. Foi ao porão para assegurar-se de que os vampiros estavam comodamente em suas camas Vampiro. Dougal e Phineas estavam bem. Hora da larga caminhada para cima. De todas as camas, Ian tinha que escolher a de acima. Pelo menos os cinco pisos eram bons para o coração.

Encontrou-o na cama tamanho king, estendido com sua saia escocesa, meias, camiseta branca e sapatos. Seu suéter estava no chão. Recolheu-o, dobrou-o e o colocou junto a ele na cama. Seu rosto era pacífico, mas robusto com sombreado negro na mandíbula pela barba. Lutou contra o impulso de lhe tocar com um dedo a bochecha e empurrar a covinha do queixo.

Separou-se de sua cara e reparou em seus sapatos. Não podia ser cômodo. Estava tirando um sapato quando se deu conta de que tinha sido só ontem pela manhã quando tinha tido medo sequer de tocá-lo.

Jogou uma olhada a sua cara. Ele se estava convertendo em humano para ela. E não só humano, mas também atrativo. Maldita seja. Deixou cair seu segundo sapato no chão e saiu da habitação. Tinha que deixar este trabalho logo que fosse possível. Só tinha que encontrar provas de que os vampiros existiam. Então poderia empurrar as provas na cara do Dr. Proctor e lhe pedir que soltasse a Sabrina. E ela estaria fora daqui. Nunca teria que voltar a ver o Ian.

Uma repentina onda de tristeza a pegou por surpresa. Merda, por que não podia ser mortal? Por que não podia ter-se encontrado com ele na Universidade de Nova Iorque? Se a tivesse aproximado ali com seu rosto formoso e o acento cadencioso, suave, teria se apaixonado por ele num segundo. Que Deus a ajudasse, queria ouvir-lhe dizer mais coisas formosas sobre ela. Queria saber se seu cabelo grosso e negro era como feltro ao lhe passar os dedos.

Que idade tinha exatamente? Tinha mencionado o século XVI. Era fascinante uma vez que pensava em todas as coisas que devia ter visto nesses séculos. Que tipo de bagagem leva sobre seus ombros? O que o manteve noite detrás noite através dos séculos? De verdade queria

compartilhar sua larga vida com uma mulher especial?

— Deixa de pensar nele. — Dirigiu-se através do escritório e se sentou no escritório. O computador não tinha nenhuma prova. Talvez houvesse algo nas gavetas. Procurou na mesa e descobriu um livro negro magro. O título, impresso em branco, lia *Páginas Negras*.

Enquanto esquadrinhava as primeiras páginas, seu coração começou a pulsar. Isto poderia ser. Uma prova positiva. Os anúncios estavam destinados claramente para o público Vampiro.

Persianas de alumínio e obturadores Solares. Bloquear a luz do sol que molesta e desfrutar da escuridão!

Aeróbica e treinamento com pesos. Tem seu corpo séculos de idade? Mantenha-o em boa forma conosco!

Brooklyn Banco de Sangue. Atende as necessidades de Vampiros. Está cansado do sangue sintético e deseja o real?

Aí estava!

Estava tão emocionada, chamou o Carlos. — Chama-se *As páginas Negras*. É perfeito!

— Não estou seguro de que constitua uma prova, — disse Carlos com um bocejo. — Qualquer um pode imprimir isso com um equipamento adequado.

Toni se queixou. — Não seja tão deprimente.

— Sinto muito, *menina*. Estarei encantado de vê-lo. Pode ser esta noite? Vamos jantar a algum lugar. Pedimos chinês.

— Isso soa maravilhoso. — Trocaria sua bolsa de mão por uma maior, para poder colocar o diretório telefônico da casa. — Tem descoberto algo mais sobre o tio da Sabrina?

— Ainda não. Tenho um final esta tarde e entregar um trabalho amanhã. Mas vou encontrar tempo.

— Bem. Boa sorte com suas coisas. — Toni pendurou. Eram às oito da manhã, hora de seu primeiro relatório. Depois de que pendurasse o telefone com o Howard, o telefone começou a soar constantemente. Sentiu-se aliviada, Ian tinha gravado a mensagem nova, e não teve que fazer frente a todas as garotas que pensavam que era quente. Até porque estavam certas.

Às quatro e meia da tarde, estava pronta para ir-se. Tinha escondido *As Páginas Negras* numa bolsa grande. No momento em que Dougal e Phineas chegaram à cozinha, disse adeus e se dirigiu à porta principal. Ian se materializou no vestíbulo justo quando estava abrindo a porta.

— Toni, espera! — Correu para frente e tropeçou, quase caindo sobre sua cara. Endireitou-se a tempo. — Merda.

Duvidou antes de abrir a porta. — Está bem? — Por Deus, o pobre homem se ruborizou.

— Meus pés cresceram de um tamanho nove a um treze em doze dias, — murmurou. — Ainda me estou acostumando.

Seus pés não eram as únicas coisas que tinham crescido. Toni se ruborizou quando tratou de apagá-lo de sua memória. Estava sendo superficial, repreendeu-se. O homem devia ter sofrido enquanto crescia tão rápido. — Deve ter sido doloroso.

Encolheu os ombros. — Valeu a pena para finalmente parecer um homem.

E que homem. — Bom, deu grandes resultados.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Seus olhos começaram a brilhar. — Como um semental quente, quente?

Estremeceu-se. Essa linha ia atormentar ao resto de seus dias.

Deu um passo para ela. — Ainda temos que falar.

Não, outra vez. Talvez devesse tentar uma nova tática. — Eu gostaria, mas podemos fazê-lo mais tarde? Agora tenho que ir. Minha entrevista para jantar está esperando.

Seus olhos se estreitaram. — Tem uma entrevista?

Começou a dizer que era só com um velho amigo, mas por que pôr ao tipo na miséria? Parecia um pouco ciumento, e gostou. — Não é o único que tem entrevistas por aqui, sabe?

Ele franziu o cenho. — Tenho três entrevistas esta noite.

Genial, semental. Desfrute nisso. — Divirta-se. — *Não*. Ela saiu pela porta.

Capítulo 7

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Toni estava em seu apartamento, devorando comida Chinesa e rindo-se com o Carlos dos anúncios *Nas Páginas Negras*.

— Olhe este, —assinalou, — Armadura para não mortos. Proteja seu peito contra essas molestas estacas de madeira.

Ela quase se afoga com o macarrão. — Eu gosto desta: *O Melhor dos Arquivos de Presas. Tenho que manter as presas afiadas.*

Carlos riu. — Sabe o que é bom, *menina?* É capaz de rir dos vampiros agora.

— Acredite-me, que esse horrível ataque ainda me incomoda. Estou melhor se não pensar nisso. — Se pensará nisso, provavelmente ficaria a chorar. — Tenho uma longa história aprendendo a rir da dor em vez de chorar.

Tocou-lhe o braço. — Está-o fazendo bem. Quanto tempo pode ficar esta noite? Quero ir fazer um reconhecimento à casa do Dr. Proctors no Westchester. Precisamos saber a disposição em caso de que tenhamos que extrair a Sabrina.

— Desculpa? — Carlos às vezes não soava exatamente como um estudante de antropologia.

— Esquece-o. Eu me encarrego do tio. Você segue trabalhando em conseguir provas de que estes vampiros existem.

Suspirou. Já tinha decidido que qualquer um que lesse *As Páginas Negras* pensaria simplesmente que é um livro de brincadeira. — Estou totalmente perplexa. Quero dizer, soa fácil obter provas, mas não o é. Inclusive se gravar a alguém admitindo que seja um vampiro, a gente pensará que contratei um ator.

Carlos olhou ao espaço durante um momento, enquanto o considerava. — Tem que apanhá-los no ato. Obtém uma gravação desaparecendo ou de suas presas saindo. Vá a um lugar onde muitos deles se reúnem, e se sentem completamente livres de ser eles mesmos.

— Um lugar de reunião de vampiros?

— Exatamente. — Ficou de pé de um saltou e se dirigiu à janela da cozinha. —Tenho algo em

meu apartamento que posso utilizar.

— Uma réstia de alhos? — Houve um forte golpe em sua porta e ela saltou.

Carlos duvidou. —Espera a alguém?

— Não. — Apressou-se à porta e olhou pela mira. — OH, não! — *OH Merda*! Com seu super ouvido, provavelmente ele a tinha escutado.

— O que acontece? — Carlos trocou de direção e se dirigiu à sala.

— Nada. — Maldita seja! Ian como tinha descoberto sua direção? Sua solicitude de emprego é óbvio. Provavelmente tinha voltado para o Romatech para consegui-la. Um segundo golpe sacudiu a porta, e se separou dela.

— Quer que o atenda? — Perguntou Carlos.

— Não, eu o atendo, — sussurrou. — É só... Ele.

— Ele? O infame sem nome?

Levou um dedo à boca para calar ao Carlos. Não havia dúvida de que o super Vampiro os estava escutando.

A boca do Carlos se curvou. — Ele só ao mencioná-lo faz que seus olhos fiquem frágeis com um olhar de tome sou tua?

— Isso não é certo! — Toni fez uma careta quando girou de novo para a porta. Correu para o Carlos e sussurrou em voz baixa, — volta para sua casa agora. Antes que o mate.

— Está brincando? — Carlos se sentou no braço da poltrona. — Não me perderia isso por nada.

Deu uma tapa ao Carlos no ombro, mas ele não se moveu. Não serve de nada. Ela se inclinou o mais perto para lhe sussurrar. — Não diga nenhuma palavra a respeito de que é um vampiro. Supõe-se que não sabe.

— Meus lábios estão selados. — Os olhos do Carlos brilharam. — A menos que ele tenha outros planos.

Ela soprou. — Não te atreva a fazer um movimento contra ele.

— Ah. Sente-se um pouco territorial, verdade? — Ela olhou a cara sorridente do Carlos.

Uma terceira chamada golpeou com força.

— Não se está voltando mais jovem, amor, — murmurou Carlos. —Deixa ao pobre homem entrar.

— Vou matar-te. — Ela abriu a boca quando se deu conta de que as *Páginas Negras* estavam sobre a mesa de café. Colocou-as debaixo da almofada do assento da poltrona, e logo correu para a porta. Vanderkitty a seguiu. Deslizou o ferrolho e abriu a porta.

— Já era hora. — Ian entrou, seu Kilt oscilando ao redor de seus joelhos. Seu olhar revoou sobre a Toni para descansar no Carlos. Com uma elevação de queixo, Ian estava julgando ao outro homem com severidade. — Acredito que não nos conhecemos. É a entrevista da Toni?

Carlos ficou sentado enquanto olhava ao Ian. — Bonita saia escocesa.

Van bufou ao Ian, logo saltou ao regaço do Carlos. — Bom gatinho. — Pouco a pouco, acariciou ao gato.

Ian arqueou uma sobrancelha. — Quem é e por que está aqui?

Toni ficou diante dele. — Não é teu assunto o que faço quando estou fora de serviço.

Ian baixou a voz. — Sim, mas quando está de serviço, não estou de ânimo falador. Disse-me que você gostaria de falar comigo mais tarde. Assim aqui estou. Isto é tarde.

— Este não é um bom momento.

Jogou uma olhada aos pratos vazios na mesa de café. — Acaba de terminar de jantar, não?

Carlos pôs a Van na poltrona, aproximou-se com uma mão estendida. — Sou Carlos Panterra, o vizinho do lado da Toni.

Ian estreitou a mão. — Ian MacPhie.

Carlos olhou da Toni ao Ian e sorriu. — Deixar-lhes-ei a sós então.

— Não tem porque ir, Carlos. — Toni assinalou com o olhar.

— Menina, tenho um pequeno presente para ti, recorda? Já volto. — Ele foi para a cozinha.

Toni franziu o cenho ao Ian. — Pensei que tinha três entrevistas esta noite.

— Não são entrevistas reais, — murmurou Ian. — Só me reunirei com elas num clube noturno. — Baixou a voz, — Para minha espécie.

— Um clube noturno? — Perguntou Carlos com um pé no batente da janela. — Deveria levar a Toni. Adora a música e dançar. Não, menina?

Ela olhou ao Carlos, confundida.

— Não é um lugar adequado para ela, — começou Ian.

— Muito selvagem? — Perguntou Carlos. — Não se preocupe. Toni adora desenfrear-se. Verdade, amor? — Piscou-lhe os olhos.

— Eu, acredito que não gostaria, — insistiu Ian, e Toni se deu conta de que ele não era capaz de explicar que se tratava de um clube noturno para vampiros.

— Toni adora os lugares com muita ação. — Carlos assinalou com o olhar e finalmente fez clique.

Um lugar de reunião de vampiros! Pode ser o lugar perfeito para obter as provas que necessitava. — OH, sim! Eu adoraria ir.

Os olhos do Ian se abriram como pratos. — Você gostaria?

— É óbvio. — Fez-lhe um sorriso deslumbrante. — Leva-me, não?

— Mas sabe que classe de pessoas estarão ali, — sussurrou.

— Realmente eu gostaria de ir. — Toni se assegurou de que Carlos já tinha desaparecido através da janela da cozinha. — Ainda estou um pouco incômoda rodeada de vampiros. Mas se for contigo a esse clube, poder-me-ia ajudar a superá-lo. Poderia ver todos com uma luz diferente.

Ian assentiu com a cabeça. — Connor me disse quão infernal foi o ataque. Sinto-o muito.

— OH. — Realmente lhe importava? — Eu, estou bem.

Parecia realmente preocupado. — Isso ocorreu só faz umas noites. Não tiveste tempo para te recuperar.

— Bom... — alisou uma mecha solta de cabelo apartando o da frente.

— Connor disse que lutou corajosamente. Estava muito impressionado.

Ela inspirou instavelmente. Não, maldita seja, ainda não o tinha superado. Toda esta conversação a punha com nervos. E as marcas de dentadas no peito e torso estavam começando a

picar. — Não sei como teria sobrevivido se Connor não tivesse aparecido quando o fez.

— Agora entendo por que odeia tanto o controle mental. Connor me disse como a forçaram para levar…

— Detenha-se, por favor! — Ela não queria as lembranças chocando sobre ela nesse momento.

— Toni. — Tocou-lhe o ombro, e ela se encolheu. — Moça, eu nunca te faria mal.

Ela piscou, negando-se a chorar. Isto não podia ser. Podia dirigir a um obstinado e desconfiado Ian, mas a um doce e compassivo? Ele estava derretendo todas suas defesas.

Apartou-se e cruzou os braços sobre seu torso marcado por mordidas. — Então, como vai à investigação? Decidiste se sou digna de confiança?

— Ainda quero saber seu nome completo. Mas te nega a falar comigo, é compreensível depois da maneira em que foste atacada.

— Certo. — Ou talvez sua negativa fosse um escudo para evitar sentir-se tão atraída por este tipo. Algo que ela jamais admitiria.

— Ainda não estou seguro. Por que não deixou que Connor apagasse suas lembranças? Estão-lhe causando dor, moça.

Ela soltou um bufido. — Se todas minhas más lembranças fossem apagados, não ficaria muito.

Ian franziu o cenho. — Sem dúvida não pode ser assim.

Toni pensava voltar. Não, tinha tido momentos felizes. As doces lembranças de sua avó. Momentos de diversão com a Sabrina. Momentos de orgulho quando ela tinha feito bem a escola.

— Minha mãe não me queria. — Com uma careta de dor, pressionou uma mão contra a boca. Maldita seja. Como lhe tinha escapado?

Ian parecia aturdido. — Como pode ser?

— Eu sou... Ilegítima.

Encolheu um ombro. — Acreditava que isso não importava nos tempos modernos.

— Não importava a minha avó. Ela esteve feliz de me criar. Mas minha mãe sempre se sentiu envergonhada por seu grande engano. Eu. — Toni agitou uma mão de demissão. — Não é importante. Não sei por que o mencionei.

— Porque te causa dor. É a dor que suportamos o que nos faz fortes. É muito valente ao não fugir dela.

O olhar da Toni fixou-se uma vez mais no Ian, e ela sentiu que seu pulso saltava. Sua pele se estremeceu com a consciência. Seus lábios secaram. Sua mente estava difusa, e em tudo o que podia pensar era em aproximar-se dele. Quando deu um passo para ela, perguntou-se se sentia a mesma compulsão.

— Sei que as lembranças lhe causam dor, mas estou contente de que as mantenha.

— Quer que sofra?

— Não. Mas se não tivesse mantido suas lembranças, eu nunca te teria conhecido.

— OH. — Seu cérebro não funcionava, e não podia pensar em nada que dizer. Lambeu-se os lábios, e logo notou que seu olhar se dirigiu a sua boca. *OH Deus.*

— Estou de volta! — Anunciou Carlos da janela da cozinha.

Toni voltou para seus sentidos. Por Deus, quanto tempo a levavam e Ian olhando o um ao outro? Ele se moveu para trás e cruzou os braços sobre seu peito.

Carlos passeou pela sala e abriu a boca. — O que está fazendo, menina? Não te trocaste de roupa!

— Desculpa?

— Não pode ir a um clube noturno dessa maneira. — Soprou Carlos. — Vamos, vamos preparar-te. — Ele a agarrou pelo braço e a arrastou para o dormitório. — Ponha-se cômodo, Ian. Retornamos num momento.

Ian parecia confundido. — Você... A vai vestir?

— Não se preocupe. Assegurar-me-ei de que se veja fabulosa. — Carlos a colocou ao dormitório e fechou a porta. Logo correu a seu armário. — Precisa mostrar um pouco de pele. Que tal isto?— Ele tirou uma saia curta de denim.

— Me congelará o traseiro.

— Meterá isso. — Carlos a jogou sobre a cama, e logo retornou ao armário. — Tem que levar este colete. Eu adoro. — Deixou cair o colete de couro negro na cama.

— Vou necessitar uma blusa debaixo.

— Deve? — Carlos se queixou. — Se insistir. — Ele tomou uma blusa branca sem mangas de pescoço. — Agora necessitará umas botas negras, mais maquiagem, e Deus não quer usar esse rabo-de-cavalo.

— Crê que este clube ajudará? — Sussurrou.

— Sim, e tenho algo para ti. — Carlos tirou algo pequeno e metálico de seu bolso da calça. E o pôs a seu colete. — Enviara-me as imagens.

Via-se como uma câmera espião. — Está seguro de que é um estudante de antropologia?

Riu entre dentes. — Algumas das tribos da selva que encontrei, não gostam das câmeras muito grandes. Ficam muito nervosos quando se vêem a si mesmos encolhidos dentro de uma caixa pequena. Assim aprendi que é melhor gravá-los desta maneira.

— OH. — Supôs que isso tinha sentido.

— Já estas pronta. — Carlos tocou-lhe o ombro. — Boa sorte.

Ian escutou enquanto estava sentado no assento de dois lugares, mas sempre sussurravam, só captou uma ou duas palavras. Algo sobre nervosas tribos da selva? De que demônios estava falando Carlos? E por que tinha que ver a Toni vestir-se? Que tão significativo era para a Toni? O homem se apresentou como só o vizinho do lado.

Um ligeiro ruído atraiu sua atenção. Carlos tinha saído do quarto da Toni, fechando a porta com um clique. Inclinou-se e fechou os olhos, com o cenho franzido. Ian abriu a boca para perguntar se passava algo mau quando de repente Carlos se endireitou.

Levou uma mão contra seu peito. — Juro por tudo o que é sagrado, que se chegar a encontrar outra banda para o cabelo neste apartamento, vou cortá-la em pedaços com uma faca de açougueiro.

Ian não estava seguro do que era uma banda para o cabelo, mas soava ameaçador. — Toni

está bem?

— Sim. Graças a Deus estava ali para salvá-la. Vai-te encantar o vestuário que escolhi. E lhe dava uma nova…

Um novo o que? Ian estava confundido.

— Insisti em que use mais maquiagem. — Carlos fez um gesto com a mão para enfatizar suas palavras. — Mas é uma beleza natural, que não o necessita absolutamente. Não odeia isso?

Estavam falando o mesmo idioma? — Ela é muito bonita.

— Ela é uma boa garota. — O rosto sombrio do Carlos cresceu. — Estarei muito molesto se lhe fizer mal.

Agora isto o compreendeu. — Nunca lhe faria mal. — Ian se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. — Faz quanto tempo que a conhece?

— Dois anos. Ela e Sabrina são como irmãs para mim.

— Quem é Sabrina?

— Meu deus, deixei uma queijadinha no forno. Vemo-nos logo, Ian. — Carlos se dirigiu à cozinha, deslizou-se através da janela da cozinha, logo a fechou atrás dele.

Havia algo definitivamente estranho com esse homem. Não tinha aroma, e seu comportamento era inconsistente. Escutou o som dos saltos de agulha contra o chão de madeira, e a atenção do Ian foi de novo para a porta do dormitório.

— Estou preparada, — anunciou Toni.

Ele tragou saliva. Seu cérebro rapidamente registrou os deliciosos lábios pintados de vermelho, o cabelo de seda solto, um Top ajustado, uma diminuta saia, que recortava umas coxas de ouro e botas negras de salto alto. Ele piscou. Ela ainda estava ali, ainda impressionante.

Caminhou para ele, seus quadris balançando-se apenas o suficiente para hipnotizar. — Isto está bem para o clube?

— Sim, — disse com voz rouca. Graças a Deus o *Horny Devils* estava cheio sobre tudo de mulheres. Mas inclusive uma vampira poderia ser tentada pela Toni. — Será melhor que permaneça perto de mim.

— Como posso fazê-lo? — Ela se inclinou sobre a mesa de centro para recolher seus pertences, e seu Top ajustado se moldou fortemente contra seu peito. — Não tem três entrevistas?

— Sim. — Seu sutiã estava muito apertado, já que ele poderia jurar que seus seios estavam derramando fora dele. — São um punhado encantador.

Ela se encolheu de ombros em sua jaqueta. — Assim acredita que são formosas?

Seu olhar baixou até suas coxas largas e magras. — Sim, magras e douradas, beijadas pelo sol.

— Estão bronzeadas? — Ela enrolou seu lenço ao redor do pescoço. — Como obtiveram isso? Olá?

Arrastou seus olhos até os dela. — Sim?

Dirigiu-lhe um olhar de irritação. — Deixe-me dar um pequeno conselho para as entrevistas. Olhe à cara da mulher quando te fala, não a sua saia.

— A saia chama a atenção de um homem. E vi lenços que eram maiores.

Girou sua bolsa sobre seu ombro. — Pelo menos, uso roupa interior debaixo de minha saia.

— Espero que seja boa, já que todo mundo está seguro de vê-la.

Seus olhos brilhavam com desafio. — Não todo mundo.

Ele sorriu lentamente. — Vamos ver isso.

Com as bochechas ruborizadas, voltou-se para a porta. — Vamos, não deixemos a suas entrevistas esperando.

Ian se levantou de um salto e correu junto a ela para abrir a porta.

Ela parou no vestíbulo e procurou as chaves em sua bolsa. — Onde está esse clube?

— No *Hell's Kitchen*.

— Apropriado. — Fechou a porta. — Vais fazer clique com os talões e por arte de magia nos levar aí?

— Não, eu conduzo. — Acompanhou-a até a escada. Seria mais rápido se se teletransportassem diretamente para o clube, mas o conduzir lhe daria mais tempo para falar com ela.

— Tenho o carro estacionado aqui perto.

Começou a baixar as escadas. — Sabe conduzir?

— Conduzo desde 1913.

— Por Deus. Espero que tenha trocado a um modelo mais novo.

Ele sorriu. — na realidade, ainda tenho meu primeiro carro, um Rolls-Royce de 1913. Mantive meus favoritos ao longo dos anos, um Bentley '38, um Morgan '59, e um Roadster MGB '69. Minha última aquisição é um Aston Martin 2005.

Deteve-se na metade do caminho pelas escadas com um olhar de assombro em seu rosto. — Realmente coleciona carros caros? Não me diga que as coisas em seu perfil, são verdade.

— O que outras coisas?

Ela continuou descendo pelas escadas. — Coisas como seu castelo encantado nas montanhas.

Ele riu entre dentes. — Eu não o chamaria encantado, a menos que esteja fascinado pela ideia do mofo.

— Então, realmente tem um castelo?

— Não é tão grande como o castelo de Angus. Descrevê-lo-ia mais como uma casa de Campo Grande.

— OH. Que... Bom. — Com um olhar irritado, cruzou o vestíbulo para a porta de entrada, suas botas de salto alto faziam clique no chão de mármore. — Já que nem sequer escreve em seu perfil, estou segura que todas essas bregas promessas são falsas.

Chegou primeiro à porta. — Que promessas?

Soltou um bufido. — Ainda não o leu, verdade?

— Estive ocupado devolvendo centenas de chamadas telefônicas. E te investigando. Que promessas?

Ela se encolheu de ombros como se não lhe importasse. — Havia uma sobre permanecer fiel

a sua esposa para sempre. Isso igual poderia passar.

— Isso passará.

Ela parecia duvidá-lo. — E logo estava à promessa de manter sua princesa resplandecente, iluminada pelas estrelas num estado de êxtase orgásmico para sempre. — Ela rodou os olhos. — Da mesma forma isso poderia acontecer, também.

Sua boca se torceu. — Certamente poderia tentá-lo. Quero que minha esposa se sinta bem agradada.

Mordeu-se os lábios e olhou para outro lado. —Em realidade tem a intenção de te casar, então?

— Sim. — Ele abriu a porta e uma rajada de ar frio a golpeou fazendo-a retroceder. Puxou seu lenço ao longo das orelhas e na boca sua voz soava apagada. — Deus, vai me congelar o traseiro.

E um traseiro precioso. Deu um passo diante dela para bloquear o vento. — Por aqui, não está longe. — Ele a levou pela rua e olhou aos homens que passavam e olhavam as pernas expostas da Toni.

— Como poderia alguém em sua situação tomar os votos matrimoniais tão a sério? — Murmurou por debaixo de seu lenço. — Honestamente não poderia afirmar que permaneceria fiel durante séculos.

— Está-me acusando de falta de honradez.

— Sinto muito, mas algumas das coisas em seu perfil não têm sentido para mim.

Havia coisas sobre ela que não tinham sentido, também. E ele ainda não sabia seu nome completo. Ian rebuscou em sua bolsa de pele as chaves do carro. Tinha conduzido até aqui um dos carros do Roman, um Lexus negro.

— Por exemplo, — continuou, — afirma que deseja dar toneladas de dinheiro a sua princesa. Se for tão rico, como é que está trabalhando como guarda de segurança?

— Minha especialidade é a investigação. Infiltrei-me duas vezes no Langley, sem ser detectado.

— Descarado sigiloso não?

Ele sorriu. — Quanto ao dinheiro, tenho quase tanto como Roman ou Angus. Eles têm trilhões. — Apertou um botão no teclado, logo abriu a porta do carro. — Eu só tenho uns poucos milhões.

Lançou lhe um olhar irônico. — Deveria estar envergonhado. O que estiveste fazendo todos estes séculos, perdendo o tempo?

Com um sorriso, fez-lhe um gesto para a porta aberta. — Não têm frio?

— Estou confundida. Por que trabalhar? Por que não ficar na Escócia e conduzir seus carros de luxo durante toda a noite? — Ela se inclinou para subir ao carro.

— Fi-lo por várias décadas, mas se tornou aborrecido. — Desfrutou da vista quando ela separou suas pernas para entrar no assento dianteiro. Sua diminuta saia subiu perigosamente bem acima. —Queria mais emoção em minha vida.

— Suponho que o está conseguindo. — Franziu o cenho enquanto puxava a prega de sua

saia.

— Sim, faço-o. — Sorriu enquanto fechava a porta. Logo deu a volta ao veículo e se deslizou atrás do volante.

Conduziu até a autoestrada do West Side, logo para o norte, dirigindo-se para o *Hell's Kitchen*. Cada vez que olhava à direita, seu olhar gravitava para as pernas dela. Magras e musculosas, que poderiam espremer a um homem apertando ao redor de sua cintura. Ele respirou profundamente quando ela esfregou as mãos acima e abaixo de suas coxas.

— Importa-te se subir a temperatura? Faz um pouco frio aqui dentro.

Agarrou-se ao volante com um apertão de morte. — Parece-me que faz bastante calor para mim, mas adiante.

— Obrigada. — Ela se inclinou para o centro do carro para mover o controle da temperatura. Infelizmente, os condutos de ventilação lhe sopraram sua doce fragrância diretamente a sua cara. Uma onda de desejo em cascata desceu desde seu nariz até a virilha. Passar tempo a sós com ela tinha sido uma má ideia. Em lugar de obter respostas, estava tendo uma ereção. — Qual é seu nome completo, Toni?

Ela fez um gesto com a mão, descartando sua pergunta. — Conheci o Roman na segunda-feira passada. Disse-me que sua esposa, Shanna, é mortal, e que outro menino tem uma mulher mortal, também.

— Jean-Luc, sim. Assisti a suas bodas em setembro.

— Se estes vampiros se casarem com mortais, como é que tem tantos prejuízos incluso para sair com eles?

— Eu não sou preconceituoso. — Seu olhar se desviou à pele nua, de suas coxas de ouro deliciosos. — Acredito que algumas mulheres mortais são muito atrativas. — Querida Mãe de Deus, ela estava cruzando as pernas.

— Simplesmente não entendo por que te nega a sair com as mortais.

— Porque quero ser honesto. Com um vampiro, não tenho que mentir a respeito de quem ou o que sou. Quero uma relação apoiada na honestidade.

Ela baixou o olhar a seu regaço sobre suas mãos apertadas. — Sem... Segredos, então?

— Não. E sem julgamentos. Um mortal teria problemas para aceitar meu passado, mas uma vampira o entenderia e não encontraria enganos nas coisas que tive que fazer para sobreviver.

Ela o olhou fixamente. — Quer dizer usar às mulheres para a comida e o sexo?

Apertou os dentes. — Esse é exatamente o tipo de julgamento de que estou falando. Admito que tomasse sangue quando o necessitava, mas nunca obriguei a uma mulher.

— Como pode estar tão seguro? Não utilizou o controle mental?

— Não sou um violador. — Deu a volta por volta da *Trinta e quatro West*. Pelo menos suas acusações estavam fazendo um bom trabalho para sossegar seus desejos luxuriosos. — Não te culpo por me interrogar desde que foi atacada faz só um par de noites. Estou seguro de que te ajudará a ser delicada.

— Não sou delicada. Estou furiosa.

— Não me cria mal-intencionado. Quando entro na mente de uma mulher, posso escutar

seus pensamentos, e nunca fico onde não sou bem-vindo.

— Alguma vez controlou os pensamentos de uma mulher para fazê-la sucumbir?

— Não. Em meu caso, uso o controle mental para convencer às mulheres de que sou maior do que pareço.

— Assim que as engana.

— Minha maldita cara era um engano, Toni, e não havia forma de escapar. Fiz pensar às pessoas que tinha quinze anos, quando por dentro era todo um homem. Tive que usar mais enganos para fazer que as mulheres me olhassem da maneira que eu queria. Não estou orgulhoso de todo esse engano. Por isso é tão importante agora ser honesto. Outro vampiro o entenderia.

— Pode-se ser honesto com um mortal.

— Não poderia me aproximar de um mortal e dizer: *'Olá, sou um vampiro. Quer sair comigo*?' Teria que lhe mentir desde o começo, e me nego a fazer isso.

— Há um montão de mulheres que sairiam contigo porque é um vampiro.

Parou num semáforo em vermelho e a olhou. — Não quero ser amado porque sou um não morto. Não mais do que você quer que a rechacem por ser mortal.

Ela olhou para outro lado. — Eu… eu fui muito dura contigo...

— Moça, tem toda a razão para suspeitar. Quase foi assassinada um par de noites atrás. Mas esses vampiros que a atacaram eram provavelmente cruéis e viciosos antes que os convertessem. A morte não troca o coração do homem.

— Então foi um bom homem, — sussurrou.

Todo seu desejo retornou de repente. — Trato de sê-lo.

Seu olhar se encontrou com a sua. — O que é o que mais quer?

Nesse momento, sentiu que podia olhar esses olhos verdes durante um século ou dois. Eram incríveis, na forma que queimavam de ira, brilhavam com humor, ou suavizavam com compaixão.

— Quero ser amado, com honestidade e amor verdadeiro, por quem sou. E quero amar a uma mulher com todo meu coração para toda minha vida. Quero a dor por sua mente, seu corpo e por sua companhia.

Seus olhos se abriram. — OH.

O aroma de seu sangue quente encheu o carro, e suas terminações nervosas vibraram em resposta. Perguntou-se se tinha alguma ideia do que estava fazendo com ele. Podia sentir as ondas de desejo que fluíam dele?

Sim, juraria que o fazia. Seu coração pulsava rápido. Sua respiração era irregular. Aproximou-se mais.

— Seus… seus olhos, — sussurrou acariciadoramente. Ele sabia que se haviam posto vermelhos, porque sua visão agora estava tinta de cor rosa. Deslizou uma mão ao redor dela.

Ela não se apartou. Seu olhar caiu a sua boca, e ele não pôde resistir mais. Beijou-a.

Capítulo 8

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela se esticou um pouco, mas ele não se deu por vencido. Ian moveu sua boca sobre a dela, brandamente, persuadindo-a a responder. E o fez. Relaxou-se, apoiando-se nele. Seu coração se expandiu em seu peito, e a atraiu mais perto.

Ele mordiscou seu lábio inferior. Sua boca se abriu com um ligeiro suspiro, convidando-o a entrar. Ele passou a ponta da língua por seus lábios. Estavam úmidos e doces.

Uma buzina ressonou detrás deles, e ambos se sacudiram em seus assentos. Toni ofegou e se apartou. Ian olhou para diante e se deu conta de que a luz estava verde. Pisou no acelerador.

Maldita seja, o que estava fazendo? Nos últimos dias, convenceu-se de que uma pequena paquera não faria mal a ninguém. Mas beijos? Não podia seguir negando-o mais. Estava violando a regra de não relação, e Toni estaria em problemas se a verdade se soubesse.

Ele a olhou. Seu rosto estava pálido, e ela estava pressionando sua mão contra sua boca.

— Está bem?

— Sim. Não. — Ela baixou a mão.

Deu-se conta do ligeiro tremor antes que ela apertasse as mãos juntas. — Não deveria te haver... Beijado. Sinto muito.

Fechou os olhos brevemente. — Não vamos pensar nisso. Ou falar disso. Isso nunca aconteceu.

Ele permaneceu em silêncio, pois sabia que não estava de acordo. Ele pensaria nisso. Revivê-lo-ia em sua mente, uma e outra vez.

— Não importa de todos os modos, — continuou com uma voz sem fôlego. — Você quer uma mulher Vampiro. Não estamos de tudo satisfeitos o um com o outro. Foi um… um engano.

Engano, seu traseiro. Ele o faria de novo num segundo. Esperava que não a tivesse assustado, entretanto. Tinha passado por um montão de caos ultimamente.

Uma rajada repentina de música estalou, enchendo o tenso silêncio. Toni lhe deu um olhar confuso, continuando, uma olhada ao redor do carro. O estribilho musical se repetiu, e Ian começou a compreender as palavras cantadas por uma vocalista feminina.

—Acredito que vem de sua carteira. — Ele fez um gesto à bolsa a seus pés.

— OH, é meu telefone móvel. — Ela colocou a bolsa em seu regaço e tirou o telefone. — Carlos trocou o tom de chamada. Suponho gosta de Pat Benatar.

— O amor é um campo de batalha?

— Sua ideia de uma brincadeira, — murmurou ela, enquanto abria o telefone. — Olá! Carlos! Como pôde fazer isto a meu telefone?

Ian tentou escutar, mas o uivo de uma sirene de polícia próxima impossibilitou ouvir as palavras do Carlos.

— Não sei de onde tirou essa ideia. — Toni fez uma careta enquanto olhava ao Ian. —Nossa associação é puramente de negócios.

Estavam perto do *Horny Devils*, por isso Ian começou a procurar um lugar para estacionar.

— Está bem, — continuou num sussurro. — Falarei contigo mais tarde. Adeus. — Ela deslizou o telefone em sua bolsa de mão.

— Passa algo? — Perguntou Ian casualmente.

— Não, tudo está bem.

Então por que seu coração ainda está acelerado? — Carlos me pareceu um pouco… diferente.

Ela se encolheu de ombros. — É gay.

Ian recordou a expressão afligida pelo Carlos quando tinha saído do dormitório da Toni. — Disse-te que é gay?

— Bom, não. Nós assumimos que o é, porque atua como se o fora. — Estavam perto.

— Quem somos *nós*?

Um olhar cauteloso apareceu no rosto do Toni. — Sabrina e eu. É minha companheira de habitação. Está visitando uns parentes nesse momento.

Algo não andava bem, Ian podia senti-lo. Algo mais que o beijo proibido que acabavam de compartilhar. E estava mais que convencido de que nunca Carlos era mais do que aparentava.

Viu um lugar para estacionar e se deteve junto à calçada. — Toni, antes de entrar, tenho que sabê-lo, por que tem um apartamento?

Ela se desabotoou o cinto de segurança. — É melhor que viver na rua.

— Disse que tinha aceitado custodiar aos vampiros porque queria alojamento e comida grátis, mas isso não tem sentido já que tem um apartamento.

— Sim, estou pagando o aluguel, mas o contrato de arrendamento está quase em cima. Acredite-me, ter um trabalho bem remunerado, com todos os gastos pagos é o melhor para mim neste momento. Dá-me a oportunidade de pôr em dia meus empréstimos estudantis.

— O que acontece com a sua companheira de quarto?

— Ela é... Não se rompeu como eu. Recebe um bom subsídio todos os anos, e assim que se gradue, temos um plano para montar um negócio juntas.

— Assim vê este trabalho como algo temporal?

— Sim. Um ano no máximo. — Lhe deu um olhar de preocupação. — Isso não é um problema, verdade?

— Connor não te explicou o que acontece quando um guarda mortal deixa MacKay Segurança e Investigação?

— Disse que apagaria minha memória a respeito dos vampiros.

— Apagará tudo de sua memória. Será como se este ano nunca tivesse acontecido.

Seus olhos se abriram como pratos. — Isso... Muito. — Ela pressionou uma mão contra seu peito.

Ian sabia que devia impulsioná-la a que partisse agora, pois só perderia uns poucos dias. Mas a ideia de nunca voltar a vê-la era muito dolorosa. — Você… Deveria partir agora e voltar para sua vida normal.

Seus olhos brilhavam com lágrimas. — Minha vida não é muito normal. — Ela piscou e quadrou os ombros. — Portanto, vamos ou não a esse clube?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Vamos. — O alívio o percorreu. Não tinha que perdê-la no momento. Mas o alívio se transformou rapidamente em apreensão. Algo estava realmente mal. Um mortal não perdia um ano com tanta facilidade. Ela estava tramando algo. E ele estava condenadamente bem com isso.

Poderia perder um ano de sua vida? Toni estava intumescida pela surpresa enquanto caminhava junto ao Ian. Apontou uma rápida olhada em sua direção. Boa pena tinha beijado ao homem! Tinha beijado a um vampiro. E vivia para contá-lo.

Não tinha sabido nem sequer a sangue. OH, maldita seja. Poderia perder um ano de sua vida? Isto era muito para tomar tudo de uma vez. Como podia tê-lo beijado? Empurrou a um lado esse pensamento e se concentrou na outra coisa voltando-a louca com a perda de todo um maldito ano de sua vida.

Maldito seja esse Connor. Tinha passado por cima essa parte. Devia ter descoberto que tinha que conservar o emprego para sempre. Mas ela e Sabrina tinham planos. Grandes planos, maldita seja.

E tinha beijado ao Ian. Um pensamento repentino lhe trouxe uma careta de dor. Carlos a tinha visto através de sua pequena câmera espião? Não era de estranhar que a tivesse chamado em seguida. Provavelmente tinha querido assegurar-se de que tudo estava bem. Depois de tudo, só tinha quase comido os lábios de um vampiro. E que lábios. O homem sabia como beijar. É óbvio, teve vários séculos para aperfeiçoar sua técnica.

Tinha sido tão doce e se desculpou depois. Por que não podia ser mortal? Poderia apaixonar-se por ele num segundo se fosse mortal. Olhou-o de novo. Poderia apaixonar-se por ele sendo um vampiro?

Ele a levou a um beco escuro. — A entrada está oculta, por isso os mortais não podem entrar.

Viu uma porta vermelha na penumbra, com um enorme homem de pé montando guarda. Ele assentiu com a cabeça ao Ian, logo abriu a porta.

— Espera um minuto. — O porteiro levantou a mão forte. Seus olhos pequenos e brilhantes se centraram na Toni, e seu nariz farejou. — Ela não pode entrar aqui. É…

— Está comigo, Hugo. — Ian passou um braço ao redor de seus ombros e a levou para o interior do clube.

A música a todo volume assaltou seus ouvidos, e as luzes intermitentes temporalmente a cegaram. Assim que este era um clube noturno para vampiros. Parecia-se muito a um mortal. Girou para que a câmera em seu colete pudesse enviar as imagens ao apartamento do Carlos. Estava gravando tudo o que havia ali.

Viu um grupo de mulheres escassamente vestidas embutidas perto do cenário onde um menino bonito dançava, sua tanga de cor vermelha brilhava sob as luzes. Bom, Carlos desfrutaria ver isso. Além dos bailarinos, a maioria eram mulheres. Inclusive o garçom e o DJ eram mulheres.

Reparou em umas vampiras que estavam sentadas nas mesas e bebiam algo vermelho em copos de cristal. Sangue, sem dúvida, mas uma foto delas constituía uma prova da existência dos vampiros? Poderia ver-se como uma imagem de gente comum bebendo vinho tinto.

— Posso te trazer algo de beber? — Ian sorriu quando ela fez uma careta. — Têm bebidas sem sangue.

— Uma Coca-Cola Light então. Tenho um exame final amanhã. — E estava numa missão agora, assim necessitava seu engenho. — Não posso ficar muito tempo. Deveria estar em casa perto das dez.

— Posso teletransportar-te a casa quando quiser. — Conduziu-a para as mesas.

Uma mulher de repente se materializou junto ao bar com um telefone móvel pego a sua orelha. Pendurou, e logo correu para o cenário.

— O que foi isso? — Toni girou para seguir seus movimentos, mas não estava segura se sua câmera tinha captado tudo.

— As vampiras chamam para teletransportarem-se pela primeira vez, — explicou Ian. — Usam o telefone como farol sensorial para assegurar-se de que chegam ao lugar correto.

— OH. — Ela se perguntou se tinha reagido com suficiente rapidez para surpreender à flagrante Vampira. — Há um banho de damas?

— Sim, por aí. — Tocou-lhe o ombro. —Tome cuidado.

— Pensei que todas estas Vampiras eram bebedoras de garrafa.

— São-no, mas depois de uns *Blisskys* ou *Bleers,* poderiam estar bêbadas e não se comportarem.

— OH, genial. — À medida que se dirigia para os banhos, deu-se conta dos olhares ardilosos que lhe jogavam, e o leve bate asas das fossas nasais, com que cada vampira agarrava seu aroma. Sentiu-se como um aperitivo caminhando.

Entrou no banheiro de mulheres e encontrou uma formosa loira, arrumando-se frente ao espelho. Não, não era um espelho, mas uma gigantesca televisão de tela plana. Duas câmeras na parede estavam apontadas à fila dos lavatórios. É óbvio. A tecnologia digital era a única maneira de que os vampiros pudessem ver-se.

A loira se voltou para ela e enrugou o nariz arrebitado. — Santo céu, como entraste aqui? — Perguntou com um acento britânico estirado.

— Foi incrível. Empurrei a porta e se abriu.

— Não referia a banheiro, idiota de gelo, — continuou a vampira loira. — Sou uma das proprietárias deste estabelecimento, e não damos as boas-vindas a sua classe.

— OH, perdão, Sua Alteza. — Toni se absteve de fazer uma reverência. — Pensei que se tratava de um país livre.

— O que está passando? — Uma ruiva saiu de um posto. — Hey, Pamela. — Olhou a Toni e a cheirou. — Como chegou aqui?

— Isso é o que eu gostaria de saber, — soprou Pamela. — Disse ao Hugo um milhão de vezes que não deixe entrar os mortais.

— Vim com o Ian MacPhie. — Toni olhou às vampiras arrogantes. — Sou seu guarda, o que significa que posso dar patadas em traseiros de asno.

Pamela riu. — Ian nunca permitiria que uma mulher o custodiasse. De fato, nunca necessitou amparo no absoluto.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Há dito Ian MacPhie? — Perguntou à ruiva. — Não é esse homem magnífico em *Single in the City*?

— OH, Meu deus! — Uma morena disse de outro posto. — Ian MacPhie está aqui? — Olhou a Toni. —Posso me reunir com ele?

— Eu também quero conhecê-lo. — A ruiva se aproximou da Toni. — Pode-me levar até ele?

Maldita seja, tinha passado de sentir-se como um aperitivo a uma alcoviteira. Uma pontada de ciúmes lhe cravou, mas se armou de força contra este. O beijo tinha sido um engano. Ian não era seu tipo. Preferia os homens que estavam vivos, maldita seja. Assim tinha que aceitar o fato de que ia perseguir a estas mulheres vampiras. Uma delas seria sua luz das estrelas, sua brilhante princesa. Uma delas o beijaria a partir de agora.

— Conheço o Ian pessoalmente, — gabou-se Pamela. — Estava acostumado a fazer o guarda quando era membro do harém do Roman Draganesti.

A morena se dirigiu a Pamela. — É realmente assim de bonito?

— E rico? — Adicionou à ruiva.

— Venham comigo. Apresentar-lhes-ei. — Pamela dirigiu um sorriso de satisfação superior a Toni enquanto caminhava para a porta. — Que saibam que tenho uma teoria interessante sobre o Ian.

— Qual é? — Perguntou à morena enquanto se arrastava detrás.

— Acredito que é um virgem de quinhentos anos, — anunciou Pamela.

— Não por muito tempo, — murmurou à ruiva.

Houve um gorjeio da risadas quando as três mulheres saíram do banheiro.

— Não lavaram as mãos! — Chamou Toni detrás delas. Apertou os dentes. Como podia Ian preferi-las? Mas ao menos o banheiro estava vazio, e tinha total privacidade. Moveu-se fora do alcance das câmeras e chamou ao Carlos.

Poderia perder um ano de sua vida. O pensamento seguia atormentando-a. Não era justo, caramba! Estes Vampiros tinham vivido durante séculos, enquanto que sua vida era muito curta. Como poderiam roubar um ano?

— Olá? — Respondeu Carlos.

— Recebeste a imagem de uma vampira teletransportando-se aqui?

— *Menina*, está no clube?

— Sim. Não o vê?

— Não, vou ver o vídeo mais tarde. Agora mesmo estou de caminho ao Westchester.

Toni abriu a boca. — Vai à casa dos Proctor?

— Não se preocupe. Nunca saberão que estive ali. E terminei de revisar seus registros financeiros. Tio Joe tem o mau hábito de ir ao *Atlantic City*.

— Como sabe?

— Os cartões de crédito deixam um rastro, querida.

— Mas, como sabe como…?

— Você gostou de seu novo tom de timbre? — Interrompeu.

— Não. Sua morte será lenta e dolorosa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Pôs-se a rir. — Agora, não se preocupe pelo vídeo. A gravação está em minha casa. Só apanha aos vampiros travessos fazendo algo vampírico, de acordo?

— De acordo. — Assim não tinha visto o Ian beijando-a. — Carlos, quando deixar de trabalhar para eles, apagar-me-ão a memória. Não me lembrarei de nada!

Houve uma pausa. — Bastardos, — murmurou Carlos. — Não se preocupe. Se lhe apagam tudo, dir-te-ei o que aconteceu. Consegue a prova que necessitamos o antes possível. Desta forma, só perderá um par de dias.

Ia perder mais de um par de dias. Ia perder todas as lembranças do Ian. E o beijo. Por alguma estranha razão fez que seu coração se apertasse em seu peito.

— Está bem, amor? — Perguntou Carlos.

— Isto é uma Merda. — Toni fechou seu telefone e logo retornou ao clube.

Capítulo 9

Ian pediu uma *Bleer* e uma Coca-cola light à garçonete.

— Vanda está aqui? — Entregou a Cora Lee um bilhete de dez dólares.

— Por ali. — Soava como se estivesse irritada com todos de novo.

Ian olhou para o cenário. A música tinha cessado, e a multidão de senhoras vampiros se congregaram ao redor para escutar a Vanda clamando a uma bailarina.

— Isto não é um bordel, — gritou ela. — Está despedida!

— Aí vai outro bailarino. — Saudou Cora Lee seus braços no ar. — Yuju, Vanda! Ian está aqui!

A multidão se voltou para uníssono para olhá-lo.

— Ele é Ian MacPhie? — Perguntou uma das damas.

— Claro que é, — gritou Cora Lee. — Vai e agarra-o.

A multidão se moveu para frente. Ian tragou saliva.

Cora Lee riu, e logo murmurou, — Parece que seu desejo se tornará realidade agora. Certamente que hoje irá para a cama.

— Ian! — Chamou Panela. — Tenho duas senhoras que querem te conhecer. — Ela fez um gesto às mulheres.

— Vimo-lo primeiro! — Gritou uma senhora entre a multidão, e se precipitaram para frente.

— Por todos os demônios. — Ian pressionou as costas contra o bar.

— Para trás! — Vanda abriu o látego de sua cintura e o jogou na multidão. — Já me ouvistes! Em fila e esperem seu turno!

As senhoras se apressaram a formar uma cauda. Ian estremeceu ante a quantidade de empurrões e maldições. Atuavam mais como lutadoras que como damas. E havia mais de cinquenta.

Vanda sorriu ao Ian. — Não é genial? O perfil que escrevi foi incrível! Todo mundo quer uma entrevista contigo.

— Não posso ter uma entrevista com cinquenta mulheres numa noite.

— Claro que pode. — Ela pôs o látego de volta ao redor de sua cintura. — Chama-se speed dating. [10]

— Mas já disse a três mulheres que ficávamos aqui.

Vanda se moveu a um lado. — Vamos deixá-las primeiro. — Ela se voltou para Cora Lee. — Não tem um temporizador de cozinha?

— Sim. — Cora Lee entregou um temporizador de plástico branco.

Vanda o pôs sobre uma mesa. — Vamos dar a cada uma cinco minutos.

— Vai durar horas. — Ian trouxe as bebidas à mesa.

— Tem algo melhor que fazer? — Vanda olhou a Coca-cola Light. — O que acontece a bebida mortal?

— Trouxe comigo a Toni. É o novo guarda de dia na casa.

Os olhos da Vanda se abriram como pratos. — *Ela*? Connor contratou a uma *mulher*?

Faz duas noites, Ian se tinha sentido igualmente surpreso, mas agora queria defendê-la.

— É uma excelente lutadora.

Vanda lhe dirigiu um olhar duvidoso. — Imagino a uma mulher veado americano com sobrancelhas, que está tomando esteroides.

Ian ficou rígido. — Não! Ela é...

— Hey, Ian! — Gritou uma senhora ao outro lado do clube. — Que diabos se passou com nossa entrevista? Falamos por telefone a noite passada. Não te lembra?

— Sim. — Tratou de recordar o som de sua voz. — Você é Tormenta?

— Tempestade. — Seus olhos brilhavam com chateio. — E esta é Raio de lua e Cindy. — Fez um gesto às mulheres a seu lado. — Falamos ontem de noite. Somos as mais antigas!

— Podem passar à parte dianteira da linha, — ordenou Vanda. — Ian começará breve.

Ele se queixou. O que diria a todas essas mulheres? — Por que há tantas?

— É o número um no perfil de *Single in the City*. — Vanda sorriu com orgulho. — Todo mundo ouviu falar de ti.

Ian fez uma careta. — Queria falar contigo a respeito disso. Connor está molesto de que figure a localização e o número de telefone da casa do Roman.

— Connor é um velho grosseiro. As mulheres necessitam uma forma de contatar contigo.

— Entendo-o, mas por razões de segurança, é perigoso dar a conhecer nosso lugar a muitos. Não queremos que algumas admiradores muito entusiastas tentem entrar para verem-me, sobre

[10] *Encontros rápidos, ou speed dating é um processo de harmonização ou sistema de datação (uma variante do sistema tradicional de encontros, cujo objetivo é desfrutar de namoro ou amizade). Speed dating originou nos círculos judeus nos Estados Unidos como uma forma de garantir que pessoas solteiras (ou aqueles cujo parceiro foi viver noutro lugar), que viviam em cidades onde eram minoria, em comparação aos não judeus, encontrar o outro. O sistema pegou, graças em parte à sua divulgação através da televisão, game shows, por exemplo, quinta roda. Hoje, é prática comum nos Estados Unidos, especialmente entre a comunidade gay. Os defensores dele afirmam que este método de encontro simplesmente economiza tempo, e a maioria das pessoas decidem se eles são compatíveis romanticamente muito rapidamente, e que as primeiras impressões são geralmente permanentes. Cada menina conversa com um cara que não conhecem. Os participantes têm três minutos para cada mini conversação e depois as meninas giram. Se dois se derem bem, trocam telefones e ficam em contato. Depois de 10 mini conversas, cartas são dadas para preencher com dados pessoais. Depois o cara dá-o à menina, que parecia mais adequada.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

tudo durante o dia. É muito arriscado.

— Ok, ok. — Vanda inflou seu cabelo arroxeado em ponta. — Tirarei a direção da página Web.

— E o número de telefone, também. Podem deixar uma mensagem para mim em *Single in the City.*

— Está bem. — Vanda aceitou. — Mas está tornando muito difícil.

— Hey, o que acontece?

— Aproximou-se um vampiro masculino, vestido com um traje caro, e piscou os olhos a fila de mulheres que esperavam. — Olá, garotas.

— Olá, Gregori, — responderam em coro.

Ian estava impressionado. Gregori conhecia todas essas mulheres?

— O que se está passando? — Gregori deu um beijo na bochecha a Vanda. — Estamos fazendo fila para fazer o salto do coelhinho?

— Ian está fazendo um pouco de entrevistas esta noite. — Vanda baixou sua voz até um sussurro. — Está em busca de seu amor verdadeiro.

— Ah. — Os olhos de Gregori brilharam como se considerasse o Ian. — Quer que as aqueça para ti?

Ian franziu o cenho. — Já é bastante difícil ser encantador uma vez, mas cinquenta vezes seguidas?

— Pode fazê-lo, irmão. Sê só você mesmo.

Ian franziu mais seu cenho.

Gregori fez uma careta. — Pode tentar sorrir. Conhece o amor das damas por um tipo com senso de humor.

— Estou condenado.

— Relaxe, amigo. Eu poderia... — Gregori se congelou. — Meu deus, olha-a. É um anjo!

Ian olhou na direção do olhar aturdido do Gregori. Toni. — É minha, — exclamou ele, então se repreendendo a ele mesmo. — Quero dizer, é minha protetora.

— É o guarda que Connor contratou? — Perguntou Vanda.

Gregori bufou. — Sim, posso ver por que a contratou.

— Sua beleza não tinha nada que ver com isso, — replicou Ian. — É uma excelente lutadora e valente e muito inteligente.

— OH. — Os olhos do Gregori olharam ao Ian com curiosidade. — Já vejo.

Ele sentiu o calor subindo. Talvez tivesse falado um pouquinho forte. — na realidade, agradecer-te-ia se pudesse manter um olho nela enquanto estou ocupado.

— É óbvio. Não há problema, irmão.

Toni olhou a longa fila de garotas que se aproximavam. — Pensei que só tinha três entrevistas.

— Tenho umas poucas mais agora, — queixou-se Ian enquanto ia para seu lado. — Eu gostaria que conhecesse alguns de meus amigos. Trata-se da Vanda. Encarrega-se do *Horny Devils*.

— E escreve perfis fascinantes, — acrescentou Toni com um sorriso. Estendeu-lhe uma mão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Prazer em conhecê-la. — Vanda apertou sua mão. — Estou trabalhando em outro projeto para que Ian seja ainda mais famoso.

Ian tragou saliva forte. — Isso não é realmente necessário.

— É óbvio que sim. Temos que encontrar o seu verdadeiro amor. — Vanda deu ao Ian umas tapinhas na bochecha. — Comprovarei como vai mais tarde. — Ela caminhou para seu escritório.

— E este é Gregori. — Ian fez um gesto para ele. — É o vice-presidente de marketing do Romatech.

— Estou feliz em conhecê-la. — Gregori tomou sua mão e a beijou. — Ouvi falar de ti. Minha mãe, Radinka, disse-me que ela e Shanna a verão amanhã.

— OH, isso é correto. — Toni sorriu. — Vêm com o Howard para me ajudar a cuidar dos meninos enquanto faço um exame final.

Ian franziu o cenho ante a ideia de babá.

— Bom, irmão, não deveria ir trabalhar? — Gregori assentiu com a cabeça para a longa fila de mulheres.

Ian tragou saliva. O trabalho era a palavra correta para ele. Paquerar com a Toni tinha sido divertido, mas a ideia de encantar a todas estas mulheres parecia uma tarefa sangrenta. — Necessito um primeiro gole. — Sentou-se e tragou um pouco do *Bleer.*

Gregori ofereceu uma cadeira na mesa para que Toni pudesse sentar-se. — Para que universidade vai?

— À Universidade de Nova Iorque. — Sentou-se.

Gregori se sentou junto a ela. — Aí é onde consegui meu MBA[11].

— Tenho minha licenciatura aí.

Sentindo-se esquecido e um pouco sem educação, Ian tragou mais Bleer. Maldito seja, deveria ter afastado a cadeira para ela.

Gregori se inclinou para ela. — Hey, o velho professor Hudgins ainda está ali? Baixinho e calvo, leva uma gravata de coque. Olha e fala como *Elmer Fudd*: "*Hoje estamos colocados sobre águas nacionais no meio oeste com os cartões de crédito".*

Toni pôs-se a rir, e soava como música do céu. Entretanto, Ian estava ao bordo de uma corrente de queixa e maldições. As cinquenta mulheres Vampiros estavam molestas. Não havia dúvida de que não gostavam de ter que esperar enquanto ele falava com uma mortal.

Toni finalmente deixou de rir e olhou ao Ian. — Gregori fez uma grande representação. É realmente gracioso.

— Comprei-te uma bebida. — Agora isso foi suave, repreendeu-se a si mesmo.

— Obrigada. — Tomou um sorvo.

— E que diabos estamos esperando? — Gritou Tempestade na parte dianteira da fila.

Ian gemeu para si mesmo.

— Os nativos estão cada vez mais inquietos, — observou Toni. Ela olhou por volta do bar e de repente saltou a seus pés, quando duas mulheres se teletransportaram.

[11] *Mestrado de Administração.*

— Está bem? — Perguntou Ian.

Ela se sentou de novo. — Acredito que estou um pouco nervosa... De estar aqui.

— Dança comigo, — sugeriu Gregori. — Direi ao DJ que volte para o trabalho. — Dirigiu-se para a pista de dança.

Toni olhou-o afastar-se. — Gregori é um vampiro?

— Sim, um muito jovem. Foi trocado depois da invenção do sangue sintético, por isso foi completamente alimentado com mamadeira.

Toni fez uma careta quando a música forte, vibrante começou. — OH Deus! Não. Disco?

— Gregori adora. Vais permanecer com ele até que estejamos preparados para regressar a casa?

— Posso cuidar de mim mesma.

— Toni. — Ian se inclinou para frente. — Há cinquenta mulheres Vampiros detrás de ti, e todas com adagas nos olhos olhando para ti. Por favor, fica com o Gregori.

Ela olhou por cima do ombro. — Está bem, entendo seu ponto. Irei dançar.

Ficou de pé e alisou sua saia diminuta. — Boa sorte com suas entrevistas. Embora tenha que dizer que está perdendo o tempo.

Com a cabeça bem alta, passou junto às mulheres deslumbrantes, como um anjo sem temor das forças escuras a seu redor. Mas por que acredita que suas entrevistas eram uma perda de tempo? Pensava que era impossível para ele encontrar o amor?

— Hey! — Chiou Tempestade. — Podemos começar já?

— Sim, vamos começar. — Ian ajustou o temporizador.

Tempestade se precipitou para diante, jogou os braços ao pescoço e o beijou na bochecha.

Ian desenganchou seus braços. — Poderia tomar o seu assento, por favor?

— Certamente. — Ela subiu a seu regaço.

— O que está fazendo, moça?

— Me sentando. — Ela repassou suas unhas com esmalte negro por seu peito. — Sabe por que me chamam Tempestade? Sou tão selvagem como um furacão.

— Pensei que poderíamos falar um pouco primeiro. Sabe, a calma antes de uma tormenta?

Arrancou-lhe a fita de couro de seu cabelo e passou os dedos pelo couro cabeludo. — Por que não enviar às outras garotas para casa? — Ela agarrou seu cabelo. — Eu quero me molhar e ser selvagem contigo.

— Não te conheço ainda. — Ele bisbilhotou seus dedos soltos.

— O que quer saber? — Ela mordeu em seu pescoço.

— Bom, né, o que faz para ganhar a vida?

Ela riu entre os dentes, baixo e gutural. — Não estou viva, tolo, sou uma não morta.

— Sim, mas todos têm contas que pagar.

— Se necessitar algo, tomo. — Lhe mordeu a orelha. — Neste momento, necessito-te.

— O que significa para ti, tomo?

— Tomo coisas dos mortais. Dinheiro, roupa, o que seja.

— Rouba-os?

Ela se tornou para trás com um impaciente bufido. — Não é um roubo quando não se dão conta do acontecido. É muito fácil lhes trocar as mentes. Também, tenho um apartamento grande, de fato o administrador pensa que pago a renda.

Por que tinha pensado que todos os Vampiros eram como ele? — Temo que não nos adaptaremos bem.

— O que significa isso?

Levantou-a e a pôs em pé como estava. — Que foi um prazer te conhecer.

— Está-me abandonando? — Gritou ela. — Ninguém me abandona! — Ela lançou o resto da Coca-cola light em seu rosto, e logo se afastou, amaldiçoando em voz baixa.

Ian limpou a cara com um guardanapo de papel. Uma a menos, quarenta e nove por percorrer. Talvez Toni estivesse com a razão, e estava perdendo seu tempo. Jogou uma olhada à pista de dança. Gregori estava movendo seus quadris e apontando com um dedo para cima e para baixo. Com um sorriso, Toni imitou seu movimento.

Ian suspirou e fez um gesto a sua segunda entrevista.

Uma bonita loira se deslizou para ele. — Olá, recorda-me? Sou Raio de lua.

—Como está? — Sentou-se e pôs o temporizador.

Raio de lua se sentou em frente dele. —Bom, suponho que devo dizer coisas sobre mim mesma. Sou Aquário.

— Isso está bem.

— Nasci em 1950. Meu nome era Maria. Aborrecido, sei. Meus pais eram deste modo quadrados. Escapei-me quando tinha dezesseis anos, para que pudesse protestar contra a guerra. Realmente odeio a guerra.

Este poderia ser um mau momento para mencionar que era um guerreiro. Ian se deu conta de que Gregori estava dando voltas em círculos com a Toni.

— Fui a São Francisco, é óbvio. — Raio de lua brincava com as pérolas ao redor do pescoço. — Lá foi onde se passou, já sabe.

— O que se estava passando? — Perguntou Ian.

— Tudo, homem. O poder das flores. Fazer o amor e não a guerra. Sou como totalmente oposta a qualquer tipo de violência.

— Então, alguma vez manipulou ou enganou a um mortal para ganhar algo para ti?

— Deus, não. Isso é como machucar seu carma.

Ian assentiu com a cabeça. Isto poderia ter potencial. Pelo menos, parece ter bons costumes.

— Assim aí estava eu, tropeçando com ácido e desfrutando de uma orgia em perfeito estado, quando esse homem sai de um nada e me morde no pescoço! Quero dizer, estava como totalmente desanimada quando despertei morta.

Ian piscou. — Já vejo. — Seu olhar vagou de novo para Toni. De vez em quando, quando alguém se teletransportava, ela saltava em sua cara. Talvez o teletransporte lhe desse medo? Se esse fosse o caso, deveria levá-la para casa. A ideia de escapar do clube soava excelente.

O temporizador soou, e se deu conta de que Raio de lua seguia falando. Ficou de pé. —Temo que nosso tempo se acabou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Está bem. Paz. — Ela o abraçou e se afastou.

Ian fez um gesto a Cindy para apresentar-se. Ela se lançou numa comprida contagem de seu passado de 200 anos e os noivos de treze anos, enquanto a atenção do Ian se deslizou de novo para a pista de dança. A música mais lenta, e Gregori tinha a Toni em seus braços. Maldito seja, tinha dito ao Gregori que a vigiasse, não que a destroçasse.

Depois de mais duas entrevistas, Vanda foi para ele, sorrindo. — Fi-lo! Tudo está preparado.

Seu estômago deu um nó com apreensão quando ficou de pé. — O que fez?

— Não esteja tão preocupado. Será genial. Amanhã à meia-noite, *Courrant Corky* virá aqui!

— A barracuda?— Todo mundo sabia que a jornalista do programa *"viver com os mortos vivos"* era viciosa. — Por que vai vir aqui?

— Para te entrevistar! — Anunciou Vanda.

Ian deu um passo à trás. — Vanda, não. Diabos, não.

— Vai ser divertido! Confia em mim.

Ele negou com a cabeça. — Nada bom pode sair disto. A mulher é um monstro.

— Não seja covarde! — Vanda lhe deu um golpe no peito.

— O Show da Corky é emitido em todo mundo. Cada Vampiro na terra te verá. E verá meu clube. Isto é genial!

— O que é o que é genial? — Gregori caminhou para eles com a Toni.

— Ian estará ao vivo nos *"mortos vivos*", — gabou-se Vanda. — Virão amanhã para fazer a entrevista.

— Vais estar na televisão? — Perguntou Toni.

— No DVN, — disse Vanda.

— Rede Digital Vampiro, — explicou Ian. — Temo-la na casa. Mas não farei o espetáculo.

— É óbvio que sim, — sussurrou Vanda. — Estive trabalhando nisto durante horas. Tudo está preparado.

— Tome cuidado com a Courrant Corky, — advertiu Gregori.

— Quem é ela? — Perguntou Toni.

— A estrela do espetáculo. — Gregori estendeu as mãos diante de seu peito. — Tem as mais gigantescas... — Ian lhe deu uma cotovelada, — comerciais, — terminou Gregori.

— Está pronta para voltar para casa? — Perguntou Ian a Toni. — Poder-te-ia levar.

Vanda o agarrou pelo braço. — Não vai a nenhuma parte. Todas estas mulheres estão à espera de sua oportunidade de encontrar-se contigo.

— Posso teletransportar-te Toni, — ofereceu-se Gregori.

— Mas ela possivelmente não quer ser teletransportada, — protestou Ian.

— Estarei bem. — Toni lhe deu um sorriso tranquilizador. — Não posso esperar para verte na TV.

Ian suspirou. Talvez devesse fazê-lo. Não queria decepcionar a Vanda ou a Toni. E quão mau podia ser? — Gregori, posso falar contigo em privado?

— Seguro. — Gregori caminhou longe com ele. — O que acontece?

— Eu... Uh... Pensei que possivelmente poderia me dar alguns conselhos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não vão bem suas entrevistas?— Sussurrou Gregori.

— Sinto-me como se estivesse levando a cabo uma entrevista de trabalho. Não estou conectando com elas. — Não era como com a Toni.

Gregori pôs uma mão sobre o ombro do Ian. — Amigo, pode fazer isto. Devia ter tido encantado várias damas para obter um litro de sangue cada noite durante vários séculos.

Ian suspirou. — Nunca fui muito sofisticado a respeito. Ninguém esperava que o fora. Parecia muito jovem, apesar de que me sentia velho por dentro. E agora me vejo velho no exterior, mas por dentro me sinto como um moço verde. Não sei o que dizer.

— Só tem que trabalhar em suas habilidades de comunicação. Em primeiro lugar, pratica sendo um bom ouvinte. As mulheres gostam de falar de seus sentimentos. Inclusive se pensar que é completamente aborrecido, assente com a cabeça e segue escutando.

— De acordo.

— Deve responder com frases como: — Que interessante. Conte-me mais?

— Que interessante, — repetiu Ian. — Me conte mais.

— Isso. E aqui há outra boa. Tem toda a razão. Está certa! As mulheres gostam de ser felicitadas por sua inteligência.

— Está bem. — Ian repetiu as linhas. — Obrigado. — Voltou para a mesa com Gregori. Vanda tinha ido correndo a seu escritório.

— Boa noite, Ian. — Sorriu timidamente Toni.

— Boa noite, Toni. — Deus, queria tocá-la. Queria beijá-la de novo.

Gregori lhe deu uma palmada nas costas. — Até mais tarde, amigo. Vamos, Toni. — Ele a conduziu para a pista de dança.

Com um suspiro de resignação, Ian fez um gesto para que a próxima entrevista se apresentasse.

— Olá, sou Amy.

— Por favor, se sente. — Ian olhava para o Gregori. Ele agarrava de perto a Toni. O qual era necessário quando teletransportavam a um mortal, mas não o era suportável de ver.

— Meu Deus, quando vi sua foto na Internet, pensei que parecia muito sexy, — começou Amy. — Mas, juro, que é melhor em pessoa!

— Que interessante, — murmurou Ian. — Me conte mais. — Maldita seja, Toni estava pondo seus braços ao redor do pescoço do Gregori.

— Quer falar do bonito que é? — Perguntou Amy. — Não é um pouco vaidoso?

— Tem toda a razão. E está certa!

— Idiota! Vou daqui. — Ela se afastou.

Ele se queixou. Esta condenada noite nunca terminaria.

Toni e Gregori chegaram ao alpendre traseiro da casa, e utilizou sua chave especial para desativar o alarme e abrir a porta. Desejou-lhe boa noite, e logo se teletransportou de volta ao *Horny Devils* para dançar mais. Era estranho, mas em realidade tinha desfrutado no clube noturno vampiro.

A diferença do Ian. Ele se via miserável. Odiava admiti-lo, mas uma parte dela se regozijava por sua miséria.

Sua teoria de que só um vampiro o entenderia era errônea. Essas bimbos chupa-sangues não eram o suficientemente boas para ele.

Correu escada acima até sua habitação para escapar das câmeras de vigilância. Deixou cair à bolsa na cama e chamou o Carlos. — Onde está agora?

— Voltei para meu apartamento faz cinco minutos, — respondeu. — Estou vendo o monitor conectado a sua câmera. Voltou-se negro durante uns segundos.

— Essa foi a teletransportação. Dá-nos a prova que necessitamos?

— Não, só se parecia com uma falha de funcionamento. Assim é esta sua luxuosa habitação a que estou vendo agora?

— Sim. — Toni destravou a câmara de seu colete e a apagou.

— Hey! — Carlos se opôs através do telefone. — Quero uma vista pela casa.

— E eu quero ir à cama. — Pôs a câmera numa gaveta da cômoda. — Não estou segura se peguei algum dos vampiros teletransportarem-se, porque logo apareciam sem prévio aviso. Foi muito frustrante. — Embora não é tão frustrante como observar as horripilantes mulheres Vampiros lançando-se ao Ian.

— Não sei, — respondeu Carlos. — Vou ter que ver a fita.

— Se não funcionou, tenho outra ideia. — Toni abriu o armário ao outro lado da cama. No interior havia uma televisão que não se incomodou em acender até o momento. — Os vampiros têm sua própria cadeia de televisão chamada *DVN*.

— Sério? Em que frequência é?

— Não sei. — Acendeu o televisor. — Isto parece um comercial. Algo que se chama *Vampos*. Trata-se menta para depois do jantar para desfazer o hálito de sangue.

Carlos pôs-se a rir.

— Digo-o a sério. Agora há um vampiro com asas de morcego. Por debaixo dele diz — *DVN, as 24/7 porque sempre é de noite de algum jeito.*

— Soa interessante. Tentarei aproveitá-lo.

— Agora há uma novela. Se tivermos um registro disto, não provaria que os vampiros existem?

—Não realmente, — disse Carlos. — Não é incomum ter programas de vampiros na televisão mortal.

— Mas e os comerciais?

— Vemos que os lagartos falam e homens das cavernas nos comerciais todo o tempo. Isso não os faz real.

— Não estou de acordo. Saí com uns poucos homens das cavernas. — Apagou o televisor e se perguntou como iria Ian. Teria descoberto a sua princesa resplandecente, iluminada pelas estrelas? Seria tão fabulosa, que se tinha se esquecido do beijo que tinham compartilhado?

— Merda, — murmurou Carlos. — Não acredito que as imagens do clube vão ajudar. Cada vez que se voltou para um Vampiro teletransportando-se, a imagem está imprecisa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Maldita seja. — Como diabos ia provar a existência dos vampiros?

— E temos outro problema, — disse Carlos. — Encontrei a casa dos Proctors.

— Sério? O que aconteceu?

— Falei com a criada, Maria. É da Colômbia, e por sorte meu espanhol é bom. Disse que sua chamada telefônica pôs aos Proctors muito nervosos.

— OH, deus. — Toni lançou suas botas ao armário. — Disse-te se Sabrina estiva bem?

— Está encerrada num dormitório no piso de cima. Maria a viu duas vezes, disse que estava dormindo em ambas as ocasiões.

— Penso que seu tio a está drogando.

— Tem razão. Maria disse que lhe estava dando Haldol. Trata-se de um antipsicótico forte. Tende a tombar às pessoas.

— Isto é terrível. — Toni cruzou a habitação.

— Mas há algo pior. No momento em que cheguei ali, os Proctors faziam as malas das coisas da Sabrina e a tinham levado a algum lugar. Maria disse que estavam falando de um hospital mental.

— OH, não! — Toni paralisou na cama. — Por que fazem isso?

— Não estou muito seguro, mas pode estar segura de que tem algo que ver com o dinheiro que Bri poderia herdar. Obterei mais informação amanhã. Tenho uma entrevista com a Maria.

— Uma entrevista? Mas você não é...?

— Estou trabalhando de incógnito, — disse Carlos. — Os Proctors sempre dão a Maria à noite livre de sexta-feira porque gostam de sair. Assim vou convencê-la de que me deixe no escritório do tio Joe. Não deveria ser muito difícil. Odeia-o porquê lhe belisca o traseiro cada vez que sua esposa não está olhando.

— OH, que grande tipo!

— Chamar-te-ei amanhã de noite. Espero saber a que hospital levaram a Sabrina.

— Espero que sim. Obrigada, Carlos. — Toni pendurou. Pobre Bri. Se estava apanhada num hospital psiquiátrico, teria que ser resgatada de algum jeito. Carlos ajudaria.

Toni respirou fundo. Tinha falhado a sua avó, e a culpa havia roído após. Não permitiria que Sabrina caísse.

Jedrek Janow descansava em sua cadeira com os pés apoiados sobre o escritório enquanto olhava *DVN*. Não podia acreditar a quantidade de informação que se lançava. O apresentador de notícias tinha informado que os vampiros ainda não tinham nem ideia de onde o malvado caudilho Casimir poderia se encontrar. Jedrek esperava que Casimir estivesse vendo-o. Adoraria essa parte de ser um senhor da guerra malvado.

Logo veio um espetáculo ao vivo com os chamados não mortos, e a anfitriã roliça anunciou que Roman Draganesti e sua esposa mortal esperavam seu segundo filho em maio.

Jedrek soprou. Por que pagar a espiões quando poderíamos aprender tanto de forma gratuita? Por desgraça, agora começava um entupido programa de ópera. Apagou o televisor e pôs seus pés no chão. Tomou as fotos que Yuri havia trazido à outra noite e passou os dedos por

elas.

Um som de gemidos provinha da esquina de seu escritório. Nádia seguia chorando.

— Te cale. Não me posso concentrar com tuas lamentações.

Ela farejou. — Tenho saudades de meus amigos.

É óbvio que tinha. Mas o primeiro passo para romper a uma cadela era o isolamento. Por isso estava fazendo que se sentasse na esquina toda a noite. — Disse-te que podia falar?

As lágrimas rodavam por seu rosto. — Tenho tanta fome.

É óbvio que a tinha. Alimentou-se essa mesma tarde, bebendo completamente de uma mortal capturada aqui no escritório, enquanto que Nádia tinha tido que olhar. E passar fome. — Disse ao Yuri que me traga outro aperitivo. Uma loira. Poderia deixar que te alimente nesse momento.

— Sim, por favor.

— E quando tiver terminado a alimentação, matará à loira que me agrada.

A cara de Nádia empalideceu.

— Se quer comer, tem que matá-la.

Seus ombros caíram. — Sim, senhor.

— É sim, Mestre.

Capítulo 10

— OH, Meu deus, — disse Toni quando olhou pela mira da porta.

Era às nove da manhã da sexta-feira, a hora designada da chegada da babá. Mas Toni duvidava que a garota com mechas rosas fora Shanna Draganesti e a mãe do Gregori. Golpearam na porta uma vez mais.

Toni pulsou o intercomunicador. — Posso-lhe ajudar?

— Está Ian? — Disse uma das mulheres. — Chamamo-lo e foi para a secretária eletrônica.

— Sim, — disse a segunda mulher.

— Diz que não está, mas não acreditamos. Queremos vê-lo! — Toni gemeu. A mensagem que Ian tinha deixado na secretária eletrônica não valia. Algumas de suas admiradoras recorriam às táticas mais se desesperadas.

— Voltem de noite.

— E permitir que a concorrência chegue primeiro? Disso nada!

— A concorrência? —Toni foi para a sala e olhou pela janela.

Havia uma dúzia de garotas nos lados da calçada. Com pôsteres nas mãos. *Escolha-me, Ian! Ian tio bom!* Uma garota tinha uma tiara brilhante na cabeça, e seu pôster dizia: *Ian sou sua princesa brilhante.*

— Ai Deus. — Toni tirou o telefone de seu bolso e chamou o Howard.

— Tranquila, — murmurou. — Devem ter conseguido a direção antes que Vanda a tirasse.

Estamos chegando. Estacionaremos na parte de trás. Vereei-te em uns minutos.

— Bem. — Toni pendurou. Recolheu suas coisas da universidade da cozinha.

Logo ouviu vozes no alpendre de trás. Olhou pela janela e viu o Howard que tirava sua chave. Detrás dele havia uma mulher velha com cabelo grisalho e uma mulher mais jovem e loira, ambas carregadas de bolsas. Também havia um menino.

Apagou o alarme e abriu a porta.

— Olá. Obrigada por vir.

— Não há problema. — Howard se dirigiu à cozinha. — Verei se posso me desfazer dessas garotas.

— Parece-me bem, — disse Toni girando-se para ajudar à mulher maior que estava pondo as bolsas na mesa da cozinha. — Deve ser Radinka.

— Sim obrigada. — Radinka lhe estreitou a mão e a olhou com curiosidade. — Interessante, — murmurou.

A jovem loira depositou suas bolsas sobre a mesa. — Olá, sou Shanna.

— Prazer em conhecê-la. — Toni estendeu uma mão, mas Shanna a abraçou.

— Ouvi que a atacaram a outra noite, — disse Shanna lhe tocando costas. — Me alegro de que esteja a salvo agora. Está bem?

— Sim. —Toni se surpreendeu pelo doce... E normal que era Shanna. Quem acreditaria que era a esposa de um professor poderoso do Aquelarre? Junto a ela estava de pé um menino angélico.

— Este é meu filho, Constantine, — disse Shanna revolvendo seus cachos loiros.

Toni se inclinou. — Olá, Constantine.

Sorriu e se escondeu atrás do casaco de sua mãe.

A mulher mais velha riu entre dentes. — Não é tão tímido uma vez que conhece melhor a pessoa. Gregori me disse que te viu ontem à noite. Impressionou-o a vossa dança.

Toni riu. — É muito divertido.

— Sim. — Os olhos da Radinka se estreitaram. — Mas não acredito que seja adequado para ti.

Toni piscou. — Não estou procurando a ninguém.

Shanna lhe tocou o braço. — Não se preocupe. Radinka sempre está tratando de emparelhar às pessoas.

Radinka bufou. — Não o faço. Posso ver quando dois corações se completam, — disse tocando o peito. — Sou vidente.

— Ah. Isso está muito bem, — disse Toni sem saber que responder.

— Não faz falta ser vidente para saber que um menino aborrecido seria um problema.

Radinka agarrou uma das bolsas do chão. — Trouxemos alguns brinquedos. — Constantine remexeu a bolsa, agarrou um grande livro ilustrado e se sentou numa das cadeiras da cozinha.

— Estou aprendendo a ler.

— Isso é maravilhoso, — disse Toni sorrindo e ele sorriu com acanhamento.

— Tio Connor disse que isso estava bem. Mas que era melhor aprender como chutar um...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Calado, o Tio Connor fala muito.

Shanna tirou o casaco, então se voltou para seu filho. — Vamos tirar-te a jaqueta.

Shanna pendurou as jaquetas no cabide da porta do fundo enquanto que Radinka descarregava as bolsas de comida sobre a mesa.

— Não estávamos seguras da comida que tinha aqui. — Radinka agarrou um cartão de leite da geladeira e logo pôs uma chaleira na cozinha. — Farei para todos uma taça de chá agradável.

Constantine observou as bolsas de fruta em cima da mesa. — Posso ter uma banana?

— Aqui a tem carinho. — Shanna a entregou, então colocou as bolsas na geladeira.

Toni esteve a ponto de oferecer a Constantine ajuda, quando se deu conta de que não a necessitava. Descascou a banana, mordeu um pedaço enquanto olhava seu livro.

Assinalou uma palavra. — Diz casa?

Ela olhou sobre o ombro. — Sim. — Era um pequeno brilhante. Perguntou-se se Shanna o tinha tido com outro antes de casar com Roman. Porque os vampiros não podiam ter meninos.

— Obrigada por vir.

— Estamos encantadas... —Disse Shanna pendurando as bolsas vazias. — Um repartidor trará uma árvore ao meio dia. Sempre decoramos um para os guardas.

— Ah, isso está muito bem. — Devido a toda a confusão em sua vida, Toni tinha esquecido que se aproximava o Natal.

Radinka colocou três taças e seus pires na mesa. — Vimos às garotas de fora com os pôsteres. Não posso acreditar que se comportem dessa maneira.

— Sim, — disse Toni sentando-se ao lado do Constantine. — Estão loucas.

Shanna sacudiu a cabeça. — Pobre Ian. Ouvi que sofreu, realmente, para conseguir se parecer mais velho.

Radinka fez ruído quando colocou uma bolsa de chá em cada taça. — Gregori me disse que tem uma entrevista esta noite com a Corky Courrant.

Shanna fez uma careta. — Anunciasse um desastre.

— Por quê? — Perguntou Toni.

Shanna mordeu o lábio, pensativa. — Deveria deixar uma nota a Ian lhe pedindo que não o faça. Está no porão?

— Não já passou o tamanho do ataúde. Está no quinto piso. No dormitório de seu marido.

Shanna riu. — Bem, parece que vou fazer um pouco de exercício. Já volto, — disse saindo da cozinha.

Toni esteve tentada de ir com ela. Tinha visto o Ian só uma vez esta manhã, antes das oito quando deu o relatório. Tinha subido às seis e meia da manhã. Estava tomando o café da manhã na cozinha quando chegaram

Phineas e Dougal para tomar algo antes de ir descansar. Tinha esperado ver o Ian, mas tinha ido diretamente ao quinto piso sem a esperar.

Por que não tinha querido falar com ela? Estava um pouco preocupada porque ele realmente a jogaria como uma dessas cinquenta vampiras que tinha chamado ontem à noite.

A chaleira assobiou, e Toni se sobressaltou. Tinha que deixar de pensar no Ian.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Howard entrou na cozinha. — Essas garotas são videntes! Uma delas me golpeou com um pôster quando lhe disse que Ian não está aqui.

Toni suspirou. — Sinto muito. São terrivelmente obstinadas.

Radinka entregou uma taça de chá ao Howard. — As parvas. Ainda estão ali?

— Consegui que se fossem, mas tenho medo de que retornem. — Howard bebeu chá. —Será melhor comprovar aos meninos. Está Ian ainda no quinto piso?

— Shanna está acima.

Radinka pôs uma taça de chá em frente da Toni.

— Começarei pelo porão então. — Howard bebeu o resto de seu chá, então deixou a cozinha queixando-se de que as mulheres estavam loucas.

— Isto é caminhão? — Constantine olhou a Toni, então assinalou a palavra.

Olhou o livro. — Sim. — Tinha terminado a banana. — Quer beber algo?

— Pode ser leite?

— Claro.

Toni olhou nos armários para ver se encontrava uma taça de plástico. Teria que lhe dar um copo de cristal. Pô-lo diante dele e ele bebeu sem vacilação.

Sentou-se junto a ele. — Quantos anos tem? Quatro?

Sorriu com bigodes de leite. — Tenho quase dois.

Toni abriu a boca e a fechou rapidamente não querendo envergonhar ao pequeno. — Está… seguro?

— Cumprira-os em dois de março. —Adicionou Radinka acrescentando leite a seu chá. — É muito esperto, não?

Mais que esperto, pensou Toni. É um menino prodígio.

— Toni é como nós? — Perguntou Constantine.

Radinka inclinou a cabeça, olhando a Toni. — Ela não sabe ainda, mas acredito que o é.

— O que significa isso? — Disse derramando um pouco de chá devido à confusão.

— Quer ver o que posso fazer? — Constantine se levantou e rodeou a mesa.

— Está muito bem, — disse Toni sorrindo.

Olhou-a duvidoso. — Não o tenho feito ainda.

— Ah, sinto muito. — A boca da Toni se abriu quando o menino levitou para o teto. — Ai Deus.

Radinka sentou-se à mesa com sua taça de chá. — É muito especial.

— Já estou de volta, — disse Shanna entrando na cozinha. Agarrou sua taça de chá e olhou ao redor. — Onde está Tino? — Uma risada no teto chamou sua atenção e Shanna bufou, — Deveria tê-lo sabido. — Olhou de esguelha a Toni. — Estive tratando de lhe ensinar a limpar os ventiladores do teto.

— Ele... Ele flutua, — disse Toni de forma pouco convincente.

Constantine riu bobamente e realizou um salto mortal para diante.

— Só está fazendo uma demonstração. — Shanna bebeu um pouco chá. — Deveria vê-lo jogar basquete com seu pai.

— Bloqueio a cesta de papai me sentando no aro, — gabou-se Constantine.

— Ele... Ele é realmente filho do Roman? — Perguntou Toni — Como?

— Roman é um gênio. Não me pergunte como, mas inseriu seu DNA em esperma humano. — Shanna se tocou o estômago. — Esperamos outro para um de maio. Uma menina.

— Felicidades. — Toni olhou ao Constantine de pé no chão. Não podia acreditar.

Shanna e Radinka bebiam chá tranquilamente diante do menino metade humano, metade vampiro.

— Perguntou se podia fazê-lo?— Perguntou Shanna a seu filho.

— Sim, mami, — disse sentando-se.

— Isso está bem. — Shanna se sentou em frente dele. — Estivemos-lhe ensinando a tomar cuidado com o de levitar. Não é algo que desejamos que qualquer um veja.

— Como o avô. — Constantine bebeu mais leite.

— Terá que tomar cuidado, — concordou Shanna. — Meu pai é o diretor da equipe de Operação de vigilância da CIA. Querem eliminar a todos os vampiros do planeta.

— Isso deve ser um pouco incômodo nas reuniões familiares.

— Diga-me isso. Felizmente, meu pai está louco com seu neto, assim ignora aos Vampiros e se concentra nos Malcontents. Mas se averiguar que Tino herdou alguns genes excepcionais, poderia ser um problema.

O pequeno se desabou sobre seu livro. — Já não me quereria o avô?

— Ah, carinho. — Shanna foi correndo abraçar o seu filho. — Ele sempre te quererá. Todos te queremos muito.

— Claro que sim, — disse Radinka com os olhos brilhantes pela emoção quando olhou ao menino pequeno.

Toni sentiu uma pontada diminuta de inveja. Que afortunado era este menino por ser tão querido. Ela sempre tinha desejado o amor de sua mãe, mas nunca o tinha tido. Sua mãe se casou com o homem de seus sonhos e tinha tido mais dois meninos. Toni nunca tinha sido bem-vinda ali. Sua única experiência com o amor maternal tinha sido com sua avó e isso tinha terminado bruscamente quando tinha treze anos. Quando lhe tinha falhado.

Quando Toni tinha entrado no mundo Vampiro, tinha esperado encontrar um lugar espantoso cheio de imagens arrepiantes. Em seu lugar se encontrou com um grupo de vampiros e mortais que eram atentos e amáveis. Era óbvio que estavam atentos uns dos outros. Shanna tinha subido cinco pisos para deixar uma nota ao Ian.

Era como eles? Essa era a pergunta que Constantine fez. Toni, de repente, deu-se conta de que tinha sido admitida como membro do clã familiar... Uma família que cuidava uns de outros e que confiavam um no outro. Poderia ser uma parte de tudo. Nunca rechaçada outra vez. Nunca lhe fariam sentir como se não fora suficientemente boa.

Era tão… tentador. Mas se surpreendeu, também, tinha planos com a Sabrina. Sabrina era sua família. Não os do clã. Logo que a confusão com a Sabrina fosse resolvida, Toni poderia deixar o mundo dos Vampiros para sempre. Fazia dois dias tinha estado ansiosa por abandoná-lo. Agora começava a sentir… que queria. E valorando a situação. Pela primeira vez, deu-se conta de que

estava ante duas direções diferentes.

— Está bem, querida? — Perguntou Radinka.

— Sim estou bem. — Olhou o relógio sobre o lava-louça. — Termino numa hora.

Constantine posou sua pequena mão em seu braço. — Tudo irá bem Toni. — Sentiu um formigamento no braço, como uma quebra de onda de energia procedente da mão do pequeno. Ficou tensa, então se relaxou imediatamente. A tensão passou, deixando bem-estar e o sentimento de que poderia obter algo.

Olhou o menino pequeno e ele sorriu. Havia tanta inteligência nos olhos azuis brilhantes que deveria dar medo num menino tão pequeno, mas estava muito relaxada para se preocupar. Constantine irradiava bondade, então soube que não havia necessidade de ter medo.

Retirou a mão e enfocou sua atenção em seu livro ilustrado. Toni agarrou suas coisas e se despediu. Quando ia para a estação de metro recordou a pergunta do menino: *É como nós*? A que nível estava metida neste novo mundo? Seria difícil deixá-lo? Não tão duro, se lhe limpavam completamente a memória. Mas como podia esquecer-se do Constantine e dos outros? Como poderia se esquecer do Ian?

Essa noite, Toni celebrava o fim das classes na universidade com uma grande tigela de sorvete triplo de chocolate em cima de uma dupla bolacha de chocolate e nozes, quando Ian entrou.

— Boa noite.

Tinha-a apanhado com a boca cheia. Tragou. — Olá.

Abriu a boca para falar, mas trocou de opinião aparentemente. Foi até a geladeira e tirou uma garrafa de sangue. Vacilou e então a voltou a meter na geladeira.

— Não tem fome? — Disse metendo mais gelado na boca.

— Já comi. —Passeou pela cozinha com sua saia escocesa movendo-se sobre os joelhos.

— Viu a árvore de Natal do salão? É muito bonita. Shanna e Constantine a decoraram.

— Sim, é bonita, — disse sem deixar de passear.

Parecia nervoso. — Vai à entrevista?

— Acredito que sim, — disse flexionando as mãos. — Mas tenho um mau pressentimento.

— Shanna pensa que não deve ir. Viu a nota que te deixou?

— Sim, mas Vanda trabalhou muito nisso. E não quero decepcioná-la. — Suspirou. — Tem mais encontros para mim.

Toni colocou a colher na bolacha de chocolate e nozes. — Mais mulheres vampiros?

— Sim. — Apoiou-se contra a bancada da cozinha e cruzou seus braços sobre o peito.

E que tal o beijo que tinham compartilhado no carro? Toni pensou em falar sobre isso, mas tinha sido ela quem tinha insistido em que não falassem do tema. Tinha-o chamado engano. Olhou ao Ian. Pensaria que era um engano?

Mas o que se passava nesses momentos quando seus olhos se encontraram, o mundo inteiro se derreteu? Toni podia ter jurado que algo acontecia entre eles. Algo como um ímã intenso que os unia. Ou se enganava a si mesma? Colocou a tigela na pia. Tinha perdido o apetite.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Toni, não sei como te dizer isto, mas…

Vai me dizer que se sente atraído por mim? — Sim?

— Não me vejo para me barbear. Perguntava-me se estou bem. Para a entrevista, já sabe.

— Ah. Ok me deixe olhar. — Examinou as bochechas, a linha da mandíbula, o pescoço e o queixo. Sentiu seu rosto quente. — Vejo-te bem.

Seus olhos se encontraram com os seus, o coração pulsou um pouco mais forte. Maldita seja, certamente que tinha ouvido isso. Retrocedeu.

— Não tenho uma escova para o cabelo lá em cima. Só apartei meu cabelo.

— Tenho um pente. — Procurou em sua bolsa na mesa da cozinha e tirou uma escova. Esteve a ponto de dar-lhe, mas se deu conta de que esta era uma oportunidade para lhe tocar o cabelo. Com o coração repicando, indicou-lhe uma cadeira. — Sente-se.

Ele o fez.

Olhou fixamente a parte posterior de sua cabeça e seus ombros. De costas era magnífico.

Desatou a fita de couro ao redor de seu cabelo e a deixou cair sobre a mesa. Passou a escova pelo cabelo grosso. Tinha um cabelo ondulado brilhante. Seus ombros eram muito largos.

— Tem o cabelo ondulado. — Passou a mão sobre as ondas. O cabelo era tão suave como parecia.

— Quando o deixei curto, era encaracolado, — disse. — Obrigado por me ajudar. Eu... Queria estar bem para a entrevista, mas sem parecer vaidoso. — Sorriu.

— Não penso que seja vaidoso. Sim magnífico, mas não vaidoso. — Recolheu lhe o cabelo num rabo de cavalo.

Nunca se tinha fixado muito em seu cabelo. Era muito mais bonito do que acreditava. Tomou seu tempo, colocou as mechas sedosas de suas têmporas ao redor das orelhas.

— Tem um suave tato, — sussurrou ele.

Inclinou-se para agarrar a fita de couro da mesa, e os seios tocaram sua cabeça. Olhou-a e ficou sem fôlego. — Estas bem? Tem os olhos irritados.

Fechou-os. — Só um pouco cansado.

OH. Não tinha pensado que um vampiro não se cansasse. Atou a fita ao redor do cabelo na base do pescoço.

— Não sei se levo Kilt ou uma calça.

— O Kilt está bem. Se… tem que ser você mesmo. Quero dizer que se a uma mulher não gosta como é, então não te convém.

Ficou em silêncio.

Ela retrocedeu. — Encontrou a alguém que você goste?

— Sim. — O coração lhe parou.

— Bem, já terminei.

— Obrigado. — Levantou-se lentamente. — Quando disse a Vanda que procurasse a meu amor verdadeiro, disse-lhe que desejava uma vampira que fora honesta, leal, inteligente e bonita. — O coração do Toni se afundou mais. Não se encontrava muito bem. — Mas agora começo a me dar conta de que estou procurando o amor não uns requisitos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Isso é verdade. — Deixou cair sua escova na bolsa.

Ele foi para a porta da cozinha, então vacilou. — Se não fosse meu guarda, poderia ter uma encontro contigo.

Seu coração voltou a pulsar normal. Queria um encontro?

Ele franziu o sobrecenho. — Mas se deixasse de ser meu guarda teriam que te apagar a memória. E não me conheceria.

— Sei. — Seu coração se apertou. — É um pouco... Triste.

—Sim, é-o. — Deu a volta e saiu da cozinha.

Um pouco depois das dez, Carlos chamou. — Estou de caminho a casa.

Toni estava em pijama, deitada na cama. —

Como foi à entrevista?

— Bom. Maria me permitiu entrar no escritório do Dr. Proctor, encontrei uma cópia do testamento. Sabrina não pode herdar a maioria de sua herança até que obtenha um diploma universitário. Enquanto isso, sua tia Gwen é a administradora.

— Tentam evitar que se gradue? — Toni ofegou. — Carlos! Planejam mantê-la num hospital psiquiátrico para sempre?

— Temo que seja o que querem, — murmurou Carlos. — Mas nunca se sabe. Descobri onde trabalha o Dr. Proctor. No *Hospital Psiquiátrico Shady Oaks*. Chamei, mas não me confirmaram que Sabrina é paciente lá.

— Temos que encontrá-la.

— Sei, *menina*. Fá-lo-emos. Amanhã de noite depois de que saia do trabalho. Iremos ao *Shady Oaks* juntos.

— De acordo. — Toni pendurou. Encontraria a Sabrina. E a tiraria desse hospital. Não lhe falharia.

Capítulo 11

No sábado antes do amanhecer, Toni não viu o Ian. Ele se teletransportou diretamente ao quinto piso sem deter-se para saudá-la. Como teria ido à entrevista? Estava-a evitando? Ele tinha mencionado que tinha conhecido a alguém que gostava. Mas também tinha insinuado que queria sair com ela.

Era muito confuso.

Quatro vezes, durante o dia, subiu as escadas para dar os informe. Ficou ali, olhando-o em seu sono mortal, em busca de respostas que não eram detectáveis em seu formoso rosto, em branco.

Imediatamente depois de pôr do sol, Dougal e Phineas entraram na cozinha para tomar o café da manhã. Toni comeu um sanduíche antes de sair com o Carlos.

— É sábado de noite. — Phineas bebeu um gole de sua garrafa de sangue quente. — Certamente que tem uma entrevista iniludível.

— Algo do estilo. — Pôs seu prato vazio na pia. — Por que Ian não desce? Não tem fome?

— Tem uma geladeira no piso de acima com um fornecimento de sangue, — disse Dougal. — Embora, eu gostaria que descesse.

— Sim. A entrevista não pode ter ido tão mal, — disse Phineas bebendo mais de sua garrafa. Dougal franziu o cenho. — Gregori me disse que foi mau.

O coração do Toni parou. — Por quê? O que aconteceu?

Dougal se encolheu de ombros. — Gregori não deu mais detalhes. De todos os modos veremos a entrevista esta noite na televisão.

Tinha que vê-lo. Oxalá, pudesse antes sair com o Carlos. O pobre Ian. Estaria escondido em sua habitação pela vergonha? — Já sabe, isto é como uma bola de neve fora de controle. As mulheres chegaram faz umas duas horas. Há ao redor de vinte acampadas na calçada em frente.

— Vinte garotas? Estão quentes? — Phineas correu da cozinha.

Toni correu atrás dele e o viu apagar o alarme. — Phineas, não. São ruidosas já basta. Cada vez que olho pela janela começam a gritar.

— Genial. — Phineas abriu a porta e imediatamente começaram os chiados. — Senhoras, — disse levantando suas mãos. — Apresento-me. Sou o Dr. Phang, o doutor amor.

— Queremos ao Ian. — Elas se adiantaram, lhe atirando latas de cerveja vazias.

— Cuidado, — advertiu Toni ao Phineas.

— Senhoras, vieram ao lugar correto. Sou amigo do Ian...

— Pergunte-lhe se quer um pouco disto, — gritou uma das garotas, enquanto levantava a camiseta mostrando suas tetas sem sutiã.

— Esse é um bom começo, — disse Phineas. — Alguém mais?

— Já chega. — Toni fechou a porta e olhou ao Phineas. — Deveria ter vergonha. —Dougal riu enquanto conectava o alarme.

— Vamos, Dr. Phang. Temos que ir ao Romatech.

— Mas a entrevista é em cinco minutos.

Phineas cruzou a sala e agarrou o controle remoto. — A ides ver?

— Eu sim. — Toni se sentou no sofá marrom que estava diante da TV de tela plana.

— Eu vou trabalhar, — disse Dougal ao Phineas com um olhar de advertência. — Não demore mais de quinze minutos.

— Ok, ok, — disse Phineas com impaciência. — Não se preocupe irmão, o podemos ver no Romatech.

Dougal sorriu. — Talvez. — Desapareceu.

Phineas tombou no sofá junto a Toni e acendeu o televisor. — Vê esse tipo? É Stone Cauffyn. O das notícias da noite.

Toni escutou o locutor vampiro com voz aborrecida. De repente, seu telefone soou.

— O amor é um campo de batalha, — disse Phineas. — Homem, é idiota. O amor é uma coisa multe esplendorosa, especialmente quando está com o Dr. Phang.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Tê-lo-ei em conta. — Toni foi para o vestíbulo para responder o telefone.

— Carlos? — Ela olhou a câmera de vigilância. — Este não é um bom momento.

— Temos que ir ao Shady Oaks. Tira seu bonito traseiro da casa, garota, para que possamos ir.

— Eu... — Toni olhava à televisão da habitação do lado. — Tenho que ficar aqui uns quinze minutos mais.

— Por quê? Não está fora de serviço quando fica o sol?

— Sim, mas... — Ela gemeu para si mesma. Estava acontecendo outra vez. Estava ante uma encruzilhada.

— Bom, recolher-te-ei de caminho. E antes que te oponha, sei exatamente onde está, *menina*. Procurei no Google ao Ian a outra noite e encontrei seu perfil e a direção. Estarei ali em vinte minutos. — Carlos pendurou o telefone.

— Toni, vai começar, — gritou Phineas. Correu de novo para o sofá. A imagem mostrou grandes títulos e material de arquivo de outras entrevistas realizadas pela Corky Courrant a vampiros.

— Boa noite, amigos! — Um primeiro plano revelou um rosto com os olhos muito maquiados e os lábios de colágeno. — Sou Corky Courrant, transmitindo do clube noturno *Horny Devils em Nova Iorque.*

A câmera se apartou e Toni reconheceu o clube noturno que tinha visto na noite anterior. Corky estava sentada numa mesa junto a um Ian sombrio.

— Merda, olhe suas tetas, — murmurou Phineas.

— Esta noite estamos falando com o Ian MacPhie, que recentemente publicou um perfil muito popular no serviço de entrevistas online *Single in the City*. — Corky inclinou a cabeça para o Ian. — Estamos muito contentes de te ter no programa, Ian.

— O prazer é meu, — disse Ian.

— Não está mau, — observou Phineas.

— Vê-se bem, — coincidiu Toni. *Mais que bem*. Ian estava muito bonito com seus olhos azuis e cabelo negro ondulado. Seu pulôver verde apertado marcava seus ombros largos e um peito firme.

— Amigos, esta é uma noite especial. — Corky deixou de sorrir e olhou sedutoramente. — De vez em quando, nos anais da história dos vampiros, surge um homem que se destaca entre todos os outros. Ele é o herói legendário que inspira a boa música e a poesia, o homem perfeito, que habita nas fantasias secretas de todas as mulheres vampiro.

Ian se moveu em seu assento, ruborizado.

— Ele é o homem que todas desejamos. — Corky olhou ao Ian. — E isto não é uma história.

Toni ofegou. A cara do Ian empalideceu. Os olhos do Corky brilharam com prazer perverso.

— Não, esta noite temos a patética história de um homem sozinho, desesperado, tão desesperado que tenta vender-se a si mesmo na televisão. Não, espera, é tão patético que tem uma amiga que o vende na televisão.

— O que está fazendo? — Disse Vanda aparecendo em cena.

— Ah, aqui está sua amiga Vanda Barkowski. Diga-me, é certo que Ian é analfabeto e não pôde escrever seu próprio perfil?

— Não... — Começou Vanda.

— Escreveu-o ou não? — Grunhiu Corky.

— Ajudou-me, — admitiu Vanda, — mas ele não é anal...

— Perguntava-me o que conduziria a um homem a tomar medidas tão desesperadas, — continuou Corky com um sorriso. — Portanto, antes deste espetáculo, entrevistarei a duas mulheres que estão muito familiarizadas com o Ian MacPhie. Aqui estão... — A tela mostrou a uma garçonete loira. — É Primrose Cora Lee, ex-membro do harém do Roman Draganesti, — disse Corky.

— Sim. — Sorriu timidamente Cora Lee. — Ian era um dos guardas. Sempre foi um menino muito doce.

— Menino? — Perguntou Corky. — Não parece tão jovem.

— Isso é porque tomou algo que o envelheceu, — explicou Cora Lee. — Durante séculos, teve o aspecto de um moço de quinze anos.

— Isso é incrível. Que mais nos pode contar do Ian?

— Bem. — Cora Lee se mordeu o lábio inferior. — Disse-me por que queria estar assim. É para ter sexo.

A câmera enfocou de novo a Corky e ao Ian, que estava com o cenho franzido.

— Isso foi uma brincadeira, — murmurou ele.

Corky se burlou. — A seguinte entrevista, por favor... — A câmera enfocou a uma vampira loira.

Toni reconheceu Pamela, a mulher do banho. — Estou com a Senhora Pamela Smythe Worthing, uma das proprietárias deste estabelecimento, — começou. — E conhece o Ian MacPhie desde 1955 quando foi atribuída aos membros do harém do Roman Draganesti. Hão dito que ele parecia um adolescente, — disse Corky.

— Assim é, — coincidiu Pamela. — Era muito jovem para que nos interessasse. Pessoalmente, acredito que Ian MacPhie é um virgem de quinhentos anos.

— Incrível, — disse Corky. — Assim que seu perfil não é mais que um desesperado estratagema para conseguir sexo.

Pamela sorriu. — Precisamente.

A câmera enfocou de novo a Corky e ao Ian. Vanda pôs as mãos sobre a mesa e se inclinou para a Corky. — Isso é mentira. Ian está procurando seu verdadeiro amor.

— Pode confirmar que não é virgem? — Perguntou Corky com calma. — Deitaste-te com ele?

— É óbvio que não, — grunhiu Vanda.

Corky levantou a voz. — Alguém se deitou com o Ian MacPhie?

A câmera gravou uma centena de rostos, todos gritando não e logo retornou a Corky, ela estava sorrindo. — O que acreditava.

— Disse-me que seria boa, — gritou-lhe Vanda.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Corky se encolheu de ombros. — Como boa jornalista, é meu dever informar sobre a verdade.

— A verdade? — Gritou Vanda. — A verdade é que é uma cadela viciosa e mentirosa. — Ela saltou sobre a mesa e agarrou a Corky no pescoço.

— Vanda, não! —Disse Ian agarrando-a, tentando que soltasse a Corky que parecia uma boneca de trapo, apesar de seus grandes peitos.

Corky tinha os olhos arregalados pela falta de ar. — Cortem!

Puseram um anúncio de ataúdes. Toni e Phineas ficaram olhando a TV em silêncio.

— Merda, — sussurrou finalmente Phineas.

Toni tragou saliva. — Isso esteve mau.

— Muito mal, — disse Phineas apagando o televisor. — Bom, tenho que ir trabalhar. — Desapareceu.

Toni subiu correndo as escadas. Carlos chegaria em qualquer momento, mas não queria ir embora sem se assegurar-se de que Ian estava bem. Isso era parte de seu trabalho. Chegou ao quinto andar, lhe faltando o ar e bateu na porta. Não obteve resposta. Girou o trinco e a abriu. Era um bom sinal que não estivesse fechada. Olhou para dentro. A habitação estava às escuras exceto pela luz procedente de uma televisão. Ela abriu mais a porta e viu a Corky no televisor.

— Amigos, estou segura de que estão terrivelmente angustiados depois de ver que uma mulher louca tentou me estrangular. — Corky pigarreou e limpou uma lágrima imaginária. — Mas não chorem por mim. Estou bem.

A televisão se apagou no meio do falso soluço da Corky e Toni viu o Ian sentado na escuridão.

Deslizou-se para dentro da habitação. — Está bem?

— Estou bem, Toni. Não necessito uma babá.

— Estou aqui como... Amiga. — Ela se aproximou.

— Viu a entrevista? — Colocou o controle remoto na mesa ao lado de sua cadeira e agarrou uma garrafa de sangue. — É óbvio que o viram. Todo mundo dos vampiros o viu.

— Sinto-o muito.

— Guarda a lástima para a Vanda. Corky a processou.

— Isso é ridículo. Corky o fez de propósito, disposta a fazer mal. É cruel e desumana. —Toni ficou diante dele. — Embora tenha que admitir que Vanda chegasse como uma besta gritando à mesa.

Viu as covinhas do Ian e Toni secretamente se alegrou de que ainda pudesse fazê-lo sorrir.

— Vanda é uma amiga fiel, — disse. — Eu vou pagar uma indemnização.

— Mas não foi tua culpa. — Toni voltou para seu lugar. — Pode demonstrar que Corky estava mentindo. Poderia apresentar a algumas das mulheres vampiro com as que te deitaste e...

— Nunca me deitei com um Vampiro. — Tomou um sorvo de sua garrafa.

— Sério? Prefere às mulheres mortais? Não importa. — Ela começou a caminhar de novo. — Pode sair com uma das mortais com as que te deitaste. Não, isso não funcionaria. Os mortais não conhecem DVN.

— A maioria delas já faleceu. — Ian bebeu outro sorvo.

— Bom, está bem. Chamarei essa cadela e lhe direi que me deitei contigo.

Ian fez uma careta com a boca — Mentiria por mim, Toni?

Não teria que ser uma mentira, a ideia surgiu em sua mente. Ela estremeceu, desejando poder fazer um rebobinado mental. Certamente ele não estava lhe lendo a mente. Suas bochechas se acenderam quando a olhou cautelosamente. Ele a olhava fixamente. Um brilho de cor vermelha surgiu em seus olhos antes que ele piscasse e olhasse para outro lado. Bebeu um pouco mais de sangue.

— Tem que ir Toni.

— Está bem. — Ela retrocedeu para a porta. — Não deixe que isto te desanime, de acordo?

Encolheu os ombros. — Foi uma ideia estúpida desde o começo. Eu, tratando de ser uma espécie de Romeo quando não tenho a mais mínima ideia de como ser encantador e coquete.

— Isso não é certo. Foste muito encantador e coquete comigo. Beija bem.

Ele deixou a garrafa sobre a mesa. — Não sei por que, mas o faz fácil. Mas isso não importa agora. Estou com essa tolice das entrevistas.

— O que? — Ela avançou para ele. — Vais deixá-las?

— Um homem deve ser honesto consigo mesmo, Toni. Não sou um galã, sou um guerreiro. Disse-me isso a outra noite, estava perdendo meu tempo.

— Mas eu... — Ela disse com frustração. E ciúmes, agora se dava conta. Tinha odiado a ideia de que ele preferisse a uma mulher vampiro antes que a ela.

— Conhece meu passado, — continuou Ian. — Pensa realmente que um homem como eu merece ser amado?

— Não o crê? — Os olhos da Toni se encheram de lágrimas. Quando tinha visto pela primeira vez Ian, tinha pensado que eram totalmente diferentes, mas agora se deu conta de que eram muito parecidos. Ela o dissera o mesmo, e tinha pensado pela manhã. *Não sou digna de ser amada*. Como podia não ser digno? Sempre tinha decepcionado aqueles que contavam com ela. E o pobre Ian. Ele não se sentia digno, tampouco. Doía-lhe o coração por ele.

— Não sabe que responder. — Ian se levantou e se afastou. — Olhando seu rosto posso ver o que pensa.

— Mas você o é! — As palavras brotaram de sua boca. — Merece ser amado.

Voltou-se para ela, com um olhar de surpresa em seu rosto.

Ela piscou para conter as lágrimas. — Não te atreva a pensá-lo Ian. — Saiu correndo para a porta.

— Toni, — sussurrou seu nome brandamente, tão brandamente que ela não estava segura de que o tinha ouvido.

Deteve-se na porta e olhou para trás. Uma onda de nostalgia se precipitou através dela.

Ele deu um passo para ela e ela ofegou.

Seus olhos eram de cor vermelha brilhante.

Saiu da habitação e fechou a porta. Meu Deus. O que estava fazendo? Estava-se apaixonando por um vampiro.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ian abriu as persianas de alumínio e olhou do escritório do quinto piso. Com sua visão superior, contou vinte e duas mulheres na calçada, todas abrigadas pelo frio e com pôsteres. Alguém levava uma tiara que brilhava com a luz próxima.

Um elegante Jaguar negro se deteve diante da casa e uma mulher se aproximou e jogou uma olhada. Continuando, um feixe de luz iluminou a calçada da casa. A mulher gritou e correu para a porta principal. Ian se perguntou se teria que defender a casa.

O condutor saltou do Jaguar. Carlos. Agarrou a uma pessoa do grupo de mulheres emocionadas e a levou de volta a seu carro. Toni.

Com aborrecimento, Ian se deu conta de que Carlos a tinha resgatado da turfa. O Jaguar acelerou pela estrada. Mais molesto deu-se conta de que preferia passar seu tempo livre com o Carlos.

Ou simplesmente era que se sentia mais segura com um mortal que supostamente era gay? Ian estava bastante seguro de que sua saída precipitada do escritório era porque ela era consciente de sua atração. Mas também tinha ofegado quando se deu conta de seus olhos. Sua natureza de não morto a assustava? Provavelmente. Depois de sobreviver a um ataque de vampiro renegado, por que daria a bem-vinda aos avanços de outro vampiro?

Entretanto, quando a tinha beijado, não se tinha afastado. Talvez não houvesse esperança, depois de tudo. Fechou os olhos, imaginando-a na pequena saia. Acariciava suas coxas douradas e logo deslizava sua mão sob sua saia para sentir a doce curva de seu quadril e a parte inferior e o melhor, a carne úmida entre suas pernas.

Com uma respiração forte, clareou a sua mente. Que parvo era. Mentalmente, sabia que uma mulher vampira seria a companheira mais adequada para ele. Entretanto, ali estava ele, excitado por uma mortal. E pior ainda, uma mortal que estava fora de seu alcance.

Intrigava-o totalmente tão emocional como intelectualmente. Era uma interessante mescla de determinação e confiança em si mesma, com força emocional e feridas ocultas. Recordava a si mesmo. E quais seriam seus motivos ocultos para estar aqui? Que fazia uma mulher inteligente, com um futuro brilhante como guarda dos não mortos e arriscando-se a perder sua memória quando se fosse? Tinha que averiguá-lo. Ontem de noite enquanto ela dormia, tinha ido a sua habitação e tinha posto um dispositivo de rastreamento em sua bolsa. Sabia exatamente onde foram ela e Carlos.

Entrou de novo na habitação para tomar banho e trocar de roupa. Depois de atender às mulheres na calçada, se teletransportou ao estacionamento das Indústrias Romatech.

Connor não disse nada quando Ian entrou no escritório de segurança. Limitou-se a apagar a televisão.

Dougal e Phineas sorriram ao Ian antes de centrarem-se em seus sapatos. Por todos os demônios. Odiava a pena ainda mais que a humilhação.

— Será melhor que façamos as rondas. — Dougal foi para a porta. — Vamos, Phineas.

Phineas se deteve a metade do caminho para a porta. — Corky é uma cadela. Quer que lhe façamos uma visita?

— O merece. — Sorriu a meias Ian. — Mas pensarei nisso.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Quando quiser irmão. — Phineas levantou um punho e golpeou o ar. — Cubro-te as costas.

Fechou a porta ao sair. Connor se sentou detrás de seu escritório e em silêncio estudou ao Ian.

— Tenho que ir. — Ian cruzou os braços sobre seu peito. — Acredito que quer me dizer algo.

— Acredito que já suportaste suficiente humilhação por uma noite.

Ian elevou o queixo. — Não creia. Suporto bem a dor.

A cara do Connor estava em branco, embora Ian visse um brilho de diversão em seus olhos azuis. — Deveria ter sabido que não se pode confiar na Corky.

— A Vanda me advertiu. Mas não a acreditei.

Connor se recostou em sua cadeira. — Atrever-me-ia a dizer que agora acredita.

— Sim. — Ian sorriu, recordando a descrição da Toni sobre que chiava como uma besta.

— A situação não é divertida. Ouvi que há mais de vinte mulheres acampadas em frente da casa.

— Não se preocupe. Foram-se todas. Ocupei-me disso.

Connor o olhou um segundo. — Te desfez dos cadáveres?

— Não as matei. — Ian se deteve quando viu a risada de Connor. O escocês estava brincando com ele. —Estás muito divertido.

Connor riu entre dentes enquanto se levantava de sua cadeira. Aproximou-se do Ian e lhe deu uma palmada nas costas com carinho. — Moço, como fez para te colocar nesta merda?

Ian sentiu avermelhar seu rosto. — Estou tratando de arrumá-lo. Pedi-lhes os nomes e números de telefone às mulheres da rua. Estavam contentes porque saí para saudá-las. As pobres jovenzinhas estavam congelando.

Connor negou com a cabeça. — Imagino que estão desesperadas por seu amor.

Ian suspirou. Nem todos precisavam ser amados? Tinha sofrido doze dias de dor tortuosa com a droga que lhe subministrou Roman para poder parecer mais velho e assim encontrar o verdadeiro amor.

— Há outro problema. Cora Lee ter anunciado ao mundo vampiro sua idade? Todo mundo se perguntará como ocorreu.

— Duvido que algum vampiro queira envelhecer.

Connor rodeou seu escritório e se sentou. — Mas e se alguém se inteira de que a droga permite a um vampiro manter-se acordado durante o dia...?

— O medicamento poderia ser utilizado como uma arma, — disse Ian terminando a frase.

— Estou seguro que os Malcontents morrem por saber como conseguir invadir o quartel geral do Roman, durante o dia e assim resgatar ao Laszlo. Farão algo para conseguir a droga. — Connor tamborilou os dedos sobre a mesa. — Direi ao Roman que temos que esconder a droga ou destruí-la. E temos que aumentar a segurança.

— Roman tem a fórmula em sua cabeça, — disse Ian. — Teremos que protegê-lo.

— Sim, — disse Connor olhando ao Ian com preocupação. — Quando os Malcontents comecem a perguntar-se sobre a idade vais ser seu primeiro objetivo.

Ian tragou saliva. Enquanto procurava seu verdadeiro amor, os Malcontents poderiam caçá-lo a ele.

Capítulo 12

— Há uma razão para isto? — Toni caminhou penosamente na neve, examinando a topografia da parede de tijolos de três metros de alto. Carlos tinha insistido em que inspecionasse o exterior do *Shady Oaks* antes de entrar no vestíbulo. O estacionamento de visitantes estava diante, o estacionamento para os empregados neste lado, e uma entrada de serviço situada nas costas. Agora estavam no lado oeste, atravessando uma zona que contava com alguns poucos carvalhos sombrios.

Percebendo que sua pergunta tinha ficado sem resposta, deu a volta para fazer frente a Carlos.

Ele tinha ido.

— Carlos? — Girou em torno dela, e sua bolsa de mão se deslizou de seu ombro. — Carlos, onde está?

— Shhh, não tão forte.

Seguiu o som de sua voz e o viu no alto de um carvalho, estendido sobre um grosso ramo que se estendia sobre a parede de tijolo. Por Deus, tinha que estar a quinze metros de altura. — Carlos, o que está fazendo?

Ficou boquiaberta quando saltou da árvore e aterrissou com suavidade sobre seus pés. — Como fez isso?

— A verdadeira pergunta é por que. — Caminhou para ela. — Tinha que ver sobre a parede. Há um pátio interno. Todos os edifícios dos arredores se abrem para ele. Acredito que os edifícios com números neles são as salas onde os pacientes ficam. Os outros edifícios pareciam uma cafeteria, um ginásio, e uma piscina de interior. É um lugar elegante.

— Pode ver tudo isso da árvore?

— Sim, e ainda melhor, vi um punhado de pacientes dando voltas pela pracinha, fumando. Havia um guarda com eles. — Caminhou para o estacionamento da frente.

— Como é isso útil? — Toni enganchou a mochila em seu ombro e o seguiu.

— Toda a informação é útil. Agora vou entrar no primeiro vestíbulo e comprovar que funciona. Você espera aqui fora do caminho da câmera de vigilância.

— Mas... — Ela se deteve quando as portas automáticas zumbiram fechando-se detrás dele. — Perfeito. Esperarei aqui no frio.

A rotunda da entrada estava cheia de estátuas de pedra e cobertas de sebes com neve.

Podia ver o interior do vestíbulo através da grande placa de vidro das janelas. Parecia quente e acolhedor com sofás e poltronas de couro. Carlos tinha razão a respeito de que *Shady Oaks* era um lugar de luxo.

Ele saiu, sustentando um pedaço de papel na mão, e a colocou fora do alcance da câmera de vigilância. Meteu o papel no bolso de seu casaco de couro.

— O que é isso? — Perguntou Toni.

— Um pedido de emprego. Agora aqui está a distribuição. A recepcionista se encontra atrás do balcão de informação. Há duas portas fechadas a ambos os lados do vestíbulo, que conduz a leste e oeste. A parede posterior do vestíbulo é de cristal, com vistas ao pátio. Há uma porta, mas um guarda está sentado de frente dela.

— Assim não há forma de entrar no pátio? — Suspirou. — Suponho que não importa, já que estou segura de que as salas estão fechadas.

— O pátio é acessível. Está-te esquecendo do carvalho sombreado aposto.

Fez uma careta. — Não posso chegar a essa árvore.

— Não tem que fazê-lo. Eu quero, e espero que possa distrair ao guarda e a recepcionista no vestíbulo. Ao revisar vi a lista de pacientes no escritório da recepcionista. Se encontrar o nome da Sabrina, estou seguro de que obterá o número de identificação. Não é permitido lhe falar, inclusive no telefone sem seu número de identidade.

— De acordo. — Toni pisoteou o barro e a neve de suas botas. — Não estou de tudo cômoda com este trabalho de espionagem. E por que Carlos era tão bom nisso? — Então, como os vamos distrair?

Muito tarde uma vez mais. Carlos já tinha partido. Correu ao redor da esquina do complexo, dirigindo-se para sua árvore favorita.

— Jesus! Por Deus! — Toni salteou no lugar para esquentar seus pés. Dar-lhe-ia uns minutos para começar o que ele tinha planejado fazer. Ela exalou, deixando que o ar saísse correndo com uma nuvem de vapor de gelo, e logo se dirigiu para o vestíbulo. Hora do espetáculo. As portas automáticas zumbiram detrás dela, e tanto o guarda como a recepcionista a olharam.

Era muito depois das horas de visita, assim estava sozinha.

— Posso ajudá-la? — Perguntou a recepcionista, estudou-a por cima de seus óculos de leitura contornados de negro.

Toni olhou a seu redor rapidamente. Logo pôde ver o pátio pela janela. No quiosque havia pouca luz e as sombras dos pacientes formaram redemoinhos. Seus cigarros ardiam com pequenas luzes laranja cada vez que tragavam.

A recepcionista clareou a garganta.

— Ah, perguntava-me... — Toni contornou o balcão de informação e assinalou a lista de pacientes, cravada sob o cotovelo da recepcionista. — Como pode alguém ser admitido neste hospital? Tenho uma amiga com um problema sério.

A recepcionista lhe dirigiu um olhar irônico. — E qual é exatamente o problema de sua amiga?

Toni percebeu que a mulher pensou que estava falando de si mesma, por isso seguiu o jogo. — Bom, eu... Quer dizer, minha amiga é viciada no sexo... Muito sexo. Todo o tempo. Ela não consegue ter o suficiente.

— Já vejo. — A recepcionista franziu os lábios. — Normalmente, é o psicólogo que lhes

recomenda que venham aqui. Está vendo um psicólogo, não? Quero dizer, sua amiga.

Toni sorriu timidamente. — Está bem, pegou-me. E sim, estava vendo um terapeuta, mas sua esposa nos pegou no assento traseiro de seu Hummer, por isso...

A recepcionista tirou os óculos. — Você teve relações sexuais com seu terapeuta?

— É óbvio. Durmo com meus terapeutas. E meus médicos, meus professores, o encanador, o tipo das pombas do telhado. — Onde diabos estava Carlos? — Já sabe, é uma enfermidade.

Um grito de repente estalou no pátio, e o guarda ficou de pé para olhar através da janela.

A recepcionista ficou de pé. — O que se está passando?

— Não o posso dizer, — respondeu o guarda. — Os pacientes estão correndo por todo o lugar.

Os gritos aumentaram em volume e em terror. Que demônios estava fazendo Carlos? Toni saltou quando um paciente se estrelou contra a janela de vidro.

— Socorro! — Gritou. — Deixe-me entrar!

O guarda abriu um teclado para abrir a porta.

— Supõe-se que não os deixará no vestíbulo, — advertiu a recepcionista.

Nesse momento, um rugido encheu o ar e sacudiu as janelas de cristal. Os gritos do pátio se intensificaram.

Uma mulher se jogou contra o cristal. — Me ajude! Atacou-me!

O guarda abriu a porta, e os dois pacientes correram para o interior.

— Olhe o que me fez! — O paciente mostrou sua jaqueta de penugem. A manga estava rasgada de maneira que o cheio caía. — É um monstro! Um monstro negro, com olhos brilhantes!

— Doris, leva-os a clínica, — ordenou o guarda a recepcionista. Tirou uma pistola Taser de seu cinturão.

— Não se preocupem, amigos. Eu me ocuparei deste... Monstro. — Jogou um olhar divertido a Doris. Não teve dúvida de que ele suspeitava que os pacientes no hospital para doentes mentais estavam loucos.

Doris correu com os pacientes. — Venham. Por aqui. — Desbloqueou a porta da asa oeste e se introduziu no interior.

Os gritos continuaram no pátio, e Toni viu a sombra de outros pacientes correndo ao redor, golpeando as portas de outros edifícios. O que Carlos estava fazendo, era assustar todo o fodido mundo. Enquanto isso, o vestíbulo estava vazio. Correu ao redor da mesa e folheou a lista de pacientes. Ali na última página estava *Vanderwerth, Sabrina. Terceira sala. VS48732*.

Toni anotou a informação num bloco de papel, arrancou a página, e o guardou em sua bolsa. Saiu correndo pela porta principal e foi na metade do caminho que lhe levava ao carro do Carlos, quando escorregou numa placa de gelo e seus pés voaram por de baixo dela. Aterrissou sobre seu quadril.

— Ai. Maldita seja. — Ficou de pé facilmente e saiu coxeando para o carro. — Maldita seja. — Comprovou sua bolsa de mão para assegurar-se de que o papel ainda estava ali.

Depois de um longo e angustiante minuto, viu o Carlos correndo para si. Que diabos? Estava descalço, com suas botas numa mão e seu casaco de couro na outra. Sua camisa desabotoada e

negra se agitava violentamente enquanto corria para ela.

Ele trocou sua jaqueta a seu outro braço, e logo tirou as chaves do bolso da calça. Com um clique no teclado, as porta se abriram.

Lançou seus sapatos e a jaqueta no assento traseiro. — Conseguiste a informação?

— Sim. — Ela abriu a porta. — O que te passou?

— Rápido. — deslizou-se no assento do condutor. — Escutei ao guarda chamar à polícia.

Subiu com seu quadril doendo, e logo colocou o cinto de segurança. — O que fez? Ouvi muitos gritos.

— Criei uma distração. — Endireitou o carro, e logo se dirigiu para a saída.

Olhou a seu peito nu e as calças parcialmente sem botões. — OH, Meu deus. Não me diga que correu nu.

— Algo no estilo. — Estacionou o carro. As sirenes da polícia se ouviam na distância. — Retornaremos de volta amanhã depois de que as coisas se acalmarem. O horário de visita é às 17:00 no domingo. Pode-o fazer?

— Acredito que sim. — Toni entreabriu os olhos quando dois carros de polícia passaram por diante deles com luzes intermitentes. Olhou por cima de seu ombro e os viu entrando no estacionamento do hospital. O que tinha causado que o guarda chamasse à polícia? Recordou à mulher com a jaqueta cortada. E as palavras da frenética mulher, — Um monstro negro com os olhos brilhantes.

Uma pontada de inquietação atou seu estômago. Que demônios fez Carlos?

Ian tinha escondido os seis frascos do medicamento para permanecer acordado no cofre no porão de uma sala do Romatech — completamente fabricada em prata para que um vampiro não pudesse teletransportar-se dentro nem fora. A sala de prata estava equipada com seu próprio fornecimento de ar e suficiente comida, água engarrafada e sangue para manter uma vida mortal ou Vampiro durante três meses.

Enquanto isso, Connor e Roman se asseguravam de que a receita para o medicamento para permanecer acordado fora apagada de todos os arquivos dos computadores. Agora só havia duas fontes da fórmula — um CD na sala chapeada e o cérebro do Roman. Connor quis enviar Roman e a sua família para a clandestinidade, mas Roman não acreditava que a situação fosse suficientemente grave ainda.

Já que Ian ainda tinha alguns dias de férias, Connor não esperava que ficasse, por isso se teletransportou de novo a casa. No escritório do quinto piso, conectou o computador ao dispositivo de rastreamento da bolsa de mão da Toni. Enfocou-se em sua localização. *Shady Oaks Hospital Psiquiátrico*? Por que Carlos a levaria ali? A luz começou a piscar. Estavam em movimento.

Seu telefone móvel soou, e o recuperou no kilt. — Olá?

— Ian, é Vanda, — sussurrou. — Necessito que venha ao clube, mas não à entrada ou à sala principal. Teletransporta-te diretamente a minha voz.

— O que acontece?

— Vem aqui agora mesmo! — Disse entre dentes.

— Está bem. — centrou-se em sua voz. Uns segundos mais tarde, chegou a um quarto escuro junto à Vanda.

Olhou a seu redor. Pulverizados pelo chão ao redor das mesas baixas tinha amaciados travesseiros com borlas de cor vermelha, de seda púrpura e ouro. As paredes estavam cobertas com cortinas transparentes de cor vermelha e ouro. Nas mesas, as velas piscaram dentro do mosaico de cristal de ouro, lançando brilhantes luzes da habitação. Música e mais luz que se filtrava através do bordado aberto do esculpido de madeira que se alinhava nas telas de um lado da habitação.

— O que é este lugar? — Sussurrou.

— A sala VIP, — disse Vanda. — Desde que fomos um harém de damas, pensamos que estaria bem que o fizéssemos parecer um harém. A tela se dobra para abrir-se, para que os clientes VIP possam olhar por cima do corrimão a seguinte atuação. Mas se quiserem privacidade, fechamos a tela.

Ian olhou através de um buraco na tela. Efetivamente, o clube do *Horny Devils* estava em baixo. Frente ao cenário, as damas vampiros se moviam alegremente ao ritmo da música, enquanto o bailarino no cenário girava como um negro vampiro que fluía com capa. Debaixo da capa estava nu, exceto por uma gravata de laço negro e vermelho, e um brilhante biquíni.

Ian fez uma careta. Drácula se revolveria em sua tumba.

— Sabe todas as garotas ali estiveram perguntando por ti, — disse Vanda. — Querem-te conhecer.

— Por quê? Assim podem rir de mim?

Vanda soprou. — na realidade, todas querem a honra de ser quem toma sua virgindade.

— Sangrento inferno, — murmurou. — Não lhes há dito que chegam como 500 anos muito tarde?

— Tentei-o, mas preferem a versão da Corky. Suspeito que pensam que ser a primeira às fará famosas e lhes dará um pouco de tempo no programa da Corky.

— Uah. Assim é a fama e não eu o que as atrai. Há uma razão importante para que me tenha chamado aqui?

— Temo que sim. — Vanda olhou através da tela. — Olhe no bar.

Seu olhar se deslocou para a Cora Lee, cuja loira cabeça estava perto de um homem fornido Vampiro. O estômago de Ian se torceu com o reconhecimento fazendo clique em seu lugar.

— Maldito seja o inferno!

Vanda lhe lançou um olhar de preocupação. — Então sabe quem é?

— Sim. Jedrek Janow. — A ultima vez que Ian tinha visto o assassino Malcontent foi na Ucrânia a noite que foi com o Jean-Luc e os outros para ajudar a resgatar ao Angus e a Emma. Jedrek tinha estado ali com Casimir, mas quando os Malcontents começaram a perder a batalha, tanto Jedrek como Casimir se teletransportaram, deixando seus camaradas russos para serem derrotados.

O pai da Shanna e sua equipe da CIA *Stake Out* mantinham uma constante vigilância da

fronteira russo americana Vampiro, e seguiram informando ao Connor desde que se conseguiu plantar os dispositivos de escuta em seu quartel geral. Infelizmente, os insetos tinham sido destruídos umas noites atrás. Jedrek estava sendo consciencioso.

— Em geral anda no Leste da Europa, — explicou Ian, — mas recentemente o puseram a cargo do Aquelarre russo americano no Brooklyn.

— Mas é polonês, — protestou Vanda.

— Metade da Polônia, meio russo, e a mão direita de Casimir. — Ian considerava a curiosidade da Vanda. — Como o conheceu?

Um indício de dor cruzou sua cara. — Digamos que se dava muito bem com os nazistas. É um assassino vicioso, e o desfruta.

— Um Malcontent de pôster. — Ian olhou através da tela. — Está bebendo *Bleer* para enganar a Cora Lee pensando que é um vampiro normal.

— Por desgraça, não é tão difícil de enganar a Cora Lee.

Ian aguçou o ouvido, mas não pôde ouvir a voz baixa do Jedrek sobre o estrondo da música a todo volume e o chiado das mulheres. — Preciso saber o que está dizendo.

Vanda franziu o cenho, considerando-o. — Se for ali, me vai reconhecer e... OH, já sei. Há um intercomunicador em meu escritório que se conecta ao bar. Uso-o quando tenho que falar com Cora Lee. Desta maneira.

Dirigiu-se a uma porta parcialmente oculta detrás de uma cortina de cor vermelha pura. Ian a seguiu por um lance de escadas a seu escritório.

— É isto? — Chegou ao intercomunicador em seu escritório.

— Espera. É uma conexão de duas vias, — advertiu-o. — vamos ter que estar perfeitamente tranquilos.

Ele assentiu com a cabeça e apertou o botão com o dedo.

— Assim já conhece o Ian? — Perguntou Cora Lee.

— Claro, — respondeu Jedrek com um falso acento de Brooklyn. — Conhecemo-nos há muito tempo. Não posso acreditar a forma em que se vê agora.

— Sei! Eu nem sequer o reconheci num primeiro momento, — confessou Cora Lee. —Não posso acreditar que tenha crescido assim.

— E diz que aconteceu no Texas? — Perguntou Jedrek.

— Isso é o que Ian me disse.

— Carinho, poder-me-ia conseguir outra *Bleer*? Este material é uma passada, fantástico. Roman é um gênio.

— Sim que o é. Conhece-o, também?

— Quem não? O tipo é famoso, — comentou Jedrek casualmente. — Mas sabe o que? Parece um pouco mais velho, também.

— Sim, de repente ficou grisalho nas têmporas.

— Mas não foi ao Texas, verdade? — Perguntou Jedrek.

— Não, estava aqui quando aconteceu. Santa terra, não posso imaginar por que alguém quereria ser mais velho.

— Fariam-no se houvesse algo muito importante, um propósito secreto detrás, — disse Jedrek.

Vanda ficou sem fôlego, e Ian negou com a cabeça para lhe recordar que tinha que permanecer em silêncio. Não havia dúvida de que tinha captado o pleno perigo da situação. Se os Malcontents adquiriam os meios para manterem-se acordados durante o dia, poderiam massacrar aos Vampiros indefesos em seu sono mortal.

O telefone do escritório da Vanda soou, e Ian rapidamente levantou o dedo do botão do intercomunicador para romper a conexão. Vanda fez uma careta e respondeu ao telefone.

Ian subiu a escada à sala VIP harém e olhou através da tela. Cora Lee devia ter ouvido a chamada, porque tinha respondido a seu telefone. Com um olhar confuso, pendurou o telefone. Enquanto isso, Jedrek analisava o clube, com os olhos entrecerrados. Não havia dúvida de que suspeitava algo.

Ian considerou teletransportar-se para baixo e desafiá-lo, mas antes que pudesse sopesar os prós e os contra, Jedrek desapareceu.

— O que se está passando? — Vanda se precipitou na habitação.

— Foi-se.

— Esse maldito telefone, — murmurou Vanda. — Era a bailarina que dispararam na noite de quinta-feira. Ouviu que Corky tinha a intenção de me processar, por isso decidiu unir-se, também. Filha de puta.

— Vou contatar o advogado do Angus, — ofereceu-se Ian. — É o melhor do mundo Vampiro. Pagarei por um acordo com ela. Não posso ver-te sofrer por minha culpa.

— Mas eu sou a que a atacou. — Vanda arrastou uma mão pelo cabelo de ponta. — E agora temos esta confusão com o Jedrek Janow. Não parará até que saiba o que causou teu envelhecimento. E se puser suas mãos nas drogas...

— Sei. Matar-nos-á enquanto dormimos.

Vanda levou a mão à frente. — Isto é todo minha culpa. Fiz-te muito famoso, e agora está em perigo. Jedrek te caça. Ele... Ele...

— Estarei bem.

— Mas coloquei completamente a pata, — exclamou. — É como um de meus irmãos pequenos. E os perdi a todos. Não posso suportar te perder, também, não quando é minha culpa.

— Shhh. — Ele a puxou pelo braço e lhe deu uns tapinhas nas costas. — Não te culpo, Vanda. Você tem o coração no lugar correto. Mas te agradeceria que dissesse a Cora Lee e a Lady Pamela que mantenham suas sangrentas bocas fechadas.

— Fá-lo-ei, fá-lo-ei. — Vanda deu um passo atrás e inspirou. — E seguirei tentando encontrar o casal perfeito. Farei uma lista das garotas que querem compromisso, e as entrevistarei eu mesma para eliminar às que só querem ser famosas.

Ian pensou que eram todas elas, mas não queria menosprezar a oferta da Vanda.

— Isso seria genial. Obrigado.

Ela fechou os olhos. — Quero que seja feliz Ian. E esteja a salvo. — Quando ela abriu os olhos, a ira brilhou neles. — Assim me ajude, se esse filho de puta do Jedrek te danifica...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Vanda, me prometa que não vais fazer nada com o Jedrek Janow. Deixe-me tratar disso e ao Connor.

Ela deixou escapar um suspiro. — Está bem, mas, por favor, tome cuidado. Ele quer respostas, e você é o que as tem.

— Sei. — Ian se deu conta de que Jedrek poderia estar caçando-o neste momento. E o primeiro lugar no que faria a busca seria a casa do Roman. — Tenho que usar o computador.

Lançou-se pelas escadas ao escritório da Vanda e acessou ao dispositivo de rastreamento na bolsa da Toni. Estava de volta na casa. Completamente sozinha.

O estômago do Ian se apertou. Toni, pensou, justo antes de se teletransportar.

Capítulo 13

Uma ducha de água quente ajudou a Toni a tirar o frio dos ossos e a aliviar a dor de seu quadril machucado. Inclinou-se para diante para envolver uma toalha ao redor de seu cabelo molhado e quando se endireitou, acidentalmente roçou o quadril contra o lavabo.

— Ai! — Olhou a contusão. Tinha um vivo tom arroxeado que fazia jogo com as cicatrizes vermelhas no torso e os seios.

— Toni!

Ela saltou para ouvir a voz do Ian em seu dormitório. O quadril golpeou contra o lavabo. — Ai! Maldita seja! — Agarrou-se à barra da toalha para evitar cair.

—Toni, está bem? — Ian golpeou a porta. — Há alguém que te está fazendo mal? Tenho que teletransportar-me dentro?

— Não! — Que fazia na habitação? — Eu... Tenho toda a linha ofensiva dos Gigantes de Nova Iorque aqui. OH sim, estou bem! Num segundo baixo e em oito saio.

Houve uma pausa. — É brincadeira, verdade?

Ela soltou um bufido. — Brilhante, Sherlock.

— Sai. Temos que falar.

— Não tenho nenhuma roupa aqui. Vai-te.

— Fecharei os olhos.

Agora tocava a ela fazer uma pausa. — Não te acredito.

— Brilhante, Sherlock.

Maldito seja. Envolveu uma toalha ao redor de seu corpo. — Vai-te.

— Não. Vim te resgatar.

— Do que? Do vapor?

— Sairei um momento para que te vista. Por favor, apressa-te.

Escutou passos e ouviu como fechava a porta. Espreitou. A habitação estava vazia. Aproximou-se da cômoda. — Por que me incomoda? Estou fora de serviço. — Deixou cair à toalha e rapidamente colocou umas calcinhas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não posso esperar mais, — disse Ian do corredor. — Estamos em perigo por um assassino Malcontent chamado Jedrek Janow. É o novo Mestre do clã russo americano no Brooklyn, os filhos de puta que nos atacaram. Jedrek quer informação sobre o medicamento que tomei para ficar mais velho.

Qualquer irritação do Toni desapareceu e foi substituída por uma pontada de temor. Grampeou o sutiã. — É grave?

— Muito grave. Se atacar a casa, não virá sozinho, virá com outros Malcontents, e todos aqui, incluídos você, seremos atacados.

Um calafrio lhe pôs a pele de galinha. — Conhecem esta casa? Pensei que era um segredo. — Maldita seja, tinha pensado que estava a salvo deles.

— A casa do Roman é um segredo, mas este lugar sempre foi conhecido no mundo vampiro. Cada primavera, Roman oferece uma conferência no Romatech e os professores dos aquelarres de todo o mundo assistem. Sempre se alojam aqui e a companhia do Angus proporciona a segurança.

Poderia ser atacada de novo? Deus, não. As lembranças dessa noite ameaçaram bloqueando. Não, outra vez não. Uma silhueta apareceu ante ela e ofegou.

Os olhos do Ian se abriram como pratos. — Toni.

Pôs suas mãos sobre suas calcinhas e prendedor. Maldita seja! Sua roupa interior não cobria muito. E podia ver suas feridas. Ela olhou sua cara e viu sua expressão passar de surpresa a horror.

— Fora! — Ela deu a volta. Maldita seja, o que era pior? Ser pega quase nua ou ver a reação horrorizada de um homem ao vê-la?

— Toni, morderam-na.

— Sei. Estava ali quando aconteceu. — Correu para o armário e agarrou um par de jeans de um cabide.

— E em seu quadril. O hematoma é terrível.

— Deixa de me olhar! — Colocou os jeans. — Caí no estacionamento.

— No do *Hospital Psiquiátrico Oaks?*

Ela abriu a boca e os jeans deslizaram até os joelhos. Deu-se conta de que olhava para baixo e ela subiu as calças. — Como sabe?

— Sou um bom investigador.

Maldito seja. Subiu o fecho de seu jeans. — Estiveste-me espiando?

Ele se dirigiu para ela. — Que há nessa mala?

Ela saltou a um lado para manter certa distância entre eles. — O que está fazendo?

Ele abriu a mala na cômoda e começou a enchê-la com sua roupa. —Termina de te vestir agora.

Ela não se preocupou com seu tom autoritário. Ou porque a tinha estado espiando. Agarrou uma camiseta de um cabide e o pôs. — Está bem. Vestir-me-ei. Assim não terá que te horrorizar por meu corpo nu.

Fez uma pausa com um punhado de suas calcinhas na mão. — Zanguei-me quando vi as mordidas que esses filhos de puta lhe fizeram. Não me horrorizei. Seu corpo é lindo.

Como podia seguir zangada depois de ter escutado isso?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Deixou cair às calcinhas em sua mala. — Por favor, rápido. Temos que ir.

— Aonde vamos? — Ela correu ao banheiro, agarrou sua escova, escova de dentes, bolsa de cosméticos e as lentes de contato e logo colocou tudo na mala.

— Levar-te-ei ao Romatech. A segurança é muito mais estrita ali. Assim os moços e eu poderemos esperar aos bastardos se por acaso vierem aqui.

Gostava da ideia de estar segura e realmente odiava a ideia de ver os Malcontents de novo, mas algo no plano do Ian a incomodava. Não gostava de ser uma débil rapariga em apuros. Sentou-se na cama para colocar umas meias.

— Não me vou esconder e deixar que vocês resolvam tudo. É meu trabalho.

Ian sorriu e agarrou mais roupa de seu armário para colocá-la em sua mala. — É uma moça valente e te felicito por isso, mas isto não é uma briga em que deva participar.

Estaria de acordo com isso em outras circunstâncias. Por que arriscar sua vida por uma disputa de vampiros? Mas a noite em que os Malcontents a atacaram, era pessoal. Por muito que odiasse vê-los de novo, tinha que fazê-lo. Calçou suas botas. — Esta é minha luta. Não vou tremer de medo. Farei meu trabalho.

Ian fechou a mala. — Carinho foi contratada como guarda de dia. Isso significa que tem que lutar contra os possíveis inimigos do dia, quer dizer, os mortais. Está fora de serviço de noite por uma razão. Não sobreviverá numa briga contra um vampiro.

— Golpeei ao Phineas a outra noite.

— Um golpe de sorte.

— Olhe carinho. — dirigiu-se para ele. — Estou bem. Estou em plena forma. Necessita uma demonstração?

— Possivelmente. — Ele desapareceu e um segundo depois estava detrás dela, atirando-a contra seu peito. Ela reagiu com rapidez, pegando os cotovelos no peito. Foi como golpear um muro de tijolos.

Suas mãos agarraram seu pescoço e sua cara e sua voz foram suaves contra seu ouvido. —O próximo som que ouviria é o estalo de seu pescoço.

A raiva varreu através dela. Maldita seja, não os podia vencer? A lembrança de seu ataque voltou e sentiu horror. Sacudiu a cabeça, tratando de não recordá-lo, mas sua mente se encheu de lembranças reproduzindo todos os detalhes atrozes. Um calafrio quase a dobrou.

— Toni, está bem, — sussurrou Ian.

— Não! — Lutou para conter as lágrimas, mas quanto mais se esforçava, mais aumentavam suas emoções. Liberou-se do Ian e cambaleou para trás. — Eu... Odeio a sua espécie!

Seu rosto empalideceu. Levou a mão à boca, surpreendida pela intensidade de suas palavras.

Sua boca se fechou e a dor se refletiu em seus olhos. — Pelo menos é honesta.

Ela tocou com as mãos seu peito cheio de cicatrizes. — Mordeu-me como se fora comida. Como se não fora um ser humano. Só um pedaço de carne. — Suas lágrimas rodaram por sua cara e se secou as bochechas. — Não podia lutar contra eles. Apoderaram-se de minha mente e foi como se minha alma fora esmagada.

Ele a abraçou. Ela ficou rígida, mas a abraçou com força. — Eu nunca te faria mal. Pode

confiar em mim.

Ela respirou lentamente, tremendo. — Sei, — disse enterrando sua cara em seu suéter grosso e respirou seu aroma. Cheirava a limpo, mas terrestre. Doce, mas varonil.

Ele passou a mão por suas costas. — Espero me encontrar com esses filhos de puta esta noite. Eu adoraria lhes dar uma lição pelo o que lhe fizeram.

Ela apoiou a bochecha em seu ombro. Ainda não o entendia muito bem. Apreciava seu desejo de protegê-la, mas não queria um protetor contra os vampiros maus. O que queria era uma maneira de proteger-se. E tendo em conta suas habilidades superiores, não acreditava que existisse algo assim. E isso é o que a incomodava mais que a desigualdade e a injustiça em tudo isto.

— Oxalá pudesse lhes chutar o traseiro, — sussurrou.

Ian riu entre dentes. — Essa é minha garota.

Ela esfregou mais a bochecha contra seu grosso pulôver. Ele era surpreendentemente quente e sólido, era maravilhoso. Quando a soltou e deu um passo atrás, queria jogar-se em seus braços.

— Temos que ir, moça. — Arrastou a mala da cômoda.

Ela vestiu o casaco e agarrou sua bolsa. — Iremos de carro?

— Teletransporte. É mais rápido. — Ele agarrou a asa da mala com uma mão e estendeu a outra para ela. — Tem que te abraçar a mim.

— OH. — Sem problema. Ela deslizou os braços ao redor de seu pescoço.

— Mais perto. — Seu braço se esticou ao redor de sua cintura.

Ela se pressionou contra seu sólido peito. — Assim?

Ele fechou os olhos brevemente. — Sim.

Conteve o fôlego quando seus olhos se abriram. — O que acontece com seus olhos? Estão vermelhos.

— É uma reação normal num vampiro.

— Não acredito. — Ela estudou as íris de cor vermelha e brilhante. — Nenhum dos outros vampiros faz isso.

— Bom. Não queria lutar com nenhum de meus amigos.

— Do que está falando?

Ele sorriu de forma irônica. — Toni, quando meus olhos se voltam de cor vermelha, é porque estou desejando algo desesperadamente.

Ela tragou. — Esta acontecendo já a vários.

— Sim, desde que te conheci. Mas não se preocupe. Sei que odeia a nossa espécie.

— Não te odeio Ian. Não odeio a nenhum dos Vampiros bons. Talvez o fizesse ao princípio, mas agora...

Ele a olhou com atenção. — Como se sente agora?

Uma corrente de emoções provocaram lágrimas em seus olhos. — Eu... Tenho muitas coisas em minha cabeça. Não só a ti, também a minha amiga Sabrina. Estou muito preocupada... E confundida. — Não devia sentir-se tão atraída por um maldito vampiro.

— Conta-me o que se está passando. Poderia te ajudar.

Estudou seu formoso rosto e viu preocupação genuína e compaixão. Queria confiar nele. Meu Deus queria ficar em seus braços para sempre. — Pensá-lo-ei.

— Bem. Te segura, carinho. — Apertou-a com força e todo se voltou negro.

Logo que Ian esteve seguro de que Toni terminou de se instalar no quarto de prata no Romatech, se teletransportou a casa com o Dougal e Phineas.

Quando se materializou no alpendre de trás, ouviu o zumbido de alta frequência do alarme dentro da casa. Num instante tiraram suas espadas. Havia só duas explicações para o alarme, era um mortal que tinha entrado na casa e não escutava o alarme ou um vampiro que se tinha teletransportado dentro e não sabia a combinação para apagar o alarme.

Dougal em silêncio abriu a porta de trás e a deixou aberta. Esperaram, com as espadas preparadas, que alguém metesse a cabeça pela porta e olhasse. Se for um Malcontent sua cabeça não ficaria unida muito tempo.

Ninguém caiu na armadilha. Ian se moveu para entrar, mas Phineas o agarrou.

— É a você o que querem irmão. Fica entre nós. — Phineas entrou primeiro.

A cozinha era um desastre. Armários e gavetas abertas e o conteúdo disperso por toda a habitação.

— Devem estar procurando a droga. — Dougal começou a introduzir a combinação para desativar o alarme.

— Não. — Ian o impediu. — Se a apagar, saberão que chegamos.

Dougal fez uma careta. — Tem razão, mas o som é muito molesto.

— Sim, soa como um gato num buraco, — murmurou Phineas. Colocou-se na porta de vaivém.

— Preparados?

Assentiu com a cabeça ao Ian. De repente apareceram os três no vestíbulo. Uma rápida olhada lhes indicou que os intrusos não estavam no primeiro piso. Os livros das prateleiras estavam no chão, à sala estava toda revolta. Baixaram ao porão. O interior do ataúde do Phineas tinha sido rachado e o exterior destroçado.

— Merda. — Phineas olhou o marco com a foto partida de sua família. — Chegamos muito tarde.

— Terá que revisar o escritório do Roman, — sugeriu Ian. — Estou seguro de que não sabem que ele inventou a droga.

— Vamos juntos, — disse Dougal. — Revisar o terceiro andar.

O trio se teletransportou e aterrissaram fora do escritório do Roman e do dormitório. As duas portas estavam abertas, no interior se ouviam vozes que falavam em russo.

Ian se dirigiu aliviado para a porta do escritório e reconheceu ao Jedrek Janow que estava sentado no escritório do Roman, revisando o computador. O Malcontent amaldiçoou e golpeou com um punho o teclado. Logo começou a rebuscar nas gavetas do escritório.

Dougal apareceu na habitação do Roman e logo levantou dois dedos para indicar dois homens. Ian levantou um dedo. Eram três contra três. Ele deu ao Dougal e ao Phineas um olhar

inquisitivo e assentiu com a cabeça aos dois.

Ian entrou no escritório, dirigiu-se diretamente para o Jedrek. O assassino o viu e agarrou a espada que tinha deixado sobre a secretária. Ian já estava balançando sua espada num golpe mortal quando Jedrek se teletransportou.

Ian atravessou com a espada a cadeira de secretária vazia. — Por todos os demônios.

Deu a volta para ver se Jedrek se materializou detrás dele.

Não o fez. O amo da Assembleia russa apareceu na habitação junto a seus dois seguidores.

Ian se moveu para eles, enquanto que Dougal e Phineas o flanqueavam.

— Justo o homem que estava procurando, — burlou-se Jedrek. — Stasio, Yuri, agarrem ao do meio.

Os dois Malcontents se equilibraram para o Ian, mas Phineas e Dougal saltaram para diante preparados para o combate. Ian amaldiçoou interiormente por ter sido tratado como um indefeso cachorrinho. Dirigiu-se ao Jedrek, mas o covarde desapareceu uma vez mais.

Ian se voltou, mas Jedrek lhe agarrou o braço pelas costas. Uma sensação de vertigem se apoderou dele e se deu conta de que Jedrek estava tratando de teletransportar-se com ele. Cortou o braço ao Jedrek com a espada, o homem lançou um grito de dor justo antes de desaparecer por completo.

— Covarde! — Gritou Ian ao espaço vazio. Um grito de dor chamou a atenção do Ian. Phineas tinha talhado o torso de seu oponente. O russo cambaleou para trás e Phineas o apunhalou no peito. O russo se voltou cinza e logo se converteu num montão de pó. O segundo russo gritou com ira e logo se teletransportou, deixando o Dougal amaldiçoando.

— Fi-lo! — Phineas levantou sua espada no ar. — Viu isso? Sou uma máquina de matar.

Dougal lhe deu uma palmada nas costas. —

Seu primeiro morto. Felicidades.

Phineas levantou a mão para chocar os cinco com ambos. — OH, sim, Dr. Phang ataca de novo.

Ian sorriu com cansaço. Depois de alguns séculos matando Malcontents, já não sentia a emoção. Aproximou-se de novo da mesa e apagou o alarme. — Jedrek está ferido. Parece que esta noite não vai voltar. Voltemos para o Romatech.

Roman e sua família estariam a salvo no momento. E também Toni.

Logo que Jedrek Janow se materializou em seu escritório do Brooklyn, sentiu a dor de seu braço talhado. Deixou cair sua espada no chão e apertou a mão sobre a ferida. O sangue fluía através de seus dedos e gotejava sobre o tapete turco.

— Maldito seja.

— Senhor, está sangrando, — disse o guarda da porta.

— Uma observação brilhante, idiota, — grunhiu Jedrek. — Traz a Nádia agora.

— Sim, Senhor. — O guarda se foi.

Jedrek tirou seu suéter ensanguentado e esmigalhado e o atirou no cesto de papéis. O guarda retornou com a Nádia. Ela estava junto à porta, negando-se a olhá-lo.

Ele sabia que estava zangada por ter que matar à loira. —Traz ataduras. Cure-me a ferida.

Levantou o queixo com ar desafiante. — A ferida se curará durante seu sono mortal.

— Isso é em cinco horas a partir de agora, cadela. Traz as ataduras agora.

Ela se foi. Ainda tinha muito espírito, mas o quebraria logo. — Você. — Olhou ao guarda. O nome do tipo era Stanislav, mas ao Jedrek não gostava de chamar às pessoas por seus nomes. Podiam pensar que de algum jeito os apreciava. — Me dê sua camisa.

— Sim, Senhor. — Stanislav desabotoou a camisa branca. Enquanto isso, uma sombra apareceu, logo se solidificou junto ao escritório. Era Yuri. Embainhou sua espada e evitou olhar para Jedrek.

— Onde está Stasio? — Exigiu Jedrek.

— Está morto, — sussurrou Yuri.

— Então deveria ter lutado melhor. — Jedrek agarrou a camisa do Stanislav e a envolveu ao redor do corte do antebraço. O algodão branco ficou vermelho pelo sangue. — Quem o matou? Foi um desses malditos escoceses?

— Não, — respondeu Yuri. — Foi o vampiro negro.

— Negro?— Perguntou Stanislav. — Pergunto-me…

— Diga-o já, — grunhiu Jedrek.

— Havia um homem negro em nosso Aquelarre faz tempo, — explicou Stanislav. — Phineas McKinney. Alek o transformou, porque era um traficante de drogas e Katya necessitava sua ajuda para fazer *Noturna.*

Infelizmente, quando Katya faleceu tinha esgotado toda a *Noturna* em seu fracassado intento de vencer ao Angus MacKay por Casimir. Jedrek tinha a esperança de encontrar algo da droga aqui no escritório, mas não teve sorte.

— Onde está esse Phineas? Se tivesse tido esta noite *Noturna,* poderia ter paralisado ao Ian MacPhie e trazê-lo.

— Faz um ano que não vejo o Phineas. — Stanislav inclinou a cabeça, para concentrar-se. — A última vez que o vi, foi aqui no escritório. Disse que estava procurando a Katya, mas ela e Galina já tinham ido para a Ucrânia.

Jedrek entrecerrou os olhos. Tinha revisado o escritório quando Katya era Mestra e logo outra vez quando se converteu em amo da Assembleia. Alguém no Aquelarre tinha estado jogando nos dois lados.

— Olhe as fotos de meu escritório. Há uma foto de um vampiro negro que trabalhou para o MacKay.

Stanislav olhou as fotos, logo se deteve. — Este é. Phineas McKinney.

Jedrek apertou os dentes. — E quando Phineas esteve aqui, disse-lhe aonde se foi Katya?

Stanislav abriu a boca para responder e logo a fechou de repente quando a realidade o golpeou. Tragou saliva audivelmente.

— O que posso fazer com sua incompetência? — Grunhiu Jedrek. Yuri tirou sua espada e esperou a ordem.

Stanislav deu um passo atrás, seu rosto estava pálido. — Pensei que estava de nosso lado.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele nos ajudou a fazer a *Noturna*.

Jedrek inalou profundamente. O medo irradiado pelo Stanislav como o mais doce dos perfumes. — Tem uma oportunidade para te redimir. Matará Phineas McKinney.

— É óbvio. — Stanislav assentiu com entusiasmo. — Será um prazer.

Yuri embainhou sua espada com um olhar de desilusão.

— Mas primeiro necessito que me traga comida, — disse Jedrek ao Stanislav. — Esta ferida me deixou muito cansado.

— Sim, Senhor. Imediatamente. — Stanislav saiu quando Nádia chegou, com as mãos cheias de ataduras e esparadrapo. Aproximou-se com um olhar cauteloso.

— Demorou muito. — Jedrek se sentou no bordo de seu escritório e levantou o braço ferido. — Enfaixa bem isso.

— Sim, Senhor. — Ela começou a girar a gaze ao redor de seu antebraço.

Ele notou as nódoas negras em seus braços onde antes lhe tinha afundado os dedos. — Eu gosto de te fazer dano.

Tremeram-lhe as mãos enquanto enfaixava seu braço. Bom, ela estava mostrando a quantidade adequada de temor. Adorava inculcar medo nos outros. Dava-lhe poder sobre eles. A gente se inclinava por medo ante os Deuses.

— O que acontece à droga? — Perguntou Yuri. — E com o Ian MacPhie?

— Tenho que sanar primeiro, — disse Jedrek flexionando sua mão. — Amanhã atacaremos de novo. Obteremos respostas e haverá vampiros mortos.

Capítulo 14

Um ruído interrompeu o sonho da Toni. Onde estava? Ah, claro, no quarto de prata, nas indústrias Romatech.

Um brilho de luz lhe chamou a atenção e ficou rígida quando se deu conta de que não estava sozinha no quarto escuro. Logo reconheceu a saia escocesa vermelha e verde. Os largos ombros e o rabo de cavalo negro.

A luz vermelha da saída, em cima da porta, emitia um tênue resplendor vermelho na habitação. Ian tirou uma garrafa de sangue do micro-ondas. Isso deve ser o que produziu o som que a sobressaltou. Jogou uma olhada ao relógio da mesinha. Era a hora de levantar-se para ir trabalhar. Ao sentar-se fez que soassem os lençóis e isso fez que Ian a olhasse.

— Ai, não queria despertar.

— Está bem. É hora de que me levante.

— Pode dormir mais, se quiser.

Imediatamente se desabou sobre a cama. — OH Deus, sim.

Riu entre dentes. — Todo mundo está aqui para seu sono mortal. Há algumas habitações aqui no porão, todas com câmeras de vigilância. Howard, no escritório do MacKay, vela por nós.

Toni olhou a câmera na esquina. A luz vermelha indicava que estava acesa.

— Há um segundo turno para a segurança do dia, — continuou Ian. — Eles velam pelos empregados mortais e o guarda do edifício. Hão-me dito que estiveram ocupados durante o dia. Há mortais engarrafando o sangue sintético e trazendo-o dos hospitais e os bancos de sangue.

— Não se preocupa que um empregado mortal se tropece com um vampiro em pleno sonho?

— Os mortais não têm a permissão para baixar até ao porão. Necessita-se um cartão para acessar a escada ou para que o elevador baixe até aqui. Há uma na mesa para ti.

— Perdi algo enquanto estava dormindo?

Ele se encolheu de ombros. — Entraram em casa.

— O que? — Ela se sentou. — Foram os Malcontents?

— Sim. Phineas matou a um. Estava muito orgulhoso de si mesmo. Jedrek tentou teletransportar-se comigo, mas lhe cortei o braço para me liberar.

— Bem feito, — sussurrou Toni. — Isso é horrível. Está bem?

— Sim. — Ian terminou sua garrafa e a enxaguou na pia da cozinha. — Esperamos que esta noite tentem algo, por isso tenho que descansar enquanto possa.

— Está bem. Irei tomar banho. — Ela se foi para o banho. Logo saiu e fechou a porta detrás dela e ajustou os olhos à escuridão tinta de vermelho. Ian já não estava na cozinha. Aproximou-se da cama e se deteve. Ali estava, do outro lado, deitado em cima do edredom, com sua saia, uma camiseta branca e suas meias até o joelho.

— O que está fazendo? — Ela olhou a habitação. Só havia uma cama. Talvez se juntasse as poltronas, podia...

— Não queria te incomodar, moça. Em breves momentos não serei capaz de me mover. — Colocou as mãos sobre o estômago e olhou o teto. — Pode me vigiar enquanto não posso me defender.

Ela soltou um bufido. — De acordo. Porque há algo tão irresistível como um cadáver.

Riu enquanto a olhava. — Se te incomoda dormir a meu lado, posso-me deitar no chão. Uma vez que estou morto, não me darei conta da diferença.

— Saí com um par de tipos com o mesmo nível de sensibilidade, — murmurou enquanto pensava se devia voltar para a cama.

Ele bocejou e fechou os olhos. — Irei logo.

Sentou-se no bordo da cama. — Dói-te?

— Saber que há uma formosa mulher deitada junto a mim e não ser capaz de tocá-la? — Seus olhos se abriram e brilharam com humor. — É uma tortura viver. Mas não durante muito tempo.

— Quero dizer se te dói cada manhã quando morre.

Ele estava ali, seu olhar vagava sobre ela lentamente, detendo-se aqui e lá como se fora memorizar cada pequeno detalhe. Sua pele estremeceu, em resposta a seu olhar. Justo quando pensava que não haveria resposta, disse-lhe em voz baixa, — é como meter-se num buraco negro, tão negro e profundo, no que não há luz, nem sentimentos, nem pensamentos. — Piscou

lentamente, o brilho de seus olhos diminuía. — Eu gostaria de poder sonhar.

— Com o que sonha um vampiro? Cubos grandes de sangue? Um ataúde brilhante com nova tapeçaria de pele?

— Tenho um sonho formoso, — disse sorrindo levemente enquanto seus olhos se fechavam. — Sobre ti. — Seu rosto se relaxou.

De mim? O coração do Toni se acelerou. Sonhava com ela? Ela se aproximou para olhá-lo. — Está morto?

Ele não respondeu. Estava quieto, o homem mais formoso que jamais tinha conhecido. Seu olhar se posou na covinha em seu queixo. Tinha-o querido tocar o outro dia. Tinha-o tentado, mas depois ficou nervosa e não o fez.

Tinha força agora. Mas não a oportunidade. Olhou a câmera de vigilância. O que faria Howard ao vê-la tocar a cara do Ian?

Deslizou-se sob os lençóis e ficou de barriga para cima. Que Deus a ajudasse, queria aconchegar-se junto a um corpo morto. Isto estava mal em muitos níveis.

Deu a volta, ficando de costas para ele. Tão mal. E, entretanto, estava começando a sentir-se muito bem.

Graças a Deus havia uma recepcionista diferente no *Shady Oaks* no domingo de noite. Toni tinha-se preocupado que Doris estivesse ali e a reconhecesse da terapia de vício ao sexo. Tratou de ter uma aparência um pouco diferente, usando óculos em lugar de lentes de contato e um gorro de lã para cobrir seu cabelo loiro.

Carlos a tinha recolhido no Romatech. O sol Luzia ainda e todos os vampiros estavam em seu sono mortal. Howard a tinha assegurado que tudo estava sob controle, por isso era livre de ir embora. Entretanto, sentia essa sensação incômoda de querer estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ian tinha pensado que os Malcontents atacariam de novo. Odiava não estar ali para ajudar.

— Queremos ver a Sabrina Vanderwerth, — disse a recepcionista.

— Terá que assinar e preencher este formulário.

Enquanto que Carlos permanecia quieto, Toni rapidamente preencheu o formulário, incluindo o nome da Sabrina e seu número de identificação. A recepcionista comprovou os fichários, os mesmos que Toni tinha verificado a noite anterior. — Necessitarei suas identificações. — Ela agarrou suas carteiras de conduzir e logo lhes deu um cartão de identificação. — Guardarei suas carteiras até que terminem. Devem manter visíveis as identificações em todo momento. Não se pode levar nenhum objeto pessoal ou mantimentos ou bebidas às salas. Entendem?

— Sim. — Toni se dirigiu para o guarda, que registrou sua bolsa, logo revistou o Carlos. Abriu a porta.

— Sigam o corredor em frente do pátio e logo girem à direita à sala três.

Ao cruzar o pátio, Toni olhou a seu redor. Dentro de cada edifício, havia outro guarda. Estremeceu-se. O lugar era como uma prisão. Carlos abriu a porta da sala três e seguiu até um pequeno vestíbulo. O guarda comprovou suas identificações e agarrou seu formulário de visita, que colocou numa bandeja metálica, dentro do controle de enfermeiras.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Ponham tudo que têm nas mãos e objetos pessoais nestes contêineres. — O guarda lhes indicou uns recipientes de plástico sobre uma mesa.

Enquanto que enchiam os contêineres, um enfermeiro musculoso entrou no controle de enfermaria e examinou o pedido. — Vão para a porta, — disse através de um intercomunicador.

Houve um zumbido e a porta de metal se abriu. O enfermeiro fez gestos para que entrassem. Toni olhou seu cartão de identificação, *Bradley*. A sala cheirava a desinfetante e a desespero.

— Vêm me visitar mim? — Um jovem lhes perguntou enquanto arrastava os pés para eles com umas sapatilhas de veludo cotelê e um pijama do Homem Aranha gasto, a cor vermelha se desvaneceu para rosa.

— Não estão aqui por ti, Teddy, — grunhiu Bradley. — Volta para o quarto.

— Está bem. — Teddy passou uma mão pelo cabelo escuro grisalho, parecia um gambá. Arrastou-se pelo corredor.

— Por aqui. — Bradley lhes indicou a direita. — Sabrina estará na sala das mulheres. Mantemos aos homens e às mulheres separados, exceto nas comidas. É melhor assim já que recebemos viciados no sexo ocasionalmente.

Toni fez uma careta.

— Já chegamos. — Bradley assinalou uma área aberta, então se dirigiu pelo corredor. Uma enfermeira estava sentada detrás de um balcão, vigiando aos pacientes. No centro da sala branca, havia duas mesas, rodeadas de cadeiras de plástico de cor laranja. Mais cadeiras de plástico se alinhavam nas três paredes. Uma televisão, pendurada numa esquina mostrava um filme de desenhos animados, tinha o volume baixo. O ar estava carregado e quente. Sufocante.

Olhou perplexa a duas mulheres de meia idade sentadas contra a parede. Suas mãos tremiam e tinham a boca aberta, seus olhos pareciam mortos. O coração da Toni se oprimiu em seu peito.

Na esquina, uma jovem paciente estava junto a um visitante masculino, seu marido, talvez? Os dois estavam calados, como se já não soubessem o que dizer-se.

O coração do Toni quase se rompeu quando viu a Sabrina. Levava umas calças de pijama e uma camiseta azul. Seu cabelo, em geral sempre estava muito bem penteado agora era aborrecido e muito enredado. Estava sentada numa mesa, balançando os pés para trás e adiante enquanto olhava uma revista. Tinham-lhe tirado os cordões dos sapatos.

Quando Toni se aproximou, viu de que não era uma revista o que Sabrina estava olhando, era um livro para colorir. Passava as páginas, logo se detinha numa página, em que não se pintou ainda. Tirou um lápis de cor rosa quebrado de um recipiente de plástico e começou a colorir.

Esta era a destacada estudante da NYU que tinha estado na lista do decano nos últimos seis semestres? Toni fechou os olhos. Não vou chorar diante dela. Serei forte.

— Poderia matar seu tio, — sussurrou-lhe Carlos.

Toni respirou fundo e lhe sorriu. — Olá, Sabrina.

Bri se voltou para eles, com o rosto branco e logo piscou. — Toni! Carlos! Vieram para ver-me.

— É óbvio que sim. — Toni lhe deu um abraço. — Estivemos preocupados contigo.

— Tem bom aspecto, *menina*. — Carlos a abraçou e se sentou frente a ela na mesa.

Toni se sentou junto a ela. — Como estás?

— Estou bem. — Bri levantou seu braço para mostrar a banda de identificação de plástico azul ao redor de seu pulso. — Subiram-me ao azul hoje. Estou tão contente de não ser de cor amarela já.

— O que acontece o amarelo? — Perguntou Toni.

— É para pacientes suicidas. — Agarrou um lápis de cor verde do bote. — Não é que eu seja uma suicida.

Toni tragou forte. — Isso está bem, — sussurrou.

— Põem a todos sob vigilância de suicídio quando chegam aqui, — explicou Bri.

— Pergunto-me por que, — murmurou Carlos enquanto olhava ao redor o quarto escuro.

— Senti-me tão sozinha, — continuou Bri. —Tinha que comer sozinha e me sentar aqui só enquanto os outros se foram para o ginásio.

— Olá Sabrina.

Voltaram-se e viram o Teddy arrastando os pés pelo local. Com a cabeça para um lado. — Tem visitas?

— Parte Teddy! — Disse Bradley dirigindo-se a ele. — Quantas vezes tenho que te dizer que fique na sala dos homens?

— Bem. — Teddy se foi para o corredor. — Idiota, — murmurou enquanto seguia ao Bradley.

— Eu não estou louco, — protestou Teddy.

Sabrina voltou a colorir como se tudo fora normal. — Conheci o Teddy no almoço de hoje. Acredito que está sozinho. Ninguém vem visitá-lo. — Sorriu a Toni. — Me alegro de que tenha vindo.

Não vou chorar. Toni lhe devolveu o sorriso. — Eu também me alegro.

— Teddy não está louco, — sussurrou-lhe Bri. — É uma história muito triste. Teve um acidente de carro com sua noiva e ela morreu. Ele conduzia, por isso se sente culpado.

Toni assentiu com a cabeça. — É terrível sentir que falhaste a alguém que amas.

Que Deus a ajudasse, ia falhar com Sabrina se não a tirava deste lugar. — Queremos que volte para casa.

— Estou tratando de melhorar. Tenho esperanças.

— Não está louca, — insistiu Toni.

— Tenho que admitir que vou melhorar. Isso é o que diz meu terapeuta. De todos os modos, muita gente aqui está louca. — Sorriu Bri. — Inclusive alguns dos guardas. Ontem de noite, disseram-me que havia um gato negro gigante correndo pelo pátio.

Toni olhou ao Carlos, mas seu rosto permaneceu em branco. Bri agarrou um lápis arroxeado do bote. — Tenho que pintar de púrpura o cabelo da Jasmine. Levaram os lápis negros porque eram muito deprimentes.

Toni afogou o impulso de gritar. Como pode alguém estar neste lugar e não deprimir-se? — Bri, fiz o que me pediu. Fui a Central Park para ver se os vampiros me viam e me atacavam.

Bri negou com a cabeça enquanto ela pintava. — Os vampiros não são reais.

— Tem razão, — disse Carlos rapidamente, logo olhou a Toni para que não o interrompesse. — Deve lhe dizer a seu tio que cometeu um engano. Que simplesmente estava traumatizada pelo ataque. Mas que já está melhor e assim a deixem sair daqui.

Toni sabia que a estratégia não funcionaria. Bri necessitava a aprovação de seu tio para ser posta em liberdade e nunca a daria.

Bri colocou o lápis arroxeado no bote. — Tio Joe quer que fique aqui até que consigam a combinação correta de medicamentos para mim. Pode ser que leve um par de semanas.

Ou para sempre, pensou Toni com ironia. Enquanto o tio Joe estivesse a cargo do futuro da Bri, não faria nada.

Toni tinha querido ajudar Bri para provar a existência dos vampiros, mas até o momento, não tinha podido reunir nenhuma prova. E agora duvidava que tio Joe aceitasse alguma prova. Simplesmente não lhe interessava que Bri saísse deste hospital.

Uma sensação de pânico cresceu na Toni à medida que passavam os minutos. Carlos lhe fez perguntas mundanas como o que tinha jantado. A Toni estava resultando difícil até respirar.

— Quer o desenho? — Perguntou Bri enquanto terminava de colorir.

— Sim, — disse Toni forçando um sorriso.

Bradley se dirigiu para eles. — A hora de visita terminou, — anunciou.

— Amanhã vamos pôr os adornos de Natal e vamos pôr uma árvore. — Bri entregou o desenho a Toni. — Vais voltar?

— É óbvio. Quero dizer, Tentá-lo-ei. —Toni tinha medo de que o tio Joe negasse seu acesso uma vez que visse seu nome no livro de visitas.

— Vamos. — Bradley fez um gesto de impaciência.

O casal se separou na esquina. O marido se dirigiu para o corredor. A mulher se afundou em sua cadeira e começou a chorar em silêncio.

— Vão terminou, por favor, — disse Bradley olhando-os.

Toni abraçou a sua amiga e rapidamente se afastou antes que Bri visse as lágrimas em seus olhos. Seguiu ao Carlos para o vestíbulo e se estremeceu quando a pesada porta metálica se fechou com um clique.

Vestiram seus casacos devagar e agarraram seus pertences, o marido da outra paciente estava diante deles. Uns minutos depois de que ele saísse, começaram a cruzar o pátio. O ar frio golpeou a cara de Toni, sentiu que tinham que se apressar.

— Temos que tirá-la, — sussurrou.

— Sei, — respondeu Carlos. — Estive tentando pensar num plano toda a noite.

— Seu tio nunca a liberará, — disse Toni com pânico. — Vamos ter que…

— Shhh, — advertiu-lhe Carlos. Fez um gesto ao carvalho e a um ramo enorme que se estendia sobre o muro. — Poderia tentar subi-la até essa árvore, mas ainda fica o problema de tirá-la da sala. O maldito lugar está mais fechado que o cinturão de castidade de uma monja.

— Temos que fazer algo.

— Não encontro à maneira de tirá-la daqui.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela agarrou o braço do Carlos. — Não diga isso. Tem que haver uma maneira. Só precisamos planejar como evitar aos guardas e as portas fechadas. OH, Meu deus, sei como fazê-lo.

— Como? — Perguntou Carlos.

— Teletransportando-a.

— Não podemos fazer isso.

— Mas sabemos de alguém que pode.

— Vais pedir ao Ian? — Perguntou Carlos. — Está segura de que se pode confiar nele?

— Acredito que sim. Espero que sim. — Ele se ofereceu a ajudá-la. E quanto mais pensava nisso, mais sabia que era a única maneira.

Toni insistiu com Carlos que a levasse ao Romatech. Era de noite quando chegaram. O guarda da porta a reconheceu e a saudou com a mão quando Carlos deteve o carro na porta principal.

— Sei que quer falar com o Ian a sós, mas mantém-me informado. Isto requererá um pouco de planejamento.

— Está bem. — Ela tirou o gorro de lã e penteou o cabelo. Queria estar decente quando falasse com o Ian.

— Uma vez que Bri esteja fora, necessitaremos um lugar seguro para que fique. Não podemos levá-la para o seu apartamento.

— por que não? — Toni tirou os óculos e os meteu em sua bolsa. Sua vista era um pouco imprecisa de longe, mas estaria bem para uma conversação de perto. Olhou-se no espelho do carro para ver como estava.

— Toni, seu tio poderia suspeitar que estamos detrás de seu desaparecimento e nos denunciar por sequestro.

Isso a fez deter-se. — Mas Bri viria voluntariamente conosco.

— Seguro? Depois de tudo o que passou, esperas que confie num vampiro?

— Bom, eu o fiz. —Toni fez uma careta. — Mas tinha uma forte motivação. Estava tratando de ajudar a Bri. — Sentiu as lágrimas em seus olhos. — Temos que tirá-la dali.

— Estou de acordo. Eu não gosto o que os medicamentos estão fazendo com ela. Perdeu a vontade. Ela não é ela.

— Sei, — disse Toni arrastando um suspiro tremente. — Com muita dificuldade mantém o controle de suas emoções.

Carlos lhe deu uns tapinhas no braço. — Vai estar bem, *menina*. — Olhou pelo espelho retrovisor. — Que diabos é isso?

Toni olhou por cima do ombro. O estacionamento estava bem iluminado e viu um homem de baixa estatura, muito abrigado, caminhando para a porta principal do Romatech. Levava uma bolsa grande de plástico negro ao ombro. — Leva algo um pouco volumoso.

— Ele? — Carlos olhou para trás e logo desviou o olhar para o espelho. — Ele não aparece no espelho. Tudo o que vejo é uma bolsa flutuando no ar.

— Sério? — Toni baixou a viseira do carro para olhar pelo espelho. Efetivamente, a bolsa de lixo se estava movendo por sua própria conta. — Isso é muito estranho. Deve ser um vampiro. —

Estavam sentados no carro e observaram ao homem de baixa estatura passar pela porta principal.
— Pergunto-me o que leva na bolsa, — murmurou Toni.

Carlos soltou um bufido. — Um morto?

Toni lhe deu uma tapa. — Estes vampiros não são assim.

— E sabe numa semana, Toni. Como pode estar segura do que são capazes de...?

— Eles me ajudaram quando estava em problemas. Esperemos que possam ajudar a Sabrina.
— Abriu a porta do carro para sair. — Chamar-te-ei amanhã.

Carlos se despediu e logo se dirigiu para a porta de entrada.

Toni entrou no grande vestíbulo com chãos de mármore brilhante e enorme novelo em vasos de barro que ocultavam as câmeras de vigilância e detectores de metais. Entrou no corredor da esquerda, dirigiu-se ao escritório de segurança MacKay.

O vampiro baixo estava na metade do corredor com a bolsa de lixo. Deteve-se numa porta e marcou um número no teclado.

A porta do outro lado do corredor se abriu e Shanna saiu. Deteve-se. — Laszlo! Alegro-me de verte.

— Senhora Draganesti. — O homem de baixa estatura se inclinou ligeiramente. — Como vai?

— Estou bem. — Ela se aproximou mais. — O que trouxeste?

Ele abriu sua bolsa e olhou dentro.

— Laszlo, é maravilhoso Obrigado!

Ele se ruborizou. — Será melhor que entremos. — Ele transpassou a porta com sua misteriosa bolsa.

— Que demônios se estava passando? O que acontece? — Disse Toni para a porta fechada.

— Toni, — disse Shanna agarrando-a pelo braço. — Ainda não viu meu escritório? — Ela assinalou para o consultório dental.

— Não. — Toni suspeitava que Shanna estivesse tratando trocar de tema.

— Tenho que te examinar, — continuou Shanna. —Todos os empregados MacKay têm dois exames grátis ao ano. Bom, em realidade, não é grátis. Angus o paga. Conhece o Angus?

Definitivamente, estava tentando trocar de tema. — Não, ainda não.

— Olá, mamãe! Olá, Toni! — Disse Constantine.

Toni o viu flutuando a uns dois metros do chão, na sala contigua ao escritório da Shanna. Isto tinha que ser seu quarto. A porta estava fechada parcialmente na metade inferior, a metade superior estava aberta e Constantine tinha levitado para poder vê-las no corredor.

— Olá, Constantine. — Toni olhou a sala de jogos. Estava cheia de brinquedos, livros, animais de pelucia, uma cama e algumas cadeiras cômodas. — Wow, tem um montão de coisas.

— Pode-se dizer que muitas, — murmurou Radinka enquanto colocava alguns livros numa prateleira. — Melhor que te apresse ou vais chegar tarde a missa.

— Está bem. — Shanna se apoiou sobre a porta para abraçar a seu filho. — Vereei-te mais tarde, carinho. — Começou a caminhar pelo corredor, deteve-se quando Toni não se uniu a ela. — Não vem?

— Sinto muito, mas tenho que falar com o Ian. — Toni fez um gesto para o escritório de

segurança. — Howard é o único que está aí nestes momentos. Todos os meninos estão na capela. Estão preocupados se por acaso os Malcontents tentam algo esta noite.

— Como o que?

Shanna suspirou. — Eles fizeram explodir a capela o verão passado. Por sorte, não havia ninguém dentro nesse momento.

Toni fez uma careta. — Isso é terrível.

— Sim. — Shanna olhou o quarto dos meninos e baixou a voz. — É por isso que deixo a Tino aqui com a Radinka. No caso de. Vamos. Tem que conhecer pai Andrés. É maravilhoso.

Toni a seguiu pelo corredor para o vestíbulo principal. — Não sei se devo ir. Não sou católica.

Shanna sorriu. — Tampouco eu, mas estes velhos vampiros são tão medievais, que é tudo o que sabem. Sabia que meu marido era um monge?

— Não sabia, — disse Toni seguindo a Shanna quando girou à direita. Perguntou-se quantos anos teria Ian, mas não queria que a visse muito interessada nele. — Todos são da época medieval?

— Não. Gregori é jovem. Roman o transformou em 1993, quando alguns Malcontents o atacaram no estacionamento. Pobre menino estava recolhendo a sua mãe no trabalho.

— Que triste. — Toni fez uma careta. Entretanto, entendeu porque sua mãe mortal ainda estava viva. — O que acontece Connor e... Ian?

— Eles se transformaram depois de uma batalha na Escócia no ano 1500, trocaram a mesma noite, por isso sempre estiveram muito unidos. Roman trocou ao Connor e Angus ao Ian.

— Eles queriam trocar? — Perguntou Toni.

— OH, sim. Ambos foram feridos de morte. Ou trocavam ou morriam. — Shanna entrou numa habitação da direita. — Esta é nossa sala comunitária, aonde vamos depois da missa. Só quero me assegurar de que tudo está preparado.

A habitação tinha duas largas mesas, cobertas com toalhas largas e brancas. Era óbvio que uma era para vampiros e a outra para os mortais. A dos mortais contava com queijo, bandeja de frios, verduras, ponche e um prato de bolachas de chocolate.

Na outra mesa havia dois cubos grandes cheios de gelo e garrafas de sangue. O micro-ondas estava no centro da mesa, flanqueado por fileiras de copos.

— Senhoras, o serviço começou, — disse uma voz masculina do corredor.

Não havia dúvida de quem era a voz profunda e melodiosa. O coração do Toni se agitou em seu peito. Quando se voltou para ele, seu coração pulsou com mais força.

— Vemo-nos mais tarde. — Shanna acariciou o braço da Toni e logo saiu correndo da habitação.

Toni se aproximou do Ian e seu coração se acelerou sob o intenso escrutínio. — Preciso falar contigo.

Levantou as sobrancelhas. — Vais confessar-me seus segredos?

Ruborizou-se. Todos os outros vampiros tinham acreditado nela desde o começo. Só Ian tinha suspeitado que ocultava algo. — Como sabe que tenho segredos?

Ele se inclinou e lhe sussurrou. — Seu coração está desbocado e está vermelha como um

tomate. — Ele sorriu lentamente. — E agora seus olhos estão piscando pelo nervosismo, mas são preciosos, são verdes.

— É como um detector de mentiras humano. — Ela o olhou. — É muito grave agarrar a opção da mentira.

Riu entre dentes, agarrou-a por cotovelo. — Dizem que a confissão é boa para a alma.

Ouviu o som, ao longe, do canto da capela. Vozes graves, masculinas. Os vampiros estavam cantando um hino.

— Por que um vampiro se preocuparia com o estado de sua alma? — Sussurrou. — Podem viver para sempre.

— Nenhum de nós vive para sempre.

— Assim rezam pela salvação? — Ela adivinhou que tinha sentido. Quem necessita a redenção mais que um vampiro?

— Eu rogo por muitas coisas, Toni. — Deslizou sua mão por seu braço, logo se atrasou em seus dedos. — Rogo-te que confie em mim e me conte toda a verdade.

E ela rogava para que a compreendesse.

Capítulo 15

Ian encontrou consolo nos cantos antigos, familiares e orações. Durante séculos, as potências mundiais poderiam trocar, o avanço da tecnologia, os amigos mortais passavam, mas a missa se manteve quase igual. E o aroma do Natal seguia sendo o mesmo. Respirou fundo, desfrutando do aroma das grinaldas de abeto iluminado e as Velas de Advento.

Esta noite havia outro aroma, que o manteve longe dos pensamentos Santos. Do tipo AB positivo. Seu sabor favorito. Procedia da Toni, que estava sentada a seu lado na fila de trás.

Ela tinha tirado a jaqueta e a dobrou sobre seus joelhos. Os punhos apertados juntos com tanta força que seus nódulos brilhavam brancos. O que se tinha passado par que estivesse o suficientemente desesperada para lhe revelar seus segredos?

A primeira vez que despertou deu conta de que se foi, tinha revisado seu dispositivo de rastreamento num computador. Tinha voltado para esse hospital psiquiátrico. Pelo aspecto de suas mãos apertadas e o rosto pálido, algo no hospital a tinha aborrecido. Estava de algum jeito relacionado com seu trabalho como guarda?

O pai Andrew começou sua homilia, e Ian tratou de concentrar-se no sacerdote em lugar do corpo celeste junto a ele.

— Como vocês sabem, nunca revelo nada do que ouço em confissão, — começou o pai Andrés. — Mas eu gostaria de falar esta noite sobre um fio comum que escutei muitas vezes, e cada vez que o escuto, dói-me em grande medida. Muitos de vocês acreditam que não merecem a felicidade ou o amor. Sentem que não são dignos.

Ian ouviu Toni respirar com força.

— Enquanto que um mortal tem uma curta vida para experimentar arrependimento, — continuou o sacerdote, — um vampiro pode viver muito mais tempo e acumular uma maior quantidade de arrependimento e culpa. Alguns de vocês acreditam que tomaram o grande prêmio na indignidade, que não há esperança para sua alma. Temem que Deus não possa lhes perdoar. E devido a sua própria condenação, não são capazes de perdoar-se a si mesmos.

Toni levou a mão à boca. Ian viu que seus olhos estavam apertados. O que acontecia? Esperava que não começasse a chorar. Não podia suportar ver chorar a uma mulher.

— Conhecem seus enganos do passado, seus enganos, — disse o pai Andrés. — Também devem saber isto, que seguem sendo filhos do Pai celestial, e seu Pai, ama-os. — Um pequeno ruído proveniente da Toni soou como um gemido afogado. — Não acredito que sejam indignos do amor, porque Deus vos ama. E não deixem, podem se perdoar a vós mesmos.

Toni se levantou e saiu correndo pela porta de atrás.

Ian ficou olhando a porta fechada. Maldito seja o inferno. Por que estava tão zangada? Ele tinha visto seu arquivo pessoal. Ela só tinha vinte e quatro anos de idade. Seu pior delito foi uma maldita multa de tráfico. Era um anjo em comparação com os vampiros de sangue nesta sala, incluído ele mesmo.

O pai Andrew zumbia e seguiu e não mostrou signos de deter-se em qualquer momento. E Toni estava fora em alguma parte, chorando.

Deslizou-se pela porta e seguiu o som de seu pranto. Estava sentada na sala de refresco, dobrada com o rosto entre as mãos.

— Toni, está bem? — Pergunta estúpida, repreendeu-se. A moça estava chorando.

Ergueu-se e secou a cara. — Estou bem.

— O que acontece? O sacerdote não combina com você?

— Estou segura de que tem boas intenções. — Ficou de pé e caminhou para a mesa de comida mortal. — Estou segura que tem razão sobre o perdão, mas...

Ian se aproximou dela. — Mas, o que?

— Eu nunca… fui capaz de me perdoar a mim mesma.

— Garota, o que poderia, possivelmente, fazer? É tão jovem e tão... Inocente.

Voltou-se para ele, e ele fez uma careta ao ver suas bochechas cheias de lágrimas. — Eu… eu deixei que minha avó morresse.

Não tinha esperado isso. — Deve ter sido um acidente.

— Não era minha intenção que isso ocorresse. — As lágrimas fluindo por seu rosto.

Não podia suportá-lo, assim que a tomou em seus braços e lhe esfregou as costas. — O que aconteceu?

— Estava na escola média, então, a saúde de minha avó não era muito boa. Aprendi a fazer as tarefas. E estava acostumada a me levantar pela manhã, e preparar meu almoço, e tomar o ônibus. Sempre abraçava à avó antes de ir.

Ian pôde ver que Toni tinha aprendido a ser forte e independente com uma idade jovem.

— Uma noite, a avó tinha problemas para dormir. Escutava-a um montão. Mas aquela manhã, quando fui dizer adeus, estava dormindo bem. Não queria despertá-la, assim que fui à

escola. Mas quando cheguei a casa essa tarde, ainda estava ali. — Toni deu um passo atrás e tomou um guardanapo da mesa para limpar sua cara, mas as lágrimas seguiam chegando. — Morreu enquanto eu estava fora.

— Carinho, morreu de forma natural. Não é tua culpa.

— Mas sabia que tinha estado doente a noite anterior. Sigo pensando em que deveria tê-lo feito de outra maneira. Se tivesse chamado o 911 pela manhã, poderia ter vivido. Inclusive minha mãe me disse que tinha feito um péssimo trabalho cuidando dela. Não me deixou viver com eles depois de que a avó morrera. Enviou-me a um internato.

Ian fez uma careta. — Garota, sem ofender, mas sua mãe é um maldito traseiro.

Toni piscou.

Ao parecer, sua observação a tinha tomado por surpresa. — Pode me acreditar. Sou um pouco perito quando se trata das mães. Tinha quinze anos quando me transformei. Pensei que poderia voltar para casa, mas minha mãe não me aceitou.

Toni abriu muito os avermelhados olhos. — Por que não?

— Aye, como lhe explico isso? Era uma criatura monstruosa do inferno. Temia que se tivesse um pouco de fome de madrugada, poderia massacrar a meus irmãos e irmãs mais jovens.

— Isso é ridículo! Qualquer pessoa que te conhece sabe que nunca poderia machucar a alguém que amas.

Sua declaração enchia seu coração. E a forma em que seus olhos brilhavam de furiosa indignação, pensou que nunca tinha visto uma mulher mais formosa. — Agradeço a fé em mim. — Deu um passo mais perto dela. — Está bem agora?

Ela assuou o nariz no guardanapo. — Acredito que sim. Sinto-o muito. Fui uma ruína emocional, ultimamente, e me sigo vendo em meu pior momento.

— Não, acredito que está no melhor.

Dirigiu-lhe um olhar duvidoso. — Com os olhos chorosos e o nariz vermelho?

Queria beijar seus olhos chorosos e o nariz vermelho. — na realidade, referia a seu coração compassivo.

Ela soltou um bufido. — Não me sinto muito compassiva. Estava pensando que sua mãe era um maldito traseiro.

Riu entre dentes. — Pelo menos os dois sobrevivemos.

— Já sabe, quando te conheci, pensei que fôssemos totalmente diferentes. Vivos, mortos. — Apontou a si mesma, e logo a ele. — Moderno, passado de moda. Inteligente, não tão inteligente.

— Desculpa?

Ela sorriu. — Estou brincando. Mas estava equivocada. Na realidade, temos muito em comum.

— Quer dizer nossas mães sem coração?

— Mais que isso. Compartilhamos as mesmas preocupações e temores. Que não somos dignos. Que vamos falhar a alguém que amamos. — Seu rosto se entristeceu de novo.

Tocou-lhe a cara e passou o polegar sobre sua bochecha úmida. —Tem mais profundos e escuros segredos a me dizer?

— Temo que sim.

— Aye, é tão profunda.

— E escura. — Sorriu. — Obrigada. Sinto-me muito melhor agora.

— Dar-me-á seu nome completo?

Ela deu um coice. — Isso é muito escuro.

— Moça, não pode ser tão mau. — Tocou-lhe a outra bochecha, por isso sua cara foi embalada em suas mãos. Podia ouvir o coração acelerado. Aproximou-se mais.

Ela não retrocedeu.

Passou o polegar ao longo de sua mandíbula. Sua boca se abriu ligeiramente, e se umedeceu os lábios. Ah, queria sentir isso. Deslizou o polegar por cima de seu lábio inferior, deslizando-se sobre a umidade. Ela respirou forte.

— Seus olhos são de cor vermelha outra vez, — sussurrou.

— Sei. — Aproximou-se até que seu peito estava junto ao dele.

Seu olhar se desviou para sua boca. O guardanapo lhe caiu das mãos e caiu ao chão. Pouco a pouco, levantou uma mão, então tocou o oco no queixo.

Era um simples movimento, mas ele o interpretou como uma permissão. Tinha pulsado o botão Sim, e isso era o que importava. Ao diabo com as regras, ao inferno com a razão.

Manteve seu rosto e a beijou brandamente uma vez, duas vezes. Inclinou-se para ele, e sua paixão se desatou com um beijo selvagem, devorador. Ele a atraiu para si, com uma mão na parte posterior de seu pescoço, o outro na cintura. Aproximou-a tanto, que seus pés saíram da terra. Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço e lhe devolveu o beijo.

Uma fome que tinha mantido restringido pelas noites se desatou. Não podia provar o suficiente. Seus lábios, sua língua. Do mesmo modo, explorou a boca e a mordeu nos lábios. Ela era doce, estava tremendo, estava-o agarrando tensamente. E queria mais. Sentia-se como se ele a tivesse querido desde fazia séculos.

Os beijos caíram pelo pescoço, logo lhe fez cócegas com a língua no caminho à orelha. Ela se estremeceu.

— Toni, — sussurrou, e logo pôs seu lóbulo da orelha na boca.

Ela gemeu e passou-lhe os dedos no cabelo. — Ian.

Passou as mãos pelas costas, e logo tomou a parte inferior e a apertou brandamente. Voltava para sua boca para beijar mais quando ouviu alguém clarear a garganta.

Ficou paralisado. Congelou-se com as mãos firmemente plantadas nas nádegas da Toni. Isto era mau. Olhou por cima do ombro. Connor estava na porta. Tinha evitado seu rosto, mas sua mandíbula estava trocando já que apertou os dentes.

Ian apartou a Toni e deu um passo atrás. Ela o olhou, e logo ao Connor, os olhos muito abertos.

Ian clareou a garganta. — Isto foi minha culpa. Assumo toda a responsabilidade por isso.

— Não, — sussurrou Toni e sacudiu a cabeça.

— Falarei contigo em privado, Ian. — Connor se voltou e se dirigiu pelo corredor.

Tratou de dar a Toni um sorriso tranquilizador. — Já volto.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Não parecia muito tranquila. Correu pelo corredor para ficar ao passo com o Connor. A meio caminho para o vestíbulo, Connor abriu uma porta a uma sala de conferências. — Aqui será.

Ian olhou para trás. A gente saía da capela e vagava na cantina. Esperava que Toni fosse estar bem.

— Fecha a porta detrás de ti, — disse Connor em silêncio enquanto se dirigia ao final de uma larga mesa de conferências.

Ian fechou a porta. — Peço que não repreenda a Toni. Instiguei, o incidente... E assumo toda a responsabilidade por isso.

— Que nobre! Não poderia esperar menos de ti. — Connor se deteve na cabeceira da mesa e pôs uma mão no respaldo de uma cadeira. — Mas não nasci ontem. Foi bastante óbvio que ela não estava "sendo obrigada".

Um estremecimento atravessou o Ian, e afogou um sorriso. É certo que tinha estado disposta. Mais que disposta.

Tinha-o beijado. Tinha gemido com prazer. Ela o queria. E ele queria gritar de alegria.

— Rompeu as regras deliberadamente. — Connor se esfregou a frente. — Não tenho mais remédio que despedi-la.

— Não! — Ian caminhou para ele. — Estava chorando quando a encontrei. Estava muito alterada, e eu me aproveitei.

— Ian. — Connor o olhou com severidade. — Que te aconteceu ultimamente? Tornaste em menos de uma semana, e tem uma turfa de mulheres que o acossam. Centenas de chamadas telefônicas e correios eletrônicos. Mulheres que acampam nas calçadas. Ouvi que teve cinquenta entrevistas com mulheres numa noite, e logo houve aquela entrevista.

— As coisas se puseram um pouco fora de controle, mas…

— Mais que um pouco! — Os olhos do Connor brilharam com o aborrecimento. — Não é suficiente, que centenas de mulheres o estejam lançando? Por que quer seduzir à mulher que não pode ter? É porque está proibido?

— Não. Vigiei o harém do Roman durante cinquenta anos. Nunca me comportei mal com nenhuma delas. Toni é... Diferente. Especial.

— Desempregada, — adicionou com ironia Connor.

— Não a pode despedir. Necessitamo-la.

— Maldito seja, Ian! — Connor golpeou com seu punho na parte posterior da cadeira. — Como pode esperar que ignore as regras?

Ian tomou uma respiração profunda. Tinha que sair com algo rápido, ou Connor poderia fazer que lhe apagassem esta noite a memória. — O que acontece os Malcontents já sabem que está trabalhando para nós? Se a despedir e limpas sua memória, estaria totalmente indefesa ante um ataque.

Connor franziu o cenho. — Tem um bom ponto, mas está se apoiado numa hipótese.

— Não podemos jogar com sua vida. Esteve fazendo um excelente trabalho para nós, e ainda pode fazê-lo. Não interferirei com seus deveres.

Connor se afastou, sumido em seus pensamentos. — Contratei-a por um período de prova

de duas semanas. Poderia deixar que completasse as duas semanas antes de tomar uma decisão final. — Olhou ao Ian. — Pode manter suas mãos fora dela durante outra semana?

Ele não estava seguro de poder fazê-lo durante trinta minutos. — Posso tentá-lo.

— Tentá-lo? Não ouviste falar de moderação, homem?

Ian apertou os dentes. Quanto mais lhe dizia que não poderia ter a Toni, mais a desejava.

Connor suspirou. — Atrasarei minha decisão durante uma semana. — Ele se dirigiu para a porta. — Enquanto isso se tiver carinho pela moça, malditamente a deixará em paz.

— Realmente me preocupo com ela, mas... Não entende como me sinto? Alguma vez há sentido o ardor do desejo?

Um olhar triste apareceu no rosto do Connor. — Sim, é feroz. Enfurece-se como um rio de pólvora, mas te deixa com nada mais que cinzas. — Saiu da habitação.

O que tinha passado a Connor para fazê-lo tão pessimista? Ian sabia que uma relação entre um mortal e um vampiro rara era a vez que funcionava. Com o tempo se separam ou o mortal acessa a trocar com ele. Shanna tinha acessado a ser um vampiro no futuro. De verdade queria envolver a Toni numa relação em que teria que chupá-la e deixá-la seca até que estivesse morta, por isso ele poderia trocá-la?

Connor estava no certo. Se realmente se preocupava com ela, que o fazia, deixá-la-ia ser ela. Deixá-la-ia encontrar o amor com sua própria espécie. E ele ficaria em busca do amor entre os vampiros.

— O que acontece? — Perguntou Shanna.

Toni suspirou. Sabia que parecia um desastre. Como Ian a tinha encontrado atrativa? Encheu um prato com os cúbitos de queijo, palitos de cenoura e brócolis, e que demônios, umas bolachas de chocolate. — Estou fazendo minha personificação do Rudolph-a-rena-do-nariz vermelho.

Shanna entregou um copo de ponche. — Está contente com seu trabalho aqui?

— Não. — Ela mordeu uma bolacha.

O comilão da igreja se ia enchendo rapidamente com os paroquianos. Toni odiava a todos os que a viram inchados, vermelhos, mas não queria correr ainda. Ainda tinha que falar com o Ian. — Tenho uma amiga que está no hospital. Acabo de chegar de visitá-la, e era todos sorrisos enquanto estava ali, mas agora...

— Agora a tensão te alcançou, — observou Shanna. — Sinto-o muito. Se necessitar um pouco de tempo livre, estou segura que o podemos arrumá-lo.

— É muito amável. — Desgraçadamente, poderia haver um montão de tempo livre muito em breve. Connor ia, provavelmente, despedi-la. Despedida por beijar a um vampiro. Quem tivesse sabido que sua vida pudesse ser tão atrevida? Mas tinha sabido que ia contra as regras.

Fá-lo-ia outra vez? Rapidamente.

Tinha sido o beijo mais espetacular de sua vida. Não um desses torpes como os que tinha tido no passado onde tinha passado todo o beijo perguntando-se se o estava fazendo bem, ou desejando como o inferno que o homem soubesse como fazê-lo corretamente. Não tinha havido um desejo ou perguntas. Simplesmente tinha sido varrida num atordoamento glorioso pela pura

sensação. Era o tipo de beijo que sempre tinha sonhado.

E Ian era o herói romântico que sempre tinha sonhado. Forte, mas vulnerável. Uma mescla íntima de orgulho e incerteza. O suficientemente audaz para lhe dar um beijo e condenar as consequências. Apaixonante, nobre, inteligente, sexy, perfeito em todos os sentidos. Exceto um. Era um vampiro.

— Shanna, posso te fazer uma pergunta pessoal?

— Seguro.

— Pergunto-me como... Bom, É difícil uma relação com um vampiro?

— Ah. — Shanna bebeu um pouco de ponche. — Suponho que depende dos vampiros. Eu tive sorte com o Roman.

Ela olhou a seu redor, e Toni poderia dizer no instante em que viu o seu marido. Seus olhos se suavizaram. Roman deve ter sentido seu olhar ou ouviu dizer o seu nome, porque se afastou de sua conversação com o pai Andrés e lhe sorriu.

— É o amor de minha vida, — sussurrou Shanna. — E Constantine, também. Estou totalmente surpreendida por eles.

— Mas como dirigir as diferenças de horas?

— Tino e eu ficamos horas mais tarde. Mantemo-nos até a uma mais ou menos da manhã, por isso podemos passar tempo com o Roman. Logo, dormimos até tarde pela manhã. Faço exames como dentista das três da tarde até às nove da noite, para que possa ver tanto a mortais e a vampiros. É um pouco desafiante, encaixando na família e uma carreira, mas é assim para todas as mulheres, assim não acredito que minha situação seja tão estranha.

— Vejo o que quer dizer. — Toni inundou um pedaço de brócolis em molho rancheira e o levou a boca.

— Então, em qual vampiro está interessada?

Ela quase se engasgou. Seus olhos se umedeceram, e bebeu um pouco de ponche. — Eu não hei dito isso.

Shanna sorriu. — Não importa. Acredito que sei quem é.

— Foi uma pergunta hipotética, — insistiu Toni. — Estava-me perguntando como um vampiro e um mortal poderiam fazer que funcionasse, e, obviamente, você e Roman o estão fazendo bem, assim que te perguntei. Isso é tudo.

— Uh-huh. — Shanna lhe deu um olhar de cumplicidade. — Bom, hipoteticamente falando, acredito que é um grande tipo, e que seria uma loucura que o deixasse passar.

Toni se perguntou se se referia ao Ian, mas não se atreveu a perguntar. — Não quero ser decepcionante, mas não vejo como pode durar, não quando o mortal continua envelhecendo, e o vampiro não o faz.

Shanna assentiu com a cabeça. — Foi uma decisão difícil, e não uma que tomei à ligeira. — Ela esfregou uma mão sobre o vulto em seu segundo filho que estava crescendo. — Decidi trocar com o tempo, mas queria esperar que os meninos estivessem um pouco maiores.

Toni ofegou. — Vai ser um deles?

Os olhos da Shanna brilharam de alegria. — OH, dá medo! Não são monstros, já sabe. Dou-

me conta de que poderia levar um tempo que possa ver isso. Tomou um tempo. Bom, só uma semana. — Ela riu. — Apaixonei-me pelo Roman muito rápido.

Toni podia relacionar-se com isso. Havia algo muito especial em Ian. Ele a tinha intrigado desde o começo. E ela se podia reconhecer nele. Se ele tinha que chegar a quatro afirmações amanhã, ela se imaginava que seriam idênticas às suas.

— Sinto-me tão afortunada de ser parte de seu mundo, — continuou Shanna. — Tenho o melhor marido e um pequeno maravilhoso moço...

— Foi-se! — Chegou um grito do corredor, junto com o som da corrida. Radinka se deteve na porta, respirando com dificuldade. —Tino! Foi-se!

Roman se dirigiu para ela. — Não está na creche?

— OH, Meu deus. — Shanna derramou o ponche enquanto deixava a taça. Ela correu para a Radinka. — O que aconteceu?

— Não sei. Só lhe virei às costas durante um segundo. Eu não…

— Dougal, Phineas, ides ver… — Roman começou a dar a ordem, mas os dois guardas tinham avançado para a porta.

— Fico com esta asa. Toma a oeste, — gritou Dougal ao Phineas.

— Avisem ao Connor, — gritou Roman detrás deles. — E ao Howard!

Todos os outros vampiros e o Pai Andrew saíram correndo da habitação para ajudar com a busca.

— OH, Meu deus. — Shanna se agarrou ao braço do Roman. — E se o sequestraram? O que acontece se os Malcontents…?

Apertou-lhe o ombro. — Não entre em pânico ainda. Poderia ter só levitado e subiu por cima da porta.

— Hei-lhe dito um milhão de vezes que não o faça, — disse Shanna.

— A partir de agora, colocarei um guarda na creche, — disse Roman em silêncio. — Vou comprovar o estacionamento.

Shanna empalideceu. — Não vá sozinho. Isto poderia ser uma armadilha.

Roman saiu pelo corredor, gritando ao Connor. Shanna e Radinka se dirigiram pelo corredor, gritando o nome do Constantine.

Uma onda de pânico congelou a Toni. Os Malcontents poderiam sequestrar a um menino? Se se teletransportassem para longe com Tino, como o encontraria Roman? Oxalá pudesse fazer algo para ajudar, mas não sabia o que.

Pela primeira vez, na realidade desejava ser um vampiro para poder avançar mais rápido e brigar melhor.

Adiantou-se e pisou em algo. Era o guardanapo que tinha antes de beijar ao Ian. Inclinou-se para recolhê-lo e viu algo estranho. O guardanapo se moveu.

Quando os gritos do Constantine cresceram mais tênues na distância, Toni ouviu um pequeno ruído, queixava-se.

Rodeou para a parte posterior da mesa e se deixou cair de joelhos. Levantou o bordo inferior da toalha. Constantine ficou sem fôlego. Estava abraçando seus joelhos a seu peito, e suas

bochechas rosadas estavam molhadas pelas lágrimas.

— Tino, — sussurrou. — Como chegaste até aqui?

— Não sei, — gemeu e se cobriu o rosto. — Mami vai estar zangada comigo.

— Carinho, não. — Toni o tirou de debaixo da mesa e o sustentou em seus braços. — Estão assustados. Temos que lhes dizer que está bem.

— Não! — Tino lhe agarrou os ombros. — Minha mamãe me disse que não saísse da creche. Estará zangada comigo.

— Ela só soa molesta porque está muito assustada. Acredite-me, estará encantada de saber que está bem.

Ele soluçou. — Não vão se zangar?

— Não, carinho. Querem-lhe muito. — Toni se levantou, ainda com o menino, e logo entrou no corredor. — Está aqui! Tino está bem!

Os vampiros a ouviram em primeiro lugar, Dougal e Phineas se aproximaram dela. Connor, Ian, e Roman chegaram para eles em poucos segundos.

— Papai! — Tino chegou ao Roman, agarrou-o e o manteve apertado.

Os outros vampiros retornaram com o Howard Barr e o Pai Andrew atrás. Houve gritos de alegria e palmadas nas costas.

— Você o encontrou? — Perguntou Roman a Toni. — Não lhe posso agradecer o suficiente.

— Assim se faz, Toni! — Phineas lhe deu um máximo de cinco.

— Bem feito. — Connor assentiu com a cabeça para ela.

Ela sentiu seu calor crescer. Ia despedi-la agora? Jogou uma olhada ao Ian. A paixão estalou em seus olhos, e logo se afastou.

— Constantine! — Shanna correu para eles, seguida por uma Radinka ofegando.

Roman se aproximou rapidamente a elas, e Shanna se jogou em seu marido, intercalando a seu menino entre eles.

— Graças a Deus. — Shanna o abraçou muito forte.

— Estava muito assustada. — Os olhos da Radinka se encheram de lágrimas. — Nunca me perdoaria isso se algo te acontecesse. — Tocou a bochecha do menino.

Todos caminharam de retorno aonde à multidão se reuniu.

— Quem o encontrou? — Perguntou Shanna. — Onde estava?

— Toni, — responderam os vampiros de uma vez, e lhe sorriram.

Seu coração se expandiu com uma sensação de calor. Pela primeira vez em sua vida, sentia que pertencia a uma família inteira.

— OH, obrigada. — Shanna a abraçou.

— Tinha medo de que estivesse zangada com ele, — sussurrou Toni. — Encontrei-o escondido debaixo da mesa. — Fez um gesto com a cabeça para a sala de recreio.

— OH meu Deus! — Soltou Shanna para seu filho. — Como chegou ali sem que ninguém te visse?

— Não sei. Posso ter uma bolacha?

— Tino, — disse Roman em silêncio. — Hei-te dito que não abandonasse a creche sozinho.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não era minha intenção. — Constantine se limpou o nariz. — Estava pensando em ti e em mamãe e o muito que queria estar com vocês. Então estava muito escuro, e não podia ver nada. Então estava ali detrás da mesa, e caí porque estava enjoado. E então ouvi gritar a todo mundo, e pensei que estavam zangados comigo.

— OH, Meu Deus. — Shanna pressionou uma mão na boca.

— Tudo se voltou negro? — Perguntou Roman a seu filho. — Estava na creche, e de repente estava aqui?

Quando Constantine assentiu com a cabeça, todo mundo intercambiou olhares surpreendidos.

— Tino, se teletransportou. — Roman olhou a todos e sorriu. — Meu filho pode teletransportar-se!

Os vampiros aclamaram. Toni ficou boquiaberta.

A Shanna faltava o ar, com o rosto muito pálido. —

OH Deus, isto é terrível.

— Está zangada comigo, mamãe? — Perguntou Constantine.

— Não, não. — Ela o abraçou, e logo deu a seu marido um olhar. — Pode lhe ensinar a controlar isto?

— Sim, — assegurou-lhe Roman. — Estará bem.

— Vem. — Radinka escoltou Shanna para o salão comunitário. — Acredito que será melhor que se sente.

Shanna deu um coice. — Um menino pequeno pode desaparecer à vontade?

Todo mundo estava presente na sala comunitária, e Roman sentou seu filho junto à Shanna. Voltou em poucos segundos com pratos de comida para os dois. Constantine comia as bolachas, feliz.

Radinka olhou a seu redor. — Onde está Gregori?

— Não o vi, — disse Toni.

Radinka soprou. — Esse descarado. Disse-me que vinha à igreja. — Dirigiu-se à mesa mortal para encher um prato com comida.

Toni caminhou para o Ian. — Ainda estou trabalhando?

Ian olhou ao Connor, que estava ocupado felicitando ao Roman. — Sim, por agora. A decisão final se tomará numa semana.

Toni exalou com alívio. Uma semana seria tempo suficiente para resgatar a Sabrina. Então estaria bem se perdia seu trabalho. Entretanto, ainda temia que sua memória fosse apagada. Carlos podia preencher os fatos, mas não podia lhe dizer o que havia sentido quando tinha vivido com os vampiros. Esquecer-se-ia o quanto foi maravilhoso sentir fazer parte de uma família. E se esqueceria do Ian.

— Se perder este trabalho, posso viver com isso. Mas não quero perder minha memória.

Ian franziu o cenho ante seus sapatos. — Farei o que possa por ti. Mas seria melhor para nós não ficarmos sós.

Toni tragou saliva. Ele estava fazendo marcha atrás. Está-o fazendo para salvar seu trabalho?

Ou o beijo não significava muito para ele? Poderia ter jurado que havia um montão de paixão.

— Ainda tenho que falar contigo.

Olhou ao Connor. —

Este não é um bom momento. Eu… prometi a Vanda que iria ao clube esta noite.

Apertou os dentes. — Ainda está procurando à mulher vampiro perfeita para compartilhar a eternidade?

Amaldiçoou baixo. — Nunca menti, Toni. Fui honesto desde o começo que queria uma vampiro.

— De acordo. Porque são muito superiores.

— Adaptam-se melhor, — corrigiu-a.

— Está bem. Mas ainda necessito sua ajuda com algo realmente importante. Quando encontrar tempo em sua apertada agenda de entrevistas, faça-me saber. — Partiu da sala antes que sucumbisse ao impulso de esbofetear seu formoso rosto.

Capítulo 16

Jedrek Janow se ocultou detrás de um grande Acer, nos terrenos do Romatech. Tinha dado instruções ao Yuri que estacionasse a uma milha de distância da porta de entrada. Então se haviam teletransportado aos terrenos e passaram rapidamente pelos bosques ao edifício principal.

— O estacionamento está totalmente cheio de câmeras de vigilância, — sussurrou Yuri.

Ele se agachou ao lado de Nádia detrás de um arbusto coroado de neve. — E os guardas fazem um varrido através do bosque cada quinze minutos. Não podemos ficar muito tempo.

— Não o necessitamos. — Jedrek olhou o número de carros no estacionamento. Havia mais Vampiros aqui do que tinha esperado. — São viciados no trabalho ou celebram uma orgia?

— Têm um sacerdote mortal que realiza uma missa para eles no domingo de noite, — disse Yuri.

— E se esqueceu de mencionar isso! — Jedrek chio com seus dentes apertados.

— Pensamos que tinham parado, — protestou Yuri. — Pararam por um tempo. Explodimos sua última capela em agosto.

Assim que os doces e pequenos idiotas chupa garrafas haviam tornado a ir à igreja outra vez. Deu-lhe vontade de vomitar. — Espero que estejam rezando por sua salvação. Necessitarão. — Jogou uma olhada à bolsa de lona do Yuri. — Tenha o RPG preparado.

— Sim, Mestre. — Yuri desabotoou a bolsa e com cuidado tirou o lançador de mísseis. Carregado com uma granada.

— Ouvi que os Vampiros têm uma festa depois da missa, — sussurrou Nádia. Dão a conhecer o *Chocolood* barato.

— E como sabe? — Perguntou Jedrek brandamente.

Ela o olhou com cautela. — Nunca fui. Foi algumas das outras garotas do Aquelarre. Tinham

curiosidade.

— Vacas estúpidas, — queixou-se Jedrek. — Me diga Nádia, alguma vez viu a um vampiro queimar-se até a morte?

Ela sacudiu sua cabeça.

— Me responda.

— Não, Mestre. Não o fiz.

— Está num tratamento especial. Mais tarde me mostrará sua gratidão esta noite.

Ela abraçou seus joelhos contra seu peito. — Sim, Amo.

Ele sorriu. Ela se dobrava a sua vontade agora.

Yuri levantou a granada autopropulsada a seu ombro. — Pronto.

— Bom. Vamos esperar que retornem a seus carros, logo explodiremos alguns deles, — disse Jedrek. — Quando os sobreviventes corram por toda parte como pequenos ratos assustados, localizaremos ao MacPhie ou ao Draganesti e obteremos a informação que necessitamos.

Sua atenção se rompeu de volta ao Romatech quando a porta se abriu de repente.

Uma figura solitária saiu fora.

— O prêmio gordo, — sussurro Jedrek. — Era Roman Draganesti. Estava correndo pelo estacionamento, procurando desesperadamente algo. — O idiota está desarmado. — Apanhem.

Yuri deixou a RPG e tirou uma cadeia larga de prata de sua bolsa de lona. Envolveu os extremos ao redor de suas mãos enluvadas fortemente.

Nesse mesmo momento, dois Highlanders empunhando suas espadas zumbiram para fora pela porta principal, dirigiram-se diretamente para Draganesti.

Yuri vacilou.

— Há algum problema? — Perguntou Jedrek secamente. Reconheceu aos escoceses como Connor Buchanan e Ian MacPhie.

— Esse é Buchanan, — disse Yuri. — É o que matou a Sashenka.

— Então deveria estar impaciente por vingá-la.

Yuri lentamente tirou sua espada. — Estarei em inferioridade numérica.

Jedrek fez rodar seus olhos. Estava rodeado de covardes. Desembainhou sua própria espada. — Mantém ao Buchanan ocupado. Agarrarei ao MacPhie e me teletransportarei longe com ele.

Nesse momento, Draganesti se deteve e inclinou sua cabeça para o Romatech. Correu para dentro, seguido pelos dois escoceses. A porta se fechou de repente.

— É tolo, — sussurrou Jedrek ao Yuri. — Sua covardia arruinou nossa oportunidade.

Yuri deixou cair à cabeça.

Nádia tremeu. — Faz frio. Podemos ir a casa agora?

— Ainda não sei o que fez Ian MacPhie para envelhecer, — queixou-se Jedrek.

— Por que precisamos sabê-lo? — Perguntou Nádia. — Ninguém quer envelhecer.

Jedrek envolveu uma mão ao redor de seu pescoço e apertou. — Atreve-te a me fazer perguntas?

— Equivoquei-me. Perdoe-me, Mestre.

Jedrek a liberou. Sua verdadeira preocupação era como Draganesti tinha conseguido invadir

seu escritório central no Brooklyn durante o dia.

Ele só tinha a suspeita de que o envelhecimento repentino do MacPhie estava de algum modo conectado. Queria respostas. Esta noite.

Depois de uns minutos, um carro solitário entrou no estacionamento. Um jovem surgiu do negro Lexus. Jedrek o reconheceu pelas fotos que tinha estudado. Era Gregori Holstein, vice-presidente do Romatech e bom amigo do Roman Draganesti.

— Ele sabe seus segredos. — Jedrek se dirigiu a Nádia. — Fala com ele, distrai-o, então Yuri pode levá-lo.

— Sim, Mestre. — Ela se dirigiu para o estacionamento.

Gregori tirou uma bolsa negra cheia de lixo do porta-malas de seu carro. Estava cantando para si mesmo, repetindo duas palavras. *Seguir com vida, seguir com vida*. Que apropriado.

— Teletransporta-o aqui, — ordenou Jedrek. — Quero um pouco de tempo com ele.

— Sim, Mestre. — Yuri se deslizou para o estacionamento, mantendo-se oculto.

— Perdão. — Nádia se aproximou do Gregori.

Voltou-se para ela. — Senhorita, o que faz você aqui?

— É aqui onde tem a festa com comida grátis?

— Sim. — Gregori a olhou atentamente. — Está você bem, senhorita?

— Estou muito… muito faminta. — Nádia tropeçou a um lado.

Gregori deixou cair sua bolsa de lixo e a agarrou. Yuri saiu detrás dele para agarrá-lo, e uns segundos mais tarde, ambos se materializavam ao lado do Jedrek.

— Como...? — Gregori fez uma careta quando Jedrek enrolou a cadeia de prata ao redor de seu pescoço nu. A pele do Gregori chispou onde a prata o queimou.

— A prata te impedirá teletransportar-se para longe. — Jedrek passou os extremos da cadeia ao Yuri. — Tenho umas perguntas.

— Vai para o diabo, — grunhiu Gregori.

— Enviou uma mensagem telepática, — Nádia o advertiu quando se uniu a eles no bosque.

— Ouvi-o. — Jedrek agarrou a cabeça do Gregori e se inundou num assalto psíquico rápido e desumano. Era um truque que tinha aprendido ao longo dos séculos. Por acidente tinha destruído alguns cérebros antes que tivesse aperfeiçoado sua técnica.

Gregori ficou rígido, tratando de resistir à invasão, mas era um vampiro jovem, presa fácil para o Jedrek. Estendeu-se pelas lembranças do Gregori como folheando um álbum de recortes, até que encontrou o que queria.

Uma Vampira com uma bata branca curta de laboratório se dirigia ao Draganesti. — *Os resultados são claros, senhor, por cada dia que tome a droga para te manter acordado, envelhecerá um ano. Recomendo que deixe de usá-lo imediatamente.*

— É por isso que se voltou grisalho? — Perguntou Gregori.

— Prata, — A mulher loira o corrigiu. — Roman, estou de acordo com o Laszlo. Não quero que tome mais a droga.

— Mas necessitam ajuda durante o dia com o bebê, — protestou Roman.

— Amo, — Yuri sussurrou. — Já vêm!

Jedrek notou os guardas que vinham pelo estacionamento. Lançou ao Gregori, e o vampiro se desabou para diante, sustentado pela cadeia de prata ao redor de seu pescoço. — Empurra o de volta ao estacionamento.

Yuri puxou através da cadeia livre e empurrou Gregori para o estacionamento. O Vampiro ferido foi tropeçando entre os carros estacionados enquanto os guardas zumbiam em direção a ele.

Jedrek agarrou a RPG e a apoiou em seu ombro. Selecionou o carro mais próximo ao Gregori e aos guardas vampiros. Riu e apertou o gatilho.

Toni estava sentada no escritório de segurança com o Howard Barr, meditando em silêncio sobre o comportamento cabeçudo do Ian, quando Howard ficou em pé.

— Merda! — Pulsou o alarme, logo correu ao cofre de armas. Meteu uma pistola em seu cinturão.

— O que? — Toni explorou os monitores, mas não podia ver bem sem suas lentes de contato.

— Alguém sequestrou ao Gregori no estacionamento! — Howard foi para a porta carregado com espadas e pistolas.

— OH meu Deus! — Toni se lançou sobre sua jaqueta e encheu seus bolsos com uma pistola Taser e algumas estacas de madeira.

Seu coração se acelerou. Já era hora de fazer frente a seus demônios. Correu pelo corredor.

Os Vampiros, naturalmente foram mais rápidos, já tinham agarrado as armas do Howard e tinham saído fora. Shanna estava no vestíbulo, tentando sustentar ao Constantine que se retorcia e consolando a Radinka ao mesmo tempo.

— Não me importa o que disseram, tenho que ir ali! — Radinka se precipitou à porta da rua.

Toni a agarrou ali. — Mantenha-se detrás de mim. — Ela se foi em direção da porta aberta e saiu precipitadamente.

Boom! Um carro explodiu. Os pedaços de metal e vidro saltaram no exterior enquanto as chamas e a fumaça se elevaram para cima no céu noturno.

Toni parou de repente. Detrás dela, Radinka gritou. Constantine começou a chorar.

Toni caminhou devagar para diante. Um ruído estranho, ecoando, zumbia em seus ouvidos, fazendo que os gritos e mais gritos parecessem estar longe, e embora soubesse que tinha que mover-se mais rápido, seu corpo não cooperava. Um carro estava em chamas, mas com todos os carros estacionados perto, mais explosões poderiam ocorrer em qualquer momento. O calor do fogo lambia sua cara. A fumaça se dissipou, e viu corpos atirados no pavimento.

Algo se rompeu dentro dela, e de repente podia correr. — Ian! — Correu para frente, suas botas rangiam sobre os cristais quebrados. Onde estava?

— Gregori! — Radinka correu para seu filho e se desabou a seu lado. Ele levantou uma mão ensanguentada a seu rosto.

Toni ofegou, logo tossiu quando a fumaça invadiu seus pulmões. Seus olhos picavam quando procurava desesperadamente uma saia escocesa vermelha e verde. — Ian!

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele ficou de joelhos no pavimento cheio de cristais, então se levantou devagar. O sangue corria por suas pernas.

— Ian! — Ela correu para ele e gritou quando se endireitou. Sua cara estava rasgada e ensanguentada.

Aferrou-se a seus ombros. — OH, Ian. Seu formoso rosto. — Os pequenos fragmentos de cristal estavam incrustados em sua pele.

— Seja cuidadosa, pode te cortar, — sussurrou. — Retorna. Não está segura aqui.

— Não me importa. — Arrancou uma parte de cristal de seu suéter.

— Sinto muito, fui grosseiro contigo, — disse ele. — Realmente não queria sair com ninguém mais.

— Isso é bom. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Temo que esteja ficando muito egoísta… Deveria preocupar-se.

Seu sorriso se via um pouco macabro com todo o sangue na cara. — Pode ajudar aos feridos e voltar para dentro?

Ela olhou a seu redor e viu que a maioria dos vampiros estavam em pé e tinham agarrado suas armas.

Com uma careta de dor, Ian se inclinou para recuperar sua espada. — Tenho que verificar os terrenos. Ainda poderiam estar aqui.

— Você não está em boa forma para lutar.

— São só feridas superficiais. — Flexionou sua mão ensanguentada ao redor do punho de sua espada. — Dougal, Phineas, venham comigo!

Os três guerreiros ensanguentados se lançaram para os bosques.

Connor levantou Gregori em seus braços e se dirigiu de novo para o Romatech, com Radinka correndo junto a eles. Roman ajudou ao Howard Barr a ficar de pé.

— Posso caminhar. — Howard coxeou para a porta principal com um corte numa perna.

Shanna correu para o Roman, que ainda sustentava ao Constantine em seus braços. Com exceção de uns poucos arranhões, Roman parecia estar bem.

— Entra rápido, — advertiu Roman. — Poderia haver mais explosões. — Ao longe, ouviam-se as sirenes.

Toni se perguntou como poderiam explicar isto à polícia. Jogou uma olhada ao redor do estacionamento. Mas não serviria de nada ter espadas ou estacas de madeira. Viu uma bolsa de lixo negro no chão ao lado de um Lexus negro.

Jogou uma olhada a seu interior. Vídeo jogos? Gregori trouxera isto para o trabalho? Todos eram completamente novos e estavam sem abrir.

—Ficarei com isto. — Dougal agarrou a bolsa e andou para a porta principal.

— Mas... — Toni saltou quando Ian apareceu de repente a seu lado. — O que acontece com o saco dos brinquedos?

— Um secreto assunto de Santa. — Ian a conduziu para a porta. — Os bosques estão limpos, mas sabemos onde estiveram escondidos.

— Sim, homem. — Phineas se lançou para eles. — Os malditos covardes se

teletransportaram para longe.

Toni estremeceu com o sangue na cara do Phineas. — Vós dois necessitam assistência médica.

— Roman e Laszlo podem arrumá-lo, — disse Ian.

Entraram no vestíbulo e viu que todo mundo se dirigia à sala de espera. Toni olhou pelo corredor e viu o Dougal com a bolsa de lixo do vídeo jogos. Estava abrindo a porta do quarto dos meninos.

— Vem. — Ian a introduziu na sala de espera.

O pai Andrew rezava com a Radinka. Outros estavam sentados em silêncio, como se finalmente a comoção os tivesse superado.

Connor estava andando de um lado para outro, com Constantine o seguindo, imitando o passo de Connor. Quando o pequeno menino viu a Toni, correu para ela com os braços levantados. Ela o levantou e lhe deu um abraço.

— Roman e Shanna estão na sala de cirurgia com o Gregori, — explicou Connor. — Ele foi o mais ferido.

— Estará bem? — Toni se deu conta de que Constantine tinha fechado seus olhos e se estava adormecendo em seu ombro.

— Tem alguns cortes e queimaduras importantes, — disse Connor, — mas se o consegue até o amanhecer, será capaz de curar-se durante seu sono mortal.

A porta da sala de cirurgia se abriu, Roman e Shanna saíram.

— Gregori vai ficar bem, — anunciou Roman, todo mundo suspirou com alívio.

Radinka se adiantou. — Posso vê-lo?

Roman assentiu com a cabeça. —Está consciente. Laszlo lhe vai pôr uma transfusão de sangue.

Depois que Radinka entrou na sala de cirurgia, Roman se aproximou de Connor e Ian e baixou sua voz. — Más notícias. Gregori disse que um Malcontent se fundiu com sua mente como um Vulcão, mas independentemente de como seja, agora os Malcontents sabem da droga para permanecer acordado.

— Então saberão que você é o inventor, — disse Connor. — Quero te levar a ti e a sua família esta noite e ocultá-los.

Roman franziu o cenho. — Muito bem. Mas primeiro quero atender aos feridos e tratar com a polícia.

— Howard pode tratar com a polícia. Vamos o antes possível, — ordenou Connor. Dirigiu-se para Ian. — Está no comando aqui.

— Mas o que se passa com o baile de Natal? — Perguntou Shanna.

Connor se encolheu de ombros. — Isso não é importante.

— É óbvio que o é, — protestou Shanna. — Todo mundo vai aparecer. Temos que fazê-lo, Roman.

— Estou mais preocupado por sua segurança.

— Vamos estar a salvo, — interrompeu Shanna. — Vêm Angus e Emma. E Jean-Luc, Zoltan,

Giacomo, todos estarão aqui. Você não pode conseguir nada mais seguro que isso.

Roman intercambiou um olhar com o Connor. — Ela tem um bom ponto. Teremos um pequeno exército aqui.

— E me nego a deixar que os Malcontents destruam nosso Natal, — argumentou Shanna. — Se o cancelarmos parecerá que temos medo deles.

Connor vacilou. — Poderiam tratar de infiltrar-se na festa. E tratar de capturar ao Roman porque sabe fazer a maldita droga.

— É um baile de disfarces, — disse Shanna. — Teriam problemas em reconhecê-lo. — Seu rosto se iluminou. — Já sei! Temos cem trajes de Papai Noel. Todos os homens podem levar o mesmo traje. Isto vai confundi-los totalmente.

Roman sorriu. — Eu gosto.

Uma centena de trajes de Santa Claus[12]*?* Perguntou-se Toni. Por que um grupo de Vampiros tem disfarces de Santa? Estava de algum jeito relacionado com o que Ian tinha chamado o *assunto secreto de Santa?*

Connor assentiu lentamente. — É tão louco que possivelmente funcionará. Mas ainda assim nós partimos esta noite. Viremos de novo na terça-feira.

— De acordo. — Roman chegou à metade do caminho de retorno à sala de cirurgia quando Dougal abriu a porta da sala de espera.

— Roman, a polícia está aqui.

— Howard o arrumará, — disse Connor. —Onde está?

— Laszlo está enfaixando sua perna. — Roman olhou ao interior da sala de cirurgia.

— Howard terminou? A polícia está aqui.

— Estou nisso. — Howard coxeou através da sala de espera para unir-se ao Dougal no vestíbulo.

O olhar do Roman vagou pelos Vampiros na sala de espera. — Phineas, você é o seguinte. — dirigiu-se para a sala de cirurgia com o Phineas seguindo-o.

— Vamos, Connor. Olharei esses cortes. — Shanna introduziu ao Escocês na sala de cirurgia.

— Você é dentista, não médica, — queixou-se Connor.

— Se posso tirar dentes, também posso tirar os cristais de sua cara. — Ela o empurrou para dentro e olhou para trás. — Você é o seguinte, Ian.

Toni fez uma careta. — Isso vai ser divertido.

Radinka saiu da sala de cirurgia com um sorriso. — Gregori vai estar bem. Quero aproveitar, e pô-lo a dormir na cama. — Ela tomou ao Constantine dormindo em seus braços e deixou a habitação.

— Você deveria dormir um pouco, também, — disse Ian a Toni. — Tiveste um dia difícil.

— Não foi tudo mau. — Seu olhar vagou a sua boca. Entre a terrível visita ao hospital e a horrível explosão no estacionamento, ali havia também um beijo glorioso.

[12] Papai Noel

Com sorte, Ian sabia ao que se referia, já que não a desafiou a mencioná-lo num espaço cheio de Vampiros com um ouvido super desenvolvido.

Ele deu um passo mais perto. — Não o lamenta? Chamou-o um engano ao princípio.

— Estava confundida. Ainda estou confundida. — Ela sacudiu sua cabeça.

— Não sei o que fazer com tudo isto. E ainda tenho que falar contigo. É realmente importante.

— Está preparada para me contar todos seus segredos?

— Depois de que examinem seus cortes.

— Estou bem. — Olhou ao redor da sala. – Não, aqui. Vamos.

Ele a levou da habitação.

Capítulo 17

Ian dava longas passadas pelo corredor. —Senhoras ao senhores?

— Desculpa-me? — Perguntou Toni.

— Qual banho prefere? Quero me lavar um pouco.

— OH. O de senhoras suponho. Se não for um inconveniente.

Sorriu. — Sempre que esteja vazio —. Abriu a porta do banho de senhoras. — Olá?

Toni o seguiu dentro e olharam sob os compartimentos.

— Romatech está bastante vazio no domingo de noite. Só umas pessoas vêm para a missa. — Abriu um grifo de água e se lavou as mãos no lavabo.

Ela parou detrás dele. — Não te projeta no espelho. Posso ver-me como se não estivesse aí. É tão arrepiante.

— Obrigado. — Meteu água nas mãos e a salpicou em sua cara. O sangue formou redemoinhos ao redor do lavabo. — Agora me diga os seus segredos. — Tomou uns papeis toalha do dispensador e os apertou em sua cara.

— Cuidado, — advertiu-o. —

Não quer empurrar ainda mais o cristal.

— Obviamente não posso ver o que estou fazendo. — Atirou as toalhas ao lixo.

— Aqui, me deixe a mim. — Retirou alguns papeis toalha e as dobrou numa almofadinha. Então tocou com cautela a frente.

— Seus segredos?

— Bem. — Arrancou um fragmento de vidro do cabelo e o atirou no lixo. — Depois de que minha avó morrera quando tinha treze anos, mandaram a um internato em Charleston. Fui miserável até que encontrei a Sabrina.

— Sua companheira de apartamento?

— Sim. Ela entrou na escola depois de que ambos os pais morreram num pequeno acidente de avião. Era filha única, assim estava realmente sozinha. Ao princípio pensava que era bom que

houvesse alguém ali que fora mais miserável que eu. Mas então consegui conhecê-la, e chegamos a ser as melhores amigas. Mais como irmãs, realmente.

— Sim. — Ian podia relacioná-lo. Connor e Angus sempre tinham sido como irmãos maiores para ele.

Toni atirou os papeis toalha manchados de sangue ao lixo e fez uma almofadinha fresca. Tocou ligeiramente suas bochechas. — Sabrina e eu planejamos algo para nosso futuro, e estivemos trabalhando nele durante anos. Sabe como algumas celebridades adotam os meninos de países estrangeiros?

— Sim.

— Planejamos fazer isso numa escala maior. Abriremos um orfanato com um ambiente verdadeiramente adorável, como a família que sempre desejamos. E resgataremos aos meninos ao redor do mundo. Estive estudando negócios e sociologia assim posso abrir o orfanato, e Sabrina conseguirá um máster em educação assim pode abrir a escola. E Carlos já tem a alguns órfãos para nós.

Isto não era o que Ian tinha esperado. Era uma tarefa imensa. — Necessitará muito dinheiro.

Toni enxaguou com cuidado o queixo. — Os pais da Sabrina lhe deixaram uma herança imensa. Oitenta e cinco milhões.

As sobrancelhas do Ian subiram.

— Ela só pode herdar a quantidade uma vez que se gradue na universidade. Seus pais não desejavam que fora um bebê inútil com uma fortuna.

Ian cabeceou lentamente, embora sua mente estava confundida. Se Toni tinha esses grandes planos, por que estava aqui, trabalhando como guarda? E certamente não pensava permanecer. Seria terrivelmente egoísta por sua parte tratar de mantê-la aqui quando tinha um plano tão nobre para seu futuro.

— Tudo ia conforme o planejado até no domingo passado, — continuou Toni. — Sabrina foi atacada no Central Park. Acabou no hospital com as costelas estilhaçadas, contusões, e… marcas de dentadas.

Ian inalou bruscamente. — Os Malcontents.

— Sim. Estava histérica quando a polícia a interrogou. Denunciava que tinha sido atacada por vampiros.

— Esses tolos. Deveriam ter apagado sua memória.

Os olhos de Toni se aumentaram. —Pensa que é bom, o que fizeram?

— Não, claro que não. Mas qualquer vampiro, bom ou mau, sabe que não há nada mais importante que manter nossa existência um segredo.

Toni grunhiu quando atirou os papeis sujos. Agarrou mais toalhas do dispensador. — Limpemos os joelhos.

Começou a ajoelhar-se, mas Ian levitou até que os joelhos estivessem no lavabo. — Será mais fácil desta maneira.

— OH. — Olhou-o. — Isto é estranho.

— Obrigado. Voltemos para sua história…

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Correto. — Atirou brandamente suas meias sangrentas para baixo. — A fortuna da Sabrina está dirigida por sua tia e seu tio. Seu tio é psiquiatra, e a diagnosticou como psicopata e com delírios. Pô-la numa jurisdição mental.

— É uma dos que está no Hospital Psiquiátrico no Shady Oaks?

— Sim. — Os olhos da Toni cintilaram com ira. — Seu tio deseja seu dinheiro, assim que se assegurará de que nunca seja solta. Carlos e eu fomos vê-la esta noite, e foi atroz.

Ian se baixou ao chão. — Foi ali antes da missa? — Não era de estranhar que suas emoções tivessem sido tão cruas.

Toni cabeceou. — Não posso lhe falhar como fiz com minha avó. Tenho que conseguir tirá-la dali.

Ele apertou sua mão. — E assumo que necessita minha ajuda? Por isso tomou o trabalho como meu guarda?

— Necessito sua ajuda, mas não é exatamente assim como aconteceram às coisas. Depois de que Sabrina fora atacada, pediu-me que encontrasse aos vampiros que a atacaram, para demonstrar que não estava delirando.

Ian ficou tenso. — Foi deliberadamente ao parque para ser atacada?

— Pensei que não aconteceria nada, porque não acreditava que os vampiros fossem reais. Mas...

— Foi atacada viciosamente, — ele terminou sua oração. — Poderia ter morrido se Connor não tivesse aparecido.

— Me acredite, sei quanto mau foi. Connor se ofereceu a apagar minha memória, mas não podia fazer isso, não quando o que fiz foi averiguar que Sabrina tinha razão. Então tomei o trabalho, esperando que pudesse conseguir a prova que necessitava.

Um frio voou sobre o Ian. — Pensa demonstrar nossa existência? — Soltou-lhe a mão. — Jurou nunca nos expor.

Toni chiou. — Já sei.

— Não compreende totalmente a importância de nosso segredo? Se nossa existência chegar a ser de domínio público, haveria milhões de mortais que desejariam nos destruir. Haveriam assassinos que estariam vagando as ruas com suas estacas sangrentas. Haveria cientistas que quereriam experimentar em nós ou nos dissecar. E se se inteirassem das propriedades curativas de nosso sangue, seríamos caçados como animais e desaguados até nos deixar secos. A exposição significa extinção.

Ela empalideceu. — Nunca pensei ferir ninguém. Pensei que poderia dar a prova ao psiquiatra ou ao advogado e que a manteriam em confidência. Exatamente como o Pai Andrew.

— Isso é um risco terrível a tomar. Não pode dar garantia que alguém se cale, especialmente se nos considera uma ameaça grave para a humanidade.

— Os Malcontents são uma ameaça grave. Você não pode nos expor sem te expor! E somos os únicos capazes de derrotá-los. Não posso acreditar que tomasse semelhante risco com nossas vidas. — Afastou-se dela.

— Não compreendi ao princípio quão agradáveis são os Vampiros. Uma vez que os conheci,

soube que não lhes poderia fazer nenhum dano.

— Isso é generosamente sangrento por sua parte. — Ian franziu o sobrecenho para ela. — Deveria me ter dito isto desde o começo.

— Não sabia se podia confiar em ti. Levou-me uns dias para conseguir te conhecer.

Ian não soube o que pensar. Acabava de ter um suscetível sentido de traição. — Eu... Tenho que pensar nisto. — Dirigiu-se para a porta.

Seguiu-o. — Ian, deve saber que nunca poderia fazer algo para te ferir.

Sentia-se muito confundido inclusive para responder. — Vá dormir Toni. Vereei-te amanhã.

— Ian, sinto muito.

Não podia suportar ver sua cara golpeada, assim que partiu para a sala de espera. Shanna estava pronta para vê-lo. Sentou-se sobre a mesa de operações, pensando em coisas enquanto Shanna tirava os cristais de sua cara e joelhos.

Não podia acreditar que Toni tivesse planejado contar seu segredo. Possivelmente não compreendia o quanto importante era. Mas sem dúvida, Connor o tinha explicado.

Para seu crédito, ela tinha intenções nobres. Tratava de ajudar a sua amiga Sabrina. Ian se sentiria assim com seus amigos. Mas tinha pensado expor aos Vampiros. Isso fez que seu estômago se retorcesse.

Quando Shanna acabou, vagou pelo vestíbulo. Toni tinha assinado um contrato, jurando protegê-los. Como podia ter planejado traí-los?

Mas não o tinha feito. Tinha-a que culpar por suas intenções antes que os tivesse conhecido? Depois de que os Malcontents a tivessem atacado, possivelmente tinha pensado facilmente que todos os vampiros eram maus e deviam ser expostos.

Mas virtualmente o tinha decepcionado. Jurou-se que nada era mais importante num companheiro potencial que a honradez e a lealdade. Por isso o frustrava tanto? Via a Toni como uma companheira potencial. Deus sabia que a desejava. Doía com desejo por ela. Pensava nela todo o tempo. Mas podia confiar-se nela?

Depois de uma hora de não conseguir nada, decidiu que necessitava um conselho. Teletransportou-se ao escritório da Vanda no *Horny Devils.* Depois que recuperasse do golpe que lhe marcava a cara, deu-lhe os detalhes da história da Toni.

Vanda se sentou detrás da sua secretária, franzindo o sobrecenho. — Que pequena cadela.

Ian ficou tenso. — Ela não merece isso. Trata de proteger a sua amiga que corre perigo.

As sobrancelhas da Vanda subiram. — Estás a defendendo agora? Pensei que estava zangado com ela.

— Não estou zangado. — Passeou através do escritório. — Estou confundido.

— Por quê? Este problema é muito fácil de resolver.

Parou. — Isso é o que crê?

— Seguro. Despede seu traseiro e limpa sua memória. Então ela já não será uma ameaça, e bom estará fora de sua vida.

Fora de sua vida? Uma onda de pânico varreu por ele. Como poderia suportar perdê-la? — Mas… e sobre sua amiga?

— E o quê? Não te deve dinheiro.

— Está apanhada numa jurisdição mental.

— Sim, sim, pelo tio mau. Buuuu. É uma pessoa. Um mortal. E Toni estava pronta para nos expor a todo perigo por isso.

— Só porque se preocupa tão profundamente, — protestou Ian.

— Ela não é a única, — murmurou Vanda.

Ian franziu o cenho. — Bem, admito-o. Tenho interesse nela. Não estaria tão perturbado se não estivesse interessado.

— Faz uma semana, jurou-me que tudo o que desejava era uma Vampira. Tenho uma lista aqui mesmo de vinte mulheres Vampiras, todas examinadas por mim e ansiosas de te encontrar. Podes começar a vê-las esta noite.

Faz uma semana, teria sido maravilhoso. Mas agora Toni estava em sua vida e tudo tinha trocado. — Não quero encontros com ninguém mais. Tira meu perfil de *Single in the City*.

— Ian, ela planejava nos trair.

— Mas nunca o fez. Nunca fez nada para nos danificar, a nenhum. — Ao final era capaz de apreciar seu apuro. Queria ajudar a Sabrina porque a queria. E não o tinha exposto porque tinha interesse nele. Tinha-o visto claramente em sua cara quando o tinha estado procurado freneticamente no estacionamento. Tinha seu coração estava partido em dois.

Tudo o que tinha que fazer era ajudar no resgate de sua amiga. Então já não teria que estar dividida em duas direções. Estaria livre de ir inteiramente a ele.

E isso é o que desejava mais que nada. Desejava que Toni estivesse livre para adorá-lo. Era isso o que ele desejava.

Toni despertou lentamente. Tinha tido problemas para dormir em toda a noite, sentia como se um peso pesado apertasse contra seu peito. Ian. Tinha perdido ao Ian. Girou sobre suas costas e se deu conta de que não estava sozinha.

— Ian? — incorporou-se. Estava ali a seu lado.

O alívio varreu por ela. Não podia estar zangado com ela se se tinha metido na cama, não? Ontem à noite tinha temido que sua relação terminasse. Ele parecia muito transtornado.

Parecia perfeitamente pacífico agora. Jazia sobre suas costas, as mãos sobre seu estômago.

Verificou o relógio na mesinha de noite. Oito e quarenta e cinco? Tinha posto o alarme para as seis e trinta. Deve tê-lo desligado antes de se meter na cama com ela.

Voltou-se para ele. Pela primeira vez desde que o tinha conhecido, não levava uma saia escocesa. Tinha um pijama de flanela, embora ainda num tecido escocês vermelho e verde, que a fez sorrir. Tomou banho e limpou todo o sangue e a imundície.

Inclinou-se mais perto para examinar os cortes em sua cara. Pareciam estar melhor. Levantou uma de suas mãos. Os cortes tinham fechado e as cicatrizes se desbotavam. Com pôr do sol retornaria a seu estado magnífico habitual.

Deu-se conta de repente de que tinha as mãos num morto. E não se estremeceu nem se soltou. Por que não estava surpreendida? Olhou sua cara. Era ainda o mesmo valente guerreiro

que tinha ido para o resgate do Gregori, o mesmo herói generoso que tinha insistido na segurança enquanto parava ali sangrando, o mesmo homem doce que a tinha beijado apaixonadamente e então tomado toda a culpa.

Saiu da cama e foi ao quarto de banho. Ali encontrou uma nota gravada no espelho.

Toni,

Quero te ajudar a resgatar a sua amiga. Perdoe-me, por favor, por ser um parvo.

Ian

Com uma risada, ela apertou a nota contra o peito. Ian o compreendia. Podia confiar-se nele. E Sabrina seria ajudada. Voltou correndo ao dormitório. — Obrigada, Ian. Obrigada.

Ele só estava convexo ali.

Sentou-se na cama, sorrindo-lhe. — Não é um parvo. É um homem maravilhoso.

E estava apaixonada por ele.

Uma emoção se disparou por seu corpo. Como não podia adorá-lo? Era o mais estimado, o homem mais doce e mais atrativo que jamais tinha encontrado.

Estudou a sua cara quando o amor continuava inchando-se dentro dela. Isto não era absolutamente nada como o que teve nas duas relações passadas. Atirou-se para essas relações com um desespero nascido do rechaço de sua mãe. Precisava sentir-se amada.

Isto era diferente. Não queria apaixonar-se pelo Ian. Pela primeira vez, não era por ela e sua necessidade de ser amada. Tratava-se do Ian e o amor que sentia por ele. Tinha chegado a ser dolorosamente quando as explosões tinham acontecido e tinha temido que estivesse morto.

Tocou a covinha em seu queixo. Não podia escapar dele. Estaria fugindo de seu próprio coração.

Tomou banho e se vestiu e deixou ao Ian encerrado sem perigo no quarto de prata. Quando deu um passo fora do elevador na planta baixa, foi surpreendida imediatamente por todas as pessoas. Pessoas verdadeiras. Moviam-se pelo vestíbulo. A maior parte levava batas de laboratório brancas. Todos tinham etiquetas de nome do Romatech presas nos bolsos.

Pelo caminho ao escritório de segurança do MacKay, chamou o Carlos em seu telefone móvel. — Adivinha o que? Ian está de acordo em nos ajudar a resgatar a Sabrina.

— Isso é genial! — Carlos baixou sua voz. — Só me diga, *menina*, o que fez para convencê-lo?

Ela resmungou. — Falei com ele.

— Isso é bem, devem ser… amigos.

— Carlos, devemos resgatar a Bri logo que seja possível. Crê que o podemos fazer esta noite?

— Sim. — Sua voz cresceu com um tom mais grave. — Prepararei alguns planos e irei verte esta tarde.

— Bem. — Toni pendurou e andou para o escritório de segurança. Howard estava sentado atrás da secretária, e a sua perna enfaixada estava sustentada numa cadeira.

— Perdão dormi mais do que previsto. — Sentou-se a seu lado.

— Não há problema. — Ondeou os monitores. — Passou pouco. A segurança do dia

conseguiu limpar a confusão do estacionamento.

Toni olhou os monitores que mostravam o estacionamento. Uma grua levava o carro queimado. — O que disse a polícia pelo de ontem à noite?

Howard mastigou uma rosquinha. — Estão utilizando ao Romatech para ser bombardeados. Disse-lhe ao oficial responsável que somos o centro de um grupo de psico fanáticos que estão opostos à fabricação da fibra sintética de sangue. Qual é mais ou menos a verdade, realmente.

Sim, não podia conseguir mais psicopatas que os Malcontents. Toni esquadrinhou os outros monitores. A câmera mostrou um dormitório com várias camas duplas. Phineas e Dougal estavam estendidos em seu sono mortal. O quarto de prata estava em outro monitor. Ah genial. Howard a tinha visto tocando a cara do Ian comovedoramente? — A segurança de dia não pensa que é estranho que estejamos aqui dentro, olhando a pessoas mortas dormindo?

— Têm seu próprio escritório. Não entram em nosso negócio. — Howard empurrou uma caixa de bolo em sua direção. — Quer uma rosquinha?

— Seguro. — Selecionou uma simples. — Então o que aconteceu enquanto dormia?

— Connor levou ao Roman e a sua família e a Radinka e se ocultaram aproximadamente às três da manhã. Ninguém sabe para onde. É preferível assim quando atiradores como o Jedrek que podem controlar o cérebro.

— Jedrek é o tipo que atacou ao Gregori?

— Sim. — Howard terminou sua rosquinha e lambeu os dedos.

E Jedrek fora quem tinha tentado capturar a Ian. Toni suspirou. Duvidou que tivessem visto o último dele.

Howard deslizou um papel através do escritório. — Esta é a lista do material que terá que fazer para a noite de Natal. Shanna e Radinka estão transtornadas porque não estarão aqui para ajudar, mas lhes dissemos que não se preocupassem.

Toni engoliu o último pedaço da sua rosquinha. A lista era uma milha de tão larga. — E tudo isto tem que ser feito antes de amanhã de noite?

— Não se preocupe. Está coberta. Dei uma cópia ao Todd Spencer, o vice-presidente da produção durante o dia. Sabe o que fazer. Shanna dá uma festa de Natal todos os anos, e então há uma conferência de Vampiros e um Traje de gala cada primavera.

— Todd deve ser mortal. Sabe dos Vampiros?

Howard mexeu-se em sua cadeira. — Todd sabe muitas coisas. Já conseguiu a alguns trabalhadores que restabeleçam as cadeiras e as mesas.

— Número um, decorar a árvore grande de Natal, — Toni leu em voz alta a lista. — Não recordo ter visto uma árvore.

— Será entregue por volta do meio-dia. — Howard bebeu de sua taça de café.

Toni jogou uma olhada à lista. O número do artigo dez era confirmar a banda. Um número de telefone estava ao lado. — Seguirei e chamarei à banda.

Howard riu entre dentes. — Espera até a noite. *Vampiros de Alta Voltagem* não poderiam acender uma lâmpada neste momento.

— É uma banda de vampiros?

— Sim, tocam em todas as festas grandes dos vampiros e bodas. — Howard parou e coxeou para a porta. — Vem. Mostrar-te-ei a sala de baile.

Justo à direita do vestíbulo principal havia vários quartos com divisões que podiam ser dobradas como acordeões gigantes. Toni estava surpreendida pelo tão grande que era a sala de baile. A parede de trás era em sua maior parte preenchida por janelas que deixavam ver a um jardim. Diante das janelas, Todd Spencer fiscalizava a um grupo de trabalhadores que estabeleciam um palco. Howard a apresentou.

— Prazer em conhecê-lo, — gritou Todd sobre o ruído quando sacudiu a mão. —Já era hora que MacKay contratasse a uma mulher.

Toni jogou um olhar ao redor do quarto imenso, com os trabalhadores movendo-se. — Quantas pessoas trabalham aqui durante o dia?

— Mais de duzentos agora, dividido em quatro departamentos, — explicou Todd. — Investigação, produção, vasilha, e envio.

— Posso fazer algo para ajudar? — Perguntou Toni.

— Pode ajudar a decorar, se quiser. — Todd lhe mostrou as gavetas de plástico cheios de ornamentos e verdor.

Howard coxeou de retorno ao escritório de segurança para olhar os monitores, e Toni passou umas horas estendendo toalhas e pendurando grinaldas. Tomou um almoço rápido no restaurante do Romatech e chamou o *Shady Oks*.

— Quereria falar com a Sabrina Vanderwerth na sala Três. — Recitou o número de identificação.

— Temo lhe dizer que não podemos permitir isso, — disse a recepcionista. — Seu médico deixou instruções estritas de que não receba a nenhum visitante nem chamadas de fora.

Toni resmungou. O tio Joe tinha descoberto sua visita. — Não podemos ter uma segunda opinião sobre isso? Sem dúvida ajuda ao paciente saber que há pessoas que têm interesse neles.

— A decisão é definitiva. — A recepcionista desligou.

— Maldita. — Voltou para a sala de baile e descobriu que a árvore de Natal de quinze pés tinha chegado. Ajudou-a decorar durante umas horas, então vagou para o escritório do MacKay.

— Como está indo?

Howard se moveu para os monitores. — Estão ainda mortos, mas devem despertar em uns vinte minutos.

O telefone no escritório zumbiu, e Howard o agarrou. — Sim? — Escutou, então cobriu o receptor com a mão grande e fornida. — É o guarda na porta de entrada. Alguém veio para te verte. Conduz um Jaguar negro.

— Esse deve ser Carlos. — Toni se dirigiu para a porta.

— Carlos o que? — Perguntou Howard.

— Carlos Panterra.

— Ela confirmou seu nome, — Howard disse ao guarda por telefone. —Deixa-o entrar.

Toni se dirigiu à porta principal e deu um passo fora só quando Carlos estacionava seu carro. Fazia fio com o sol que baixava, assim esfregou seus braços quando andou para o estacionamento.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele emergiu de seu carro, parecendo-se com um espião todo vestido de negro. Dirigiu-se para a área enegrecida rodeada com cones alaranjados. — O que aconteceu aí?

— Alguns vampiros vieram ontem à noite. Explodiram um carro e causaram algumas feridas. Nada grave.

Carlos olhou à área queimada, franzindo o sobrecenho. — Está dizendo que seus vampiros não jogam bem com outros vampiros?

— Meus são os tipos bons que bebem de garrafas. Os maus som chamados os Malcontents. São os que me atacaram e a Sabrina. Odeiam aos tipos para os que trabalho.

Carlos lhe deu uma olhada preocupada. — Toni, deste um passo numa guerra.

Ela tiritou. — Sei.

— Tem frio. Vamos para dentro. — Abriu seu porta-malas e tirou um computador portátil e o cilindro comprido de um livro branco. — Trouxe os planos, assim podemos repassar tudo. Fazemo-lo esta noite, não?

— Sim. — Pelo menos esperava a que Ian estivesse de acordo em fazê-lo esta noite.

Carlos abriu uma bolsa de lona. — Empacotei um pouco de roupa e sapatos para a Sabrina. E um pouco de cinta adesiva, no caso de.

— Bem. — perguntou-se uma vez mais se Carlos era mais que um estudante de antropologia.

Fechou o porta-malas e foi andando com ela até à porta principal. — Está segura aqui?

— Acredito que sim. Os Vampiros se sentem tão seguros que têm um Grande Baile de Natal amanhã de noite.

— Divertir-se ante o perigo? Acredito que gosto de seus Vampiros. — Carlos sorriu quando abriu a porta. Entrou, e o sorriso caiu imediatamente. Cheirou, e uma olhada cautelosa cruzou sua cara. — Cuidado. — Tinha fora um braço para bloquear sua entrada.

— O que acontece?

— Perigo, — murmurou.

Capítulo 18

— Carlos. — Toni espreitou por seus largos ombros. — Não há nada mau.

— Quem é esse? — Sussurrou ele, assinalando com a cabeça para o homem grande no outro extremo do vestíbulo de entrada.

— Esse é meu supervisor, Howard, — sussurrou Toni em resposta.

Howard de repente ficou rígido e se voltou para eles. Suas fossas nasais ondularam enquanto seu olhar se fixava no Carlos.

Inclinou-se para frente. — Você é Carlos?

— Sim. — Carlos observou atentamente ao Howard.

— Sou Howard Barr. Podemos falar um momento em privado, por favor? — Fez um gesto

para o escritório de segurança.

Carlos assentiu e caminhou pelo corredor com ele.

Que demônios? Toni avançou para frente assim poderia ver os dois homens desaparecer no escritório de segurança.

Howard era gay? Apesar de que poderia ter jurado que a reação de um para o outro tinha sido uma de suspeita, não de atração.

Ela vagou pelo corredor para o escritório de segurança. Merda, não se atreveu a interrompê-los. Sua atenção foi por um momento atraída pela misteriosa habitação fechada frente à creche. Tentou o pomo da porta, mas sem sorte.

Esperou um momento, então a porta do escritório de segurança se abriu. Carlos saiu com um olhar perplexo em sua cara.

— Está bem? — Perguntou ela.

— Sim. — Ele se dirigiu para ela, levando seu computador portátil e um cilindro de papel. — só que se passou algo muito estranho.

Toni fez uma careta. — Não tem que me contar isso.

— Howard só me ofereceu um trabalho.

— O que? Trabalharia como guarda de dia como eu?

Carlos assentiu com a cabeça. — Resulta que tenho alguns conhecimentos... Que são altamente valorados no MacKay Segurança e Investigação.

— Como as artes marciais?

— Isso, também. — Carlos passou uma mão pelo comprido cabelo negro. — Adverti ao Howard que sempre fui um vagabundo, mas disse que tinham clientes em todo mundo que necessitavam amparo, e podia me deslocar de um lugar para o outro.

— Falou-te sobre os vampiros?— Sussurrou Toni.

— Não, ele os chamou clientes. Vou considerá-lo. O pagamento é excelente, e tenho um montão de gastos.

— Isso é verdade. — Toni sabia que Carlos estava mantendo alguns órfãos no Brasil. Era uma das coisas que as tinha atraído a ela e a Sabrina sobre ele. Também estava pagando sua educação e as viagens de investigação à América do Sul e Malásia. — Howard é um chefe agradável. Estava acostumado a ser um defesa para a NFL, mas é tão doce como um urso de pelucia.

Carlos olhou-a um tanto séptico. — Sim, dava-me conta. Então, onde podemos discutir os planos para a Sabrina?

Toni o levou pelo corredor até que viu uma sala etiquetada: (Conferências). Jogou uma olhada ao interior e acendeu a luz. — Isto servirá.

Carlos entrou na habitação e se dirigiu diretamente ao trabalho, colocando seu computador portátil, logo estendeu o cilindro de papel branco. — Extraí o desenho do *Shady Oaks*, assim Ian saberá exatamente aonde se pode teletransportar. — Pôs seu dedo sobre um retângulo marcado como *Sala Três.*

Toni se inclinou para estudar o mapa. — Isto é muito bom. — Carlos seria um excelente empregado para o MacKay Segurança e Investigação.

— *Menina,* sei que estive brincando sobre o Ian, mas me pergunto se é prudente te envolver com ele. Não me interprete mal, é um bom tipo, mas é um vampiro.

— Ele não me morderia. — Toni se ruborizou enquanto as lembranças do beijo glorioso da noite anterior enchiam sua mente. — Pelo menos, não para alimentar-se.

Carlos franziu o cenho. — Depois que resgatarmos a Sabrina, deveria renunciar a seu trabalho aqui e esquecer que esses vampiros existem.

— Isso seria muito grosseiro, não pensa? Só utilizar ao Ian por suas super habilidades e logo lhe dizer adeus. E como me pode dizer que renuncie quando está pensando em trabalhar aqui?

— Tem planos especiais com a Sabrina. Eu não. E a verdade do assunto é que Ian não é seu tipo.

Ela pôs as mãos nos quadris. — Surpreende-me, Carlos. Esperaria que você, de todas as pessoas, fosse mais pormenorizado e tolerante.

— Sou tolerante com algo que dois seres humanos queiram fazer um com o outro, mas ele não é exatamente humano.

— Ele é mais humano que qualquer um que eu conheça. E o amo.

— Conheceste-o faz exatamente uma semana.

— E todo o inferno aconteceu nesse tempo. — Toni levou a mão ao peito. — Estou-me convertendo numa pessoa diferente. Sinto que por fim me estou convertendo numa pessoa adulta em sua totalidade, uma que é capaz, forte e que vale a pena. Já não sou mais uma menina ferida. E eu gosto do que me está acontecendo. Não vou renunciar a isso.

— Muito bem, então. — Carlos lhe tocou o ombro. — Estou muito feliz por ti.

Deu-lhe um abraço, logo se encaminhou à janela para jogar uma olhada pelas persianas. — O sol se pôs. Irei procurar ao Ian.

— Está bem. E troque de roupa. Veste-te toda de negro. — Carlos se moveu para seu computador portátil. — Dê-me seu telefone móvel.

— Por quê? — Ela o tirou do bolso de suas calças de cor cáqui.

— Porque necessita um novo tom. — Ele pegou seu telefone. — O amor já não é um campo de batalha para ti.

— Ponha algo bonito, — advertiu-o, logo o deixou para procurar o Ian.

Ele estava na habitação de prata, ainda em pijama, terminando seu café da manhã.

Sorriu-lhe. — Vi sua nota. Obrigado por nos ajudar. —Procuro dentro de sua mala e encontrou umas calças de cor negra. — Carlos quer que nos vistamos de negro.

As sobrancelhas do Ian se elevaram. — Fá-lo-emos esta noite?

— Sim. Está tudo bem?

— Sim. — Ian colocou sua garrafa vazia no lavabo. — Ficaria aqui toda a noite em caso de que Jedrek tentasse algo, mas não deveria levar muito tempo para teletransportar a sua amiga.

Ela encontrou uma camiseta negra, mas infelizmente tinha brilhantes letras brancas na frente. *"Estou louca ou o quê?*" A mostrou ao Ian. — A camiseta perfeita para entrar numa instituição mental.

Ele riu entre os dentes. — Quer estar adequadamente vestida para cada ocasião. — Seu

rosto ficou mais sério. — Lamento a forma como reagi ontem à noite.

— Não há necessidade de desculpar-se. Equivoquei-me ao pensar dizer seu segredo.

Seus olhos brilhavam. — Chegaste a uns extremos incríveis para ajudar tua amiga. Sobreviveste a um ataque brutal, tomaste um trabalho com os *Não Mortos*, e está a ponto de fazer algo sério assaltando um hospital. Esse tipo de lealdade é muito estranha.

Seus olhos se voltaram brumosos enquanto seu coração se enchia de amor. — Diz-me as coisas mais belas. — Ele a fazia dar-se conta de quanto afortunada era.

Ele olhou à câmera de vigilância, e logo fez um gesto com a cabeça para o quarto de banho. — Precisa trocar de roupa?

— Exato. — Toni reuniu sua roupa negra e se precipitou ao quarto de banho. Ficou sem fôlego quando Ian a seguiu e fechou a porta. — O que…?

Ele a tomou em seus braços e plantou sua boca sobre a dela. Sua roupa caiu ao chão enquanto se derretia com seu beijo.

Sugou seu lábio inferior, logo mordiscou beijos por seu pescoço. — Necessita ajuda para tirar a roupa?

— Descarado. — Ela deslizou seus dedos em seu suave cabelo.

Puxou seu polo azul marinho e colocou as mãos por baixo. — Quero-te. — Observou o pequeno quarto de banho com os olhos vermelhos brilhando. — Isto é… um desafio.

— Ian. — Ela colocou suas mãos em suas bochechas. — Não temos tempo agora. E realmente não quero uma rapidinha no banheiro.

Sua boca se enrugou. — Não é muito romântico, né?

Ela sorriu. — Acredito que seja muito romântico, mas Carlos está esperando lá em cima, e temos trabalho a fazer.

— Entendo. — Deu-lhe um beijo rápido na boca, e logo saiu do banheiro.

Ela trocou de roupa, então o encontrou na cozinha, vestindo uma suéter negra sobre sua cabeça. Tinha uma calça de couro negro e parecia deliciosamente travesso. Quase o chamou de volta ao quarto de banho para uma rapidinha.

— Vamos. — Agarrou seu casaco e se dirigiram ao elevador. — Teremos o salão de baile preparado hoje para a grande festa.

Ele assentiu com a cabeça. — Phineas disse que me ensinaria como dançar musica moderna, para que pudesse dançar contigo. O único que sei é como dançar o minué, a valsa e umas poucas danças campestres.

Sorriu-lhe enquanto saíam do elevador. — Quer dançar comigo?

— Sim. Phineas disse que precisava saber como fazer o estalo e o entupido.

Ela riu. — Vais dançar hip-hop com o Kilt?

— Levarei um traje da Santa, junto com outros noventa e nove homens.

— Como é que há tantos disfarces de Santa? — Ela fez um gesto para a porta fechada além do consultório dental. — Qual é o assunto secreto de Santa?

— Se lhe dissesse isso, não seria um segredo.

Deu-lhe um tapa no braço. — Disse-te meus segredos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não todos. Ainda não sei seu nome completo.

— Não vejo nenhuma razão para divulgar isso neste momento.

— Não pode ser tão mau. Meu nome é Ian David MacPhie.

— Esse é um bom nome. É fácil de confessar. — Abriu a porta da sala de conferências. — Aqui estamos. Carlos tem tudo planejado.

— Estou acostumado a fazer meus próprios planos. — Entrou, com o cenho franzido. — Boa noite, Carlos.

— Olá, Ian. Lindas calças. Adoro o couro. Aqui está seu telefone, Toni.

Ela deslizou seu telefone móvel num bolso da calça.

Ian examinou o mapa do *Shady Oaks*.

— Esta é a sala três. — Assinalou Carlos. — Aí é onde estão retendo a Sabrina. Há um guarda no interior junto à porta principal, mas vi uma porta traseira aqui. Pensa que pode teletransportar-se sem ser detectado?

Ian o olhou suavemente. — Teletransportei-me ao Langley sem que dessem conta.

Carlos arqueou uma sobrancelha. — Então vou tomar isso como um sim.

Toni reprimiu um sorriso. Esperava que estes dois meninos não se metessem num jogo de poder.

Ian assentiu com a cabeça. — Posso fazê-lo.

— Eu te esperarei no carro. Posso estacionar aqui ou aqui. — Carlos assinalou o estacionamento da frente e a entrada de serviço traseira.

— Usa o estacionamento, — disse Ian. — Será menos visível.

— De acordo.

Ian dirigiu-lhe um olhar. — Fez um trabalho como este antes.

Carlos enrolou o mapa. — Minha investigação me levou a alguns lugares e situações estranhas.

— Que tipo de investigação?

— Culturas incomuns, primitivas, sobre tudo na América do Sul e o Sudeste Asiático. — Ele se moveu a seu computador portátil.

— Esta é a rota que utilizarei para nos levar a hotel. É um lugar pouco visível, em Queens. Paguei em dinheiro, antecipado.

Ian o estudou um momento. — Parece bem. Tenho que comprovar as coisas aqui, assim conduzirá até ali com a Toni. Então ela me pode chamar, e eu me teletransportarei ali para te encontrar.

— De acordo. — Carlos fechou seu computador portátil. — Vamos fazê-lo.

No Shady Oaks, Carlos estacionou seu Jaguar num rincão escuro. Toni chamou o Ian, e se materializou a seu lado no estacionamento.

— Vou contigo, — disse-lhe ela.

— Não. Não posso teletransportar duas pessoas ao mesmo tempo.

Homem obstinado. — Então pode fazer duas viagens.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Carlos saiu do assento do condutor. — O que acontece?

— Toni quer ficar em perigo,

— murmurou Ian.

— Tem que me levar contigo,

— insistiu Toni. — Se não vou como pode saber quem é Sabrina?

— Espero que ela possa me dizer seu nome.

Toni lhe deu um olhar exasperado. — Ela poderia estar dormindo. Ou se estiver acordada, poderia gritar e dar o alarme. Se for contigo, posso mantê-la calma.

— Acredito que Toni tem razão, — disse Carlos.

Toni sorriu em agradecimento.

A mandíbula de Ian se moveu. — Está bem.

— Será mais fácil de abordar do oeste, — sugeriu Carlos.

— Posso dirigi-lo, — grunhiu Ian. — Vamos, Toni.

Ela se encaminhou a seu lado enquanto se deslocavam pelo estacionamento, rodeando o lado oeste do hospital. — Carlos só quer ajudar. Ele realmente se preocupa com a Sabrina.

— E por ti.

Perguntou-se se estava ciumento. — Só somos bons amigos.

— Não significa que seja um grosseiro, — murmurou Ian. — Só que estou acostumado a fazer este tipo de trabalho por minha conta.

— Por quê?

Ele permaneceu em silêncio enquanto caminhavam ao longo da parede oeste. Finalmente falou, — Nunca quis trabalhar com os outros, porque invariavelmente me tratariam como um menino.

— OH. Sinto muito. Deve ter sido terrivelmente frustrante parecer um menino de quinze anos de idade, durante tanto tempo.

— Quase 500 anos. — Olhou-a. — Alegra-me de que nunca me conhecesse dessa maneira. Você sempre me viu como um homem, como o homem que me sentia por dentro em todos esses anos.

— É um homem maravilhoso, Ian.

Ele tomou sua mão. — Ai, seus pobres dedos estão congelados. — Colocou a mão dela entre as suas.

— Esse é o carvalho no qual Carlos subiu. — Ela assinalou com sua mão livre. — O pátio está precisamente além da parede.

Soltou-lhe sua mão. — Vou jogar uma olhada.

Ela piscou quando ele começou a subir ao topo da parede.

— Está bem. Vem. — Ele estendeu sua mão esquerda para ela.

— Não posso… — Ela se deteve quando seu corpo caiu a uns poucos metros. Ele agarrou sua mão e puxou-a para seus braços. Logo levitou de retorno à parte superior da parede.

Jogou-lhe os braços ao redor do pescoço.

Seus dentes brancos brilharam na escuridão. — Não precisa me afogar, carinho. Não te

deixarei cair.

— Sinto muito. — Tentou relaxar-se. — Não estou acostumada a flutuar a dois metros do chão.

— Essa é a sala três, não? — Assinalou.

Ela entrecerrou os olhos para ver através do pátio com pouca luz. — Sim. — Não há dúvida de que podia ver muito melhor que ela.

— Vê a zona escura à direita do edifício? Está perto da porta de trás. Vamos teletransportar-nos para ali primeiro.

— Está bem. — Ela acalmou seus nervos. A sensação negra, vertiginosa a sugou, logo tropeçou enquanto seus pés aterrissavam no chão duro.

— Com calma. — Ele a conduziu para a porta de trás. Estava fechada com chave, é óbvio, mas através da janela de vidro se podia ver um corredor plano, cheio de portas de cada lado. As portas estavam abertas e a luz se derramava desde várias delas no brilhante chão de linóleo.

Uma enfermeira caminhou pelo corredor em calçado branco esportivo. — Oito em ponto! Apagam-se as luzes!

As luzes se apagaram, deixando o corredor fracamente iluminado com umas poucas luzes de emergência. A enfermeira se foi, presumivelmente para a o escritório de enfermeiras da entrada principal.

— Essas devem ser as habitações, — sussurrou Ian. Ele a atraiu a seu lado. — Vamos.

A escuridão formava redemoinhos a seu redor uma vez mais, e logo se encontrou com o Ian no corredor. O ar era quente e carregado. Ela tomou o lado esquerdo da sala, enquanto que ele tomou o direito. Moviam-se em silêncio através do chão, comprovando as etiquetas com o nome ao lado de cada porta.

Quatro portas mais abaixo, viram o nome da Vanderwerth, Sabrina. Fez gestos a Ian, e ambos se deslizaram no interior do quarto escuro. Logo puderam distinguir a cama tamanho duplo numa plataforma elevada. Não havia cômodas, só prateleiras abertas como livrarias. Nenhum lugar para ocultar nada. Sem luzes, nem espelhos. Um corpo estava acurralado debaixo da manta lisa. O cabelo loiro da Sabrina brilhava palidamente no travesseiro.

Toni se agachou junto dela. — Bri, pode me ouvir? — Tocou-lhe o ombro.

Bri se queixou. — Me deixe em paz, canalha.

— Sabrina, sou eu, Toni.

— Toni? — Ela rodou sobre suas costas. — Não pode ser Toni.

— Sou Toni. Vim te tirar daqui.

Sabrina esfregou os olhos. — Estou sonhando. Estou delirando.

— Não, não está. — Toni lhe agarrou a mão e a apertou. — Sou realmente eu. Agora vamos. Vamos.

Bri teve dificuldades para sentar-se. — Estou um pouco sonolenta. Não pode voltar pela manhã?

— Não, vamos agora mesmo. — Toni se deu conta de que sua amiga estava muito drogada para pensar com claridade. Encontrou suas sapatilhas ao lado da cama e as empurrou em seus

pés.

— Isto está levando muito tempo, — sussurrou Ian. — Só a agarrarei e vamos.

Bri olhou à sombra escura do Ian. — Quem é você?

— É um amigo, — explicou Toni. — Ian. Ajudar-te-á a escapar.

Bri riu. — Escapar? Não se pode escapar daqui

.

— Não tão alto, por favor, — sussurrou Ian. Espreitou a porta para comprovar o corredor. — Rápido. Ouvi alguém.

— Ele fala tão lindo, — sussurrou-lhe Bri.

— É escocês. — Toni pôs a Bri de pé e a levou a porta. — Ian te levará primeiro, e logo retornará a por mim.

Bri olhou à porta de trás. — Não podemos sair por aí. Está fechada com chave.

— Ian pode te tirar. — Toni tirou a jaqueta e a pôs ao Bri. — Faz frio lá fora.

— Sabrina, tem visita? — Um paciente masculino ia para eles arrastando os pés. Seu pijama do Batman estava desvanecido até uma cor cinza, mas o morcego dourado no peito ainda brilhava.

— Olá, Teddy, — respondeu Bri.

Ian gemeu.

— Vou escapar, — anunciou Bri, e logo riu.

Ian se aproximou da Toni e lhe sussurrou, — Mantém-no calado. Quando voltar por ti, apagarei sua memória.

— Está bem. — Toni grampeou a jaqueta a Bri. — Não tenha medo. Pode confiar no Ian.

Sabrina se surpreendeu quando Ian passou um braço por seus ombros. — Que está…?

Ela desapareceu, junto com o Ian.

Teddy ficou boquiaberto. — OH, Meu deus!

— Não tão alto, — sussurrou Toni. — Posso explicá-lo.

— É um super-herói! — Exclamou Teddy. — Resgatou-a com seus superpoderes!

— Teddy, está fora da cama outra vez? — Uma voz masculina ressonou ao longe.

— Ah Merda, é Bradley, — murmurou Teddy. — Não teria que dar voltas se ele não fora tão…

Toni agarrou ao Teddy pelos ombros. — Não diga que Sabrina escapou. Entende?

Ele piscou. — De acordo.

Toni correu para a habitação da Sabrina, meteu-se na cama e se cobriu até as orelhas.

— Teddy, o que está fazendo fora da cama? — A voz do Bradley soou perto.

— Eu… Vi um super-herói! Ele estava aqui, e logo puf! Desapareceu.

— Está mais louco que o inferno, — murmurou Bradley. — Volta para sua habitação.

— Eu não estou louco, — murmurou Teddy. Seus passos arrastados se foram debilitando.

Toni exalou com alívio. O escapamento da Sabrina era ainda um segredo. Ficou gelada quando escutou um som. Ian estava já de volta? Sua pele se arrepiou enquanto todos seus sentidos ficaram em alerta. Algo estava mau. Os passos se aproximaram de sua cama. Fechou os

olhos.

— Sabrina, — sussurrou Bradley e lhe acariciou o cabelo.

A bílis subiu na garganta da Toni. OH Deus, queria saltar da cama e fechar o punho em sua garganta. Mas não se atreveu. Não podia lhe deixar saber que Bri se escapou. Tinha que ganhar um pouco de tempo para lhes dar uma oportunidade de escapar.

Tragou saliva. Era por isso pelo que Bri o tinha chamado canalha antes? Certamente ele a teria tocado enquanto estava aturdida pela medicação.

— Sabrina, — sussurrou Bradley de novo.

Houve um ruído surdo, e um corpo caiu em cima dela.

Toni saiu a toda pressa da cama e debaixo do corpo do Bradley. Ele estava convexo na cama, inconsciente.

Teddy estava ali parado, com um livro grosso. — Eu não gosto. É um homem mau.

— Obrigada, Teddy.

Ele sorriu timidamente. — Não estive tomando meus medicamentos. Sabia que precisava vigiar a esse inseto.

Ian apareceu no quarto, e seu olhar caiu sobre o enfermeiro inconsciente. — O que aconteceu?

— É uma longa história, — disse Toni. — Mas Teddy me salvou de ser abusada sexualmente.

Ian deu um passo para o Bradley. — Este homem se estava aproveitando das mulheres aqui?

— Ele o esteve tentando, — disse Teddy. — É por isso que perambulo pela sala de noite.

— Filho da puta. — Ian colocou uma mão sobre a cabeça do Bradley. — Aí está. Dormirá até manhã. Deixem explicar sua presença aqui na cama da Sabrina.

— Genial, — sussurrou Teddy. — Tem alguns superpoderes para chutar traseiros, homem. Qual é seu nome?

— Ian.

Teddy franziu o cenho. — Tio, tem que conseguir um nome melhor que esse. E necessita uma capa.

Ian riu entre dentes. — Como uma capa de vampiro? Tenho uma dessas em alguma parte.

— Isso seria incrível, homem.

Ian se aproximou do Teddy. — Tenho que apagar sua memória agora.

Teddy deu um passo atrás. — Não! Esta é a melhor coisa que me sucedeu em muito tempo. Quero recordá-la.

— Ian. — Toni lhe deu um olhar suplicante. Entendia como se sentia Teddy. Não queria perder sua memória, tampouco.

— Toni, ele sabe que ajudamos a Sabrina a escapar.

— Leve-me contigo, — suplicou Teddy.

— Não. — Ian sacudiu a cabeça.

— Sério, amigo. Se me levar contigo, então não posso dizer a ninguém o que fez. Não é que o fizesse, mas poderiam tentar de me hipnotizar ou algo assim. Não estou realmente louco, sabe. Simplesmente estava deprimido, porque não tinha nada que esperar, mas com vocês, meninos,

poderia ser realmente feliz.

Ian vacilou. — Uma vez que saiba nossos segredos, não há volta atrás.

— Genial.

Ian franziu o cenho. — Deve entender o perigo de estar conosco. Estamos em guerra com algumas criaturas malvadas.

Teddy sacudiu o punho. — Incrível!

Ian lançou a Toni um olhar inquisitivo.

Ela se encolheu de ombros. — Teddy, sabe o que está fazendo?

— Não sou tolo, — resmungou. — Era chefe do departamento de matemática na Academia de São Bartolomeu.

— Foi professor? — Perguntou Ian.

— Sim. — Teddy os olhou com receio. — Significa isso que não sou o suficientemente genial para passar o momento com os super-heróis?

— na realidade, acredito que é exatamente o que necessitamos. — Ian lhe fez gestos para que o seguisse. — Vêm.

— Estupendo. — Teddy o seguiu até a sala. — Estamos nos transmitindo à nave mãe?

Toni foi até à porta e os viu teletransportar-se para longe. *Transmita-me, Scotty*. Ela se perguntou por que Ian estava interessado na experiência de ensino do Teddy. E enquanto que Teddy tinha certamente bons créditos, parecia um pouco instável na realidade. Entretanto, não queria encontrar falta alguma nele, não quando a tinha salvado do enfermeiro pervertido.

Bradley estava deitado sobre a cama de flanco. Ela puxou seu corpo para alinhá-lo melhor com a cama.

Notou as pertences da Bri nas prateleiras abertas. Dois jogos de roupa e outra série de pijamas. Deslizou-os na jaqueta da Bri, e logo viu um pouco de roupa interior na prateleira.

Jogou uma olhada ao Bradley, e teve uma ideia. Agarrou um par de calcinhas do Bri, e logo as meteu na mão do Bradley. Então tomou um dos sutiãs da Bri e o atou ao redor de sua cabeça como um gorro. Deixo tentar explicar isso pela manhã.

Ian apareceu na habitação. — Acredito que Teddy está um pouco decepcionado de estar sentado num carro em vez de uma espaçonave. — Olhou ao enfermeiro. — Isso é interessante.

— Eu gosto. — Toni reuniu o resto dos pertences da Bri. — Vamos?

Ian sorriu. — Nunca há um momento aborrecido contigo, Toni. — Ele a teletransportou para o parque de estacionamento.

Toni abriu a porta de passageiros do Jaguar e olhou dentro. Teddy estava esmagado no pequeno assento traseiro com a Sabrina. Ela apoiada contra ele, seus olhos cansados pela medicação.

— Bri, Carlos te vai levar a um hotel onde possa descansar, — disse-lhe Toni.

Bri piscou para ela. — Pensei que estava na cama. Como cheguei aqui?

— Vais estar bem, — insistiu Toni. — Só necessita um pouco de descanso. Irei verte amanhã.

— Não. — Bri lutou para sentar-se. — Não me deixe. — Seu rosto se enrugou. — Acredito que me estou voltando louca. Não sei como cheguei aqui.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toni fez uma careta. — Está bem. Irei com vocês. Só um minuto.

— Temos que nos apressar*, menina*, — advertiu-a Carlos.

Ian tocou seu ombro. — Tudo está bem. Vá com sua amiga. Pode-me chamar mais tarde, e me teletransportarei para te levar a casa.

Jogou-lhe os braços ao redor dele e o beijou. — Como posso agradecer isto?

Sua boca se torceu. — Já pensarei em algo. Vereei-te mais tarde. — Deu um passo atrás e desapareceu.

Toni subiu ao Jaguar. — Vamos.

— Estava beijando a esse homem, Toni? — Perguntou Sabrina.

— Claro que estava, — disse Teddy. — Os super-heróis sempre têm à garota.

Jedrek se sentou em seu escritório, estudando a foto do Roman Draganesti e sua família. Como pode um homem ser tão inteligente e estúpido ao mesmo tempo? Sua droga para manter-se acordado era fantástica. Mas o idiota tinha usado a droga para poder cuidar dos meninos? Se o idiota tivesse algum sentido comum, dar-lhe-ia a droga a seus valentões Highlander, e passariam o dia matando seus inimigos, que descansavam sem poder fazer nada durante o sono mortal.

Isso poderia acontecer. Jedrek tinha ordenado o dobro de guardas durante o dia. Mas tão duros como eram os meninos da máfia russa, não gostava de depender deles para a segurança.

O que precisava era essa maldita droga. Então poderia passar uns dias matando vampiros. Observando a da pilha de fotos, saboreando a ideia de os estacar a todos. MacKay e a sua esposa. Buchanan. MacPhie.

— Mestre? — Yuri entrou no escritório, seguido pelo Stanislav. — Queria nos ver?

— Temos que planejar nosso próximo movimento, — anunciou Jedrek.

— Terão seu baile de Natal amanhã de noite no Romatech, — sugeriu Stanislav.

Jedrek negou com a cabeça. — Muito perceptível. — Deteve sua mão na foto do vampiro negro.

— Recorda a este?

— Sim, — respondeu Stanislav. — Phineas, o traidor.

Jedrek arqueou uma sobrancelha. — Não o mataste ainda?

Stanislav tragou saliva. — Fá-lo-ei, Mestre.

— Verei que o faça. — Jedrek, entretanto, continuou virando as fotos. Deteve-se na jovem mortal com o cabelo loiro. Tinha a visto na noite anterior depois de que as bombas explodissem. Tinha corrido através do estacionamento, gritando o nome do MacPhie. O terreno estava cheio de feridos, mas tinha ido diretamente para o MacPhie.

— O que fazemos agora? — Perguntou Yuri.

Jedrek golpeou seu dedo sobre a foto da loira mortal. — Sei exatamente o que fazer.

Capítulo 19

Na terça-feira de noite, Toni entrou num salão de baile cheio de Santas. O baile já tinha começado, e vários Santas giravam ao redor da pista de dança, dançando com seus casais. Os disfarces das mulheres eram um pouco mais variados. Algumas estavam vestidas como a Sra. Claus, com saias largas, completas, aventais brancos, e chapéus com volantes brancos na parte superior de perucas chapeadas. Outras mulheres levavam trajes que recordavam aos trajes usados pelas Rockettes em seu Espetáculo de Natal.

Toni tinha uma opinião sobre o casal de Rockettes esculpidas como gelo, mais pareciam homens.

Dirigiu-se para a mesa com a comida real. Por isso sabia, só os mortais que sabiam a respeito dos vampiros tinham sido convidados ao baile. Os outros empregados mortais no Romatech tinham ido a uma festa para eles mais cedo pela tarde.

Percorreu a sala, em busca do Ian, mas todos os Santas pareciam iguais. Inclusive encheram as capas de seus casacos de veludo vermelho para lhes dar estômagos falsos. Sob seus chapéus vermelhos, luziam espessas perucas brancas e barbas. A única saída da norma eram uns poucos Santas levando espadas, no caso de que os Malcontents se apresentassem sem convite. Inclusive Toni tinha umas poucas estacas de madeira, algumas em seu cinturão.

Deu-se conta de que um Santa era diferente. Era perto de um pé mais baixo que os outros, e brincava com os botões negros de sua jaqueta. Esse tinha que ser Laszlo, o cientista que tinha ajudado na sala de operações e entregou uma bolsa de material misterioso à sala.

Na mesa de mortais, havia uma senhora Claus e uma menina que estavam tomando um aperitivo de queijo e fruta.

A mulher sorriu a Toni e lhe estendeu a mão. — Olá. Sou Heather Echarpe, e esta é minha filha, Bethany.

— Eu sou Toni. — Estreitou lhe as mãos e logo sorriu à menina. — Que formoso vestido.

— Meu novo papai o fez para mim. — A cara da Bethany se iluminou, e assinalou ao outro lado da habitação. — Olhe, mamãe. É Constantine. Posso ir vê-lo?

— É óbvio, carinho. — Heather olhou com carinho a Tino, que estava vestido como um Santa em miniatura sem a barba.

Bethany arrastou ao Constantine à pista de baile enquanto os adultos dançavam a valsa conseguindo evitar que corressem sobre eles. Tino e Bethany, chegaram ao centro da pista de baile, onde começaram a saltar e a rir.

Toni lançou uma uva em sua boca. — Assim deve ser a quem se casou com o famoso desenhista de moda.

— Sim. — Heather sorriu. — Jean-Luc está aqui em alguma parte. Perdido em muito Santas.

— Sim, não posso dizer quem é quem.

Heather mordeu um morango. — É o melhor, suponho. Isto confundiria totalmente a qualquer Malcontent que entrasse na festa. — Ela se aproximou mais da Toni. — Espero que não te importe, mas Shanna me falou de ti.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Ah, sim?

Heather sorriu. — Não se preocupe, que tudo foi bom. Só queria dizer que Ian é um grande tipo, e espero que isto funcione para vocês.

— Nós… nós não vamos sair nem nada. Sou guarda, por isso vai contra as regras que estejamos envoltos.

— Desde quando o amor segue as regras? — Heather baixou sua voz. — Ian estava no Texas, quando tomou a droga para fazer-se envelhecer. Estava com tanta dor, que quase me matou olhar. Roguei-lhe que se detivera, mas sabe o que disse?

— O que?

Os olhos da Heather se umedeceram. — Disse que toda a dor valia a pena se podia encontrar o verdadeiro amor.

O coração de Toni se apertou em seu peito. — Vou buscá-lo. Desculpe-me. — Ela começou a atravessar o salão de baile.

A banda trocou para uma canção moderna, e chamou-lhe a atenção um Santa na pista de baile. Gregori, pensou com um sorriso. Estava de volta a seu estado normal.

Tinha chegado um pouco tarde ao baile porque tinha passado muito tempo na sala chapeada, brigando com seu cabelo e maquiagem. Queria ficar bonita para o Ian.

Tinha tido uma longa noite, assegurando-se que Sabrina estava bem antes que Ian a tivesse teletransportado de volta para o Romatech. Estava tão cansada, que foi diretamente para a cama. Hoje tinha chamado para o hotel duas vezes. Carlos tinha dito que Bri esteve dormindo a maior parte do tempo, e Teddy estava vendo a televisão. Esperava ver a Bri amanhã, mas por agora, estava ansiosa por ver Ian.

Durante todo o dia, seu coração tinha estado ligeiro de alegria. Não podia esperar para vê-lo. Era uma lástima que não tivesse sido capaz de vestir-se um pouco mais sexy. Shanna tinha insistido em que usasse este traje específico.

Vagou para um grupo de Santas que estavam falando entre si. Fixaram-se nela e sorriram.

Rapidamente comprovou seus olhos. Não estava Ian. — Me desculpem. — Ela retrocedeu.

— Belíssima, não fuja. — Um Santa vampiro com brilhantes olhos marrons tomou a mão. — Permito-me me apresentar. Sou Giacomo dava Venezia. Por favor, me chame Jack, igual a fazem meus outros amigos que falam inglês.

— Sou Toni Davis.

Beijou-lhe a mão. — Belíssima, é o guarda que Connor contratou? Não me disse que era uma deusa. — Voltou-se para os outros homens. — É uma visão de beleza, não?

— Está-a envergonhando, Jack, — disse um segundo Santa com acento escocês. Estendeu-lhe a mão. — Bem-vinda ao MacKay Segurança e Investigação. Sou Robby MacKay.

Toni lhe deu a mão. — Está relacionado com o Angus?

— Sim, mas ele é muito, muito mais velho que eu, — disse Robby com um sorriso.

— Como o faz? — O terceiro vampiro no grupo sustentou sua mão. Seus olhos eram amendoados e seu acento era mais grosso. — Sou Zoltan Czakvar do Budapest.

— OH. — Ela sacudiu sua mão. — Sou Atila o Huno.

Os homens riram.

— Dançaria comigo, Atila? — Perguntou Zoltan.

— Talvez mais tarde. Estou… procurando a alguém neste momento.

— Ah.— Jack assentiu com a cabeça. — *Amore.* Temo que seu coração já esteja ocupado, Zoltan.

Zoltan fez uma reverência. — Então esperemos que ele seja digno de ti.

— Está bem. — Toni sorriu enquanto deixava aos três homens. Havia algo definitivamente atrativo nos homens vampiros.

Vagou por outro grupo de homens, mas nenhum lhe resultava familiar. Então viu alguém que era fácil de reconhecer. Era o único Santa negro na habitação. Estava bebendo sangue de uma taça de vinho, junto com outro Santa.

— Phineas. — Ela levantou uma mão.

— Olá, doçura. — Deu-lhe um grande cinco e um golpe de nódulo. — O que acontece?

Reconheceu ao segundo Santa como Dougal. — Olá, Dougal. Viram ao Ian em alguma parte? Não posso encontrá-lo.

— A última vez que o vi, — disse Dougal, — estava na mesa dos refrigerantes, com uma *Bleer*.

Phineas olhou o traje da Toni. — Garota, o que se supõe que é? Vê-te como o pequeno Gigante Verde Feliz.

Toni apertou os dentes. — Sou um elfo.

Dougal pôs-se a rir. — Faz bem de duende.

— Obrigada, — murmurou Toni.

Phineas bufou. — Então, vive numa árvore e assa bolachas? O que tem para mim em seu forno?

— Ele piscou os olhos.

Deu-lhe um tapa no braço. — Enviarei ao Gigante Verde Feliz sobre ti.

Ela partiu, sentindo-se ainda mais ridícula em seu traje. Tinha uma pluma vermelha em seu tolo chapéu verde, e cascavéis em suas sapatilhas verdes que faziam ruído com cada passo. Se alguém mais se burlava de seu vestuário, poderia ter que estacá-lo no esquecimento.

Rodeou a pista de baile. A música mudara para um baile lento e moderno. Viu a Heather dançando com um Santa, provavelmente seu marido, Jean-Luc. E Shanna estava dançando com outro Santa, provavelmente Roman. À medida que se aproximava da mesa de refrigerantes de vampiros, viu as duas questionáveis damas Rockette falando com outro Santa.

Uma delas pressionou uma mão contra o peito do Santa. Suas unhas estavam pintadas de um vermelho brilhante. — OH meu Deus, te olhe! Está todo crescido!

Toni fez uma careta. A voz da Rockette era definitivamente masculina.

— Nosso pequeno doce, — disse o segundo Rockette varão. — Todo crescido e tão bonito. — Ele ondeou uma mão diante de sua cara. — Parece-me que vou chorar.

— Não te atreva, Tootsie, — advertiu a primeira Rockette. — Se começar a chorar, perder-me-ei por completo, e odeio que me corra à máscara. Não, Ian?

— Não saberia, — grunhiu ele. Viu a Toni, e o alívio alagou seu rosto. — Toni, estive-te procurando.

— OH Deus! — O Rockette chamado Tootsie olhou a Toni — Nosso pequeno Ian encontrou noiva?

Ian puxou-a para seu lado. — Toni, deixe te apresentar ao Tootsie e Scarlett. Eles se teletransportaram aqui desde Nova Orleans.

Toni sorriu cortesmente. — Como estão?

Scarlett levou a mão a seu peito. — OH, Meu deus, não é a coisa mais bonita?

Os lábios pintados de vermelho do Tootsie tremiam. — São tão bonitos juntos. Eu… eu não posso evitá-lo. Vou chorar!

Scarlett soprou. — Bom, não me faça começar.

Ian retrocedeu, arrastando a Toni com ele. — Nos desculpem, mas prometi a Toni que dançaria com ela.

Scarlett suspirou. — Isso é tão doce.

— E romântico. — Tootsie secou os olhos com um lenço de encaixe.

Ian levou a Toni mais longe.

Ela olhou para trás, e os dois homens Rockettes ainda os estavam olhando com lágrimas nos olhos. — Parece-se muito a ti.

— São muito amigáveis. — Ian pôs suas mãos ao redor de sua cintura. — Obrigado por me resgatar.

Ela apoiou suas mãos sobre seus ombros e emparelhou seus passos enquanto ele se balançava de um lado a outro. — Onde os conheceu?

— Em Nova Orleans, faz uns poucos anos. Estava fazendo uma investigação para um vampiro com amnésia.

— Sério? Averiguou quem era?

Ian assentiu com a cabeça. — Era um vaqueiro com um bebê secreto.

Toni pôs-se a rir.

— Digo-o a sério. — Ian sorriu e isto fez que sua barba branca se contraíra. — E o que se supõe que é?

— Um elfo, e não te atreva a te burlar de mim.

— Está brincando? Suas meias vermelhas me estão voltando louco.

Ela chocou contra seu falso ventre que sobressaía por cima de seu cinturão. — Isso daí é o cheio, ou está feliz de ver-me?

Sua barba tremeu de novo. — E que é isto? — Tocou as estacas de madeira em seu cinturão. — Está tentando as utilizar contra mim?

— Talvez. Se Santa não me der o que quero para o Natal.

— E o que quer?

Quase disse: *Você*, mas duvidou. — É um segredo.

— Outro segredo? — Seus olhos azuis brilhavam. — Vais dizer-me seu nome completo?

Ela se encolheu de ombros. — Talvez nunca.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Mas preciso sabê-lo. Estou fazendo uma lista. E a verifiquei duas vezes.

Ela riu.

— Me diga, Toni. — Atraiu-a mais perto. — Foste má ou boa?

Uma sensação de calor se estendeu através dela. Queria a este homem, muito. Ela curvou suas mãos ao redor da parte de trás de seu pescoço. Ele apertou seu agarre sobre ela.

Olhou-o nos olhos, e de repente sentiu o calor subir uns poucos graus. — Pode ser divertido ser um pouco travessa.

Uma tintura vermelha queimou os olhos dele. — Poderíamos ir a um lugar privado. Ninguém se daria conta que tem um Santa a menos na habitação.

Toni lambeu os lábios. O pensamento de lhe arrancar a barba para lhe dar um beijo era muito emocionante. — Seus olhos se estão pondo vermelhos.

— Seu coração está batendo mais rápido. — Ele se aproximou, com sua barba branca lhe fazendo cócegas na bochecha. — Eu gostaria de baixar essas meias vermelhas por suas pernas.

— Eu poderia te deixar, — brincou ela. — Se me der o que necessito.

Seus olhos brilharam um vermelho mais escuro. — Carinho, tenho o que necessita.

Ela sorriu. — O que preciso é algumas respostas. Tenho algumas perguntas para ti.

— Minha cor favorita é o verde. Como seus olhos.

— Não essa pergunta. — Ela deslizou suas mãos pelo peito. — Poderia fazer que valesse a pena sua espera. Se você responder, me... Tiro algo.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Agora isso é ser travesso.

— É óbvio tem que estar de acordo com os mesmos términos. Se eu responder a uma de suas perguntas, tem que despir algo.

— De acordo. — Olhou ao redor da sala. — Vamos sair separados. Vemo-nos no vestíbulo em três minutos.

Ele se afastou, deixando-a só na pista de dança.

Perambulou de novo à mesa de bebidas para os mortais com seu coração mortal golpeando em seus ouvidos.

Bom Deus, o que tinha acabado de aceitar? Queria algumas respostas, mas despir-se por elas era provável que se saísse das mãos.

Bom. Sorriu para si mesma. Queria-o. Ele a queria. Não podia negar esse brilho vermelho em seus olhos.

Ela respirou profundamente várias vezes para acalmar-se, e logo bebeu um pouco de ponche. Pela extremidade do olho, viu um Santa Claus saindo do salão de baile. Posou sua taça, e logo se encaminhou para a saída. Vagou pelo corredor em direção à capela. Onde estava?

Uma porta à direita se entreabriu e um braço numa manga de veludo vermelho, aproximou-se e a agarrou. Ela ofegou, e logo se pôs a rir enquanto o Santa Claus a transportava a um quarto escuro. Ele fechou a porta e a sujeitou contra esta.

— Mais vale que seja Ian.

— Sim.

— Ele acariciou seu pescoço.

— Tire essa barba. Quero te beijar.

Riu entre dentes. — É uma garota exigente. — Bloqueou a porta, e logo a levou a habitação.

Era uma sala de conferências, notou ela, com uma larga mesa rodeada por uma dúzia de cadeiras. Ian tinha deixado as luzes apagadas, por isso a única luz vinha do sinal de saída de cor vermelha sobre a porta e as luzes do estacionamento fora da grande placa de vidro da janela.

— Está nevando. — Ela perambulava junto à mesa. — Deveríamos fechar as persianas?

— É um vidro de uma só vista. — Ele se sentou numa cadeira a meio da mesa. — Assim que qual é seu nome completo, Toni?

— Isso outra vez? Realmente importa?

— Só tenho curiosidade porque não me diz isso.

— Ok, ok. — Ela se sentou na mesa junto a ele e apoiou um pé sobre o braço de sua cadeira.

— Mas isso valerá dois objetos de roupa.

Ele envolveu uma mão ao redor de seu tornozelo. — Está bem.

Ela se tornou para trás, apoiando seu peso sobre suas mãos. — Só sei o que minha avó me disse, por isso meu conhecimento dos fatos é um pouco limitado. Ao parecer, minha mãe tinha um desejo de casar-se com um piloto de corridas quando tinha dezessete anos. Foi ao Daytona 500 milhas para encontrar um condutor e saltou sobre um tipo numa garagem. Ela esteve um pouco molesta ao descobrir depois que ele não era mais que um mecânico, e ainda mais molesta quando descobriu que estava grávida.

Ian negou com a cabeça. — Sua mãe segue me confundindo.

— Suponho que necessitava um aviso, nunca voltar a cometer um engano tão estúpido de novo, porque me pôs o nome da pista onde fui concebida.

— Teu nome é Daytona 500?

— Não. — Ela o olhou. — Só Daytona. Não é isso bastante humilhante? Por favor, não o diga a ninguém.

Sua barba branca se moveu. — Daytona Davis. Eu gosto.

— Daytona Lynn, em realidade. É uma coisa do Sul. Agora te dispa Santa. Duas peças.

Ele tirou a boina vermelha da Santa com a peruca pega. — Essa é uma. — Tirou a barba. — E essa são dois. — Atirou-as sobre a mesa. — Seu turno.

— Qual é o segredo do Santa Claus? E que estão escondendo todos detrás da porta fechada da creche?

Ele rodeou com os dedos seu tornozelo de novo. — Essas são duas perguntas.

— Mas estão relacionadas, não é certo?

— Ai, agora são três.

Ela o golpeou com o pé, e o sino em sua sapatilha tilintou. — Só responde a pergunta.

Ele sorriu. — Roman começou o Pacto do Santa Secreto no ano 1950 quando se converteu em Mestre do Aquelarre. Temos alguns vampiros em todo o país que trabalham no turno de noite, classificando o correio do escritório postal. Cada ano recolhem as cartas dirigidas a Santa Claus, e nós recolhemos brinquedos. Logo, na véspera de Natal, alguns vampiros vestidos como Santa entregam os bens, incluindo lugares como casas de acolhida e refúgios para mulheres.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toni se sentou em silêncio durante um tempo, absorvendo esta última notícia. Que mais prova necessitava de que estes vampiros eram amáveis e nobres? — Isso é tão impressionante.

— Obrigado. — Ele pôs seus pés em seu regaço e tirou uma das sapatilhas verdes. — Desfrutamos um pouco. — Tirou a segunda sapatilha. Soaram quando as jogou sobre a mesa.

— Quer dizer que é um dos Santas?

— Sim. Estive-o fazendo desde que vim trabalhar aqui em 1955. — Deslizou um de suas esponjosas meias vermelhas fora. — Há centenas de nós agora. — Ele tirou sua outra meia.

— O que está fazendo?

— Respondi a suas perguntas. — Lançou as meias na mesa. — Duas perguntas.

— Mas tiraste quatro peças.

— Não. Meias e sapatos vêm em pares. — Envolveu suas mãos ao redor de um de seus pés e começou a massageá-lo.

Como podia discutir quando se sentia tão bem? — Está bem. Faz a seguinte pergunta.

Ficou ali sentado, em silêncio lhe esfregando os pés enquanto pensava. — Quer meninos?

Isso a surpreendeu. — Sim.

Tirou seu cinturão e a espada e os deslizou pela mesa para o montão de roupa.

— Isso é tudo? — Perguntou ela. — Um pobre cinturão?

— Essa foi uma pergunta fácil para ti.

— Você quer meninos? — Ela sabia que a resposta não seria fácil para ele. Que nunca poderia ter filhos se se casava com um vampiro.

— Se alguma vez tiver filhos, considerar-me-ia enormemente abençoado.

— Isso é um pouco evasivo. Mas mesmo assim agradável. — Ela desatou sua correia de couro marrom, e suas estacas de madeira ressonaram sobre a mesa.

Ele se levantou e empurrou as estacas através da mesa, de maneira que se desabaram no chão.

— Um pouco sensível a elas, não?

— Sim. — Ele arrancou a boina com plumas da cabeça dela e a jogou sobre o montão de roupa.

— O que está fazendo?

— Você fez uma pergunta, e eu respondi. De fato, respondi outra. — Ele puxou os cordões da túnica verde de duende.

— Deixa de fazer isso. — Lhe deu um tapa na mão. — Essas perguntas não contam. Essa foi uma conversação normal. Agora faz uma pergunta oficial, por favor.

— Muito bem. — Recostou-se em sua cadeira e a estudou. — O que é o que mais deseja na vida?

— Essa é uma grande. Terá que tirar cinco peças de roupa por essa resposta.

— Quatro.

— Muito bem, quatro. Mas eu escolho quais.

Ele sorriu. — De acordo.

O que era o que mais queria? — Cada manhã, começo meu dia com quatro afirmações.

Acredito que posso dizer que são o que mais quero na vida. Ou no que mais quero acreditar. A primeira é que mereço ser feliz.

— Sim, merece-o.

Ela se deslizou fora da mesa. — Dê-me suas botas. — As arrancou e sorriu a suas meias de argyle. Tão escocês.

— Sua segunda afirmação? — Perguntou-lhe.

— Cumprirei minhas metas.

Ele assentiu com a cabeça. — Tem metas dignas.

Ela desabotoou sua jaqueta de veludo vermelho. — Tire isso Santa.

Atirou a jaqueta sobre a mesa, junto com o pequeno travesseiro que tinha disfarçado como um ventre. — Segue.

— O número três é que obterei algo significativo com minha vida.

— Isso é importante. É por isso que luto contra os Malcontents. — Ficou de pé quando ela puxou sua camiseta branca.

Passou-a sobre a sua cabeça e a jogou para o lado.

Ela olhou seu peito nu. O cabelo negro e encaracolado, os fortes peitorais, os abdominais. Suas calças de veludo vermelho estavam atadas em seus quadris por um cordão branco. Ela tomou o extremo do cordão de cor branca em seus dedos e o puxou brandamente.

— E a quarta afirmação?

Ela olhou sua cara. — Sempre foi a mais difícil para mim de acreditar. — E a mais difícil de confessar. Seus olhos picaram com lágrimas. — Sou digna de ser amada.

— Moça. — Ele alisou seu cabelo. — Nunca conheci a ninguém mais digno de ser amado que você.

— Ian. — Ela tocou seu rosto. — Isso é o que penso de ti.

Ele a tomou em seus braços e a beijou. Devolveu-lhe o beijo com toda a paixão que tinha crescido dentro dela durante dias. Inclinou sua boca sobre a dela e a invadiu com sua língua. Seus joelhos se debilitaram.

Havia tal fome em seu beijo. Este a fazia se sentir desesperada. Febril.

Ela revolveu suas mãos por suas lisas e nuas costas. — Quero-te.

— Tem-me. — Ele apertou sua túnica verde de duende em seus punhos e puxou-a para cima sobre sua cabeça. Sua camiseta vermelha de manga larga a seguiu pouco depois. Antes que pudesse baixar os braços, ele tinha seu sutiã desabotoado.

— É muito rápido.

— Sim. — Lançou seu sutiã para a um lado. — Como você, intento obter minhas metas. — Acariciou um de seus peitos.

Seus mamilos se endureceram sob o olhar de seus olhos vermelhos e brilhantes. Apertou as coxas.

— Qual é sua meta?

— Te fazer gemer. — Ele esfregou seu polegar sobre o mamilo apertado, e ela gemeu. — Te fazer estremecer e gritar. — Inclinou-se para tomar seu mamilo na boca. Chupou-o, fazendo

cócegas com sua língua, e logo atirou brandamente.

Ela estremeceu e se tornou para trás em seus braços.

— Quero me dar um festim contigo. — Ele deu atenção ao outro peito.

Através de uma bruma de prazer sensual, recordou a palavra festim. Ele estava atormentando o mamilo com sua língua. Eram suas presas o seguinte? — Quer me morder?

Ele levantou a cabeça e lhe dirigiu um olhar de advertência. — Não estou fazendo isto por comida.

— Mas disse festim.

Sua boca se torceu. — Estava-me referindo ao sexo oral. Tem alguma objeção a me deixar te beijar e te chupar?

Ela tragou saliva. — Não, isso estaria bem.

Ele deslizou seus dedos por debaixo da cintura de suas meias vermelhas e pouco a pouco as puxou para baixo. — E não será tímida a respeito de conseguir todo o suco quando te vier em minha cara?

— Não, — chiou ela.

Ele sorriu enquanto suas mãos se curvavam sobre seu traseiro nu, arrastando suas meias mais abaixo. — Moça travessa, não está usando roupa interior.

— Isso o aprendi contigo. — Passou as mãos sobre seus bíceps, e logo sobre seus ombros e em seu peito. — É o homem mais belo.

Ele soprou. Com as meias enroladas na metade de suas coxas, agarrou-a pela cintura e a pôs sobre a mesa. Então agarrou suas meias e terminou de arrastá-las por suas pernas.

— estive desejando tocar suas pernas durante dias. — Ele as levantou e apoiou seus tornozelos sobre seus ombros. — Tão longas e douradas, banhadas pelo sol. — Deslizou suas mãos pelas coxas e voltou à cabeça para beijar sua panturrilha.

Toni se revolveu sobre seu traseiro nu, voltando-se mais consciente da lenta e palpitante necessidade, entre suas pernas. Ele se moveu para frente, cada vez mais perto de seu núcleo, beijando o interior de seu joelho, a coxa.

O resplendor vermelho de seus olhos na escuridão enviou um estremecimento através dela. Deus, queria-o.

— Por favor. — Ela caiu de novo sobre a mesa. Passou os pés pela parte traseira de seu pescoço para atirá-lo mais perto.

Ele acariciou com seus dedos o seu ventre, e ela estremeceu. — Por todos os Santos, posso cheirar seu aroma. É tão doce. Não posso resistir, tenho que te provar.

Suas palavras golpearam uma necessidade primitiva dentro dela, pondo-a ainda mais úmida. E pronta. Abriu as coxas para ele.

Seus olhos ardiam vermelhos. Ele arrastou seus dedos em seus cachos, e logo se inclinou para a frente. — Quero ver sua cara quando te tocar pela primeira vez.

Ela se centrou em seus olhos vermelhos, ficou boquiaberta quando seus dedos se deslizaram entre suas pernas. Estremeceu enquanto a acariciava com suavidade, facilitando seu caminho entre suas dobras sensíveis. Viu um brilho de dentes brancos enquanto ele sorria.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Está tão molhada. — Ele inseriu um dedo dentro dela. — E tão quente.

— Sim. — Ela se empurrou contra ele.

— Oh, pobre moça. — Ele moveu seu dedo dentro dela. — Está em extrema necessidade de atenção. — Com sua outra mão, apertou seu clitóris.

Chiou. Ele se apertou contra ela, e ela empurrou.

Cravou as unhas na mesa. — Por favor, rápido.

Tirou seu dedo. — Vamos ir mais lentamente à próxima vez. — Sentou-se numa cadeira e a puxou até a mesa.

Enquanto isso, ele cavou seu traseiro e a atirou para sua cara.

— Isto, carinho, é o que quero dizer com um festim. — Ele se equilibrou sobre ela, arrastando sua língua sobre sua pele congestionada, investigando, provando, lambendo.

Toni se revolveu, e ele a sustentou. Ofegou, fechando os olhos enquanto toda a sensação se centrava em sua pele quente e sua gloriosa boca. Fez-lhe cócegas no clitóris, logo o chupou brandamente. Ela gritou. Suas pernas tensas. Sua língua revoava.

Ela gritou. Um tremor delicioso de tirar fôlego caiu sobre ela, aumentou para cair novamente e novamente.

— Oh, Toni. — Ele ficou de pé e tirou o cordão de suas calças de veludo vermelho. — Estou morrendo por ti.

Deteve-se de repente, inclinando a cabeça e franzindo o cenho.

— O que é? — Ela lutou por sentar-se. Seu corpo era um montão de derretidas terminações nervosas esgotadas.

— Sangrento inferno, — murmurou ele. — O alarme se disparou.

Capítulo 20

Ian amaldiçoou outra vez quando vestiu seu casaco do Santa. Com a velocidade vampiro, abotoou-o e colocou suas botas.

Que horrível tempo sangrento. Teria tentado deixar o Connor ou o Angus tratar disto, mas o alarme tinha sido disparado sendo uma chamada de emergência psíquica pedindo ajuda, feita pelo Phineas. Ian tinha ensinado ao jovem Vampiro como praticar. Tinha que estar ali pelo Phineas, sem importar o quanto quisesse Toni. E Deus, queria-a.

Ela estava inclinada para vestir suas meias vermelhas. Seu comprido cabelo loiro caía para diante, parcialmente escondendo sua cara ruborizada. Endireitou-se, apartando o cabelo quando moveu as meias sobre seus quadris. Por todos os Santos, nunca se tinha dado conta de que vestir roupa pudesse ser tão sexy.

— Sangrento inferno, — sussurrou ele.

— O que acontece? — Levantou o sutiã do chão.

— Você. Isso é descaradamente doloroso. Sou uma rocha dura e a ponto de explodir. —

Apertou o cinturão sobre sua espada.

Ela parou com seu sutiã meio posto. — Referia-me ao ataque.

Ele olhou para a janela olhando mais à frente do estacionamento. Ainda estava nevando, assim que a visibilidade era má. — Posso ouvir lá fora. Phineas deve ter estado fazendo as rondas.

Colocou sua barba, a peruca, e o chapéu. — Fique aqui. Voltarei logo que seja possível.

— Mas deveria ajudar. É meu trabalho. — Ela vestiu sua camiseta vermelha.

— Fique aqui, — repetiu ele. — Há muitos Vampiros para lutar.

— Não pensa que seja o bastante forte para lutar contra um Malcontent, verdade?

— Honestamente, preferiria não averiguá-lo. — Teletransportou-se para o estacionamento e viu os rastros na neve onde os outros Vampiros tinham cruzado o pavimento para o bosque. Ouviu o choque de espadas na distância. Tirando sua própria espada, saiu zumbindo para o ruído.

Quando entrou no bosque, a neve caía mais ligeira como se os flocos de neve estivessem apanhados pelo dossel sobre a cabeça. Visualizou uma dúzia de trajes da Santa num claro. Estavam ainda ali, cada um tinha um ligeiro pó de neve em seu chapéu e ombros. Muitos dos Santas tinham formado um círculo ao redor de um par ocupados num duelo. Phineas e um Malcontent, vestido de negro. Rodeavam-se mutuamente, devagar.

Mais dois Santas tinham a um segundo Malcontent preso contra uma árvore com suas espadas suspensas para golpear seu coração.

Ian se uniu ao círculo dos Santas. — O que ocorre? — Sussurrou ao homem a sua direita.

— Phineas estava fazendo sua ronda no bosque aqui, — respondeu o Santa, e Ian reconheceu a voz do Robby MacKay. — Dois Malcontents atacaram-no, ele pediu ajuda. Fizemos soar o alarme e viemos correndo.

As espadas soaram quando o Malcontent atacou Phineas. Ele rechaçou o ataque e forçou ao Malcontent a retirar-se.

— Capturamos a esse. — Robby assentiu para o segundo Malcontent preso contra a árvore. — O outro desafiou ao Phineas a um duelo, e ele aceitou.

Ian observou o duelo cuidadosamente, avaliando cada uma de suas habilidades. Pareciam uniformemente igualados, embora detectou mais desespero do russo.

— Deixa-o ir, Stanislav! — Gritou o Malcontent capturado. — Sai daqui!

— No segundo que veja seu corpo começar a teletransportar-se, apunhalarei seu coração, — ameaçou um de seus captores. Ian reconheceu seu acento francês. Jean-Luc Echarpe.

— Que diabos, — grunhiu o segundo captor. Era Angus. — Trespassa ao bastardo e acabemos.

— Estou desarmado! — Gritou o cativo.

— Estava armado faz dois minutos antes que atirasse sua espada, — discutiu Angus. —Olhe, Yuri. Você, não precisa parecer surpreso. Sei quem é. Isto é uma simples questão de ser eficiente. Se não o matamos agora, voltará, e teremos que fazê-lo depois. Assim eu digo que o matemos agora. Isso economizará a todos muito tempo.

Jean-Luc riu. — Esperas que ele esteja de acordo contigo?

— Se for tão bom e nobre como reclama ser, — disse Yuri, — então nunca matará a um

homem desarmado.

— Aye, odeio quando dizem isso, — grunhiu Angus.

Jean-Luc pressionou a ponta de sua espada contra a garganta do Yuri. — Não seja covarde, Yuri. Levanta sua arma, e terminemos com isto como homens.

— Agora o está assustando, — disse Angus. — Acredito que molhou suas calças.

— Não o fiz! — Protestou Yuri. — Stanislav, irei sem ti.

Stanislav estava ocupado com o Phineas. Ambos os homens se relaxavam lentamente para suas direitas, suas pernas dobradas, suas espadas preparadas.

— Stan homem, vais cair, — Phineas falou brandamente. — Por que está fazendo isto? Sempre pensei que era decente. Foi o único russo com o que podia falar.

— Enganou-me duplamente, bastardo. — Stanislav deslizou na neve e rapidamente se endireitou. — Enganou-me para que te dissesse onde estava Katya.

— Ela é uma puta, Stan. Ainda não te deste conta que está no lado equivocado? É um dos tipos maus.

— Traidor! — Stanislav atacou para frente, balançando sua espada grosseiramente.

Phineas bloqueou cada movimento, e Stanislav caiu para trás, respirando pesadamente.

Phineas rodeou-o. — Não vais sobreviver a isto, Stan.

— Vai-te! — Gritou Yuri.

— Não posso! — Stanislav limpou o suor de sua sobrancelha. — Jedrek me matará se não mato ao Phineas.

— Está na merda até ao pescoço. — Phineas avançou, e com uma confiança perita, enviou a espada do Stan voando de sua mão.

Stanislav retrocedeu.

Phineas roçou a ponta de sua espada sobre o peito do Stanislav. — Da maneira em que o vejo, tem três opções. Pode ser assassinado por mim, assassinado pelo Jedrek, ou pode te unir a nosso lado.

— Agora espera um minuto. — Angus caminhou para eles. — Seriamente duvido de que possamos confiar neste bastardo.

Stanislav desapareceu. Ian se girou nesse momento para ver o Yuri teletransportar-se, também.

— *Merde,* — murmurou Jean-Luc.

Angus suspirou. — Ah bom. — Deu um tapinha ao Phineas nas costas. — Fê-lo bem, moço.

Phineas embainhou sua espada. — Deveria tê-lo matado quando tive a oportunidade. Eu só...

— Não queria fazê-lo? — Perguntou Angus. — Isso é o que te faz um dos nossos, moço. Matamos quando temos que fazê-lo, mas não com gosto.

— Mas ele voltará, — disse Phineas.

Angus descansou um braço ao redor de seu ombro. — Sempre há vampiros maus que querem matar. Vivi perto de quinhentos anos, e isso nunca mudou. Uma coisa que o tempo me ensinou é que não há necessidade de ter pressa para matar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sim, isso é certo. — Connor falou do círculo. — Matas a um, e dois mais se mostram na noite seguinte.

— Estou-me congelando aqui fora, — observou Roman. — Voltemos para a festa.

Os Santas voltaram caminhando para o estacionamento. Ian embainhou sua espada.

Robby se inclinou para ele e sussurrou, — será melhor que lave seu aroma antes que Connor ou Angus apanhem seu cheiro. — Caminhou para unir-se aos outros Santa.

Ian estremeceu. Esperou que todos os Santas tivessem entrado no Romatech, logo passou voando à sala chapeada. Com a velocidade de vampiro, tomaria banho e se voltaria a vestir.

Correu para as escadas. Quando ouviu um replique detrás dele, olhou para trás. O elevador abriu suas portas, e Toni saiu.

— Toni. — Caminhou para ela. Tanto como fez ela quando perguntou e ficou na sala de reuniões.

Ela girou ao redor. — Ian. O que está fazendo aqui embaixo? Pensava que estava com o Phineas.

— Estava-o, mas... O que está fazendo aqui embaixo?

Ela baixou sua voz. — Estava no vestíbulo, averiguando o que ocorria fora, quando Emma MacKay me sussurrou que devia me retirar. Ela é um dos grandes chefes, assim não discuti, mas tenho a impressão de que sabia o que tínhamos estado fazendo...

— Os Vampiros têm um sentido do olfato muito bom. Recebi um aviso similar.

Ela caminhou mais perto. — Eles podem cheirar que nós... Sabe?

— Sei muito bem. Infelizmente, uns poucos o notaram, também.

— Que vergonha, — murmurou ela. — Não podemos ter um pouco de privacidade aqui?

Ian sorriu. — Está ansiosa de saltar para a cama comigo?

— Tranquilo. — Ela olhou ao redor do corredor. — Não quero me colocar em problemas. E não quero me entusiasmar. Seguro que não quero perder minha memória, não depois... Já sabe.

— Estás te referindo, quando te vieste sobre a minha cara?

Ela estremeceu. — Não deveríamos falar disso. — Ela olhou ao redor do corredor outra vez.

— Estamos sozinhos, coração.

Ela observou o teto. — Mas há câmeras de segurança em todas partes.

— Sim. Por isso não te tomei em meus braços. — Ele dobrou seus braços sobre seu peito. — Tomei uma ducha fria, e não ajudou.

— OH, Ian. — Ela suspirou. — Não sei onde podemos ir. Todos os dormitórios aqui têm câmeras.

— Averiguarei algo. Será mais fácil uma vez que Connor leve Roman ao esconderijo. E Jean-Luc tem uma casa no Texas, assim muitos dos convidados se teletransportaram esta noite.

— Isso é bom. —Toni bocejou.

— Está cansada. Vai para a cama, coração. — Quando a observou entrar na sala chapeada, soube que nunca poderia deixá-la. Não estava seguro de como podia entrar em seus planos, fazer um orfanato e uma escola. Mas sabia que a amava o suficiente, não a deixaria sacrificar seus sonhos. De algum jeito os faria funcionar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Connor não se atreveria a lhe apagar a memória se ela estava prometida com ele. Esse era um grande passo, mas não causava nenhum sinal de alarme brilhando em seu interior. Simplesmente se sentia bem. E excitante.

Na manhã seguinte, Toni chamou a Carlos para ver como Sabrina estava progredindo.

— Está completamente consciente agora, — informou Carlos. — E cheia de perguntas. Quer saber por que não pode ir para casa. E como fez para tirá-la do hospital. Pedi ao Teddy que ficasse até que tivesse a oportunidade de falar com ela, mas segue atirando suas insinuações sobre os super-heróis.

— Diz-lhe que explicarei tudo esta tarde quando sair de trabalhar, — disse Tony. — Ou o tentarei.

— Há outro problema, — continuou Carlos. — As estações locais têm exposto a foto da Bri nos telejornais. Dizem que foi sequestrada. Não me importa levá-la a alguma parte que não possa ser reconhecida.

Toni estremeceu. Não podiam ficar escondidos no hotel para sempre.

— Pensava que podíamos nos reunir nesse clube noturno vampiro, — sugeriu Carlos.

— O *Horny Devils*? Por quê?

— É um lugar genial para esconder-se. Nenhum mortal procurará ali. E duvido que nenhum Vampiro chame à polícia para informar sobre ela. Também é um lugar realmente bom para convencer a Bri de que os Vampiros são reais.

— Não sei. — Toni franziu o cenho. — Poderia assustá-la como o inferno.

— Os Vampiros machos são stripper. Parecem inofensivos. — Carlos baixou sua voz. — Bri ainda acredita que está alucinando. Temos que lhe dar provas de que tem razão, ou acabará de volta num hospital mental.

— Ok, ok. Pedirei a Ian que me leve lá esta noite. Reuniremos às cinco e meia. — Ela desligou.

Cedo essa tarde a UPS deixou uma pequena caixa azul para ela de Tiffany'S. Com seu coração acelerado, Toni tirou o dourado pendente em forma de coração num fio de ouro. Vinha com uma nota — *Todo meu amor, Ian.*

Amava-a. Ela dificilmente pôde concentrar-se em algo durante o resto do dia. Não queria que Howard soubesse que tinha recebido um presente do Ian, assim deslizou o coração debaixo do polo e o deixou entre seus peitos.

Quando o sol se ocultou, correu para a sala chapeada para trocar de roupa. — Obrigada, obrigada! — Sorriu para o Ian quando correu ao quarto de banho para trocar-se.

— Precisamos ir ao *Horny Devils*, — disse-lhe ela. Ele estava na cozinha bebendo seu café da manhã. — Nos reuniremos com o Carlos, Bri, e Teddy ali.

— Vão ao *Horny Devils*? — Perguntou. — Por quê?

— Para que possamos convencer ao Bri de que não tem alucinações. — Vestiu um par de calças e uma suéter verde, logo abriu a porta. — Pode teletransportar-me ali?

— Sim. — Ele tirou seu móvel de sua bolsa de pele. — Deixa avisar a Vanda. E precisarei

dizer ao Howard que estaremos fora um momento.

Cinco minutos depois, Toni chegou com o Ian ao beco fora do *Horny Devils*.

Carlos já estava ali com a Bri e Teddy. Ele notou ao gorila. — Esse tipo não nos deixará passar.

Bri jogou um olhar suspeito ao Ian. — Por que estamos aqui? Queria ir a casa.

— Não podemos ir ao apartamento, Bri. — Disse Toni. — Seu tio te buscaria ali. Precisamos te esconder aqui um momento.

Bri lançou um olhar nervoso para o enorme gorila. — O que é este lugar?

— Certamente que é sua Bat-cova secreta! — Exclamou Teddy.

— É mais que um clube noturno, — explicou Toni. — Vanda nos está esperando, certo?

— Sim, — respondeu Ian. — Ela esteve de acordo em te deixar escondê-la na habitação VIP. Inclusive tem um pouco de comida mortal lá.

— Mortal? — Sussurrou Bri.

— Sabia! — Teddy se inclinou para ela. — Ele é de outro planeta. É por isso que tem super poderes aqui.

— Não sou um super-herói, — grunhiu Ian.

— É óbvio que o é! — Insistiu Teddy. —Tem super poderes, homem. E serei seu parceiro.

— Ian, temos que lhes dizer a verdade, — disse Tony.

Ele franziu o cenho. — Está segura de que podem dirigi-lo?

— Sabrina merece saber que teve razão todo o tempo. — Carlos olhou a Sabrina. — *Menina*, nunca alucinaste.

Bri sacudiu sua cabeça. — Não, estava equivocada. Os vampiros não são reais.

Ian olhou ao Carlos. — Você sabe a verdade então? — Deu a Tony um olhar decepcionado. — Supõe-se que não devia dizer a ninguém.

— Carlos precisava saber o que se estava passando, — disse Tony. — E, além disso, sabe como guardar um segredo.

Ian considerou o Carlos curiosamente. — Sim, seguro que o faz.

Carlos intercambiou um rápido olhar com o Ian antes de girar-se de volta a Sabrina. — *Menina*, recorda como foi atacada por alguns vampiros viciosos?

Ela sacudiu sua cabeça. — Estava equivocada.

— Pediu-me que fosse a Central Park para encontrá-los, — disse Tony. — Esses vampiros saltaram sobre mim.

Bri ofegou. — Não!

— Sim. Fui atacada. E poderia ter morrido se um tipo com uma espada não tivesse vindo e me tivesse salvado.

— Tinha superpoderes? — Perguntou Teddy.

— Sim, — replicou Toni. — Estacou a um dos atacantes, e o converteu em pó. Os outros dois desapareceram. Então o tipo com a espada me teletransportou ao Romatech.

— Isso é outro planeta? — Perguntou Teddy.

Ian grunhiu.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toni sorriu. — É as Indústrias Romatech. Manufaturam sangue sintético. Connor, o tipo que me salvou, disse-me que era um vampiro bom.

— Ohhhh, — disse Teddy. — Um vampiro bom?

Bri sacudiu sua cabeça. —Não há coisa semelhante.

— Sim, há-a, — insistiu Tony. — Os mortais podem ser bons ou maus, os vampiros podem ser bons ou maus. — Moveu-se para o Ian. — Ele é um vampiro bom.

Bri retrocedeu, um olhar de horror em sua cara. — Ele é um deles? Morde as pessoas?

— Não. — Ian franziu o cenho. — Bebo as garrafas de sangue do Romatech.

— E tem superpoderes, — acrescentou Teddy. — Isto é genial. Adivinho que luta contra vampiros maus?

— Chamam-se os Malcontents, — explicou Ian. — Eles nos chamam os Verdadeiros.

— Toni. — Bri se aproximou sigilosamente dela e sussurrou, — por que está passando o tempo com... Ele?

— Ian é um dos meninos bons, — sussurrou de volta Toni. — Estive trabalhando para eles desde que fui atacada.

— Por quê? Estão te controlando?

— Não. Queria encontrar uma maneira de provar que você tinha razão. Nunca alucinou, Bri. Seu tio te mantinha prisioneira e te drogava para poder controlar seu dinheiro.

— Mas ele... Ele é meu tio...

Era triste olhar. Toni podia ver quando as emoções passaram na Bri revoando passo a passo através de sua cara. Incredulidade, logo surpresa, logo horror, logo aborrecimento.

Sua cara se ruborizou. — Nunca estive doente.

— Não, carinho. — Toni deu a seus ombros um apertão.

Deu um olhar precavido ao Ian. — E os vampiros são reais. — Ela fechou seus olhos e estremeceu.

— Vamos dentro, — sugeriu Ian. — Hugo, estas pessoas estão comigo.

Hugo grunhiu e abriu a porta.

Ian entrou com o Carlos e Teddy. Bri detrás, colada à Toni.

— Está bem, — insistiu Toni. — Isto é um clube noturno para Vampiros. — Quando a cara da Bri empalideceu, ela continuou, — Todos bebem de garrafas. É perfeitamente seguro.

Bri deixou que Toni a levasse dentro. Os brilhantes brilhos de luzes e a música alta os saudaram. Bri ficou perto da Toni, e seu olhar revoando nervosamente. Toni notou o montão de escassas garotas vestidas animando-se com a música, perto do cenário.

— Essas garotas estão quentes, — disse Teddy. —Todas elas são...?

— Não mortas, sim. — Carlos parecia curioso por isso.

As garotas chiaram quando um bailarino se pavoneou no cenário, vestido como um pirata. Atirou seu tricórnio à multidão, e as senhoras se mesclaram para reclamá-lo como uma lembrança. Mais roupas voaram através do ar até que o bailarino só ficou de tanga. Virou as suas costas à multidão para mostrar o crânio e os ossos cruzados impressos na parte de atrás de sua roupa interior. Girou seus quadris sugestivamente.

— OH Deus, — sussurrou Sabrina.

— É muito talentoso, — concordou Toni.

— Senhoras, seguimos? — Ian se dirigia ao escritório da Vanda, olhando-as ironicamente. Carlos e Teddy as estavam esperando.

— Vamos. — Toni agarrou o braço da Bri.

Ela olhou de novo ao bailarino. — Estou começando a me sentir muito melhor agora.

Toni riu. — É bom que esteja de volta. — Uniu-se ao Ian no escritório da Vanda, e ele arqueou uma sobrancelha para ela. Sua cara se ruborizou. — Só estava olhando.

Sua boca se retorceu, e bateu na porta do escritório da Vanda.

Ela os recebeu. — Entrem. Tenho tudo preparado.

Quando Toni entrou, ela sorriu. — Obrigada por sua ajuda.

— Sem problemas. — Vanda a considerou severamente.

Toni teve o sentimento de que não passava. Quando Ian apresentou a todos, o olhar da Vanda revoou sobre a Bri e Teddy, logo parou sobre o Carlos. Seus olhos se estreitaram em suspeita.

Carlos sorriu ligeiramente. — Eu gosto de seu traje de gato.

— Obrigada. — Vanda ajustou a vara que usava como cinturão. Abriu uma porta que revelou uma estreita escada. — Esta é a entrada traseira. Parece-me que não quer que todos vejam que estão aí acima.

— Isso é correto. — Ian os guiou escada acima.

Toni caminhou através de alguns fios que se penduravam como gotas e roçou a parte de trás de uma cortina de gaze. — Que pena.

— Uah, — sussurrou Bri. — É maravilhoso. Parece como a penteadeira da Princesa Jasmine.

— Me alegro de que você goste. — Vanda assinalou a habitação uso harém. — Como pode ver, há comida e bebida na mesa e grandes cortinas para descansar. — Ela assinalou às duas portas da habitação. — Esse é o dormitório e as escadas principais.

— É perfeito. — Toni passeou para a tela de madeira esculpida. Podia ver o clube em baixo. — Obrigada, Vanda.

Ela ajustou seu cinturão com um olhar molesto. — Ian é um bom amigo. Faço algo por ele.

— Também eu. — Toni olhou ao Ian. Ele estava na mesa de bebidas, enchendo um vau do *Bleer*.

Vanda caminhou mais perto. — Deixar-lhe-ia?

Toni se esticou. — Por que faria isso?

— Porque ele quer uma companheira verdadeira, — insistiu Vanda. — Alguém que possa passar a eternidade com ele. Você não pode fazer isso.

— Não sei que coisas averiguarei, — disse Toni. — Mas sei que estou apaixonada por ele. — Ouviu um ofego detrás dele.

Toni estremeceu quando todos a olharam com surpresa ou consternação em suas caras. Todos exceto Ian. Ele a observava intensamente, seus olhos brilhando com emoção.

Ela levantou seu queixo. — Sim, estou apaixonada pelo Ian.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele caminhou para ela, um sorriso lentamente se formou em seus lábios.

Vanda franziu o cenho. — Disse que tudo o que queria era a uma vampiro.

— Troquei de opinião. — Ian estava sorrindo agora, e as afiadas pontas de suas presas se mostraram.

Sabrina pressionou uma mão em seu peito. — Toni, como pôde?

— Como não poderia? — Ela tirou o pendente com forma de coração de debaixo de seu polo verde. O fio de ouro e o coração brilharam nas suaves luz sobre sua cabeça. — Obrigada por me enviar seu coração.

Ian se deteve e seu sorriso caiu. — Eu não enviei isso.

Toni piscou. — Mas chegou esta tarde com uma nota que dizia, Todo meu amor.

Ian se aproximou dela, e com um rápido puxão, rompeu o fio ao redor de seu pescoço.

— Ian... — Toni ofegou quando ele atirou o pendente sobre uma mesa baixa e o golpeou com seu punho.

Levantou a pequena peça de metal.

— É um dispositivo de rastreamento, — disse Carlos.

Ian atirou o dispositivo ao chão e o esmagou com o seu talão. — Convocarei ao Phineas e ao Dougal aqui, e nos teletransportamo-nos todos ao Romatech. — Afastou-se, fechando seus olhos brevemente.

Toni se deu conta de que estava enviando uma mensagem psíquica.

Sabrina agarrou seu braço. — Quem... Quem quereria nos seguir? É meu tio ou a polícia?

— Pior, — murmurou Carlos.

Os olhos do Teddy se iluminaram. — As forças malvadas! Temo-los em cima!

Os disparos explodiram em abaixo no clube, e os gritos encheram o ar.

Capítulo 21

Ian correu para a tela de madeira para ver o que estava acontecendo em baixo. Viu o Jedrek Janow com uma pistola na mão e uma espada embainhada pendurada do seu pescoço. Jedrek disparou duas vezes para o ar e riu quando as mulheres correram para todos os lados, gritando. Felizmente, a maioria das mulheres tinham suficiente sentido comum para teletransportarem-se longe.

— Toni, chama o Dougal e ao Phineas, para que possam utilizar sua voz para teletransportarem-se diretamente a esta sala. E lhes diga que tragam armas extra. — Quando Ian tinha enviado uma mensagem psíquica, simplesmente os tinha convocado ao *Horny Devils*. Mas agora não queria que acidentalmente se teletransportassem na confusão em baixo. E não desejava enviar outra mensagem psíquica que Jedrek pudesse ouvir.

Toni tirou seu telefone móvel do bolso de sua calça.

Sabrina começou a chorar, e Teddy tentou consolá-la. Vanda e Carlos estavam olhando

através da tela de madeira.

— Estão pegando reféns, — disse Carlos em voz baixa.

Ian olhou a cena que acontecia lá em baixo. Perto de dez das senhoras vampiras se congelaram do medo e não se teletransportaram a um lugar seguro. Stanislav e Yuri usaram cordas de prata para enlaçá-las como vacas assustadas, enquanto que Jedrek estava no cenário, sorrindo enquanto a prata queimava suas peles e as fazia gritar. As mulheres foram conduzidas juntas, e um Malcontent pôs mais corda de prata a seu redor para mantê-las confinadas e que não pudessem teletransportarem-se longe.

Phineas e Dougal se materializaram ao lado do Toni, e transportavam cinco espadas e algumas estacas de madeira.

Ian passou uma espada ao Carlos. — Sabe como utilizá-la?

— Posso aprender. — Carlos se apoderou do punho. — Por que não usam armas de fogo?

— Podemos nos recuperar da maioria das feridas de bala, mas uma espada no coração é permanente. — Ian ofereceu a última espada a Vanda.

— Não, obrigado. — Ela desatou o látego de sua cintura. — Sinto-me mais cômoda com este.

— Posso ter uma espada? —Teddy se aproximou dele.

— Teddy, não! — Sabrina o retirou. — Não deve participar.

— Eu quero ser um herói, também — insistiu Teddy.

Ian deu-lhe uma espada. — Protege às mulheres.

— Pode proteger a Bri. —Toni agarrou algumas estacas de madeira. — Eu não fico aqui.

— É… — Ian foi interrompido pela voz em pleno auge do Jedrek.

— Ian MacPhie! Sei que está aqui. Traga-me o medicamento para permanecer acordado ou começo a matar. — A voz do Jedrek foi afogada pelos gritos dos reféns.

Ian fez um gesto ao Phineas e ao Dougal para que se unissem a ele na tela.

— Nos teletransportaremos ao mesmo tempo. Jedrek é meu.

Phineas olhou através da tela. —E o Stan meu.

— Então ficarei com o Yuri, — disse Dougal.

— E eu a mulher, — acrescentou Toni.

Ian ficou rígido. — Não, você permanecerá aqui.

— Eu pego a mulher. — Vanda olhou a Toni. — Posso-me teletransportar. Você não pode.

Toni devolveu o olhar. — Posso pegar nas cordas de prata para desatar aos reféns. Você não pode.

— Você… — Ian foi interrompido pelo Jedrek.

— Não acredito que possa me atacar, MacPhie, — gritou do cenário. — Temos um refém aqui, e morrerá se alguém se aproxima de mim. Nádia, mata à loira que me agrada.

— Sim, Senhor. — Com as mãos enluvadas, Nádia tinha prensa uma refém loira à barra no cenário.

— OH não, — murmurou Vanda. — É Cora Lee.

A garçonete lutava contra as cordas de prata que a atavam e chispavam sobre sua pele nua. — Deixe-me ir!

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Jedrek a apontou com sua pistola. — Balas de prata, querida. Realmente dói. — Quando Cora Lee choramingou, sorriu. — O medo te faz ainda mais atrativa.

— Vanda, — sussurrou Toni. — Tem algum cortador de arame por aqui?

— Talvez. Há uma caixa de ferramentas em meu escritório.

— Toni. — Ian a olhou com severidade. — Você não irá ali. — Quando ela abriu a boca para discutir, Ian continuou, — isto não é uma petição amistosa. Sou o chefe. Fará o que digo.

Seus olhos brilhavam de fúria.

Ian se voltou para o Carlos. — Você também permanecerá aqui.

— Não pode me dar ordens, — grunhiu Carlos.

Ian não lhe fez caso e fez um gesto aos outros vampiros. — Nos teletransportamos em três. — Ele contou, e se desvaneceram.

Ian se materializou junto ao Jedrek e com o primeiro deslizamento de sua espada, enviou a pistola voando da mão do Jedrek.

Jedrek saltou para trás, viu o sangue emanando de sua mão cortada, e gritou, — Mata à loira, Nádia!

Ian jogou uma olhada para ver Cora Lee ainda atada ao poste, retorcendo-se e chorando. Nádia estava muito ocupada para evitar o látego da Vanda para seguir as ordens de seu amo.

Ian carregou contra Jedrek, mas desapareceu.

— Maldito seja! — Ian girou ao redor para ver onde se tinha teletransportado o covarde.

Dougal e Phineas tinham comprometido seus oponentes, e o choque das espadas se mesclavam com os gritos desesperados dos reféns. Jedrek reapareceu, de pé sobre o bar. Tirou sua espada e o sangue gotejou de sua mão.

Bem, isso permitiu que seu agarre se deslizasse. Ian saltou do cenário e caminhou para ele. Deixou que se debilitasse pela perda de sangue.

Jedrek apartou os olhos do Ian quando se agachou e apanhou alguns guardanapos de papel do bar. Apertou os guardanapos contra a sua mão ensanguentada.

— É incrível o muito que podem sangrar os pequenos cortes, — observou Ian.

Com uma careta de desprezo, Jedrek atirou os guardanapos ensanguentados no chão.

Pela extremidade do olho, Ian se deu conta de que Toni escapava do escritório da Vanda. Maldita seja, não! Tinha estacas de madeira em sua cintura e cortadores de arames na mão. Permanecendo agachada, precipitou-se à parte posterior dos reféns.

Não podia deixar que Jedrek a visse. Jedrek lhe tinha enviado o pendente de coração. Sabia que Ian se preocupava com ela, e a converteu num objetivo primitivo. Por todos os Santos, deveria tê-lo sabido. Ela deveria ter obedecido e permanecer oculta.

Ian subiu rapidamente ao bar e saltou à parte superior, o que obrigou ao Jedrek enfrentar-se a ele e dar as costas a Toni.

Ian lançou sua espada com toda sua força. Jedrek estava ao bordo do bar, perdeu o equilíbrio, e logo desapareceu.

— Maldito seja! — Ian girou ao redor. Como podia lutar contra o covarde filho de puta se continuava se teletransportando?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Desde sua posição no bar, Ian podia ver a maior parte da habitação. O grupo de reféns tinha diminuído de dez a seis. Outro desaparecido, por isso eram cinco. Toni, obviamente, liberava-os logo que podia. Mas seu próprio êxito seria sua perdição, por que se os reféns se foram, não haveria ninguém onde se escondesse detrás.

Jedrek reapareceu no cenário. — Esta vai morrer, MacPhie! — Equilibrou-se para Cora Lee.

— Não! — Vanda estalou seu látego contra ele. Enredou-se ao redor do braço da espada.

— Cadela! — Ele agarrou o látego e atirou para ele. Vanda soltou seu látego para evitar que a atirasse sobre sua espada. — Devia ter te matado na Polônia. Sempre te escondias nas covas como um rato.

Vanda se revolveu de novo.

— Me faça um favor, Nádia, mata à loira, — ordenou Jedrek.

— Sim, Senhor. — Nádia avançou para Cora Lee.

— E te matarei, Vanda. — Jedrek levantou sua espada.

Ian se teletransportou ao cenário e interceptou ao Jedrek.

— Me ajude! —Gritou Cora Lee, quando Nádia se aproximou.

Com um grito de ira, Vanda saltou sobre as costas de Nádia. As duas mulheres se desabaram no cenário, caíram lutando pela espada. Ian queria ajudar, mas tinha que defender-se de um ataque do Jedrek.

Detrás do Jedrek, viu a Toni escondida no cenário. OH, claro que não. Lutou furiosamente, tratando de manter ao Jedrek plenamente ocupado. Toni passou correndo junto a eles e cortou as cordas de prata que sustentavam a Cora Lee.

Cora Lee saiu cenário, chorando. Enquanto isso, Nádia recuperou sua espada, e olhou a uma Vanda desarmada.

Toni agarrou a corda de prata que tinha presa a Cora Lee e atacou, lançando as cordas à parte posterior da cabeça de Nádia. Esta lançou um grito de dor. O ar cheirava a cabelo queimado.

Ian saltou para trás quando a espada do Jedrek esteve a ponto de cortar seu estômago. Precisava prestar mais atenção. Equilibrou-se sobre o Jedrek, mas o bastardo desapareceu uma vez mais.

— Maldito seja! — Ian girou a seu redor, procurando a seu oponente.

Jedrek apareceu junto à Toni.

— Não! — Ian foi para eles, mas Jedrek desapareceu, levando a Toni com ele. — Não! — O medo se apoderou de sua garganta como um punho de gelo.

O alívio o invadiu quando viu o Jedrek aparecer no bar com a Toni. Pelo menos o filho de puta não a tinha levado a um lugar secreto para torturá-la e matá-la. Ian saltou do cenário e correu para eles.

Seu alívio durou pouco. Jedrek atirou a Toni contra seu peito e apertou a espada em seu pescoço. Ian se congelou.

— Companheiros, a mim! — Gritou Jedrek, e outros três russos se teletransportaram ao bar. — Vê-o, MacPhie, só precisamos a um dos reféns quando se têm o correto. — Com um assobio, suas presas saltaram.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele acariciou sua boca contra a bochecha da Toni. Suas presas rasparam sua pele, deixando uma marca de cor rosa. Ela fechou os olhos. — Posso cheirar seu medo, MacPhie. Não é de estranhar que você goste tanto dela, sabe deliciosamente.

Ian tragou a bílis que lhe subiu à garganta. Tinha que salvar a Toni, mas Deus o ajudasse, não sabia como. No segundo ataque, Jedrek lhe cortou a garganta.

— Sabe o que quero MacPhie. Traga-me a droga.

Queria jogar para ganhar tempo? O desespero tinha irritado ao Ian, que ameaçava asfixiando sua capacidade de pensar. Não podia suportar perdê-la. Não podia suportar seu fracasso. Deixou cair sua espada, e esta ressonou no chão de cimento.

Jedrek sorriu. — Tem cinco minutos.

Um forte golpe soou acima. Todo mundo olhou para cima quando choveram pedaços de madeira estilhaçada. E através da abertura das gretas das persianas de madeira, uma pantera negra gigante saltou no ar. Rugia, e o som ecoou no silêncio atônito da discoteca.

Com o Jedrek distraído, Ian recolheu sua espada e se aproximou dele. Infelizmente, Jedrek se deu conta de que a pantera se dirigia diretamente para ele. Girou-se, arrastando com ele a Toni que levaria com toda a força do ataque do animal. Ele estendeu sua espada, obviamente, com a esperança de cravar à pantera ao aterrissar.

Quando Jedrek se voltou para ele, Ian se lançou para frente e apunhalou o ombro direito do Malcontent. Jedrek gritou e deixou cair à espada. Seu agarre sobre a Toni afrouxou o suficiente para que fosse capaz de saltar quando a pantera se estrelou contra eles. Suas enormes patas apanharam ao Jedrek pelos ombros e o derrubou a ele e a Toni no bar. Ian saltou à direita quando a pantera voou junto a ele, caiu ao chão e rodou sobre seus pés. Toni tinha aterrissado na parte superior de Jedrek. Mergulhou à esquerda quando a pantera se equilibrou. Jedrek chiou quando as garras afiadas destroçaram sua camisa e lhe marcaram o peito com raias de sangue.

Toni gritou e se deslizou para fora se arrastando. A pantera a olhou, logo se voltou para o bar, seus olhos cor âmbar se estreitassem nos três Malcontents. Se teletransportaram longe. Jedrek, também. A pantera, ao dar-se conta de que sua presa tinha escapado, rugiu de ira.

Dougal e Phineas se aproximaram lentamente, suas espadas apontando à besta.

— Acabamos com ele? — Perguntou Dougal.

— Não! — Gritou Ian. — Deixa-o estar.

A pantera se voltou para ele, grunhindo, e logo centrou seus familiares olhos de cor âmbar em Toni. Quando deu a volta à cabeça, Ian viu o brilho de dois brincos de ouro em suas orelhas bicudas. É óbvio. Deveria tê-lo sabido. Mas nunca teria imaginado uma pantera.

O gato gigante espreitou a Toni.

— Não. — Ela retrocedeu e tentou de levantar-se, mas suas pernas tremiam.

Ian se jogou diante dela. — Carlos, não.

A pantera grunhiu.

— Carlos? — Sussurrou Toni.

Ian ouviu um ruído surdo e olhou para trás. Toni estava estendida no chão, desmaiada. —Ah, moça.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ficou de cócoras a seu lado e lhe apartou o cabelo da cara.

— Isso é Carlos? — Phineas baixou sua espada e assobiou entre dentes. — Olá, gatinho.

A pantera passeou para a Toni com suas enormes patas. Ian se sentiu aliviado ao ver suas garras, mas os dentes estavam muito afiados. Um pequeno contato e Toni seria uma mulher pantera para vida. Era isso o que Carlos queria?

O gato baixou sua cabeça para farejar.

— Por todos os Santos, não a toque, — sussurrou Ian.

A pantera bateu sua cauda grossa tão forte e rápido, que golpeou ao Ian sobre seus joelhos. Logo correu para o escritório da Vanda. Toni tinha deixado à porta entreaberta, e o gato passou através.

— Pensei que cheirava como um troca-formas, — disse Dougal. — Mas supus que seria um lobo negro.

— Eu também. — Ian supôs que Carlos se dirigia de volta à sala harém para trocar e vestir-se. Quando a Sabrina gritou, soube que a pantera tinha chegado.

— Deus, odeio aos troca-formas. — Vanda tinha encontrado seu látego e estava-o prendendo ao redor de sua cintura.

— Sabe sobre eles? — Perguntou Ian.

Vanda se encolheu de ombros. — É uma longa história. Só tira esse gato fora daqui, ok?

— Ele salvou a vida da Toni, — recordou-lhe Phineas.

— Não teria sido necessário salvá-la se tivesse seguido ordens, — espetou Vanda. — Devia lhe disparar no traseiro, Ian.

— Não! — Cora Lee se dirigiu para a Vanda. — Toni me liberou. Liberou a todos os reféns. E evitou que essa terrível Nádia me matasse, Vanda. Santa terra, nunca vi a um mortal ser tão valente.

— Bom, bom, é valente. — Vanda apertou seu látego. — Mas ainda não pode seguir as ordens.

Sim, tinha desobedecido a uma ordem direta. Ian comprimiu a ira crescente em seu interior. Tinha desobedecido e condenadamente perto de morrer. E tinha estado impotente para salvá-la. Se não tivesse sido pelo Carlos... Sua ira disparou. Maldita seja. Essa era a verdadeira causa de sua ira. Carlos a tinha salvo. Não ele.

Ouviu-a gemer brandamente. Acariciou lhe a bochecha, suas pálpebras piscaram. —Toni, acordava.

Ela piscou com uma expressão aturdida. — O que aconteceu?

— Desmaiou.

Ela lutou para sentar-se. — Isso é uma loucura. Nunca desmaio. — Ela olhou à sua volta. — Os Malcontents?

— Se teletransportaram, — explicou Ian. — Não acredito que voltemos a vê-los esta noite. Jedrek está em más condições.

Toni olhou a sua volta outra vez. — Carlos? Ele é um...?

— Sim, pantera. — Ian a ajudou a levantar-se. — É bastante incomum.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Bom, né. — Ela olhou para o biombo de madeira destroçada. — Não acreditava nas criaturas dessa índole.

— Nunca conheci a alguém que trocasse a gato. — Ian viu que Hugo estava ainda na discoteca. Suas mãos estavam atadas às costas com uma corda de prata, e o sangue emanava de uma ferida de bala na coxa.

— OH, Meu deus! — Vanda se precipitou para ele.

— Vamos levá-lo ao Romatech, — ofereceu Ian. — Laszlo pode tirar a bala.

— Eu o levarei. — Dougal agarrou o braço do Hugo, e ambos desapareceram.

Com um suspiro, Vanda passou uma mão pelo cabelo curto e bicudo. — Todo mundo se foi, assim fecharei esta noite. Só espero que os clientes voltem, se não estamos na ruína.

— Santa terra, não se preocupe por isso, — disse Cora Lee. — Este lugar será notório. Estar sempre cheio.

— Espero que sim. — Vanda pôs uma cadeira derrubada em posição vertical. — Vamos limpar o lugar.

Cora Lee examinou a habitação, com o cenho franzido. — Lady Pamela tomou a noite livre.

Ian agarrou a Toni e a teletransportou à sala VIP. Phineas chegou pouco depois deles. Sabrina ficou sem fôlego ante sua aparição repentina e se retirou da habitação.

Carlos estava de volta em sua forma humana e olhou-os nervosamente enquanto grampeava a camisa.

Toni se aproximou dele lentamente. — Salvou-me a vida.

— Queria lhes falar sobre mi... Condição mas... — Olhou a Sabrina, que o olhava com horror. — Não queria perder sua amizade.

— Carlos. — Toni o rodeou com seus braços. — Sempre será meu amigo.

Ele a abraçou. — Obrigado, Menina. Sabe que faria algo por ti.

Lançou lhe um olhar irônico. — Pareceu-me ver uma bonita tatuagem.

Ele sorriu. — Fê-lo, fê-lo.

Os dois riram. Ian sentiu uma mescla de emoção, uma pontada de ciúmes e uma quebra de onda de orgulho. Toni era muito generosa e tolerante. Tinha arriscado sua vida para salvar a vampiros que nem sequer conhecia, e permanecia leal a seus amigos sem importar o que acontecesse.

— Não é divertido, — murmurou Sabrina através do quarto. — Vi-o trocar. Foi horrível.

— Foi impressionante, homem. —Teddy se ruborizou. — Apesar de que era um pouco estranho quando começou a sair o pelo.

— Isso não é nada, — sustentou Sabrina. — O que acontece o cabelo negro brotando e as garras e o som dos ossos quebrados e a mudança? — Ela se estremeceu.

— Sim, isso foi bom. — A cara do Teddy se iluminou com entusiasmo. — Tem nome, amigo? Como homem pantera?

— Não. — Carlos se sentou numa mesa baixa para colocar suas meias e os sapatos.

— OH, vamos. — Teddy ficou a seu lado. — Os super-heróis são totalmente ignorantes a respeito de como comportar-se. Como esperas ser famoso sem um nome genial?

— Não desejamos fama. — Ian estava frente a Teddy. — Me escute. Não podem falar de nós. Nunca. Se o mundo exterior se inteira da nossa existência, nos matarão.

— Isso é verdade. — Disse Carlos. — Minha espécie foi descoberta por um explorador de terras no Amazonas. Enviou aos caçadores para nos destruir a todos. Estão rastreando a minha gente e matando-os.

Toni levou uma mão ao peito. — Carlos, sinto-o muito. Isso é terrível.

— Consegui salvar a alguns dos meninos. Seus pais foram assassinados.

— Esses são os órfãos que está ajudando? — Perguntou Toni.

Carlos assentiu com a cabeça. — Cinco deles. Nosso número está diminuindo com rapidez. Estive procurando na Malásia, porque há panteras na selva, e estranhas histórias se contam nas aldeias. Fui com a esperança de encontrar mais de minha espécie.

— O direi ao Angus, — disse Ian. — Será feliz de financiar a investigação. Sua companhia foi sempre apoio das histórias dos troca-formas.

Os olhos cor âmbar do Carlos brilharam. — Isso seria maravilhoso, obrigado.

— E que outros tipos há? — Perguntou Teddy.

— A maioria dos que conheci são lobos. — Ian foi à mesa de aprovisionamento para se servir uma *Bleer.* — É óbvio, Howard não o é.

— O que? — Toni parecia confundida. — Howard é um troca-formas?

Carlos serviu-se um sanduiche na mesa de refrescos. — Você disse, Toni. É um ursinho de pelucia.

Ian soprou. — Não, tão adorável como um ursinho de pelucia, uma vez que passou, me acredite.

Toni ficou boquiaberta. — Meu supervisor é um urso?

— Sim. Howard Barr. — Ian esvaziou seu copo.

— Isso é tão incrivelmente maravilhoso, — sussurrou Teddy.

— Não, não o é! — Gritou Sabrina. — Não posso acreditar. Panteras e vampiros e ursos.

— OH! — Brincou Phineas.

— Todos são monstros! — Sabrina foi para a escada principal. — Vou daqui!

— Bri, espera! — Disse-lhe Toni. — Não pode ir, não tem dinheiro. Nem identificação.

— E a polícia te está procurando, — acrescentou Carlos.

— E é isso minha culpa? — Sabrina fulminou-os com o olhar. — Você me tirou de minha habitação.

— Tínhamos que te resgatar, — disse Toni, franzindo o cenho.

— Fez de mim uma fugitiva sem um centavo. — Sabrina levantou o queixo. — Agora vou a minha casa buscar a chave de meu cofre. Tenho um passaporte ali e um montão de dinheiro em efetivo, por isso não tenho que andar com monstros!

Carlos se aproximou dela. — Não pode ir a seu apartamento, Bri. A polícia vai te buscar ali. E faltam ao menos dez horas antes que os bancos abram.

— Não passarei a noite com vampiros!

— Calma *menina*. — Carlos levantou as mãos. — Levar-te-ei a um lugar seguro para passar a

noite. Outro hotel.

— Não vou a nenhuma parte contigo, — as lágrimas caíam pelo rosto da Sabrina. — É um animal.

Carlos se deteve, e franziu o cenho. — É por isso que nunca te disse meu segredo. Vanderkitty me disse que não podia dirigir a verdade.

Sabrina ficou sem fôlego. — Fala com meu gato?

Ian estava perdendo rapidamente a paciência. Não havia maneira de que deixasse a Sabrina sair com os conhecimentos que já possuía.

Sabrina olhou ao Carlos. — Disse que tinha órfãos para nosso orfanato, mas são animais como você.

A cara do Carlos avermelhou de raiva. —São meninos que necessitam um lar e educação. E compaixão.

Sabrina secou as lágrimas de seu rosto. — Não posso pô-los com os meninos normais. Pode ser que os mordam ao... Os comam.

— Basta! — Ian se moveu para a Toni enviando uma mensagem psíquica para que Phineas levasse a Sabrina. — Senhorita Vanderwerth, o medo é o lamentável resultado da ignorância.

Ficou sem fôlego. — Como te atreve?

Ian passou um braço ao redor da Toni. — Você e sua amiga vêm para o Romatech. Não há discussão. Nem desobediência. — Isso lhe valeu um olhar sujo dela. Olhou ao Carlos. — Pode vir se quiser.

— Irei amanhã — disse Carlos. — E levarei ao Teddy.

Sabrina chiou quando Phineas a agarrou. Ian desapareceu, levando Toni com ele.

Capítulo 22

— Estão-nos mantendo prisioneiras! — Sabrina caminhava pela habitação de prata.

— Estão nos mantendo a salvo. —Toni abriu uma lata de sopa de frango com macarrão e a verteu numa caçarola. — Esta habitação está cheia de prata, assim não há vampiros que possam teletransportar-se cá para dentro.

Não se atrevia a contar a sua amiga que sabia como abrir a porta. O que último necessitava Bri era correr ao redor do White Plains, afirmando que tinha visto vampiros e panteras. Ia terminar de novo no Shady Oaks antes que acabasse a noite.

Bri se desabou numa poltrona. — Isto é uma loucura.

Toni agitou a sopa, enquanto se esquentava na estufa. — Ser-te-á mais fácil de aceitar tudo uma vez que todos os medicamentos estejam fora de seu sistema.

— Por que ia querer aceitar aos vampiros? E ao Carlos? Não posso acreditar. Sinto-me traída.

— Seu tio foi o primeiro que a traiu. — Toni calcou a ira que tinha estado chapinhando

durante horas. Em primeiro lugar Ian tinha tentado mandar a seu redor. Vanda a tinha tratado como um humilde verme. Carlos se tinha se esquecido de algum jeito de lhe dizer que era um troca-formas, inclusive depois de que lhe tivesse falado sobre os vampiros. E Sabrina estava atuando como se tivessem arruinado sua vida em lugar de resgatá-la.

Toni apertou os dentes. — Estou segura de que Carlos não pode deixar de ter nascido um troca-formas, não mais do que eu poderia deixar de ter nascido uma vergonhosa ilegítima.

Sabrina bocejou. — Isso é tudo, não? Aceita a todos estes insetos estranhos... Porque são marginados, e sempre te há sentido como alguém desemparelhada, também.

Toni começou a discutir, mas se deteve. Sabrina podia ter razão. Sempre tinha sentido uma empatia natural para qualquer pessoa que se sentia indigna ou não encaixava. O temor do Ian de não merecer o verdadeiro amor por seu passado, tinha-a comovido profundamente. Determinou-se demonstrar que estava equivocado. E seu desejo esta noite de saltar para o perigo para resgatar aos vampiros, seguia tratando de demonstrar que era digna?

— Não posso acreditar que esteja trabalhando para os não mortos, — queixou-se Bri. — Quero dizer, foi atacada pelos vampiros, e depois trabalha para eles? Isso é uma loucura.

— Há todo um mundo de diferença entre os Malcontents que nos atacaram e os vampiros com os que estive trabalhando. — Toni verteu a sopa em duas terrinas e os levou a mesa.

— veem-se violentos para mim. — Sentada na mesa, Sabrina bocejou. — Estou muito cansada.

— Estiveste com medicamentos fortes. — Toni pôs duas colheres sobre a mesa.

Bri esfregou os olhos. — Não posso acreditar que visse um de meus melhores amigos converter-se numa pantera.

— Vamos tratar de voltar para uma vida normal logo que seja possível. Necessitará seu ID. Sabe onde está sua bolsa? No *Shady Oaks* ou em casa de seu tio?

Bri comeu um pouco de sopa enquanto o considerava. — Não recordo muito. Acredito que ainda está na casa do tio Joe.

— Voltaremos.

Bri franziu o cenho. — Quando diz *nós* significa você e o vampiro?

— Sim. Ian.

— Estava-te dando ordens.

— Estava ansioso por me manter a salvo. — Toni se tinha dado conta muito tarde de quão vulnerável seria. Sempre tinha lutado bem nas sessões de prática, mas os vampiros bons lutavam com honra. Os Malcontents recorriam à fuga e a pegarem reféns. — É difícil competir com um vampiro.

— Exatamente. — Bri deixou a colher. — Não se pode competir com eles, Toni. Não pertence a seu mundo. Porque é que tinhas que te unir a eles?

— Fi-lo por ti. Queria encontrar uma prova de que existiam, assim poderia provar que não delirava.

Os olhos da Bri se encheram de lágrimas. — Sinto muito. Aqui estou te dando um momento difícil, quando foi uma boa amiga. Sempre estiveste aí para mim.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

As lágrimas queimaram os olhos da Toni. — Tome cuidado, ou vamos começar a choramingar.

Bri sorveu. — Assusta-me que possa estar com essas criaturas, não quero te perder.

— Não me perdeste.

Bri franziu o cenho. — Disse que estava apaixonada por ele.

Toni deixou sua colher. — Estou-o.

— Quanto tempo faz que o conhece? Uma semana?

— Um pouco mais. — Toni deixou seu prato na pia.

— Mas não muito mais. Pode uma relação forjar-se tão rapidamente para toda uma vida?

Toni enxaguou seu prato, logo limpou a panela. Os comentários da Bri picavam, mas sabia que sua amiga estava realmente preocupada por ela. — Não estou segura de como sairão às coisas. — Ou se podia. — Mas sei que o amo.

— Ele é muito bonito, concedo-lhe isso, mas Toni está morto.

— Só a metade do tempo.

— Quer a metade de sua vida? — Sabrina bocejou outra vez.

— Vá para a cama. Está esgotada. — Toni levou seu prato a pia.

— Estivemos trabalhando em nosso plano dez anos.

— Sei, — disse Toni enxaguando o prato.

— Não se pode viver em ambos os mundos, Toni.

Ela se voltou e viu o Bri subir à cama. A mesma cama onde tinha visto o Ian em seu sono mortal, onde tinha tocado a covinha em seu queixo.

— Realmente o amo.

— Foi um capítulo em sua vida, mas se acabou, — sussurrou Bri. — Igual ao inferno que passei a semana passada. É hora de seguir adiante.

Toni apagou as luzes para que Bri pudesse dormir. Logo se desabou na poltrona. Uma dor surda se estendeu em seu peito. Aumentou mais e mais quando a realidade se afundou.

Durante os últimos dez anos, obstinando-se na sua missão no orfanato. Manteve-se em marcha quando a carga de trabalho da escola lhe tinha parecido muito dura. Tinha-lhe dado um propósito nobre e de identidade quando se sentiu sem importância e sem valor. Não tinha esperado que Ian entrasse em sua vida, ou o amor florescesse em seu coração e fizesse que sentisse tudo.

Um par de vezes durante a última semana, havia-se sentido lançada entre dois mundos: seu novo mundo com os vampiros e seu velho mundo com a Bri. Quando Ian se ofereceu a ajudá-la a resgatar ao Bri, tinha-se sentido eufórica, como se os dois mundos se conectassem e por fim pudesse ter ambas as coisas.

A dor no peito se intensificou, espremendo seu coração. O que acontecia se os dois mundos não podiam coexistir? E se se via obrigada a escolher? Como podia não escolher a Sabrina depois de tudo o que tinham passado? Como podia deixar ao Ian?

Quando Toni despertou na cama grande era meio da manhã. Jogou uma olhada a Sabrina dormindo pacificamente junto a ela e se perguntou onde tinha passado Ian seu sono mortal de

dia. Era provável que ao lado com os outros meninos.

Tomou banho e omitiu suas afirmações pela manhã. Pareciam uma brincadeira cruel agora. Sim, era digna de ser amada, mas não garantia que iria funcionar. Vestiu-se com seu uniforme e deslizou seu telefone móvel num bolso da calça. Hora para ir ver o urso. Seu supervisor.

Ela tomou o elevador até o primeiro piso, e logo caminhou pelo corredor. Que tipo de urso era? Um pequeno e agradável urso café Boo Boo ou um grande urso pardo? Uma imagem revoou por sua mente do Howard trocando a cor amarela brilhante e suave com um sol em sua pança. Soltou um bufido. Bom, por que não? Se os vampiros podem ser reais, poderia ser Care Bears.

Passou alguns empregados mortais fazendo seu trabalho diário. Por isso sabia, estavam fazendo o sangue sintético para os hospitais. Faziam-no, na realidade. Não tinham nem ideia de que o turno de noite consistia em vampiros que estavam fazendo *Chocolood*, *Light sangue, sangue borbulhante, Blissky e Bleer.*

Noite e dia. Dois mundos diferentes. Poderia possivelmente viver nas duas coisas?

Passou pela creche fechada do Constantine. Sentia falta do pequeno. Quando passou o escritório dental da Shanna, viu o papel na porta. *De férias, voltaremos logo. Shanna*, quem conseguiu viver em ambos os mundos, ainda tinha grandes problemas para manter-se a ela e a sua família a salvo.

Toni entrou no escritório de segurança MacKay. — Olá, Howard. — Não pensou nele como um urso. — Sinto muito, chego tarde.

— Não há problema. Não perdeste nada. — Howard se sentava atrás do escritório, com o aspecto de seu ser alegre de sempre. — Não aconteceu muito hoje de manhã.

Não é um urso pardo, pensou Toni. Muito afável e acolhedor. Talvez um alegre urso de cor rosa. Sentou-se junto a ele, justo quando empurrou a caixa de rosquinhas de lado.

— Obrigada. — Toni parou com a mão a meio do caminho. Havia pastéis redondos simples e garras de urso. Rapidamente tomou uma espátula e observou os monitores. Podia ver a Sabrina ainda dormindo na habitação de prata. Phineas e Dougal se encontravam nas duas camas na sala de guarda, enquanto que Ian estava morto como um defunto no chão. Pobre menino. Apesar de que apenas se daria conta de que era um chão duro.

— Ouvi que as coisas ficaram difíceis no *Horny Devils* ontem de noite. — Howard tomou uma garra de urso da caixa.

— Sim, bastante horripilante. — Fez uma careta e meteu uma rosquinha na boca para não falar.

— *Como uma virgem*, — cantava uma voz feminina.

Toni se sentou e olhou a seu redor.

Howard pôs-se a rir. — Suas calças estão cantando.

Toni se levantou e tirou o telefone de seu bolso. Abriu-o, cortando a canção da *Madonna*, que tinha sido meio doida pela primeira vez. Era a ideia do Carlos de uma brincadeira, sem dúvida. Podia rir todo o caminho para o inferno. — Olá?

— *Menina*, como está?

— Carlos. —Toni caminhou através do escritório. — Juro que te destroçarei.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Pôs-se a rir. — Vejo-te como o novo tom de timbre. Como esta Sabrina?

— Ainda está dormindo. — Toni olhou no monitor.

— Pode falar livremente?

— É óbvio. Estou no escritório de segurança com o Howard Bear... uh, Barr. — Fez uma careta.

Howard riu e agarrou outra garra de urso.

— *Menina*, a polícia esteve aqui, no edifício, à tua busca e da Bri. Chamaram a todas as portas dos vizinhos para perguntar por ti.

Toni tragou saliva. — Assim acreditam que estou implicada em seu desaparecimento?

— Suspeito. Perguntaram-me, também, e pediram para ver meu apartamento.

— Por Deus, o que aconteceu Teddy?

— Não se preocupe. Enviei-o esta manhã com um pouco de dinheiro e instruções para comprar roupa nova e fazer um novo penteado. Supõe-se que nos reuniremos em *Washington Square*, às três.

— Está bem, então? — Toni se tinha preocupado de que Teddy não estivesse preparado para o mundo real.

— Está muito contente. A polícia o está procurando a ele também. Tinham fotos dele e da Bri. O hospital toma fotos de todos os pacientes quando estão ingressados. Atuei como estivesse muito surpreso e preocupado, é óbvio, sobre o desaparecimento da Bri.

— Bem. — Toni podia imaginar ao Carlos montando um espetáculo convincente para a polícia.

— Pensam que Teddy e Sabrina poderiam ter desenvolvido uma relação romântica e escaparam juntos.

— Disseram-lhe algo sobre o enfermeiro, Bradley? — Perguntou Toni.

— Não, suspeito que o hospital quer manter esse pequeno problema em segredo.

Toni comprovou o monitor de novo. Bri seguia dormindo. — Perguntei-lhe a respeito de sua bolsa. Acredita que ainda está na casa de seu tio.

— Hmm. — Carlos fez uma pausa. — Eu poderia chegar até ali e ver se a moça me daria isso.

— Mas ainda temos o problema de seu tio Joe que a quer de volta na sala de psiquiatria.

— E os problemas com a polícia, — acrescentou Carlos. — Levarei ao Teddy esta tarde, e discutiremos a estratégia.

— Está bem, soa bem.

— Eu… espero que Bri consiga superar o medo que tem de mim, — disse Carlos com tristeza.

— Eu também o espero. — Toni desligou. Expressou deste modo sua esperança de que Bri pudesse superar seu medo por cinco meninos pantera órfãos. Os pobres meninos necessitavam ajuda. Necessitam a aceitação e o amor, para que não crescessem sentindo-se como uns monstros que mereciam ser assassinados como seus pais.

— Um guarda se aproxima. — Howard foi pesadamente para a porta.

Toni viu o guarda do Romatech de segurança num monitor. Levava uma caixa dourada.

Howard abriu a porta. — Sim?

— Isto foi entregue na porta principal. Para a Toni Davis.

— Obrigado. — Howard fechou a porta e ofereceu a pequena caixa de presente a Toni.

Ela o olhou com receio. — Estão esperando que caia nisso outra vez?

Howard sorriu. — Isto é de confiança. Vi o Ian pedi-lo em linha ontem de noite.

— Sério? — Agarrou a caixa e desfez o laço de ouro. Dentro da caixa, numa cama de algodão, havia um formoso coração, de filigrana de ouro. Ela sorriu. Com o desenho de filigrana, era óbvio que não havia nada oculto no coração. Era puro. Encravado na parte superior da caixa havia uma nota.

Minha querida Daytona,

Trouxeste o sol de novo a minha vida.

Ian

Apertou a nota contra seu peito e seu coração se encolheu pela emoção. Nesse momento, soube que acontecesse o que acontecesse, não cometeria um engano, sempre e quando seguisse a seu coração.

Quando Ian despertou na noite de quinta-feira, advertiu a Dougal e ao Phineas que fossem mais vigilantes. Jedrek estaria sanado por completo depois de seu sono mortal e, sem dúvida tramando vingar-se de sua vergonhosa derrota no *Horny Devils*.

Enquanto que Phineas e Dougal faziam um varrido do Romatech e os jardins, Ian chamou o Angus para lhe dar uma atualização e um pedido de mais guardas. Angus seguia em casa do Jean-Luc no Texas. Desde que Jack e Zoltan tinham previsto retornar a Europa logo, acessou a ficar em Nova Iorque durante uns poucos dias antes de teletransportar-se para o este. Chegariam antes do amanhecer.

Uma revisão rápida dos monitores no escritório de segurança lhe mostrou a localização da Toni. Estava na cafeteria do Romatech com a Sabrina, Carlos, e Teddy. Estudou a tela do monitor de perto. Toni levava o colar de coração que lhe tinha comprado. Era um bom sinal. Estava-se rindo com o Carlos e Teddy. Sabrina estava comendo tranquilamente, jogando um olhar ocasional com cuidado para o Carlos.

Segundo Howard, Carlos, e Teddy tinham chegado fazia uma hora e encheram pedidos de emprego para Segurança MacKay e Investigação. Carlos seria um excelente protetor quando não estivesse ocupado rastreando a mais de sua própria espécie. Quanto ao Teddy, Ian tinha outros planos para ele. Deteve-se no escritório da Shanna para recolher sua pasta, e logo se dirigiu à cafeteria.

Os bonitos olhos verdes de Toni se iluminaram quando se aproximou. Sua mão se moveu ao coração de ouro no peito. — Obrigada.

— É bem-vinda. — Beijou sua bochecha, e saudou outros.

Sabrina o olhou com curiosidade. — Está usando uma saia escocesa, — sussurrou à Toni.

— É um escocês medieval, — sussurrou Toni de volta.

— OH. — Os olhos da Sabrina se ampliaram.

— Temos uns nachos. — Indicou Carlos a um prato sobre a mesa. — Mas não acredito que

esteja interessado.

— Já comi. — Ian se sentou à cabeceira da mesa.

— Alguém que conhecemos? — Os olhos de cor âmbar do Carlos brilharam. — Au. — Olhou Toni.

Ian sorriu porque tinha ouvido o chuto em baixo da mesa.

— Sobretudo bebo AB positivo. É meu sabor favorito. — Quando as bochechas da Toni se voltaram muito rosas, inalou profundamente. — Cheira como o céu em ti.

Seu rubor se intensificou. — Pode degustar alguma diferença entre os diferentes tipos de sangue? E pode dizer que tipo têm as pessoas?

— Sim. — Sabrina fez uma careta e se afastou Ian se deu conta de que era melhor trocar de tema. Deu uns golpezinhos na pasta que tinha trazido do escritório da Shanna. — Isto é algo que Roman e Shanna estiveram trabalhando desde que Constantine começou a levitar com a idade de três meses.

Olhou a Sabrina e ao Teddy. — Devo me explicar. Roman Draganesti é o dono do Romatech e inventor do sangue sintético.

— Já lhes tinha dito quem é quem, — disse Toni.

— E Howard, falou comigo e com o Teddy sobre a guerra contra os Malcontents, — adicionou Carlos.

— Bem. — Ian abriu a pasta. — Roman e Shanna têm um segundo filho a caminho. Heather e Jean-Luc planejam ter filhos, também.

— Estamos falando de meninos meio vampiro? — Perguntou Sabrina, com o nariz enrugado.

— Sim, é a única maneira em que podemos ser pais, — Ian olhou Toni, perguntando-se como se sentiria a respeito de dar a luz a um menino.

Seu olhar se encontrou com ele, e seus olhos se abriram. Sabia o que estava pensando? Sabia o muito que estava apaixonado por ela?

Carlos clareou a garganta.

Ian rompeu o contato visual e tirou um punhado de grandes fotos da pasta. Deslizou-as pela mesa. — Esta é uma propriedade no estado de Nova Iorque que Roman adquiriu recentemente. Há uma mansão, numerosos edifícios, uma piscina, pistas de tênis, e 300 acres.

— Uah. — Teddy pegou uma foto. — É enorme.

Toni estudou uma imagem da casa principal. — É formosa. — Passou a foto a Sabrina.

— Impressionante. — Carlos olhou a extensa aérea dos terrenos. — Roman deve ser muito rico.

— Sim, mas isto não pretende ser uma amostra de riqueza. Roman o mantém em segredo. Shanna se deu conta faz algum tempo, que os meninos necessitam um lugar seguro para ser educados e aprender suas habilidades especiais.

Teddy levantou a vista da foto que estava examinando. — Tem a intenção de converter esta mansão numa escola?

— Sim. — Ian lhes entregou o resto das fotos. — Entendem a necessidade de manter o segredo a respeito disto? Os meninos que assistirão a esta escola serão únicos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— O que acontece com os meninos troca-formas? — Perguntou Carlos. — Serão bem-vindos ali?

— Sim. — Assentiu com a cabeça Ian. — Qualquer menino com habilidades anormais. Ou meninos que simplesmente sabem muito. A filha da Heather entra nessa categoria.

— Isto é genial! — Disse Teddy manuseando diferentes fotografias. — Uma escola para futuros super-heróis! Vão viver no campus?

— Poderiam. — Ian se encolheu de ombros. — Alguns dos meninos vampiros podem se teletransportar se querem viver em sua casa.

— Isto é genial. — Toni passou outra foto da Sabrina. — Não posso esperar para te apresentar ao Constantine. É tão inteligente e doce. E já pode levitar e teletransportar-se.

Sabrina ficou quieta, com o cenho franzido nas fotos.

— Olhe isto. — Carlos assinalou uma foto de um lago. — Há uma ilha aqui. Seria o lugar perfeito para que meus filhos praticassem suas habilidades de pantera sem pôr em perigo a outros meninos.

Toni se inclinou para diante para olhar. — Essa é uma excelente ideia.

— O principal problema que enfrentam Roman e Shanna, — continuou Ian, — é encontrar professores e administradores nos quais se possa confiar.

— Conta comigo, — disse Teddy.

— Comigo também, — disse Carlos. — Eu gostaria de levar os meus órfãos para lá.

Ian olhou Toni. — O que você pensa?

— Acredito que foi muito sábio por parte do Roman e Shanna planejar o futuro desta maneira. Não acredito que Tino pudesse ser feliz numa escola normal. — Girou-se para a Sabrina. — Este seria um lugar interessante para trabalhar, não te parece?

Sabrina lentamente empilhou as fotos. — É um lugar formoso. E uma ideia interessante. — Olhou Toni preocupada. — Mas este não era nosso plano. Queríamos ajudar aos meninos que ficaram sem lar, famintos e que sofrem. Este Constantine tem um pai milionário para cuidar dele. O que acontece os meninos que não têm a ninguém? Não podemos lhes dar as costas só porque estes meninos mutantes sejam mais interessantes.

As bochechas de Toni se voltaram de cor rosa. — Não os chame mutantes, por favor.

Os olhos da Sabrina se estreitaram. — Não estará pensando em ter algum, verdade?

Um incômodo silêncio caiu sobre eles. Ian olhou Toni com cuidado, mas ela evitou seus olhos. Seu rubor avermelhou. Estava envergonhada de estar envolvida com ele?

Sabrina apartou a pilha de fotos. — Isto é admirável, mas não é o nosso plano. Toni e eu estivemos trabalhando em nosso próprio plano durante dez anos.

Toni fechou os olhos com uma expressão de dor. Uma pontada de pânico se introduziu no estômago de Ian. E se decidia abandonar por completo o mundo dos vampiros? E se o deixava?

Agarrou a pilha de fotos. — Há 300 hectares aqui. Podemos construir mais edifícios. Não há necessidade de afastar os meninos.

Toni finalmente o olhou. — Poder-se-ia instalar um orfanato normal ali?

Ian tomou sua mão. — Teríamos que ter o OK do Roman. Mas quero manter os dois

mundos. Não tem que escolher um ou outro.

Seus olhos brilhavam com a umidade. — Isso seria genial.

— Olhe este campo detrás da mansão. — Carlos mostrou uma foto da Sabrina. — Seria um campo de futebol perfeito.

Ela soltou um bufido. — Posso ver onde estão suas prioridades.

— Vamos, Sabrina. — Teddy se inclinou para frente. — Esta é a melhor oportunidade de sua vida.

Ela suspirou. — Pensarei nisso. Ainda tenho um pouco de tempo para me adaptar a tudo... — Ela olhou com receio ao Carlos e ao Ian. — E ainda tenho um ano de escola. Quer dizer, se posso voltar para a escola sem que meu tio trate de me encerrar.

— Estávamos falando disso antes de sua chegada. — Toni selecionou uma batata da bandeja e a mordeu.

— Temos que ir buscar a bolsa da Bri na casa de seu tio e de algum jeito convencê-lo de que a deixe a ela e a seu dinheiro em paz.

Carlos agarrou um saleiro e orvalhou mais sal nas batatas. — A polícia veio hoje, em busca da Bri, Teddy, e Toni. Temos que conseguir endireitar esta confusão antes que um de nós seja detido.

Ian o considerou enquanto empilhava as fotos na pasta. — Onde vive este tio?

— Westchester, — disse Carlos enquanto comia uma batata. — Estive ali antes. Acredito que poderia convencer à faxineira de que me traga as coisas da Bri.

— Deveria ir, — disse Sabrina.

Ian negou com a cabeça. — Não, estas mais segura aqui com o Teddy. — Ficou de pé. — Carlos, conduz a Toni à casa do tio. Então me chame e me teletransportarei ali para conhecê-lo. Tenho que ir a outro lugar primeiro.

— Onde? — Perguntou Toni. — O que planeja?

— Deixei minha capa, na Escócia. Entretanto, Roman tem uma capa de vampiro e smoking na casa. Tenho que pôr primeiro o traje.

Os olhos da Toni se abriram como pratos. — Traje?

Teddy sorriu. — Genial! Sempre hei dito que necessitava uma capa.

Sabrina franziu o cenho. — O que vais fazer a meu tio?

— Não se preocupe, não vou ser violento. — Ian sorriu. — Mas não acredito que seu tio desfrute de seu encontro com o *Conde Drácula*.

Capítulo 23

—Estás muito bonito. — Toni ajustou a gravata negra de Ian. Ele acabava de materializar-se no beco detrás da casa dos Proctor no Westchester.

— Supõe-se que devo dar medo, — resmungou.

Mas bem sexy. Toni passou seus dedos por cima de seu elegante smoking negro. Sua capa era de cetim negro forrado em vermelho, e seu cabelo negro encaracolado dentro do pescoço alto. — Se estivesse fazendo um filme de vampiros, contratar-te-ia em seguida.

Carlos clareou a garganta. —Se já terminaram de se admirarem um ao outro, sigamos com isto. — Aproximou-se da porta de trás para a cozinha e a golpeou brandamente.

A criada apareceu à janela e sorriu quando Carlos a saudou com a mão. Abriu a porta e falou com ele brandamente em espanhol. Ele fez um gesto a Toni e Ian, e a criada assentiu com a cabeça.

— Maria me permite me aproximar sigilosamente pelas escadas de trás, — disse-lhes Carlos. — Recolherei as coisas de Bri e os encontrarei em baixo. Ela diz que o médico está na biblioteca na parte dianteira da casa.

— Darei a volta. — Ian desapareceu entre as sombras.

Carlos se foi pelas escadas de trás, enquanto Maria acompanhava a Toni à biblioteca.

O Dr. Joe Proctor passeava por detrás de seu escritório, falando pelo telefone móvel. —Olhe Jenkins, supõe-se que é o melhor Privado no negócio. Não me diga que não pode encontrar a uma garota piolhenta. — Fez uma pausa, esfregando uma mão por cima de sua cabeça calva. —Sim, dou-me conta de que teve de procurar ajuda. É… — Viu a Toni na entrada da biblioteca. — Chamar-te-ei logo.

Deixou cair o telefone sobre o escritório enquanto se aproximava da Toni. — Quem é você?

— Sou Toni Davis, companheira de quarto da Sabrina.

Ele vacilou, e logo fez um grande sorriso. —Toni, que maravilhoso te conhecer. Deve estar terrivelmente preocupada com a Sabrina. Permita-me te assegurar, que brevemente a encontrarei. Não sabe algo sobre seu desaparecimento, verdade?

— Nunca a encontrará.

Seu sorriso se transformou numa careta. — Você a ajudou a escapar, não? — Aproximou-se da escrivaninha e agarrou seu telefone. — Entregar-te-ei à polícia. É óbvio, pode evitar ser presa se me diz onde está Sabrina.

— Siga adiante. Chame à polícia. Eu gostaria de informá-los de alguns crimes. Vejamos, há negligência médica por alegar que Bri estava delirante quando não o estava.

Levantou o queixo. — Qualquer psiquiatra estaria de acordo com meu diagnóstico.

— Logo está a malversação de seus recursos fiduciários e mantê-la presa em sua propriedade para que pudesse roubar mais seu dinheiro.

Ele fechou seu telefone. — Não pode provar nada disso.

Toni se encaminhou para ele. — Uma vez que a polícia investigue seus registros financeiros, estará muito claro. Que você encarcerou a Sabrina. Que envenenou sua mente. Que tratou de roubar toda sua vida.

— Não, não. — Ele moveu uma mão no ar. — Não a ia manter encerrada para sempre. Só necessitava um pouco de dinheiro para pagar umas dívidas de jogo.

— E logo apareceriam mais dívidas de jogo.

Os olhos do Proctor se estreitaram. — Eles me teriam matado. Não tinha nenhuma opção.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Esses tipos são o menor de seus problemas. Perguntou-se como escapou Bri?

Ele a olhou com receio. — É óbvio que me perguntei isso.

— Encerrou-a porque disse que os vampiros são reais. Mas só um vampiro pôde ter ajudado em sua fuga.

— Está tão louca como ela. — Os olhos do Proctor estavam acesos. — Encerrarei às duas.

Toni sorriu. — Pode tentá-lo. Mas antes apresentarei a alguém. — Levantou uma mão para dar o sinal ao Ian, que esperava fora da janela. Seu corpo se materializou no centro da habitação.

Proctor abriu a boca e deu um passo atrás. — O que? Isto... Isto é algum tipo de truque.

Ian levantou os braços, estendendo sua capa amplamente. — Você não acredita na existência dos Não Mortos?

Toni se mordeu o lábio para não rir. O falso acento Transilvânio do Ian ainda tinha um toque de escocês.

— Im... Impossível, — respirou Proctor.

Ian zumbiu para o escritório a velocidade de vampiro. Proctor cambaleou para trás e golpeou contra a prateleira de livros.

— Você acreditará. — Ian levitou no ar.

Toni fez uma careta quando sua cabeça quase se chocou no teto. Pelo menos Proctor parecia realmente aterrorizado quando se encolheu atrás do escritório. Ela só pensava que Ian se via muito lindo.

Ele se deixou cair sobre o escritório, e com um brilho, seus olhos brilharam de um azul brilhante e suas presas saltaram para fora. Toni estremeceu. Isso não era muito lindo.

Proctor se aconchegou no chão, levantando seus braços numa postura defensiva. — Não me faça mal. Por favor.

Com um assobio, Ian arrojou sua capa por cima de seus largos ombros. Toni cambaleou como se seus joelhos se debilitassem. Por Deus, estava totalmente no modo de monstro, e tudo o que podia pensar era em "*me morda*". Que estranho, pois o ataque dos Malcontents a tinha deixado aterrorizada e enojada, enquanto que a ideia de que Ian a mordesse fez que sua pele fizesse cócegas de antecipação.

Seu rosto se esquentou, e se ruborizou por todos lados, sentindo o fluxo de sangue por suas veias. Correndo mais e mais rápido, como se o necessitasse para escapar, como se tratasse de chamá-lo.

Ian se voltou para ela, e uma quebra de onda de luxúria quase a atirou de seus pés. Ela abriu a boca quando o azul brilhante de seus olhos ficou no vermelho vivo. OH Deus, ele sabia que estava quente.

Deu um passo atrás, levantando uma mão para sua garganta. Seu coração pulsava com força. Suas coxas apertadas juntas com uma necessidade repentina, quente. Que pena, não era de estranhar que as mulheres lhe tivessem devotado sangue durante séculos.

Ian se voltou para o médico que tremia, acurralado no chão. Estendeu seu braço direito, e Proctor estremeceu como se uma força invisível o tivesse golpeado.

— Está sob meu controle. — Os olhos de Ian brilhavam de um azul intenso, e Toni se deu

conta de que estava utilizando o controle mental. — É humilde, e eu sou seu amo.

— Você é humilde, e eu sou seu amo, — sussurrou-lhe Proctor, com os olhos muito abertos e frágeis.

Ian fez uma careta. — Não. Eu sou o amo.

— Você é o amo, — disse Proctor.

Toni reprimiu um sorriso. Ian não era muito bom sendo um monstro maligno. Sem surpreender admirou.

— Escuta e obedece, — ordeno Ian. — Nunca mais roubará a Sabrina de novo. Nunca mais interferirá em sua vida. Sempre será um tio honrado para ela. Entende?

— Sim, amo.

Ian se voltou para o Toni. — Algo mais?

— Chamar à polícia, — sussurrou.

Ian estendeu seu braço de novo. — Pare a busca da Sabrina e Teddy. Diga à polícia que foi um engano. Preencha os formulários adequados de liberação. Nunca mais faça apostas de novo. E pague todas suas dívidas, utilizando seus próprios recursos.

Proctor assentiu com a cabeça. — Sim, amo.

Ian saltou da mesa para ficar ao lado do médico. — Não fale com ninguém de esta noite. Sei como te encontrarei Joseph Proctor.

— Sim, amo.

— Já terminou? — Perguntou Carlos na entrada, com os braços cheios de objetos da Bri.

A donzela olhou ao Ian com curiosidade.

— Uma coisa mais. — Ian se voltou para o Proctor. — Tratará a sua criada com respeito. — Colocou sua mão sobre a cabeça do Proctor, e o doutor caiu num profundo sonho.

— Obrigado, senhor. — Maria se benzeu, e logo os levou a porta de trás. — Sabrina está bem?

— Sim, — disse-lhe Toni. — Obrigada por sua ajuda.

— Obrigado. — Carlos a beijou na bochecha.

Maria riu bobamente enquanto fechava a porta.

— Esteve maravilhoso! — Toni abraçou ao Ian. — Obrigada.

Ele sorriu e a beijou na frente.

— Consigam uma habitação, — murmurou Carlos enquanto caminhava para seu carro. Guardou as coisas da Bri no porta-malas.

Ian tomou a mão do Toni enquanto caminhavam de retorno ao carro do Carlos. — Zoltan e Jack vão chegar antes do amanhecer. Não há espaço suficiente para todos no Romatech, assim voltaremos para a casa para nosso sono mortal.

— Seguro que estará a salvo ali? — Perguntou Toni.

— Será seguro durante o dia, — respondeu Ian. — Os Malcontents estarão tão mortos como nós. E Howard passará o dia ali. Carlos, também.

— Bem. — Toni se deteve junto ao Jaguar do Carlos. — Vem conosco, Drácula?

— Vereei-te mais tarde, carinho. — E desapareceu.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Mas não o viu mais tarde. Depois Carlos a levou de retorno ao Romatech, e disseram a Sabrina e ao Teddy a boa notícia, e imediatamente Bri quis ir a casa para ver o Vanderkitty. Então, com todo mundo no apartamento da Toni e da Bri, pediram comida a Chinesa e celebraram.

Howard tinha pedido ao Carlos que começasse seu trabalho de segurança imediatamente, por isso Carlos embalou um pouco de roupa para ir à casa urbana. Toni recolheu um pouco mais para ela. Estava nervosa por deixar Bri sozinha, por isso Teddy se ofereceu a passar a noite no apartamento.

Eram às dez da noite quando Carlos e Toni chegaram à casa do Roman Draganesti em East Side, e lhes levou uns trinta minutos mais que Carlos inspecionasse e admirasse cada habitação. Escolheu o quarto junto ao da Toni para ele.

— Isto é perfeito para mim, *menina*. — Deslizou a mão com admiração sobre a madeira da cama de estribo de ferro forjado. — Eu adoro esta decoração espanhola.

— Acredito que a habitação pertencia a uma dama medieval espanhola chamada Maria Consuelo, — disse Toni.

— O que aconteceu a ela? — Carlos pôs sua mala na colcha de veludo vermelho.

Toni tratou de recordar o que Dougal lhe havia dito sobre o ex-harém, quando se tinha mudado fazia mais de uma semana. Tinha estado tão insultada pela ideia de um harém que se desconectou da metade do que havia dito.

— Minha habitação pertencia a uma garota medieval chamada Princesa Joana. Ela e Maria Consuelo não estavam muito encantadas de ser Coproprietárias do *Horny Devils*, por isso venderam suas ações a Vanda e se transladaram a Europa. Londres acredito.

Carlos baixou o zíper da mala e começou a tirar a roupa. — Tenho que te dar os agradecimentos, querida. Este é o melhor trabalho possível para mim. Howard disse que trabalharão quando tenha as minhas classes restantes para poder terminar meu máster.

— Isso é genial. — Os olhos da Toni olharam o montão de roupa interior uso biquíni que Carlos tinha acumulado. Um deles era como um leopardo, e outro era rajado como um tigre.

— E trabalharão comigo nas minhas viagens de investigação, também. Nunca encontraria outro empregador tão pormenorizado.

— Bom, os vampiros sabem quando podem confiar nos mortais. — Não é que Carlos fosse totalmente mortal. Carlos Pantera. Toni mentalmente se deu uma palmada na frente. Deveria havê-lo sabido. Deu um coice quando pôs um artigo mais na cama. Bom duelo. Esse era o cortador de unhas maior que jamais tinha visto.

— É tão maravilhoso, menina. Sempre tive que guardar mi... Bom, meu segredo muito bem, já sabe. Entretanto, com este trabalho, sou livre de ser eu mesmo. De fato, ao ser um troca-formas na realidade aumenta meu valor. E encontrei uma casa para meus órfãos.

Toni sorriu. — Estou muito feliz por eles. E por ti.

Carlos rodeou a cama e a abraçou. — Muito obrigado.

— Graças a ti, Carlos. Sempre foi um grande amigo. — Ela resistiu ao impulso de acariciá-lo detrás das orelhas. O tipo virtualmente ronronava. — Deixar-te-ei para que se instale. Temos que nos levantar antes da saída do sol, já sabe.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela se moveu para a porta.

Ele agarrou um montão de roupa e se dirigiu à escura cômoda, de madeira esculpida. — O que vais fazer *menina*? Vais ficar com o Ian ou voltar com a Sabrina?

Essa era a pergunta do dia. Toni tocou o pendente de coração no peito. — Espero que não seja a uma ou a outra situação. O da Sabrina virá com o tempo.

Carlos assentiu com a cabeça. — Às vezes terá que atrever-se a acreditar.

Toni foi a sua habitação, repetindo-se essas palavras para si mesmo. Atreve-te a acreditar. Amava a Bri, e amava ao Ian também. Tinha que acreditar que tudo ia sair bem.

Adormeceu pela manhã, e não despertou até que ouviu o Carlos golpeando a sua porta.

— Vou para baixo, — gritou. Maldita seja, maldita seja, maldita seja. Odiava as manhãs. Precipitou-se para a ducha e se lançou sobre seu uniforme. Ia depressa pelas escadas, atirando seu rabo-de-cavalo úmido através de uma banda para o cabelo, quando viu o Zoltan Czakvar e ao Giacomo dava Venezia, também conhecido como Jack, subindo as escadas.

— *Belíssima* tão encantada como sempre. — Jack se inclinou.

O moço era o máximo. Toni apreciou o completo, mas sabia que seu uniforme masculino ficava folgado e feio, e que levava muito pouca maquiagem. — Vos retirais para a noite, quero dizer, pelo dia?

— Sim. Estaremos nas habitações do quarto piso, — disse Zoltan. Entre bocejo e seu acento húngaro, era difícil de entender.

— *Belíssima,* examinara-me pessoalmente? — Os olhos marrons do Jack brilharam.

— Se você gostar. Seguro.

— *Molto bene. Ciao, belíssima*. — Jack pôs em marcha outro lance de escadas.

Zoltan caminhava detrás dele. — Está pensando em dormir nu, não?

Jack pôs-se a rir.

Toni girou os olhos, e logo correu pelas escadas. Com sorte, Ian estaria ainda acordado. No vestíbulo de entrada, encontrou ao Dougal e ao Phineas baixando ao porão.

Phineas bocejou. — Boa noite, coração.

— Boa noite. Ou manhã. — Estes meninos a deixavam confusa. — Haveis visto o Ian?

— Já se foi à cama. — Dougal fechou a porta do porão detrás dele.

Muito tarde. Maldita seja. Era difícil ter noivo no turno de noite. Caminhou para a cozinha.

— Bom dia. — Howard se sentava sorrindo na mesa da cozinha, comendo uma garra de urso.

Pastéis redondos, outra vez? Seguia comendo isso, ficaria tão grande como um urso. Deu-se conta de que Carlos levava uma colher de algo de um prato à boca. Via-se um pouco mais saudável. — O que está comendo? Miado Mix?

Howard soltou um bufido de risada, enquanto Carlos lhe dirigiu um olhar suave.

Toni sorriu docemente. — Hão-me dito que têm uma nova fórmula anti-bola de cabelo.

— São cereais. — Carlos lhe mostrou a caixa.

— Hmm, Especial K para gatinhos? Posso ter um pouco? — Ela agarrou uma tigela funda.

— Se deixar de ser maliciosa, — queixou-se Carlos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sinto muito. — Deu-lhe uma palmada na cabeça. Sabia que estava intratável. Estava muito decepcionada por não ver o Ian. Seria um longo, longo dia até o entardecer. Depois do café da manhã, ofereceu-se a ir comprovar. — Está no quinto piso?

— Sim. — Howard terminou sua taça de chá. Com mel extra, sem dúvida. — O que diz, Carlos? O que te parece uma sessão de artes marciais? Quero ver quão bem pode lutar.

— De acordo. — Howard e Carlos se dirigiram para as escadas do porão,

Enquanto que Toni começou a comprida ascensão até o quinto piso.

Estava respirando um pouco forte no momento em que chegou ao escritório do quinto piso. A habitação estava às escuras, as persianas de alumínio fechadas. Uma garrafa vazia de sangue no lavabo do bar. Ian deve ter tomado um aperitivo antes de ir à cama.

Abriu as portas dobre que conduziam à habitação. A luz saía da porta parcialmente fechada do banho.

— Deixou a luz acesa. Que vergonha. — Aproximou-se da parte esquerda da cama. Ian estava deitado com sua camiseta branca e suas calças de pijama de flanela a quadros. Tinha dobrado o edredom de camurça cor bronze e se recostava sobre os lençóis de algodão fresco. Seu cabelo negro estava solto de sua correia de couro e era um dramático contraste com a capa branca do travesseiro.

Estava na posição habitual para assumir seu sono mortal. Sobre suas costas, os pés grandes assinalando ao teto, com as mãos cuidadosamente sobre seu estômago plano. Provavelmente tinha aprendido esta posição durante os séculos dormindo num ataúde.

Toni olhou duas vezes a área por debaixo de suas mãos entrelaçadas. Havia um vulto definido em seu pijama. Inclinou-se para ver melhor. Tinha caído em seu sono mortal com uma ereção. Era… Era possível estar tão duro?

Endireitou-se com uma respiração profunda. — Menino travesso, — sussurrou e olhou sua formosa cara. Uma sombra de barba escura forrava sua forte mandíbula. Suas pestanas negras eram muito grossas. Odiá-lo-ia se não o amasse tanto. Alargou a mão para tocar a linda covinha em seu queixo. Seus olhos se abriram de repente. Ela deu um salto. Uma mão se fechou ao redor de seu pulso num férreo controle. Ela ofegou.

— Surpresa! — Ele a agarrou pelos braços e a fez rodar sobre a cama.

Capítulo 24

Oh certamente a tinha surpreendido. Estava recostada na cama, sua linda boca se abriu involuntariamente. Deu a volta sobre seu flanco para enfrentá-la e se apoiou num cotovelo.

— Você… não está morto, — sussurrou.

Sorriu. — Não neste momento.

— Como? Tomou essas pastilhas? As pastilhas para permanecer acordado?

—Sim. Sei onde estão escondidas.

Ela se sentou. — Entretanto, Ian te faz envelhecer.

— Um ano por cada dia. — Ele se encolheu de ombros. — Assim terei vinte e oito em lugar de vinte e sete.

Sua boca se abriu novamente. — Esteve disposto a envelhecer um ano?

— Para passar um dia contigo, sim.

— Isso é muito doce. — Ela se deitou, enfrentando-o. — Mas está seguro de que deve ser doce? Quero dizer, está acordado, e os meninos maus dormindo.

Seu sorriso se ampliou. Era tão brincalhona como ele. — Assim quer matá-los, enquanto são incapazes de defender-se?

Ela deu um coice. — Dou-me conta de que não é algo muito honorável, mas eles fariam isso num segundo.

— Sim, Fá-lo-iam, por isso teremos que nos assegurar de que jamais consigam as pastilhas. — Escovou uma mecha de cabelo úmido de sua bochecha. — na realidade, estaria tentado de matá-los a todos e acabar com esta confusão, mas têm como guarda-costas a uns vinte meninos da máfia russa com rifles de assalto de alto poder.

— OH. — Ela fez uma careta. — Isso seria desagradável.

— Sim, muito desagradável. Desde que Roman os visitara durante o dia, estiveram mais alertas. — Arrastou um dedo ao longo da linha de sua mandíbula. — E logo está o problema de me converter em cinzas se sair ao sol.

— Acredito que vamos ter que permanecer no interior.

— Sim, — disse, deslizando seu dedo sobre sua orelha.

— Suponho que poderíamos pensar em algo para passar o tempo. — Seus olhos brilhavam enquanto olhava a parte inferior de seu pijama. — Parece que o estiveste pensando antes que eu.

Sorriu com ironia. — Um homem sempre deve estar preparado.

É certo que enquanto estava na cama, esperando sua chegada, tinha crescido sua excitação simplesmente ao pensar em lhe fazer amor. Sabia que seus olhos se estavam voltando vermelhos agora. Uma tintura vermelha sombreava a habitação, fazendo que a pele da Toni luzisse rosada e a ponto, com o sangue. Seria um desafio para ele manter o controle. Deliberadamente se tinha enchido de sangue sintético para fazê-lo mais fácil.

O modo em que ela o tinha observado quando tinha desatado todo seu poder vampírico na biblioteca do Dr. Proctor, tinha estendido seu controle ao máximo.

Tinha escutado seu coração acelerando-se. Tinha cheirado o aroma de sua excitação. Tinha querido saltar sobre ela e afundar suas presas em seu pescoço. Suas gengivas se estremeceram, e se derrubou sobre suas costas, fechando os olhos fortemente.

Controle. Não se atrevia a fazer amor se não podia controlar-se.

— Está bem? — Sussurrou ela.

— Não quero te influenciar de maneira nenhuma. Se ficar em minha cama, deve ser sua decisão. Mas deve saber que vou te amar.

— Bom, estava contando com isso. — Sua voz soava amortecida, e a seguir algo suave caiu sobre seu rosto. Ele o apartou para um lado e abriu os olhos. Havia uma blusa azul marinho em

sua mão. Sua blusa. Ela se sentou a seu lado, deslizou os suspensórios de seu sutiã fora de seus ombros. O pendente de coração que lhe tinha oferecido se encontrava entre seus peitos.

— Está segura?

— Vejo-me insegura? — Lançou seu sutiã ao chão.

Ele se equilibrou sobre ela, empurrando-a sobre suas costas. — Eu adoro uma mulher decidida.

Ela sorriu. — Eu adoro um homem agressivo.

Ele estendeu uma mão ao redor de sua caixa torácica. — Sei que não me conhece a muito tempo

— Mas te esperei durante anos.

— Durante séculos. Acredito que meu coração te reconheceu desde a primeira noite que nos conhecemos. Só levou um par de noites mais a meu cérebro a ficar em dia.

Tocou-lhe a cara. — Sentia-o da mesma maneira.

Deslizou sua mão para cima até cobrir seu peito. — Quero que saiba que vou ser fiel. Amo-te, querida. Isso nunca trocará.

— OH, Ian! — Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. — Eu também te amo.

Ele se inclinou para beijar seus lábios. Eram suaves e úmidos, e se abriram brandamente. Sua língua formou redemoinhos em seu interior, explorando e degustando. Ela estremeceu debaixo dele, tão frágil em sua mortalidade, mas tão forte em sua paixão. Era tudo o que ele não era. Tudo o que ele desejava. Vida e luz. Pura e boa.

Sua língua se deslizou ao longo de seus dentes e logo girou corajosamente ao redor da afiada ponta de uma de suas presas.

Ele gemeu. Sabia o muito que estava paquerando com o perigo? Ela pressionou sua língua contra a ponta.

Com um forte suspiro, ele rompeu o beijo. Sua pele, seu pescoço, seus peitos, viam-se todos rosados e deliciosos através de seus olhos tintos de vermelho.

— Por todos os Santos, desejo-te. — Ele arrastou seus beijos desde sua garganta até seus peitos. Seu coração pulsava com força e ecoou em seus ouvidos, golpeando mais rápido e acelerando as chamas de sua paixão. Colocou uma mão debaixo de suas costas levantando-a no ar. Suas costas se arquearam, pressionando seus peitos contra sua boca. Com um gemido, ela lançou seus braços aos lados, como se entregasse seu corpo a suas necessidades.

E ele a necessitava. Cada centímetro dela. Mordiscou e chupou seus mamilos inchados até que as pontas se endureceram em sua boca. Sugava um enquanto beliscava o outro brandamente. Quando puxou ambos, ficou sem fôlego.

— OH, por favor! — Ela agarrou sua camiseta e puxou-a.

Ele tirou a camiseta sobre sua cabeça e a lançou. Logo lhe desabotoou o cinturão ao redor de sua cintura e atacou o cinto e o zíper de suas calças cor cáqui. — Maldita seja, nunca pensei que seria tão difícil tirar umas calças de homem.

Ela riu e tentou ajudá-lo levantando seus quadris no ar. Ele gemeu ante a vista. Puxou suas calças até seus tornozelos, mas foi detido por seu calçado esportivo. Com um movimento rápido

de seus pulsos, saíram voando pelo ar. Seguidos por suas calças e meias.

— Eu adoro suas pernas. —Tomou um tornozelo e levantou sua perna nua para poder plantar beijos ao longo de sua panturrilha.

— Tire as calças.

— Agora? — Fez-lhe cócegas debaixo de seu joelho.

Sua perna se sacudiu. — Sim. Agora.

Baixou o tornozelo sobre seu ombro, logo ficou de joelhos para arrastar para baixo a calça de seu pijama. Sua ereção saltou.

Apoiou-se sobre os cotovelos para obter uma melhor visão dele. — Uah.

— Espero que não pretenda que dance como esse tipo no *Horny Devils*. — Lançou seu pijama ao chão.

— Que tipo? — Murmurou ela, com os olhos pegos na virilha.

Quanto mais o olhava, mais inchado ficava. A este ritmo, não ia durar nem um minuto mais. Precisava distraí-la rapidamente. — Agora, onde estávamos? — Ele beijou seu tornozelo.

— Não. — Ela deslizou sua perna fora de seu ombro e se inclinou para diante. — Quero te tocar. — Ela rodeou sua ereção com sua mão.

— Ai, moça. Não posso suportar isto durante muito tempo.

— OH, vamos. — Ela o apertou com suavidade. — É um tipo rude.

— Sim, — ele vaiou sem fôlego enquanto ela jogava com seu polegar na ponta. Já se tinha filtrado uma gota, e estendeu a umidade ao redor. — Sou forte, — disse apertando os dentes. — Sou um guerreiro experiente.

— Um verdadeiro *He-Man*, — disse ela e o empurrou sobre a cama.

Sua cabeça estava a meio caminho fora do extremo da cama. Ficou sem fôlego enquanto sua boca o envolvia. Apertou o edredom com seus punhos. Podia dirigir isto. Não era um novato. — Eu… cresci uns quantos centímetros durante o verão.

Ela emitiu um som de apreciação no profundo de sua garganta. Seus dedos faziam cócegas em seus testículos, e logo apertava. Sua língua estava girando ao redor de seu membro. A habitação girava ao redor dele. Não podia acreditar. Isto era diferente a todo o sexo que tinha tido durante séculos. Talvez fosse porque sua — *equipe*? Era ligeiramente diferente, maior e mais amadurecido. Ou talvez fosse porque Toni era… Toni. Estava-o amando. Ele não queria que isto se detivesse nunca.

Mas ia se deter, e malditamente logo.

— Não! Toni!

Levantou a vista para ele, justo quando ele perdeu o controle. Com um gemido, que brotou de seu peito. Manteve o controle suficiente para afastar-se dela. Envergonhado, ejaculou sobre o edredom de pele de Ante do Roman. E a condenada coisa seguia saindo.

— Ai, moça. Sinto-o muito. Já não estou acostumado a isto... Não podia controlá-lo corretamente. — Baixou sua cabeça, muito envergonhado para olhá-la.

O som de uma risada tola rompeu o silêncio. Ele a olhou com receio. Ela estava rodando de um lado a outro, rindo tão forte que tinha lágrimas em seus olhos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Seu rosto se esquentava. — Ai, é verdadeiramente o desejo de todo homem que dele riam na cama.

— Ian, é tão lindo. Ai, misericórdia! Meu pênis é muito grande! Está fora de controle! — Ela imitava seu acento escocês e riu um pouco mais. — Pobre bebê. É tão triste estar super dotado. Acredito que terei que chorar.

Ele franziu o cenho. — Está certamente desfrutando disto.

— É óbvio. — Sentou-se, secando-os olhos. — Estou tão emocionada de poder te fazer perder o controle.

— Sério?

— OH, sim! É como uma surpreendente viagem de poder. — Ela flexionou seus bíceps. — Uma simples mortal conduz ao atrativo e imortal vampiro, mais à frente do bordo de seu controle. Sinto-me como *Super-Mulher*!

— Você gostou?

— OH Deus, sim. — Ela pressionou uma mão contra seu peito, logo riu um pouco mais quando seus dedos aterrissaram no sêmen. Agarrou o bordo do lençol e limpou suas mãos e seu peito.

Ian estava surpreso. Ele podia envergonhar-se a si mesmo com a Toni, e ela ainda o amava. Era o homem mais afortunado na terra.

— E tenho que dizer que realmente aprecio esses centímetros a mais. — Seu olhar baixou a sua virilha. — É magnífico.

— Obrigado. — Ele se sentia muito melhor agora. — Facilmente poderia ser convencido de voltar a perder o controle, já que te faz sentir tão bem.

Sua boca se esticou. — Isso é realmente nobre por sua parte.

— Meu objetivo é te agradar. De fato, agora que já não estou em perigo de explodir, posso dedicar mais tempo a te agradar.

Suas sobrancelhas se arquearam. — Isso soa bem.

— Sim. — Seus dedos se arrastaram para cima pela sua perna nua. — Será minha missão te levar mais à frente do bordo do controle.

— Amo a um homem com uma missão.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Fora sua roupa interior, moça.

Com uma risada, deitou-se. — Sim, sim, guerreiro medieval. — Ela enganchou seus polegares na cintura de suas calcinhas e lentamente rebolou fora delas. — Pode ter seu modo luxurioso comigo.

— Isso farei. — Ele admirava a forma em que movia seus quadris.

Quando sua roupa interior chegou na metade da coxa, ela não pôde avançar mais longe com suas mãos. — Teria a amabilidade de me oferecer um pouco de ajuda?

— Seria um prazer, minha querida senhora. — Ele enganchou um dedo em sua roupa interior e a arrastou para baixo por suas pernas.

— Deveria agradecer-lhe senhor. — Seu acento sulino se fez mais pronunciado, e lhe deu um olhar sensual.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Riu entre dentes. Ele deveria ter sabido o que fazer amor com a Toni não seria como qualquer outra coisa que tivesse experimentado antes. Ela encheu seu coração de alegria. — Com muito prazer, minha bela dama.

Arrojou suas calcinhas ao ar. Quando desafiaram à gravidade, olhou para cima e viu que ficaram penduradas no abajur.

Toni chamou sua atenção quando pôs um pé à direita e logo, com um sedutor rebolado de seus quadris, pôs o outro pé à esquerda. Abriu as pernas e disse, — Espero que desfrutes da vista.

— Sim, faço-o. —Podia ver a umidade brilhando em suas sensíveis dobras. Inalou profundamente, saboreando o aroma de sua excitação. — Ai, moça, é a mais formosa de todas as donzelas.

— Hmm. É muito amável. — Moveu os quadris provocativamente. — Tentarei me acomodar ao tamanho de sua virilidade. — Sorriu.

— Vou chupar até que seus globos oculares saiam.

Seus olhos se ampliaram. — De acordo.

Sujeitou-a pelos tornozelos e os colocou ao redor de seu pescoço. — Resiste carinho. Isto poderia chegar a ser selvagem.

Ela riu.

Ele agarrou seus quadris e enterrou seu rosto em seu aroma. Ficou sem fôlego quando começou a lamber e estremeceu quando a sugou. Introduziu dois dedos e a acariciou brandamente. Com ofegantes respirações, ela movia os quadris ao ritmo de seus dedos.

Estava bastante úmida agora. Tão quente. Tão formosa. E ele se estava endurecendo novamente. Desfrutou de um último olhar a sua úmida, e avultada carne, logo se moveu para o arremesso final. Moveu rapidamente sua língua, aumentando a velocidade, como só um vampiro pode fazê-lo.

Suas pernas apertaram. Seus quadris se levantaram. Quase aí.

Com um chiado, ela se sacudiu. Seus músculos internos se contraíram ao redor de seus dedos. Todo seu corpo se estremeceu.

Beijou suas coxas trementes e baixou seus pés à cama. Beijou seu ventre, seus seios. Mantinha-se suspenso sobre ela, e a ponta de sua ereção roçou sua lisa abertura.

— Ian. — Ela arrastou suas mãos por suas costas até os ombros.

— Quero ver o amor em seus olhos, quando estiver dentro de ti, — sussurrou.

— Tem-no. — Ela o olhou. — Amo-te.

Ele se deslizou dentro dela. Uma mescla de sensações se apoderou dele. Alegria, amor, prazer erótico, e um primário triunfo masculino ante a posse. Tinha a intenção de lhe fazer amor lentamente, mas era tão formosa, tão sexy, tão amorosa, que logo se moveram juntos para o clímax. Não podiam aproximá-lo suficiente.

Suas pernas fechadas ao redor de sua cintura mantiveram seus corpos juntos.

Seu orgasmo o golpeou duro. Ele bombeava nela com a velocidade e ferocidade que só um vampiro pode ter. Ela gritou e se veio com tal rapidez que estremeceu. Aferrou-se a ele enquanto seu corpo seguia com espasmos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— OH meu Deus! — Ofegou, tratando de recuperar o fôlego.

Ele apoiou sua frente contra a sua, sua respiração voltou pouco a pouco para a normalidade.

— Espero não te ter machucado, — sussurrou-lhe.

— Não. Foi… maravilhoso. Espetacular. Alucinante.

— Sim. — Desabou-se a seu lado e a atraiu para ele.

Seus olhos se fecharam vacilantes. —Esgotou-me.

— Sim. — Ele fechou os olhos e apoiou seu queixo contra seu cabelo. Um homem poderia facilmente querer uma eternidade disto.

Toni despertou, pouco a pouco tomando consciência de que estava nua e fria. Sentou-se. Na tênue luz que se estendia da greta na porta do banho, viu o Ian a seu lado. Seu olhar se desviou para baixo por seu corpo nu e de novo a seu rosto. Um homem muito bonito. Tão sexy. E tão doce ao envelhecer outro ano só por estar com ela. A droga tinha desaparecido? Sem dúvida, ele parecia morto para o mundo.

Jogou um olhar ao relógio da mesinha. Santo céu! Era quase meio-dia. Carlos e Howard tinham que estar perguntando-se o que tinha acontecido com ela. Subiu o lençol para cobrir ao Ian até ao peito. Logo foi ao banheiro e tomou uma ducha quente.

Retornou de novo à habitação com uma toalha envolta ao redor de sua cabeça e outra ao redor de seu corpo. Encontrou sua blusa no chão a um lado da cama e seu sutiã no outro. Levantou a vista para o candelabro de ferro forjado sobre a cama. Sua calcinha estava pendurada de um dos ramos espigados. Duvidava que pudesse alcançá-la, inclusive se subisse na cama e saltasse. Que lástima que não pudesse levitar como os vampiros.

Talvez pudesse encontrar algo com o que fazer tombar suas calcinhas. Olhou dentro do armário e sorriu à saia pendurada ali. Acariciou a suavidade do suéter do Ian e se aproximou para cheirar seu aroma. Viu as calças de couro negro que tinha usado a noite que resgataram a Bri. Detrás estava o smoking que tinha levado para interpretar a Drácula. E a seguir estava a capa de vampiro.

Ela arrastou seus dedos pelo liso cetim negro. O pescoço alto era genial. Olhou ao Ian, ainda morto para o mundo.

Bem, e por que não? Deixou cair suas toalhas no chão e agarrou a capa. Girou, agitando a capa como um toureiro. Então o envolveu sobre seus ombros e atou as cordas em seu pescoço. Apertou os borde com os dedos para que pudesse levantar os braços e desdobrar a ampla capa.

Zas correu através da habitação, deixando à capa inflar-se detrás dela. Logo executou algumas estocadas num estilo de passagem Duplo. Feliz com isto inclinou seu cotovelo direito, deixando que a capa cobrisse a metade inferior de sua cara. Igual a Snidely Whiplash, espreitando de um extremo ao outro da habitação.

Saltou aos pés da cama e levantou os braços. Com um olhar sinistro ao Ian, disse-lhe com uma voz horripilante e baixa, — Sou seu Mestre.

— *Like a virgin*, — respondeu uma voz feminina.

Toni deu a volta rapidamente. Tinha que ser seu telefone móvel. Suas calças estavam em algum lugar no chão.

Madonna cantava que estava sendo acariciada pela primeira vez.

— OH, te cale. — Toni saltou da cama e caminhou pela habitação, em busca de suas calças.

— Você é tão virginal como eu.

— Isso é discutível, — disse uma voz masculina.

Com um chiado, deu-se a volta. — Ian?

— Toni? — Seus olhos se ampliaram enquanto se dava conta de seu traje, ou a ausência disso.

Ela moveu rapidamente os borde da capa, juntando-os para ocultar seu corpo nu. — Pensei que estava morto. Outra vez.

Sua boca se torceu. — Não perderia isto por nada.

Sua cara se esquentou.

— *Like ao Virgin,* — Madonna se burlava dela.

Agarrou o telefone do bolso de sua calça. — Olá?

— *Menina*, o que te aconteceu? — Perguntou Carlos. — Subiu para comprovar ao Ian e nunca retornou.

— Estou bem. Ian está bem. — Olhou à cama. Ian estava sorrindo-lhe.

— Adormeceu? — Perguntou Carlos. — Sei que esta manhã estava cansada.

— Eu... Dormi um pouco. Sinto muito.

— Está bem. Não passa nada. Simplesmente pensei que teria fome. Howard está fazendo alguns paninis na cozinha. Quer um?

— Eu… uh. — Viu caminhar ao Ian diante dela para o escritório. A vista da parte posterior era genial. Tirou uma garrafa de sangue da pequena geladeira no bar e a meteu no micro-ondas.

— Toni, o que se está passando? — Exigiu Carlos. — Necessita um pouco de ajuda aí em acima?

— Não! Eu… estou bem, de verdade.

— Está acordado, não é assim? — Perguntou Carlos. — É isso, ou desenvolveste alguns gostos muito pervertidos.

— Está bem, está acordado, — confessou.

— Howard me contou do medicamento para que permaneça acordado, — disse Carlos. — Suponho que lhe estais dando um bom uso?

— OH, sim.

Carlos pôs-se a rir. — Ciao, *Menina*. — Pendurou.

— Sabem o que estamos fazendo? — Ian tinha retirado sua garrafa do micro-ondas e verteu o sangue num copo.

— Sim. — Ela deixou cair seu telefone e caminhou para o escritório. — Vamos estar com sérios problemas?

— Ninguém tem forma de comunicar-se com o Connor neste momento, assim não me preocuparia por isso. — Ian tomou um sorvo de seu copo enquanto a via aproximar-se. — Essa capa se vê melhor em ti que em mim.

— Não acredito que seja a capa o que está vendo. — Ela abriu rapidamente a capa por um

segundo para mostrar seu corpo.

Ian sorriu e tomou outro sorvo. — Algo incrível aconteceu.

— OH sim, o sexo foi genial. — sentou-se num tamborete do bar.

Riu entre dentes. — Isso também. Mas Toni, de fato adormeci. — Inclinou-se para ela, apoiando os cotovelos no bar. — Foi tão estranho. Não tinha dormido em séculos.

— Uah.

Bebeu mais sangue. — Tinha esquecido como era. O sono mortal é tão... Vazio. Não é mais que morte e esquecimento total. Mas isto foi doce e...

— Tranquilo?

Seus olhos brilhavam com a umidade. — Tive um sonho. Sonhei contigo.

— OH... Meu deus. —Ela notou que as lágrimas em seus olhos eram de cor avermelhada.

Tocou-lhe a cara. — Nunca teria pensado que fora possível.

Tomou sua mão. — O que sonhou?

Sua boca se torceu. — Fez um strip-tease para mim numa capa de vampiro.

— Sério? — Quando riu, ela fez uma careta. — Muito divertido. Qual foi o sonho?

Seus olhos se suavizaram. — Dir-lhe-ei isso algum dia.

— Hmm. — Ela se deslizou do tamborete. Afastou-se dele, e logo volteou um lado da capa para revelar um quadril arredondado. —Tenho métodos para te fazer falar.

Ficou sem fôlego quando ele se moveu para ela à velocidade dos vampiros. — Eu tenho métodos para te fazer gritar. — Desatou as cordas em seu pescoço e apartou a capa de seus ombros.

O material de cetim se agrupou no chão, o lado vermelho para cima. Ian a levantou em seus braços, logo a colocou no cetim vermelho.

— Bom, por que não? — Lhe lançou um olhar irônico. — Manchamos todo este lugar.

Com um sorriso, voltou rapidamente para o bar e agarrou seu copo. Uns centímetros de sangue ainda permaneciam na parte inferior de seu copo. — Deste-me uma ideia.

— vais manchar o tapete?

— Não. — ajoelhou-se a seu lado e orvalhou o sangue sobre seu peito e por seu torso.

— Que asco! Espero que tenha um plano para limpar isto. — Ela esqueceu sua indignação quando sua língua lambeu o sangue de seus peitos. Seguiu o rastro de sangue por seu torso, logo lambeu as últimas gotas de seu umbigo.

Retorceu-se no cetim vermelho, desfrutando da sensação decadente do cetim contra sua parte traseira. Ian voltou a sugar seus peitos. Sentiu seus dentes mordiscando muito brandamente, e recordou o aspecto de suas presas quando tinha entrado no modo completo de Drácula. Seus olhos tinham brilhado azuis, e intensos com o poder vampiro, logo se tornaram vermelhos enquanto a tinha olhado com fome. As velhas marcas de mordida em seus peitos e no torso picavam, mas não com medo ou repulsão.

Ela sentia desejo. E necessidade. — Ian.

Ele a olhou, e o resplendor vermelho em seus olhos atirava profundamente dela. Suas marcas de dentadas queimavam.

Ela passou suas mãos por seu comprido cabelo negro e agarrou fortemente sua cabeça. — Morda-me.

Ele piscou. — Não. Não diga isso. Não te usarei como alimento. Não tenho fome.

— Eu sim. Tenho uma profunda... Fome dentro de mim.

— Toni, está reagindo a meu poder Vampiro. Tentarei atenuá-lo.

— Não, deixa-o solto.

Ele a olhou com curiosidade. — Sabe que me está pedindo? Foi atacada. Tem terríveis lembranças.

— Quero converter esse terror em algo formoso. Pode fazer isso?

— Não posso evitar que continue te machucando. Mas tudo é uma ilusão. Controle mental. E sei como se sente com respeito a isso.

— Não tenho medo de sua mente. Amo-te.

Ele vacilou, franzindo o cenho.

— Fá-lo. Faz tudo. Quero experimentar tudo contigo.

Ele fechou os olhos. — É muito tentadora. Posso cheirar seu sangue, quente e delicioso. Posso escutá-lo correr através de ti, me chamando.

—Tome.

Seus olhos se abriram, e ela ficou sem fôlego pelo surpreendente azul. Uma onda de ar congelado golpeou sua frente, e logo se arrastou por seu corpo, sua pele formigando e com pele de galinha.

Estou contigo. Sua voz ressonava em sua mente e seu corpo inteiro se estremeceu como se estivesse soprando seu fôlego sobre ela. Acariciou lhe o pescoço. *Vamos compartilhar a mente, o corpo e o sangue*. Lambeu lhe o pescoço, e ficou sem fôlego, a mesma sensação passando entre suas pernas.

Tinha que ser uma ilusão. Entretanto, um inferno de ilusão. Todo o formigamento em seu pescoço se ecoou abaixo. Sua necessidade cresceu mais desesperada, e o formigamento se converteu em pulsos palpitantes, exigindo satisfação.

Ela envolveu suas pernas ao redor dele. — Tome agora.

Suas presas se estenderam com um pequeno assobio que fez que o ansiasse. Estremeceu-se quando sua ereção se apertou contra ela e seus dentes brandamente rasparam seu pescoço. Logo, logo ia acontecer.

Inundou-se em seu centro com tanta força, mal notou a espetada em seu pescoço. E então estava amando-a, tomando seu corpo e sangue. *Estou dentro de ti em todos os sentidos. Você é minha, e eu sou teu.*

Com cada sucção em seu pescoço, um estremecimento de prazer se deslizava através dela. Logo se afastou de seu pescoço. *Não quero tomar muito*. Lambeu as feridas da mordida, os tremores continuaram e se intensificaram com cada investida de seu corpo em seu centro.

Seu ritmo se acelerou. *Posso-te sentir chegando ao orgasmo. Estamos chegando juntos.*

E assim o fizeram. Toni gritou justo quando escutou o estrondo de um rugido de prazer através de sua mente. Nunca havia sentido nada igual. Seus corpos se estremeceram juntos como

numa dança coreografada. Suas mentes pulsavam com o prazer compartilhado. *Incrível,* pensou, ou ele o pensou? Não podia dizer quem era quem. Eram só um.

— Ian, — sussurrou enquanto suas respirações voltavam para a normalidade. Inclusive suas respirações estavam sincronizadas.

Pode sentir quanto te amo? Sua voz enchia sua mente.

Uma calidez a alagou e trouxe lágrimas a seus olhos. Então um calafrio a percorreu, ele se tinha ido. Tinha desaparecido de sua mente, mas jazia junto a ela com amor em seus olhos.

E soube, nesse mesmo momento, que nada a impediria de passar o resto de sua vida com o Ian. Nem amizades nem vilãos podiam impedir que o amasse.

Nem sequer a morte poderia interpor-se entre eles.

Capítulo 25

Essa noite, pouco depois do pôr do sol, Toni se sentava no salão com o Ian, Carlos, Howard, e com todos os meninos Vampiros, olhando a Rede Digital de Vampiro. Stone Cauffyn das Notícias de todas as noites falava monotonamente. Phineas e Jack faziam rir com as suas imitações do locutor aborrecido.

Stone girou a cabeça. — Qual é o significado disto?

A câmera se desviou, e Toni ofegou. Jedrek Janow se aproximava do escritório do locutor com uma pistola na mão. — Tomem-no, — ordenou, e o russo Malcontent passou a toda velocidade para deslizar uma corda de prata ao redor do Stone Cauffyn.

— O que faz você? — Perguntou Stone. — Isto é totalmente irregular.

— Processe-me! — Indicou Jedrek, e a câmera trocou para ele. — Você, o da câmera, fará o que digo se quer viver.

A câmera se moveu.

Jedrek cabeceou. — Bom, agora mostra a nossa audiência o que temos detrás da porta número um. — Movendo-se a sua direita.

A câmera se moveu para a porta. Yuri e Stanislav entraram no estudo de gravação, cada um arrastando a um refém.

Toni ofegou. — Têm a Corky Courrant.

— E outra mulher, — murmurou Ian.

— Eu digo que permitamos que mate a Corky, — disse Phineas.

— Shh. — Ian subiu o volume quando Jedrek falou. — Como podem ver, tomamos DVN. Sua programação regular foi cancelada por uma exibição mais interessante. Ian MacPhie tem vinte minutos para me trazer à droga para te manter acordado, ou começo a executar as pessoas na televisão ao vivo.

Toni ficou aturdida e muda, enquanto que todos os homens começaram a falar ao mesmo tempo. Quantos homens tem Jedrek? Quem sabia a disposição do DVN?

Os homens Vampiros saltaram de repente ficando de pé.

— Perdão! — Uma voz chamou do vestíbulo. Gregori entrou no salão. — Isso não significava que deve parar o alarme.

Dougal se apressou ao vestíbulo para apagar o alarme.

Gregori olhou à televisão. — Vi o que acontecia. Pensei que devia advertir em caso de que não soubesse.

— Sabe a disposição do DVN? — Perguntou Ian.

— Seguro. Fiz um montão de programas ali. Consegue-me papel? — Perguntou Gregori.

Toni correu ao escritório. Reuniu alguns papéis e plumas, então os deixou cair na mesa grande e quadrada do centro.

Gregori se sentou num dos sofás e começou a desenhar.

— Phineas, Dougal, venham, — ordenou Ian. —Tragam algumas armas. Howard, sabe onde está DVN?

— Está no Brooklyn. — deteve-se Howard. — Desejas que conduza até ali?

Ian passou uma mão por seu cabelo enquanto o considerava. — Não queremos ser teletransportados para uma armadilha, assim acredito que devemos atacar de fora.

— Estou de acordo, — disse Zoltan.

Sua atenção foi chamada por um chiado que procedia da televisão.

— Está-me queimando a pele, bastardo! — Chiou Corky Courrant quando Yuri deslizou a corda de prata ao redor de seus pulsos.

A outra mulher choramingou quando foi atada.

Stone Cauffyn olhou curiosamente a suas cordas. — Que espera ganhar disto?

Jedrek se mofou. — O mundo. Com a droga para permanecer acordado, posso governar o mundo dos vampiros.

Stone lhe deu uma olhada suave. —Não existe tal droga.

— É óbvio que sim. Ian MacPhie a tomou. É por isso que envelheceu. — Jedrek se moveu detrás da Corky e deslizou uma mão ao redor de seu pescoço. — Tenho-lhe de agradecê-la, senhora Courrant. Foi você quem chamou minha atenção.

Os olhos do Corky se ampliaram quando a mão a apertou. — Se o ajudei, então por que não permite que vá?

Jedrek inclinou a cabeça forçando-a a olhá-lo. — Desfruto vendo loiras morrer. Não é isso Nádia?

A câmara se desviou para uma pequena morena que estava ao lado do Stone. — Agrada ao Mestre quando mato uma loira, — cochichou.

— Não me pode matar! — Chiou Corky. —Tenho presas. — Olhou à mulher capturada a seu lado. — Mata a Tiffany. É loira. E dormiu com meu noivo.

— Não! — Chiou Tiffany. — Sou muito jovem para morrer. E muito bonita.

— Bonita? — bufou-se Corky. — Os homens só lhe dizem isso para que durma com eles.

— Isso não é verdade. Foram centenas de homem os que me hão dito que sou bonita.

— E com quantos desses homens que lhe hão dito isso dormiu? — Emaranhou Corky.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Os olhos da Tiffany se ampliaram.

— Basta! — Jedrek pôs os olhos em branco. — As amordace, Yuri, antes que as mate agora.

Yuri colocou uma tira de cinta adesiva sobre a boca de Tiffany.

Corky lutou com suas cordas. — Não me podeis matar! Sou divertida. Assassina ao Stone! É tão aborrecido como o inferno.

— Por que, eu digo... — Balbuciou Stone. — Isso parece algo tão pouco requerido. Devo encontrar algo interessante por mim mesmo.

Jedrek reteve a cabeça do Corky um momento enquanto Yuri punha o pedaço de cinta sobre sua boca. Então se girou para inspecionar ao Stone, que olhou fixamente sem compreender que fazia detrás dele. — O que faz você?

Stone piscou. — Li as notícias. — Jedrek passeou para ele. — E?

— Tenho… o cabelo agradável.

Jedrek pôs os olhos em branco. — Este homem me aborrece. Não posso nem pressinto nenhum temor de parte dele. Permite que se vá.

Stone pareceu ligeiramente surpreso. —Devo dizer que, isso é, mas bem boas notícias.

Nádia desatou a prata que o atava e o dirigiu para a porta. Corky tentou que tropeçasse quando passou.

Jedrek foi diante das duas reféns loiras. — Agora a pergunta é qual de vocês será a primeira a morrer? Ou possivelmente Ian MacPhie venha salvá-las.

Corky e Tiffany se moveram contra suas cordas.

Jedrek sorriu. — Isso. Mostrem-me seu medo. Permitam que emane dos poros assim poderão ir de farra com o aroma. — Seu olhar baixou aos excessivamente abundantes seios da Corky. — Necessitaremos uma estaca excessivamente longa para esta.

Yuri riu entre dentes. — Sim, Mestre.

Corky lançou um chiado que foi amortecido e desesperado.

Jedrek inalou profundamente. — Ah, o aroma de medo. — Girou à câmera. — Está atemorizado, MacPhie? Permitirá que estas mulheres morram frente ao mundo inteiro Vampiro quem o recordarão como um covarde?

— Vai para o inferno, — murmurou Ian.

— Pronto, — anunciou Gregori. Tinha desenhado um esquema detalhado do DVN a velocidade de vampiro.

Phineas e Dougal voltaram, com as armas amontoadas. Deixaram-nas no chão.

— Howard e Carlos, armem-se, — ordenou Ian.

Quando os dois homens mortais tomaram as espadas, as estacas, e as adagas, Toni olhou para o Ian. Tinha outros planos para ela, ou tratava de omiti-la completamente? — Ian?

Seus olhos encontraram os seus. — Pode permanecer aqui?

Ela sacudiu a cabeça. — Para bem ou para o mal. Estou contigo.

Um brilho aflito cruzou sua cara. — Bem. Vai com o Howard.

Ela reuniu rapidamente algumas armas.

— Encontra um lugar escuro, afastado, — disse Ian. —Então nos chamem, e nos

teletransportaremos. Teremos um plano então.

— Está bem. — Howard iniciou o caminho com o Carlos e Toni. — Vamos.

De caminho ao DVN, Howard conduziu como um louco. — Não entre numa batalha com um vampiro, Toni. São muito rápidos e fortes. Utilizarão o controle mental para te congelar.

— Compreendo. — Não podia competir com eles. Os vampiros sempre seriam superiores. Ainda Howard e Carlos tinham capacidades que ela nunca possuiria.

Howard conduziu para a Ponte de Brooklyn. — Carlos, se tratarem tomar sua mente, troca. Não nos podem controlar quando estamos na forma animal.

— Estarei preparado para eles, — disse Carlos.

Toni se girou para olhar ao Carlos no assento traseiro. — Tome cuidado, — cochichou.

— Você, também, *menina.* — Carlos lhe um olho.

Toni coqueteava nervosamente as estacas de madeira de seu regaço. — Pergunto-me quantos homens tem Jedrek.

— Bom, tem dois homens e a uma mulher no estúdio com ele, — disse Howard. — E na última contagem, o Aquelarre russo estava por debaixo de uma dúzia.

— Então poderia haver mais dez, isolados sobre o edifício, — concluiu Carlos. Toni contou mentalmente seus números. Três mortais e seis Vampiros. Ian, Phineas, Dougal, Zoltan, Jack e Gregori.

Howard estacionou num beco escuro junto ao estacionamento do DVN. Chamaram imediatamente ao apartamento, e em uns segundos, os seis Vampiros estiveram ali, completamente armados. A luz da lua brilhou em suas espadas e adagas. Ian explicou o plano. Todos os homens cabecearam, mas Toni sacudiu a cabeça.

— Não, Ian. É muito perigoso para ti.

— Sou ao que ele deseja. Esta é a melhor maneira.

— Shhh. — Phineas levantou uma mão. — Alguém vem.

Os homens foram para fora do beco, e logo Toni ouviu um grunhido.

— Digo-lhes, que não há necessidade de violência.

Toni piscou. Era Stone Cauffyn.

— O que está fazendo aqui? — Demandou quando Phineas arrastou por diante ao locutor.

— São os tipos bons? — Perguntou Stone. — Esperava que viessem. Quero ajudar. — Tocou seu perfeito cabelo. — Desejo estar num pedaço da ação porque estou aborrecido!

— Shhh. — Calou-o Ian. — Pode esgrimir uma espada?

— Não, mas sou verdadeiramente bom com uma escova de cabelo. Ah, e sei onde há uma entrada secreta. Ajudará isso?

— Sim. Levará aos mortais pela entrada secreta, — ordenou Ian. — Gregori, vai com eles. O resto de vocês já sabem o que fazer. Vamos. — Andou rapidamente para o final do beco.

Toni correu para se unir com Ian, — por favor, não faça isto. Deve haver uma maneira melhor.

— Vi as opções, Toni. Se atacarmos, Jedrek matará aos reféns. Desta maneira, pensará que ganhou, e será mais fácil de derrotar. — Deu-lhe uma olhada preocupada. — Se te suplico para

permanecer aqui no beco, fará isso?

— Sabe que não posso. Tenho que estar ali para ti.

Ian suspirou. — Não tente tomar a um Malcontent.

— Sim, sim, os vampiros são superiores. Ouvi-o antes. Não sou suficientemente boa.

Ian parou e tomou sua mão. — Ninguém é mais valioso para mim que você. Não me culpe por estar aterrorizado ao manter sua segurança.

— Sinto-me da mesma maneira contigo.

— Estarei bem. Confia em mim. — Beijou sua fronte, então saiu do beco para entrar no estacionamento do DVN.

Toni disse uma oração silenciosa para ele. As lágrimas quentes picaram seus olhos, mas piscou afastando-as. Não havia tempo para isso agora.

Phineas, Dougal, Zoltan, e Jack se moveram sigilosamente no estacionamento, mantendo-se a si mesmo ocultos, enquanto Ian ia diretamente à porta da entrada.

— Vamos. — Indicou Howard a ela, Carlos, Gregori, e Stone para que o seguissem. Arrastaram-se pela parte de atrás do estacionamento do DVN, permanecendo na sombra. Pararam detrás de dois carros grandes para olhar.

Ian se aproximou da entrada, onde dois guardas Malcontent assinalaram seus rifles. Levantou as mãos. — Sou Ian MacPhie. Trouxe a droga para o Jedrek.

Um guarda apontava seu rifle para o Ian enquanto o outro o registrava. — Sem armas.

— Que tal sua bolsa? — O Malcontent assinalou seu rifle para a bolsa de couro diante da saia escocesa do Ian.

— É uma bolsa escocesa. — Ian a abriu e lhes mostrou o frasco de líquido esverdeado. — Tenho que entregar isto pessoalmente.

Toni manteve o fôlego. Realmente tinha parte da droga com ele?

O guarda verificou a bolsa do Ian. — Não há nada mais. Vamos. — Abriu a porta e se moveu para que Ian pudesse entrar.

Os guardas esquadrinharam o estacionamento, e sem ver nada, os dois entraram em edifício para acompanhar ao Ian para o Jedrek.

Aproximadamente cinco minutos mais tarde, Toni viu uma mancha de movimento quando Phineas e Dougal se aproximaram à velocidade de vampiro por volta da entrada agora indefesa. Entraram. Duas figuras mais se moveram das sombras. Zoltan e Jack e pararam em cada lado da porta, apertados contra a parede.

Gregori amaldiçoou entre si. — Seu alarme se ativou. Deve haver um Malcontent no escritório de segurança, e viu a nossos meninos.

— Sabíamos que isso podia acontecer, — cochichou Howard.

— Pelo menos os estúdios de gravação são insonoros, — disse Gregori. — Jedrek não os pode ouvir.

Toni recordou o plano que Ian tinha explicado no beco. Phineas e Dougal tomariam supostamente o escritório de segurança o mais rápido possível.

Os dois guardas que tinham acompanhado o Ian voltaram. Acabavam de se postarem na

porta principal com suas espadas embainhadas, mas não conseguiram ir longe. Zoltan e Jack os assaltaram, e num instante, ambos os guardas não foram nada mais que pilhas de pó no pavimento.

Zoltan e Jack embainharam suas adagas e embainharam suas espadas. Então se apressaram dentro. Sua missão era ir pelo edifício, matando a qualquer Malcontent que encontrassem. Pelo que Toni podia dizer, pareciam bastante capazes para o trabalho.

— Bom, Stone vamos. — Howard deu ao locutor um empurrão.

Correram ao lado do edifício. Stone moveu uma planta pesada para revelar uma armadilha no pavimento junto ao edifício. Puxou um anel metálico para levantar a porta e revelou uma escada que dirigia para o porão.

Howard tirou uma pequena lanterna LED de seu cinturão versátil e o atirou ao ar. —Vamos.

— Isto é todo o armazenamento, — cochichou Stone, uma vez que estiveram abaixo. — Ninguém vem aqui com exceção da Tiffany e o chefe quando querem...

— Foder, — murmurou Gregori. — Tome o oco da escada que está mais perto da sala dos comandos.

— Por aqui. — Stone os dirigiu através de uma vasta despensa e subiu uma estreita escada.

— Eu primeiro. — Gregori desencapou sua espada.

— É óbvio. — Stone permitiu que passasse.

Gregori saltou para a porta aberta e espreitou fora. — Está livre. — Dirigiu-os por um corredor vazio. O som de folhas chocando podia ouvir-se ao longe. Quando Toni passou por debaixo de uma câmera de segurança, só podia esperar que fossem observados pelo Phineas ou Dougal e não pelos Malcontent.

— Isto é. — Gregori parou numa porta com um signo que se lia *Sala de comandos*. Folhas chocando podiam ouvir-se dentro. Gregori se lançou abrindo a porta. Toni o seguiu para ver bem a tempo ao Zoltan cortar com sua espada através do pescoço de um Malcontent, então lhe trespassou pelo coração. O vampiro girou para tirar o pó do morto.

Zoltan girou para encará-los e inclinar-se. — O quarto é dele. — Foi zumbindo fora da porta.

— Ah. — Toni olhou ao Zoltan desaparecer ao redor de um rincão.

— Estou contente que este tipo está de nosso lado, — murmurou Carlos.

Gregori amaldiçoou. — Olhe isto. — Indicando à parede que estava coberta com doze monitores.

Toni ofegou. Os doze monitores mostravam a mesma cena, o estúdio onde se passavam as *Notícias de todas as noites*. Ian tinha sido despojado de tudo o que levava deixando só a sua saia escocesa, e Nádia estava deslizando casualmente uma corda de prata ao redor do peito descoberto. Os vergões vermelhos apareceram na pele do Ian, e o som que fazia fez retorcer o estômago da Toni.

— Temos que conseguir tirá-lo dali. — Toni tirou a adaga de seu cinturão.

— Fá-lo-emos, logo, — assegurou-lhe Gregori. — Ian queria assegurar-se de que tivéssemos o resto do edifício completamente sob nosso controle e tantos Malcontent mortos como fora possível antes de fazer nosso movimento final com o Jedrek.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Howard montou guarda na porta, enquanto todos olhavam os monitores, incapazes de ajudar ao Ian.

— Já tem a droga, — Ian falou chiando os dentes. — Permita que os reféns se vão.

Jedrek levantou o frasco de líquido esverdeado. — Como posso estar seguro de que isto é realmente a droga para permanecer acordado? Possivelmente o encheste com veneno. É veneno, MacPhie?

Ian olhou-o.

— É veneno? — Gritou Jedrek.

Nádia deslizou corda de prata ao redor do pescoço do Ian e apertou. O pescoço crepitou.

Toni tragou duramente a bílis que subia por sua garganta.

Ian olhou com um cenho ao Jedrek. — Não é veneno. Prova-o e verá.

Jedrek cabeceou lentamente. — Desejas que o beba. — Andou a para a Corky e rasgou a cinta e pôs o conduto em sua boca.

Ela chiou. — Dói, bastardo.

— Isto possivelmente doa mais. Sujeitem-na! — Ordenou Jedrek, e Yuri deteve a cabeça da Corky.

Corky cerrou os lábios, mas Jedrek beliscou seu nariz e abriu a boca para ofegar ar. Jedrek verteu parte do líquido esverdeado por sua garganta.

De volta na sala de comandos, a porta se abriu lentamente e Phineas olhou para dentro. — Não disparem, — disse Howard.

— Têm o escritório de segurança? — Perguntou Howard.

— Sim. Deixei ao Dougal ali. Zoltan e Jack fazem uma história final. Estamos quase preparados para nos mover para o Jedrek.

— Graças a Deus. — Toni se moveu para os monitores. — Viram o que fazem ao Ian?

— Sim. — Phineas fez uma careta. — Há um monitor no escritório de segurança que nos mostra o que está no ar. O que é mais importante, o mundo inteiro dos Vampiros vê o que fazem ao Ian. E tem um ramo de admiradores ali.

— Então? — Toni não queria inteirar-se de todas as mulheres vampiro que ainda queriam sair com o Ian.

— Assim, apareceram todas fora, — disse Phineas. — Podemos ver o estacionamento num monitor, e devem haver cinquenta mulheres Vampiras zangadas ali. Chiam todas que Ian MacPhie deve ser solto.

— Boa coisa, — Respirou Toni.

— Se esta convertendo em algo selvagem ali, — continuou Phineas. — Essas mulheres têm látegos e tacos de beisebol.

— Tenho uma ideia. — Gregori foi à parede do rincão e agarrou uma câmera. Acendeu-a e olhou os monitores. — Como consigo que apareça isto aí?

— Aqui. — Stone foi ao tabuleiro de controle e mexeu em alguns interruptores. Um monitor inferior os mostrou na sala de comandos o que se via pela câmera do Gregori.

— E como conseguimos pôr isto ao ar? — Perguntou Gregori.

Stone lhes mostrou que interruptores deviam utilizar. Entregou ao Carlos os auriculares e tomou um pequeno para ele mesmo.

— Permitirei que saiba quando estamos preparados. — Gregori se dirigiu para a porta. — Vamos, Stone.

Phineas e Howard montaram guarda enquanto Carlos estudou o tabuleiro de controle. Toni olhava os monitores, perguntando-se como estava Ian. Não o podia ver atualmente porque a câmera ainda estava centrada na Corky. O mundo dos vampiros esperava ver se Corky ia morrer pelo veneno.

— Como se sente? — Perguntou-lhe Jedrek.

— Eu... Estou bem.

— Não sente nada de nada?

Corky deslumbrou nele. — Sinto-me genial, atualmente. Cheia de energia poderia chutar seu traseiro completamente até a China.

— Amordacem-na, — disse Jedrek, e Yuri colocou a cinta através da boca da Corky.

Jedrek passeou através do quarto e parou em frente do Ian. — Cheia de energia? Isso soa bem. — Levantou o frasco à boca e bebeu o conteúdo por completo.

Mofou-se na cara do Ian. — Dá-te conta do que acontecerá, MacPhie? O sol subirá, e cairá em seu sono mortal enquanto eu fico acordado. Será o primeiro que matarei.

Ian ficou silencioso.

— Mestre? — Perguntou Yuri com indecisão. — O que acontece se tomou a droga, também?

Jedrek se girou para olhar bruscamente ao Ian, que olhou fixamente para trás. — Não importará. Mantê-lo-emos preso. Não poderá defender-se.

— Mestre! — Chamou outra voz masculina, e a câmera se desviou para a porta onde Stanislav entrava. — Mestre, os vampiros invadiram o edifício.

Jedrek chiou os dentes. —Tenho que te dizer o que fazer? Só matem.

Stanislav empalideceu. — São muito rápidos. Eu... Não posso encontrar a nenhum de nossos homens.

— O que? — Gritou Jedrek.

— Olhe! — Toni assinalou para o monitor inferior. Gregori e Stone estavam no estacionamento. — Estão preparados.

Carlos mexeu nos interruptores e falou pelo auricular. — Estão no ar.

A cara do Stone enchia quase todos os monitores agora, enquanto Jedrek foi relegado a um monitor na fila inferior.

— Sou Stone Cauffyn, cobrindo ao vivo do estacionamento do DVN, — gritou o locutor. — Como podem ver, isto definitivamente não é aborrecido! Mais de cinquenta mulheres vampiro e uns homens se reuniram aqui para dar seu apoio ao Ian MacPhie, que está retido lá dentro. De fato, mais Vampiras se estão teletransportando para aqui enquanto falo.

Gregori passou a câmera ao longo da multidão zangada. Sacudindo seus tacos de beisebol e punhos no ar. — Ponham ao Ian em liberdade! Ponham ao Ian em liberdade!

— Tenho a chefe aqui, — continuou Stone, e Gregori apontou a câmera detrás dele. —Vanda

Barkowski, você tem algo dizer?

Vanda levantou um punho, sustentando seu látego. — Vais lamentá-lo, Jedrek! Ninguém faz mal a nosso Ian MacPhie. Adoramos ao Ian!

A multidão tomou seu grito. — Adoramos ao Ian! Adoramos ao Ian!

— Ah, por favor, — Toni murmurou dentro da sala de comandos.

— Olhe isto. — Carlos acendeu o volume no monitor que mostrava o estudo onde Jedrek ondeava as mãos no ar.

— Que demônios se passa? — Mostrou Jedrek ao monitor no estudo. — O que faz Vanda Barkowski na televisão nacional? Como me roubou meu lugar?

— Os vampiros devem ter tomado à sala de comandos, — disse Stanislav.

Jedrek girou ao redor para olhar com o cenho franzido para o Malcontent. — Cortaram-me? Este é meu espetáculo! — Tirou a pistola que estava em seu cinturão,

Foi para o Ian, e apertou o canhão da pistola contra a fronte do Ian. — Me ponham de volta agora!

Toni ofegou. — Carlos, rápido.

— Consegui-o. — Pôs ao Jedrek de volta no ar.

Jedrek olhou pelo monitor e se viu. — Isso eu gosto mais. Stanislav, Yuri, ides para a sala de comandos agora!

— Sim, Mestre! — Fugiram do estúdio de gravação.

Toni tragou e apertou seu punho em sua adaga. — Já vêem.

Carlos saltou sobre seus pés e desencapou sua adaga. Howard tomou posição na porta com sua adaga na mão.

Phineas levantou sua espada. —Tomarei um. Vós três tomem ao outro.

A porta se abriu. Stanislav foi girando para o Phineas, e suas espadas chocaram. Yuri parou quando viu o Carlos e a Toni. — Mortais, — mofou-se. Assinalou sua espada para eles. — Isto será muito fácil.

Com um grunhido, Howard se lançou sobre as costas do Yuri e afundou uma adaga em seu flanco. Yuri chiou e atirou ao Howard de costas com tanta força que ele voou através do quarto e se chocou com a parede do rincão. O conteúdo do rincão lhe caiu em cima. Não se moveu.

Yuri aspirou um fôlego assobiando quando olhou sua ferida sangrando. — Pagará por isso. — Levantou sua espada e carregou.

Carlos se colocou para atacar, e Toni saltou de lado. Ouviu quando Phineas gritou e olhou para onde estava. Ah não! Stanislav tinha conseguido apunhalá-lo no ombro.

Uma mancha se disparou por diante dela, girou, levantando sua adaga.

— Não! — Gritou Carlos. Yuri a agarrou por detrás. Apertou a ponta de sua espada contra seu pescoço. — Deixa cair suas armas — A espada beliscou sua pele. — Deixa cair!

Ela atirou sua adaga ao chão.

— Retrocede! — Gritou Yuri.

Com um estrito olhar, Carlos retrocedeu. O choque de espadas ressonou em suas orelhas quando Phineas continuou lutando com o Stanislav. Um grunhido baixo procedeu do Carlos

quando arrancou sua camisa. Deu-se conta de que ia trocar.

Yuri amaldiçoou, então Toni ofegou quando tudo se voltou negro.

Capítulo 26

Toni se materializou diretamente num tiroteio. Yuri deu um puxão para o chão quando as balas orvalharam no alto. Olhou rapidamente ao redor. Corky e Tiffany se deixaram cair ao chão e se retorciam para fora de alguma maneira.

Jedrek disparava ao Jack e ao Zoltan. Acabavam de entrar no estúdio. Jack saltou atrás do escritório do Stone Cauffyn enquanto Zoltan se apressava em sentido contrário, refugiando-se detrás de um câmera-man acovardado. O câmera-man estava apinhado no chão detrás de sua câmera.

A pistola do Jedrek fez alguns ruídos de estalo vazios. Com uma maldição, atirou-a e desencapou sua espada. Zoltan se apressou adiantando-se para protegê-lo, enquanto Jack se precipitou para o Ian para apertar uma adaga em suas mãos.

— Pare! — Nádia correu para o Jack, com sua espada levantada.

Jack se lançou para Nádia, forçando-a a retirar-se.

— Não! — Yuri avançou dando tombos para ajudar a Nádia.

Com um talho rápido, Jack quase cortou o braço de Yuri. O sangue salpicou. Com um chiado, Yuri caiu ao chão. Jack se girou para tirar o pó, então perseguiu a Nádia.

Toni tragou fortemente. Não podia permitir que este exemplar anormal de violência a deixasse fora. A espada do Yuri jazia no chão, e a agarrou. Tropeçou com seus pés, mas um assalto frio gelado a golpeou totalmente no chão. A familiar onda geada a varreu, congelando seu corpo.

Não pode te mover. Ordenou-lhe Jedrek em sua cabeça.

Foi andando para ela. — Atirem as espadas! — Apontou sua espada no coração da Toni.

Olhou fixamente a ponta afiada, posicionada para matá-la. Seu corpo não podia mover-se. Não podia nem girar a cabeça. Com a extremidade do olho, viu a cara golpeada do Ian.

As espadas soaram com estrépito no chão. Jack e Zoltan se renderam.

OH Deus, E se Jedrek queria matá-los? E se matava ao Ian? E tudo porque não podia funcionar a seu nível. Uma velha e familiar vergonha a varreu. *Sempre indigna*. Nunca o suficientemente boa.

— Ata-os, — ordenou Jedrek.

Nádia deslizou a corda de prata ao redor dos pulsos do Jack.

Jedrek foi para eles. — O que farei com vós dois? Matá-los-ei agora? Giacomo, o famoso filho de Casanova. — Parou frente à Zoltan. — E o Mestre mais capitalista do Aquelarre da Europa do Este. Devo te atar a um farol e permitir que te queime ao amanhecer até a morte.

Toni viu pela extremidade do olho que Ian tinha talhado as cordas de prata que estavam ao redor de seu peito e pulsos. Colocou alguma corda em sua bolsa. Nádia estava muito ocupada

atando aos novos detentos, e Jedrek estava muito ocupado incitando o mesmo para dar-se conta.

Tinha que ajudar ao Ian. O peito e as mãos estavam marcadas com vergões vermelhos. Deus a ajudasse, não podia estar mais impotente enquanto devia tentar salvar a todos. E como podia salvar a algum se Jedrek mantinha o controle da situação ameaçando matando? Tinha que lutar com isto. De algum modo, tinha que abrir caminho do controle mental que mantinha Jedrek.

Toni se concentrou fortemente no Ian. Em quanto o adorava. Em quanto queria realmente ajudá-lo. Seus dedos se retorceram. Olhou ao Jedrek e a Nádia. Estavam de costas para ela enquanto atormentavam ao Jack e ao Zoltan. Sua mão deu um puxão com estupidez para a estaca de madeira em seu cinturão. Lentamente fechou o punho ao redor desta.

Girou a cabeça e viu o Ian olhando-a. Cabeceou ligeiramente.

Contava com ela. Enfocou-se duramente. Seu amor pelo Ian tinha que ser mais forte que o poder do Jedrek.

— Jedrek, ainda não te deste conta de que foste enganado? — Perguntou Ian, e Jedrek se girou para encará-lo. — Realmente pensou que lhe ia dar a droga para permanecer acordado? Esse frasco é inútil, contém uma bebida revigorante.

A cara do Jedrek se voltou vermelha pela raiva. — Matar-te-ei agora! — Correu para o Ian, levantando sua espada no ar.

Ian se lançou ao chão para agarrar a espada do Jack, logo saltou sobre seus pés para desviar a primeira estocada do Jedrek.

Com a mente do Jedrek completamente ocupada, Toni pôde desafiar melhor seu controle mental. Liberou seus pés.

A espada do Ian cintilou tão rapidamente, o que era claro que Jedrek estava em desvantagem. Com um golpe de seu pulso, Ian enviou a espada do Jedrek dando voltas pelo ar.

Jedrek retrocedeu.

Com a mão livre, Ian atirou uma longitude de corda de prata de sua bolsa. — Não, esta vez não poderá teletransportar-te. — Deixou cair sua espada e saltando deslizou a corda de prata ao redor do Jedrek. Atirou ao Malcontent contra seu peito.

Jedrek lutou e chutou, mas Ian o sujeitou tensamente. — Agora, Toni!

Quando ela correu para frente, notou o olhar de surpresa na cara do Jedrek. Um mero mortal estava a ponto de matá-lo.

Atacou-a com uma onda de poder psíquico. *Está sob meu controle.* Deixa cair essa estaca agora!

Sua mão se sacudiu. O poder gelado correu por ela, a ameaçando congelá-la no lugar. Forçou a seus pés a seguir caminhando. Um passo. Dois.

Os olhos do Jedrek se ampliaram. — Não! Temera-me! Sentirá o poder do temor!

— Mostrar-te-ei meu temor, bastardo! — Espetou a estaca no coração.

Seu grito acabou quando seu corpo se desintegrou.

Sua mente estava livre. Deixou cair à estaca, e caiu sobre a pilha de pó.

Ian deixou a corda de prata. — Toni. — Puxou-a para dentro de seu abraço. — É assombrosa.

Inclinou-se para ele, fechando os olhos aliviada. Jedrek estava morto.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Agradarei ao Mestre, eu matarei à loira, — uma voz cochichou detrás dela.

— Não! — Ian atirou a Toni para seu lado.

Sacudiu-se quando uma adaga se afundou em seu flanco. Aturdida, viu o Ian tentando agarrar a Nádia, mas a Malcontent feminina se teletransportou. Olhou para a adaga em seu flanco. Que estranho. Então uma dor abrasadora rasgou por ela e a arrastou para o esquecimento.

O pânico agarrou ao Ian. Agarrou a Toni em seus braços, e a adaga soou com estrépito no chão. Não devia ser muito profundo. Um bom signo. Mas perdia muito sangue.

Disparou um olhar de súplica à câmera. — Roman, Connor, se me ouvirem, vão ao Romatech. Por favor.

A porta se abriu de repente, e Phineas, Dougal, Howard, e Carlos entraram correndo. Ian soube que poderiam cuidar dos reféns, assim que se teletransportou-se diretamente para o Romatech.

— Laszlo! — Foi correndo para a sala de operações.

— Estou aqui! — Laszlo abriu a porta para ele. — Vi o que aconteceu na televisão. Ponha-a sobre a mesa. — Apressou-se ao lavabo para lavar as mãos.

Ian colocou Toni na mesa de operações. As formas ondearam diante dele. Roman se materializou, trazendo a Shanna, enquanto Connor apareceu com o Constantine em seus braços.

— Ah, graças a Deus, — respirou Ian. — Ela... Perdeu muito sangue. — Já a folha debaixo dela estava manchada de vermelho.

Roman e Shanna correram aos lavabos para lavarem as mãos. Connor desapareceu, então voltou com a Radinka.

Laszlo encaixou um par de luvas cirúrgicas. — Dá-te conta de que poderia tê-la levado a um hospital?

— Sim, é óbvio. — Ian não soube como ajudar. Tirou os sapatos da Toni e as meias.

Laszlo agarrou um par de tesouras e começou a cortar seu polo. Ian desapertou seu cinturão e o tirou por debaixo dela.

— Ian, retrocede. — Roman colocou as luvas.

— Não posso perdê-la. — Ian estremeceu quando Connor agarrou seu braço para jogá-lo atrás.

— Sai do meio, moço. Deixa que façamos nosso trabalho.

— Toni está muito ferida? — Perguntou Constantine, com o lábio inferior tremendo.

— Ficará bem, — disse Connor.

— Como vai? — Perguntou Radinka.

— Estará bem, — repetiu Connor quando entregou Tino.

Radinka forçou um sorriso. — É óbvio que estará bem. — Apressou-se a sair do quarto com o pequeno. — Esperaremos lá fora.

Ian olhou impotentemente como saía o sangue da Toni sobre a mesa. — Por todos os Santos, não posso perdê-la.

— Estará bem, moço, — murmurou Connor.

Ian se girou para ele. — Quero-a, e não devia ter permitido que estivesse na briga. Deveria

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

cuidar dela, as regras o dizem.

— Te acalme, moço. Ninguém quer despedi-la. Vimos o que fez no televisor. Venceu o controle mental de um vampiro e estacou a um assassino Malcontent vicioso. Foi sinceramente uma proeza assombrosa para um mortal.

— Ela é assombrosa. — Ian olhou ao Roman. —Tem que curá-la!

— Faremos quanto possamos, — disse com calma Roman. — A ferida é superficial. Nenhum órgão foi afetado. — Olhou o monitor que Shanna tinha conectado mostrando os signos vitais da Toni. — Sua pressão é baixa, mas isso era de esperar. — Atirou uma almofadinha ensanguentada a uma caçarola metálica.

Laszlo lhe passou outra almofadinha. — Podíamos-lhe fazer uma transfusão. É AB positivo.

— Façam tudo o que devam! — Demandou Ian. — Não a perderei!

— Calma. — Shanna andou para ele, levando uma bandeja de almofadinhas de gaze e uma garrafa de algo desagradável. — Foste queimado. Vamos limpar-te.

Ian ondeou uma mão desdenhosa. — Posso aguentar isso. Curarei durante meu sono mortal.

— Ian, — Shanna falou bruscamente. — Essas feridas devem ser curadas adequadamente.

Gemeu. — Está bem. — Aguentou a picante medicina que lhe aplicou nas queimaduras. Servia-lhe por ter falhado em proteger Toni. Tinha estado tão aliviado por tê-la em seus braços, que não tinha visto Nádia aproximando-se deles.

— É tudo minha culpa. — Olhou a Toni na mesa de operações. Parecia tão pálida. — Não pude apartá-la do caminho o bastante rápido.

— Vimo-lo na televisão, — disse Shanna. — Foi apavorante. Tudo aconteceu tão rapidamente.

— Sim, — concordou Connor. — Fê-lo bem, moço. Os Malcontent perderam aproximadamente dez homens, e nós não vamos perder nenhum.

Mas tinha falhado ao manter Toni segura. Ian a olhou infelizmente. — Pode curá-la?

— Tentamo-lo, — disse Roman. — Mas não somos cirurgiões.

Laszlo cabeceou. — Nunca tivemos que reparar feridas internas. Os vampiros sempre curam naturalmente por dentro.

— Por causa de nosso sangue de vampiro. — Roman olhou ao Laszlo. — Sempre tive curiosidade sobre o bem que nosso sangue pode curar. E se lhe damos uma transfusão de sangue vampiro em vez de sangue sintético regular?

Laszlo brincou com um botão em sua bata de laboratório. — Poder-lhe-íamos dar um sedativo para mantê-la inconsciente. Isso possivelmente simule o sono mortal para que o sangue vampiro comece a curá-la internamente.

— Estão planejando convertê-la? — Perguntou Shanna. — Devemos ter sua permissão.

— Isto não a transformará. — disse Roman. — Teria que sangrar completamente e entrado em coma vampiro. E então teria que beber de um vampiro e ingerir o sangue para trocar. Isto a manterá em mortal, mas poderíamos ver se o sangue vampiro a cura.

Laszlo cabeceou. — Seria muito interessante ver se funciona.

Shanna deu aos dois homens um olhar duvidoso. — Querem experimentar nela. Não seria

mais seguro levá-la a um hospital?

— Teria que experimentar a cirurgia num hospital, — discutiu Roman. — Se nossa teoria funcionar, curará naturalmente e rapidamente.

— Muito certo. — Laszlo torceu o botão. — Poderemos dizer bastante rapidamente se funcionar ou não. Se não o fizer, então a podemos levar a um hospital.

— Então sigamos adiante com isto. — Ian andou para a mesa de operações. — Dar-lhe-ei meu sangue.

— Deveremos nos assegurar de que seu sangue é compatível. — Laszlo limpou o braço do Ian com antisséptico.

— Deve sê-lo. Bebo AB positivo todo o tempo.

— Já vejo. — Roman olhou as marcas de mordida no pescoço da Toni e franziu o cenho para o Ian.

— Eu... Não a forcei.

— Quando foi? — Laszlo limpou o braço do Toni e inseriu uma agulha.

— Aproximadamente faz nove horas. — Quando Ian recebeu algumas olhares confusos, explicou. — Tomei a droga para permanecer acordado, assim pudemos ter um tempo sozinhos.

Connor murmurou uma maldição para si.

Roman intercambiou um olhar divertido com sua esposa. — Bem, desde que seu sangue vem da Toni, deve ser perfeito.

Laszlo levou uma segunda maca até a mesa de operações. — Sobe.

Ian se deixou cair na parte superior, e logo seu sangue foi bombeada diretamente à Toni.

Roman e Laszlo mantiveram uma estreita vigilância sobre a ferida da Toni, enquanto Shanna olhava seus sinais vitais.

— A hemorragia parou, — murmurou Roman.

Laszlo brincou com um botão. — Isso é um bom sinal.

— A pressão segue muito baixa. — Murmurou Shanna.

— Senhor, acredito que a ferida se está fechando, — exclamou Laszlo.

— Sim, está funcionando. — Anunciou Roman. —continuaremos olhando.

Trinta minutos mais tarde, a ferida da Toni continuava se curando, mas seus signos vitais estavam ainda apresentando problemas. A transfusão tinha deixado ao Ian fraco e faminto, assim descansou na maca enquanto bebia várias pintas de sangue sintético AB positivo, só em caso de que Toni necessitasse algumas mais.

Uma ovação forte se projetou da sala de espera. Quando Connor anunciou a boa notícia que Toni tinha tido sobre sua recuperação.

Shanna sacudiu a cabeça. — Não devemos celebrá-lo ainda. Tem febre.

Ian disse uma oração silenciosa para a Toni quando escorregou da maca. Connor havia lhe trazido um polo marinho do escritório de segurança. O pôs e espreitou pela porta para ver quem estava na sala de espera.

A boca se abriu. Todos estavam ali. Jean-Luc e Heather do Texas, Angus, Emma, e Robby, Zoltan e Jack estavam ali. Seus pulsos queimados tinham sido enfaixados pelo Laszlo. Dougal

estava ali, ileso.

O ombro do Phineas estava enfaixado.

Ian caminhou para ele. — Foi ferido?

— Não é nada. — Phineas ondeou uma mão desdenhosa. — Stan conseguiu me atiçar um pouco, isso é tudo.

— Terminou com ele?

— Isso quisesse. — Phineas fez uma careta. — Quando Carlos trocou a pantera, Stan se exaltou e correu. Correu diretamente ao estacionamento, e as mulheres ali quase o esquartejaram antes que pudesse teletransportar-se.

— Então está ainda vivo.

— Sim. — Phineas se encolheu de ombros e escoiceou. — Terei que vigiar minhas costas de agora em diante.

— Não se preocupe por isso, — disse Dougal. — Nós olharemos detrás de ti.

Ian observou que Carlos estava sentado entre a Sabrina e Teddy. Carlos tê-los chamado.

Teddy sorriu quando se aproximou. — Ouça, homem, ouvi que derrotaram as forças do mal.

— Toni matou ao Jedrek, — disse Ian. — Esteve assombrosa.

Sabrina bufou. — Poderia ter conseguido que a matassem. Disse-lhe que se mantivera afastada de ti… Vampiros. Não está segura ao estar ao teu redor.

— O mundo mortal é perigoso, também, — disse Carlos.

— Mas Toni não tem que tentar lutar com os vampiros maus, — insistiu Sabrina. Olhou ao Ian. — Juro, que se algo lhe acontece, demandarei seu traseiro. Vou...

Ela se deteve quando Constantine subiu à cadeira a seu lado. — Meu deus, pequeno, como entrou aqui? O que está fazendo com esta… gente?

— Estes são meus amigos, — disse Constantine. — Estou preocupado pela Toni.

— Toni ficará bem, — disse Ian ao pequeno. Só esperava que fosse verdade.

Constantine deu ao Ian um de seus sorrisos brilhantes e angélicos. — Bom. Quero a Toni.

— Quem é você? — Murmurou Sabrina.

— Sou Constantine. Minha mami é como você, e meu papai é um vampiro.

Os olhos da Sabrina se ampliaram com horror. — Ah meu Deus. — Estremeceu-se quando Tino tocou seu braço.

Constantine a olhou com seus olhos azuis totalmente abertos. — Tudo vai estar bem.

A expressão horrorizada da Sabrina se derreteu lentamente. Jogou uma olhada à mão do Constantine. — O que foi o que fez?

— Doía-te, — disse Tino. — Sente-se melhor agora?

— Sim. — Os olhos da Sabrina se ampliaram maravilhados. — Faço-o.

Isto deu ao Ian uma ideia. —Tino, você gostaria de ver a Toni?

Constantine saltou de seu assento. — Sim! Quero a Toni.

Ian recolheu ao menino em seus braços. — A ela ainda lhe dói. Crê que poderia fazer que se sentisse melhor?

— Tentá-lo-ei.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Em um curto espaço de tempo levou ao Constantine à sala de operações, Ian percebeu que a dor de suas queimaduras tinha diminuído.

— Olá, mami! Olá, papai! — Constantine sorriu a seus pais.

— Por Deus. — Shanna o tirou do Ian. — Pensei que estaria dormindo já.

— Quero ver a Toni, — anunciou Tino.

Shanna vacilou. — Não se sente bem, carinho.

A Constantine sobressaiu o lábio inferior. — Quero ajudá-la. Quero a Toni.

— Está bem, carinho. — Shanna o sentou na maca ao lado de Toni.

Ele começou a tocá-la, então retirou a mão. — Dói-lhe muito. — Estendeu-se a seu lado e envolveu seus pequenos dedos ao redor de sua mão.

— Olhe isto. — Roman indicou olhando o monitor de sinais vitais.

— Sua febre está baixando, — murmurou Shanna.

Constantine bocejou quando olhou a Toni. — Será como eu. — As pálpebras se fecharam, e caiu dormido.

— Obrigado, Tino. — Ian acariciou com uma mão os cachos loiros do pequeno. Toni estará bem.

Toni despertou lentamente como se saísse de uma fossa profunda e escura.

— Olhe. Está voltando.

— Ah, graças a Deus.

Ela ouviu a voz do Carlos, seguida da Sabrina. Os olhos piscaram ao abrir-se. As caras se aproximaram sobre ela, suas características eram imprecisas e pouco claras. Viu outra pessoa aos pés de sua cama. Ian? Piscou, tentando enfocar. O que estava mal com seus olhos?

— Olá, Toni, — disse uma terceira pessoa.

— Ah. — Tragou sua desilusão. — Olá, Teddy.

— Como se sente *menina?* — Perguntou Carlos.

— Estou bem, acredito. — Levantou uma mão para esfregar os olhos. — Os olhos me queimam.

— Tinha tanto medo disso, — disse Sabrina. — Não se deram conta de que leva lentes de contato. — Manuseou em sua bolsa e tirou um espelho compacto.

Toni se ergueu.

— Cuidado. — Carlos agarrou o dispositivo do controle da cama. — Me permita ajustar a cama para ti. — Com um ruído que cantarolava, o respaldo da cama subiu para levantar suas costas.

— Estou num hospital? — Perguntou Toni.

— Não, esta é a sala de operações no Romatech, — explicou Carlos. — Ian te trouxe aqui.

Toni tratou de enfocar-se no espelho compacto. Tirou-se uma lente e a passou a Sabrina.

— Onde está Ian? Que horas são? — Tirou a outra lente.

— São pouco depois das cinco. — Sabrina atirou as lentes ao lixo.

— Da manhã? — Piscou Toni.

— Tarde, — disse Teddy. — Dormiu todo o dia.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toni o olhou. Logo ao Carlos e a Sabrina. Logo ao redor do quarto. — Ah meu céu.

— O que está mau? — Sabrina se apressou a seu lado.

— Minha vista. Es... Está perfeita. Sem as lentes de contato. — Entregou o espelho a Sabrina e jogou um olhar ao redor do quarto uma vez mais. Sua vista era mais que perfeita. Podia ler a letra pequena num pôster através do quarto em cima do lavabo. Descreveu o procedimento apropriado para lavar as mãos.

Pegou ao Carlos e a Sabrina que intercambiavam olhadas preocupadas. Algo estava mau. Levantou o lençol e a manta para olhar seu flanco. A última vez que tinha olhado tinha uma adaga nela. Tocou a área com cautela, esperando sentir alguma dor. Nada.

Debaixo do lençol, subiu a bata de hospital. Olhou para seu flanco. Havia uma cicatriz débil, apenas notável. Tocou a cicatriz. Nenhuma dor nem ternura. E todas as marcas de mordida que tinha lhe dedilhando o torso se foram.

O alarme se arrastou por ela. Deve ter dormido durante semanas para poder ter-se curado. — Quanto tempo estive fora? Estive em coma?

— *Menina*. — Carlos lhe tocou o braço. — Foi ferida ontem à noite.

— Passada… mas é que não tem sentido. — Lhe estreitou as mãos. — Me diga o que aconteceu.

Ele grunhiu. — Toni, me solte. Está a ponto de me esmagar os ossos.

Ela soltou sua mão. Seu sentido de alarme cresceu em pânico. — Doeu-te?

Carlos dobrou os dedos. — Parece muito mais forte.

— Ah meu Deus. — Sabrina retrocedeu, abrindo os olhos.

— Por favor, me dirá alguém o que acontece? — Toni agarrou o corrimão a seu lado de tal forma que pudesse baixar-se e sair da cama. Deu-lhe um empurrão pequeno, e o rompeu completamente.

Sabrina ofegou.

— É a *Super mulher*! — Anunciou Teddy, sorrindo.

— O que? — Toni deixou cair o corrimão da cama, e soou com um estrépito no chão. — Ah não. — Grande vista, super força. Estava ainda viva? Tocou os dentes para ver se tinha adquirido algumas presas bicudas.

— Te relaxe, *menina*. — Carlos lhe tocou o braço. — Não é uma Vampira.

Exalou com alívio. — Ah, menos mal. Não é que tenha nada contra eles. Sou realmente aficionada a eles, e adoro ao Ian. Mas odiaria realmente morrer e perdê-lo. Quero dizer, estou contente de estar ainda viva. Quero realmente comer. — Algo bom, balbuciava como uma idiota. — Só estou um pouco confundida. Como me curei tão rápido?

Nesse momento, Ian entrava no quarto, levando dois vasos de flores. Sorriu à Toni. — Está acordada. — Como se sente?

— Tenho vista perfeita. — Olhou-o. Parecia um grande vaqueiro com suéter azul que fazia jogo com seus olhos.

— Isso é bom. — Pôs os vasos no balcão.

— Não tinha vista perfeita antes, — disse Toni.

— O que foi o que fizeram com ela? — Demandou Sabrina. — Ela... Ela pode romper os móveis com suas mãos!

— É super mulher, — adicionou Teddy.

Ian olhou o corrimão roto no chão.

— Foi um acidente, — disse Toni. — Não queria fazê-lo. Só empurrei um pouco e…

Ian cabeceou. — Pensamos que algo como isto possivelmente aconteceria. Poderia haver aumentando os sentidos e suas capacidades.

Toni tragou forte. — Que classe de capacidades?

— Será verdadeiramente forte e rápida. — Ian andou para ela. — Constantine foi o que nos fez nos dar conta disto, quando disse que seria como ele — mortal, mas com poderes especiais. Espero que não sejam os da mente.

— Os da mente? — Disse Teddy. — Isto é muito impressionante! Toni será como a mulher biônica, mas sem as partes metálicas.

Toni se sentou ali, aturdida. Olhou a Sabrina, e sua amiga a olhava fixamente com uma expressão sobressaltada. — Como... O que me fizeram?

— Demos-lhe uma transfusão de sangue. — Ian se encarapitou No final da cama. — Meu sangue.

— Encheu-a com sangue de vampiro? — Perguntou Carlos.

— Impressionante, — murmurou Teddy.

— Tentaram convertê-la num vampiro? — Perguntou Sabrina.

— Negativo. — Ian descansou uma mão no pé da Toni. — Só tentamos curá-la. Já o viu, os vampiros curam naturalmente durante nosso sono mortal por causa de nosso sangue. Pensamos que meu sangue possivelmente podia curar a Toni. E assim o fez. — Encolheu-se os ombros. — Constantine ajudou, também.

Sabrina se aproximou da cama. — Essa doçura de pequeno ajudou a curar Toni? O... Ajudou-me, também.

— Conheceu o Constantine? — Perguntou Toni.

Sabrina cabeceou. — Tinha razão. É um menino muito especial. — Girou-se para Ian aos pés da cama. — Então Toni contínua sendo mortal?

— Sim. É inteiramente normal menos umas poucas capacidades extra. Não sabemos exatamente que classe de poderes pode ter.

Toni se recostou novamente contra a cama. Poderia levitar ou teletransportar-se? — Eu... Sou realmente a *Super mulher?*

Ian sorriu. — Somente estou agradecido de não te ter perdido. Nunca estive mais assustado em minha vida.

— Ah, Ian. — Estirou uma mão para ele, e ele se deslizou pela cama para tomar sua mão e beijá-la. — Como está? Tinha tantas queimaduras desagradáveis.

— Tudo curado. — Inclinou-se mais perto para lhe beijar a fronte.

— Deve ter fome. — Carlos motivou ao Teddy e a Sabrina para que saíssem com ele. — Conseguiremos lhe algum alimento.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Retornaremos. — Sabrina lhe deu um olhar preocupado quando deixou o quarto.

Ian a olhou com cuidado. — Como se sente coração?

— Sinto-me genial. — Lançou seus braços ao redor de seu pescoço e o abraçou. — Estou tão contente de que tudo terminasse. E adoro essas flores. Posso-as cheirar daqui.

— Sim, tem os sentidos mais fortes. Os lírios brancos são de minha parte, e as rosas vermelhas são da Vanda.

— Vanda?

Ian sorriu. — Estiveram mostrando seu assassinato do Jedrek Janow na DVN. É uma heroína. E Vanda está feliz de que esteja morto. Imagino que teve alguma má história com ele. De todos os modos, desejou que te dissesse que estava equivocada sobre ti. Diz que somos perfeitos o um para o outro, e que deve saltar sobre meus ossos em cada oportunidade.

— Ela disse isso?

A boca do Ian se retorceu. — Bom, adicionei a última parte.

Toni bufou. — Estou agradecida de que Vanda decidisse que sou suficientemente boa. Deve ser porque tenho algumas super capacidades da Vampira. Sempre me chateou que fossem superiores.

— Toni, não diga isso. Nunca te considerei menos digna. Sempre foste valente e audaz. Resgataste a tua amiga de seu tio glutão. E olhe o que fez ontem à noite. Desafiou o controle mental do Jedrek. Tentava desesperadamente de te parar de estacá-lo, e você somente continuava. Isso foi assombroso. Não sei como o pôde fazer.

— Não sabe como? — Tocou sua cara. — Foi singelo. Meu amor por ti é mais forte que seu ódio.

Ian tomou sua mão e a beijou. — Quero-te, Toni. Admiro-te e te respeito. Só da maneira que é. Não necessita que o sangue vampiro corra por suas veias para ser digna. Sempre foste uma *super mulher*.

As lágrimas encheram seus olhos*. Sou digna de ser amada*.

Ian apertou sua mão brandamente. — Tenho que te dizer que suas novas capacidades podem não ser permanentes. Nossos corpos se abastecem de novo a si mesmos com o tempo. É óbvio, se quer reter algum poder da Vampira, estarei feliz de compartilhar meu sangue contigo.

— Compartilharei o meu contigo, também. — Ela sorriu. — Sempre que nosso amor seja permanente, isso é tudo o que importa.

Puxou-a para seus braços. — Sempre terá meu amor.

Epílogo

Vestido em seu traje do Santa, Ian deixou sua volumosa bolsa vermelha no tapete gasto. Tinha-se teletransportado com a Toni, que levava seu disfarce de elfo debaixo de um casaco vermelho de lã. A estrutura de madeira da casa na Virginia rural era pequena— tão pequena que

tinham que estar muito tranquilos. Ele podia ouvir os pais roncando num dormitório próximo, seus quatro filhos enchiam uma segunda habitação.

Sabrina lhes tinha dado a informação sobre esta família. O pai tinha sido ferido num acidente na granja, e foram abandonados. Só quatro presentes, envoltos em jornal, debaixo da árvore de Natal.

Ian abriu sua bolsa, e Toni o ajudou a remover várias caixas de quentes roupas de inverno. Uma bolsa de plástico continha um peru congelado. Logo vieram os brinquedos — um console, alguns livros, e uma bonita boneca para a pequena.

Com sua bolsa vazia, Ian agarrou Toni para se teletransportarem. Ela assinalou o telhado. Com um olhar irônico, ele fez o que ela pediu.

Aterrissaram no telhado, de neve até o tornozelo.

Ele a agarrou firme. — Por que quis vir comigo?

— É mais como Santa Claus. Aonde vamos agora?

— De volta ao Romatech. Minha bolsa está vazia. —Tocou seu nariz vermelho. — Está segura que quer seguir viajando comigo? Parece meio congelada.

— Estou-o, mas é muito genial. Quando penso nessas pessoas despertando pela manhã para encontrar todas essas coisas. O adoro! — Ela arrojou seus braços ao redor de seu pescoço.

— Cuidado. — Ele ampliou sua posição. — Estes telhados podem ser muito escorregadios.

Ela se abraçou a ele, logo baixou o olhar. — Ou tem algo em seu bolso, ou te está excitando.

— Ambas. — Ele alcançou o bolso de suas calças de veludo vermelho e sentiu a pequena caixa negra. Deveria dar-lhe agora? Quando estivessem de volta no Romatech, estariam rodeados de gente ruidosa, correndo para conseguir seus presentes esta noite.

Ele olhou ao redor. As estrelas brilhavam no claro céu. A luz da lua brilhava branca, a neve cobria os pastos. O ar cheirava a cedro e a neve fresca. — É um lugar adorável, não?

— Sim. Muito pacífico. — Ela descansou sua cabeça sobre seu ombro. — Tenho um presente para ti em casa. Mas antes que te o dê, esperava que me falasse sobre esse sonho que teve de mim.

Ele beijou sua sobrancelha. — Sonhei que estava grávida com um menino. Nosso menino.

— De verdade? — Ela se inclinou para trás para olhá-lo. — Por que não me disse isso?

— Não queria te pressionar em algo que poderia não querer. — Embora esperasse que ela quisesse meninos. Ele tirou a caixa negra de seu bolso. — Tenho um presente para ti, se o aceitar. Espero que você goste. — Ele abriu a caixa e lhe mostrou o anel.

— OH Deus. — Tomou a caixa. — É tão... Maravilhoso.

Ian ficou sobre um joelho. — Daytona Lynn Davis, você... — A neve trocou debaixo dele, logo depois de repente um bloco de neve se deslizou pelo telhado, levando-o com ele.

— Ian! — Gritou ela.

Ele foi voando pelo beiral e caiu sobre suas costas num espesso banco de neve. — Uf.

Viu a Toni arrastando-se pelo telhado como um surfista. Saltou pelo bordo e aterrissou a seu lado.

Ela riu. — Ser uma *Super mulher* tem suas vantagens. Está bem?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Estava tentando me declarar. — Começou a sentar-se.

— Sim! — Atirou-se em cima dele, empurrando-o de volta na neve. — Sim, casar-me-ei contigo.

Ele sorriu. — Não perdemos o anel, espero?

— Não. Está aqui. — Mostrou-lhe a caixa.

Ele tirou sua manopla para poder deslizar o anel. — Não sabia o que te oferecer para o Natal.

Abraçou-o ali na neve. — Tudo o que quero no Natal é a meu vampiro.

Fim



**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.**